Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.os 24 e 25

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

LIVRARIA PORTUENSE
DE
MANUEL MALHEIRO
121 RUA DO ALMADA 123
PORTO

DRAMAS TRADUZIDOS

D'Arnaud—Euphemia.
D'Anchet—Ericia ou a Vestal.
Metastasio—Attilio Régulo.

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

VOLUME VII

Dramas traduzidos

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1876

EUPHEMIA

OU

O TRIUMPHO DA RELIGIÃO

DRAMA

DE

MR. D'ARNAUD

TRADUZIDO EM VERSOS PORTUGUEZES

Actores

EUPHEMIA	*Religiosa.*
THEÓTIMO	*Religioso.*
A CONDESSA DE ORCÉ.	
SOPHIA	*Religiosa.*
CECILIA	*Religiosa.*
UMA CRIADA DO CONVENTO.	

A scena é no Convento de ***

ADVERTENCIA PRELIMINAR

DO TRADUCTOR

O cunho original d'esta peça, excellente composição de Mr. d'Arnaud, me animou a traduzil-a para a dedicar ás almas sensiveis. Uma lucta vigorosa entre a religião e o amor, é a acção d'este drama. Os episodios que a adornam, travados destramente com ella, dão uma perfeita ideia dos talentos do auctor, e do vasto conhecimento, que teve do coração humano. O contraste de caracteres, essencial ás producções theatraes, está aqui sustentado com magisterio: o que poderá observar o leitor instruido. Perigosos e terriveis embates com que os sentidos assaltam a razão, apuram (por assim dizer) as celestes verdades, que adoramos; e estes embates necessariamente se haviam de empregar na presente obra, lustrando muito mais com elles o triumpho glorioso da religião. Attentem os espiritos conhecedores de si mesmos, e de uma das primeiras artes, que a scena é o quadro moral do homem, que ali sem rebuço cumpre exhibir seus defeitos, suas paixões, seus crimes, ou

suas virtudes, e pintal-o ainda mais como é, que como devera ser; finalmente (eu o repito) o esplendor do vencimento consiste nas difficuldades, que o disputaram, e a verosimilhança padeceria na obra que publíco, se a victoria da religião contra a natureza fosse menos ardua.

Em quanto á versificação, a do original é harmoniosa, accommodada ao assumpto, branda, ou energica, segundo o gráo e qualidade da paixão que exprime. Estremei-me o que pude em imital-a, e em evitar os gallicismos, de que abunda grande parte das nossas traducções, e que nos enxovalham o fertil e magestoso idioma, só indigente e inculto na opinião das pessoas, que o estudaram mal. Cuidei egualmente em conservar na dicção toda a fidelidade possivel, excepto nos logares onde os genios das duas linguas discordam muito; então, apoderado do pensamento do auctor, tractei de o representar a meu modo, conformando-me n'isto ao sabido, mas pouco executado preceito de Horacio:

Nec verbum verbo curabis reddere fidus
Interpres, etc.

Resta-me advertir ao leitor, que os..... indicam certas suspensões, ou pausas, naturaes na expressão de grandes affectos, e que no uso d'estes pontos sigo fielmente a Mr. d'Arnaud.

EUPHEMIA, OU O TRIUMPHO DA RELIGIÃO

ACTO I

Ergue-se o panno. A scena representa uma cella escassamente guarnecida. Á esquerda, pouco distante da parede, está uma tumba, ao pé da qual se vê uma alampada accêza. Do mesmo lado, mais para a bocca do Theatro, ha um genuflexorio, e n'elle um crucifixo com uma caveira aos pés. Sobre o genuflexorio estão varios livros de devoção. Algumas cadeiras escondem um pouco a tumba ás pessoas, que entram na cella. Começa a romper a manhã.

SCENA I

EUPHEMIA (1)

Que! N'este leito funebre, que banham
Minhas lagrimas tristes, n'este leito,
Onde velam commigo a dôr, e o susto,
Onde a meus olhos o meu fim se off'rece,

(1) Com uma das mãos sobre a tumba, na acção de quem se levanta.

Onde o meu coração de dia em dia
Se deve ir ensaiando para a morte;
No féretro, que espera o meu cadaver,
Ouso ainda nutrir memorias ternas!
Que digo! Um louco amor, que os céos condemnam!
Oh Deus! Não has de tu livrar-me d'este
Instincto criminoso (1)?... A tua esposa
Com lagrimas, com ais aqui prostrada
Implora o teu soccorro, a graça tua:
O vento a teu sabor zune, e se acalma,
As ondas amontôas, e as desfazes,
Teu sôpro accende o raio, o raio apaga,
Da terra a face mudas, em querendo,
E não mudas, Senhor, e a ti não chamas
Uma alma, que te foge, e te é traidora?
Não volves em bonança a tempestade,
Que os sentidos me offusca, e desordena?
Ah! Suffoca estes frageis sentimentos,
Esta paixão, meu crime, e tua offensa;
Fere, compunge um coração rebelde,
Que inda soffre prisões além d'aquellas,
Que cingiu para sempre em teus altares...
Se a desampara o céo, que é a virtude?
A minha em vão reclama os seus deveres.
Para vencer Euphemia, oh Deus supremo,

(1) Deixa a tumba, e corre a prostrar-se ante o genuflexorio.

De todo o teu poder tu necessitas (1).
Escuta minhas preces, vê meu pranto,
Manda-me o puro amor, e a paz celeste,
Cessem minhas angustias, meus perjurios,
Triumpha, reina só n'esta alma afflicta.
E tu (2), que todos com pavor contemplam,
Que lição me não dás em teu silencio!
Sim, tu és meu retrato! Eis, eis as graças
Com que intento encantar! Sou pó! Sou isto!...
E inda me atrevo a amar! Oh céos! Eu morro (3).

SCENA II

SOPHIA, EUPHEMIA

EUPHEMIA (4)

Então, querida irmã, piedosa amiga,
O sagrado ministro, em cuja bocca
A Verdade nos falla, e nos inspira,
Virá manter-me a languida virtude,
Domar um coração, que ao céo resiste,
Unir ao seu dever minha alma indocil?

(1) Prostra-se ainda mais, chorando amargamente.
(2) Pega com ambas as mãos na caveira.
(3) Inclinada para o chão, com extrema agonia.
(4) Levantando-se arrebatadamente, e indo para Sophia.

SOPHIA

Não poderá tardar; ficou Cecilia
Com ordem de chamal-o, e conduzil-o.
Mas que perturbação, mas que cegueira
Tomou posse de ti? Como consentes
Debaixo d'esse véo, querida Euphemia,
O veneno mortal de um amor louco,
De um desgraçado amor sem esperança?
Apezar da razão, do céo, que offendes,
Te inflamma o que é já cinza? A morte...

EUPHEMIA

A morte
Não lhe pôde roubar minha ternura:
Vive em meu coração, vive, e mil vezes
A Deus, ao mesmo Deus, n'elle o prefiro.
Não pertendo córar o enorme excesso
Do meu crime fatal; mais do que nunca
Amor a sua victima atormenta:
Das trévas contra mim se vale, se arma,
Té no leito da morte me persegue.
Depondo n'elle o pezo de meus males,
Ia cerrando os olhos lacrimosos;
O espirito, caído entre amarguras,
No somno do sepulchro se ensaiava:
Que sonho! Que espectaculo terrivel
Me assombrou a agitada phantasia!

Á luz escassa de funerea tocha
Cevava minhas ancias, meus remorsos
Por entre mausoléos, espectros, larvas:
Eis scintilla um relampago, e se esconde
Na longa escuridade, eis ouço um grito
Funebre, pavoroso, — a terra brama,
E horrida bocca de repente abrindo,
Solta um phantasma, envolto em negras vestes;
Na dextra lhe reluz buido ferro:
A mim corre, os cabellos se me herriçam,
Chega, arrosta commigo, e reconheço
Sinval, competidor do Omnipotente,
Sinval, que da minha alma expulsar devo,
Que sempre mais e mais a tyrannisa...
«Vem, segue (elle me diz) segue, acompanha
O teu primeiro esposo; em vão resistes:
As aras de um Deus soffrego, e zeloso
Privilegio não tem para conter-me.»
N'isto me afferra, e subito me rasga
Co'as sacrilegas mãos o véo sagrado...
A meu pranto, a meus gritos insensivel,
Por entre ondas de sangue, e montes de ossos,
De sepulchro em sepulchro elle me arrasta,
N'um d'elles quasi morta me arremessa:
Cáio, — some-me o ferro nas entranhas,
Eis que fuzila o raio, e nos abraza.

SOPHIA

Essas vãs illusões, que géra o somno,
A noute as traz comsigo, a noute as leva.
Tu mesma, tu preparas o veneno,
Que exacerba o teu mal, tu mesma aguças
A frecha, que se encrava no teu peito.
Irmã, não é assim que se triumpha;
Desterra essas lembranças perigosas.

EUPHEMIA

Como hei de desterral-as? Ah! Que o fogo,
O furor das paixões tu não conheces!
Não sabes, cara irmã, qual é o encanto,
Qual a força de amor, e os seus estragos.

SOPHIA

Tens-me por insensivel, e te enganas:
Tal não sou, mas quiz dar-me áquelle Objecto,
Que só deve occupar nossos desejos.
Tu mereces ingenua confiança;
Contempla no que vou manifestar-te
Quanto devo ao favor da Providencia!
Ás vezes a illustrar o exemplo basta,
Minha alma folga de se abrir comtigo.
Para a terna paixão nasci propensa,

E sempre de a nutrir fui cuidadosa:
Tudo o que me cercava, me attraía,
Prendendo-me a vontade em doces laços.
Proxima áquella edade em que se admira
Dos transportes, que sente, a alma inquieta,
Ia Amor signalar dentro em meu peito
Seu dominio funesto. Eis abro os olhos,
Vejo minhas irmãs, a quem deviam
Lisonjear do mundo os vãos prazeres,
Uma em profundas magoas submergida,
Carpindo o esposo, que aos primeiros dias
Do seu consorcio lhe expirou nos braços:
Outra, quasi a morrer, misera amante,
Perdida por um vil, e abandonada;
Meu pae, tornado aos seus no fim da guerra,
De improviso caír na sepultura,
E o seu mais caro amigo entre cadeias,
Opprimido com subita desgraça.
D'este quadro terrivel passo os olhos
Para todo o universo. Observo os grandes,
Os senhores do mundo, e n'elles vejo
Como nos mais o dissabor, o enjôo;
Angustias sobre o throno até diviso,
E a purpura dos reis banhada em pranto.
Parece que esta imagem deveria
Abafar o mimoso sentimento,
Que respirava em mim; porém debalde
Minha razão se oppunha, murmurando,

Á precisão de amar, á voz, que solta,
E com que persuade a Natureza.
Meu coração mavioso me traía;
Não luctei mais, cedi, firmei o errante
Desejo irresoluto. Era preciso
Encher, fartar de amor toda a minha alma,
E para objecto d'elle um Deus escolho.
Desde então se desfez na minha ideia,
Qual sombra fugitiva, o mundo todo;
Desdenhei-lhe as promessas cavillosas,
E apezar da esperança lisonjeira
Das grandezas, dos bens, contra a vontade
De meus parentes, para o claustro corro.
Deus acolhe o meu voto, em Deus consigo
Tudo quanto appeteço, elle me inflamma,
Elle só é bastante a meus transportes;
Senhor dos corações, e dos desejos,
Só elle os satisfaz; o amante, o esposo
N'elle só procurei. De dia em dia
O meu férvido amor se apura, e cresce.
Este amor, que não pende da fortuna,
Não receia o destino, o fim d'aquelles,
Que esvaece o capricho, o tempo, a morte.
Não, não amo um vulgar, profano objecto,
Que ou deixa de agradar, ou muda, ou morre:
Enlevo-me n'um Deus, e se me abraza
O espirito immortal de amor eterno.
Ah! Gosa, amada irmã, gosa commigo

D'esta ineffavel gloria: Deus sómente
Deve reinar no coração de Euphemia.

EUPHEMIA

Com lagrimas lhe peço, que me arranque
Lembranças, ao dever, e á honra oppostas.
Meu Deus! Este milagre é impossivel!
Tudo me está na idéa afigurando
Uma inflexivel mãe, surda a meus rogos,
Negando ás minhas lagrimas piedade,
Que, cega, injusta, idolatra de um filho,
Parece contra mim cruel madrasta,
Que, sumindo n'um claustro os meus desgostos,
Saborêa o prazer, prazer terrivel
De separar dous corações amantes,
Em quanto o meu amor... Ah! Foi tyranna...
Porém é minha mãe, sempre hei de amal-a...
Inda que de Sinval deu causa á morte...
Esta imagem me ancêa, e me horrorisa!
Eu propria completei meu sacrificio,
Eu propria me curvei a um jugo eterno,
A uma lei rigorosa... Oh céos! E que era,
Perdendo o meu Sinval, perder o mundo?
E inda repulso um Deus! Inda lamento
A prisão, que me liga! Ah! Não, não posso
Com tantas afflicções... eu desfalleço...
Sinval... torna, cruel, torna ao sepulchro,

Tu me roubas meus votos... eu te sigo
Á habitação da morte. Ah! Deixa ao menos
Para Deus o meu pranto, os meus remorsos.

SOPHIA (1)

Amiga! Irmã! Convém, que dissimules
Essa perturbação.

EUPHEMIA

Como é possivel,
Se cresce a cada instante?

SCENA III

EUPHEMIA, SOPHIA, CECILIA

SOPHIA

Ahi vem Cecilia,
Teme... (2)

EUPHEMIA

Embora a seus olhos appareça,

(1) Apertando-a nos braços.
(2) Para Euphemia.

E aos de todo o universo o meu delirio,
Meus males, minhas lagrimas, meu crime...
Saibam todos, Sinval, que por ti morro.

CECILIA (1)

Brevemente vereis o sacerdote
De um Deus castigador, que, fatigado
De ameaçar em vão, já se prepara
A cerrar-vos das graças o thesouro.
Esposa desleal do esposo eterno,
Tendes por cima a cholera celeste.
Vossa rebellião, damnoso exemplo
Para nossas irmãs, ante os altares
Ergue a pedra de escandalo. Eia, a dura
Pertinacia expiae. Se com suspiros
Não reclamaes o amor de um Deus piedoso,
Se com vivo remorso, e dôr sincera
As aras não banhaes de amargo pranto,
Tremei, não espereis mais que um severo,
Implacavel juiz, prompto á sentença,
A que se oppôz téqui sua bondade;
Não lhe soffre a justiça o perdoar-vos,
Não vos póde absolver; eu vejo, eu vejo
Seu braço vingador lançar-se ao raio,
E a vossos pés abrirem-se os infernos:

(1) Em tom severo para Euphemia.

Vós caís, vós caís n'esses abysmos
De desesperação... de horror... de raiva... (1)

SOPHIA (2)

Que dizes, furiosa? Esse retrato
Não é, não é de um Deus: tyranno o pintas;
Quando faltou nas aras a piedade?
Vae, minha irmã, com supplicas humildes, (3)
Do mais terno dos paes lançar-te ás plantas;
Leva-lhe um coração brando, amoroso,
Que saberá por elle inda opprimir-se,
Padecer, e inflammar-se; extingue, apaga
Essa inutil paixão, que os céos prohibem;
Não cedas a victoria a teus sentidos;
Lucta, e vence a rebelde humanidade,
Que obsta á gloria immortal de submetteres
A vontade á razão; suffoca os gritos
Da ciosa, indignada natureza;
Vôa ao teu Deus, e dá-lhe a sua esposa.
Elle do céo te chama, te exp'rimenta,
Presta as azas da fé aos teus esforços.
Da graça vêncedora o puro fogo
A tua alma penetre: ah! Mui sensivel

(1) Euphemia se perturba a estas palavras.
(2) Com indignação para Cecilia.
(3) Para Euphemia em tom affectuoso, e abraçando-a.

O Senhor a creou, para negar-te
A santa inspiração do amor eterno,
Que, enlevado no céo, desdenha o mundo:
Se alguma vez nos fere, ama-nos sempre.
Anjo exterminador, anjo terrivel
Não temas no ministro, que te envia;
Anjo consolador acharás n'elle,
Teu pranto enxugará com mão piedosa:
A religião sincera é indulgente. (1)
Ha quem possa formar diversa idéa
De um Deus, que mais que tudo amar devemos?

SCENA IV

SOPHIA, CECILIA

SOPHIA

Desculpae-lhe um transporte inevitavel;
Vossa virtude, austera em demasia,
Aterrou cégamente a triste Euphemia.
O ameaço, o rigor são proprios do erro,
Reina a brandura na moral, que é santa:
O amor a inspira sempre, o medo nunca,

(1) Euphemia se retira na maior afflicção.

CECILIA

Minha cólera eguala o meu espanto.
Como! Em vez de ajudar-me um pio enfado,
Quando a causa do céo zelar devieis,
Lisonjeaes paixões escandalosas!
Quereis que Euphemia, indigna de chamar-se
Nossa irmã, seu perdão de Deus espere,
De Deus, que ultraja!

SOPHIA

Ah! Sempre esses rigores
Haveis de alimentar n'alma severa!
Fundareis sempre a gloria na aspereza!
Pensae, pensae melhor. Cumpre de novo
Dizer-vos o que dicta, o que suggere
Um sentimento innato? A Divindade
Não póde ser cruel, nunca se esquiva
Das lagrimas, que sólta a dôr sincera.
Que é, que vale o poder se não perdôa?
Aquelle, que remiu a humanidade,
Não verteu por ingratos o seu sangue?
Que é culpada a seus pés confessa Euphemia:
Elle se dignará de auxilial-a,
Enviando-lhe graça ao fragil peito.
Sustentemos o arbusto, que vacilla

Em termos de caír, sim, consolemos
Nossa irmã, lamentando-lhe a fraqueza.

CECILIA

A fraqueza! Oh meu Deus, que a ímpia esquece,
Em que delictos cairá teu raio,
Se o podér evitar crime tão feio!
Desde que Euphemia proferiu seus votos
Nunca um idolo vão lhe saíu d'alma:
Da cinza resurgindo, elle accrescenta
De momento em momento o seu dominio.
Que! Depois de dez annos de queixumes,
De suspiros, de lagrimas, ainda
Arde, cega de amor, por frios ossos!
Nos mostra uma alma, cada vez mais presa,
Mais criminosa!

SOPHIA (1)

Irmã... vós nunca amastes.

CECILIA

Em laços vergonhosos eu captiva!
Eu amar! Só a Deus.

(1) Depois d'uma grande pausa.

SCENA V

SOPHIA, CECILIA, uma CRIADA (1)

CRIADA (2)

Com muita instancia
Uma mulher incognita em segredo
Vos quer fallar...

CECILIA (3)

Que qualidade inculca?

SOPHIA

Seja quem for, devemos attendêl-a.

CRIADA

Tem um ar nobre, um ar affectuoso,
Que lhe adóça a tristeza, e que interéssa;
Julgo-a digna de dó: talvez desastres...

(1) No original é uma leiga do convento.
(2) A ambas.
(3) Com vivacidade.

SOPHIA (1)

Entre.

CECILIA (2)

Que, minha irmã! Tanto importuno,
Tanto indigente!

SOPHIA (3)

Venha, não me ouvistes? (4)

SCENA VI

SOPHIA, CECILIA

SOPHIA (5)

Tão dura condição me afflige, e assombra.
Imaginaes cumprir co'a lei divina,
E á commiseração negaes o peito?

(1) Em tom rápido.
(2) Para Sophia.
(3) Para a criada, alteando a voz.
(4) Vai-se a criada.
(5) Em tom sentido.

A vossa devoção feroz, e agreste
Sementes de odio, e cólera attribue
A um Deus de paz, de amor, e de clemencia!
Não gostareis o jubilo ineffavel
De amar, e soccorrer os infelices,
Chorando, e consolando-vos com elles:
É isto, oh religião pura, e querida,
A tua mansidão, e o teu caracter?
Nunca amastes, irmã, já vol-o disse,
Debaixo de cilicio, que vos punge,
Se azeda, se enraivece o vosso zelo.
Se tivesseis amado (ah!) sentirieis
De uma graça mais doce os attractivos.
O Deus dos beneficios incensâmos:
Foi seu amor, não foi sua justiça
Quem o levou por nós á cruz, á morte.

CECILIA

Cuidaes, talvez, que o céo de vós se serve
Para me alumiar, para dictar-me
As suas justas leis? Sei pratical-as;
Mas eu vejo um tropel de mendicantes
Rodear este asylo, e perturbar-nos,
Associando aos canticos divinos
Seu pranto, seus queixumes. Os altares
Impõem obrigações, que em todo o tempo
Foram, são respeitadas. Por ventura

Não devemos orar? Se vos lembrasseis
De...

SOPHIA

Façamos o bem, depois oremos.

SCENA VII

A CONDESSA DE ORCÉ, SOPHIA, CECILIA, A CRIADA

CONDESSA (1)

Uma triste mulher desconhecida,
Quasi affogada em lagrimas, se atreve
A vir manifestar-vos os seus males... (2)

SOPHIA

Ide-vos (3).

(1) A condessa manifesta a sua indigencia por um vestido preto dos mais ordinarios, no qual se vê todavia o asseio decente, que conservam sempre os infelices, que tiveram um nascimento honrado, ou uma boa educação. Cecilia olha para ella com indifferença desdenhosa, e Sophia com uma attenção compassiva.

(2) Para Sophia, e Cecilia:

(3) Vivamente para a criada, que sáe.

SCENA VIII

SOPHIA, A CONDESSA, CECILIA

CONDESSA (1)

Sem ninguem, destituida
De todos os soccorros, e cançada
De soffrer uma vida lastimosa,
De ver olhos crueis, ou desdenhosos
Fitar-se em mim, pensei que nos altares
Encontraria o mavioso affecto
Das almas consagradas á virtude:
Aquella compaixão... que o mundo ignora.

SOPHIA

Assentae-vos, senhora. (2)

CECILIA

As nossas preces (3)
Chamam Deus a favor dos desgraçados;

(1) Continuando.
(2) Para a condessa com ternura, e ella se assenta.
(3) Friamente.

Mas o nosso mosteiro, apenas livre
De uma divida immensa, está gravado
Dos soccorros, que presta aos indigentes.
A caridade...

CONDESSA (1)

Oh céos! A que mais póde
Chegar minha desgraça! E vós, senhora,
Tambem sois contra mim! Não, não imploro
A terna caridade, eu peço... a morte. (2)
Que novo golpe, oh Deus!

SOPHIA (3)

Ah que fizestes,
Cruel? Ide-vos, ide-vos; com isso
Lhe dobrastes a dôr... (4) Eia, deixae-nos. (5)

(1) Chorando.
(2) Chorando mais.
(3) Com enfado para Cecilia.
(4) Cecilia fica ainda.
(5) Cecilia vae-se raivosa.

SCENA IX

A CONDESSA, SOPHIA

SOPHIA (1)

Senhora...

CONDESSA

É esta a lei officiosa, (2)
A religião suave, e compassiva!
Onde hei de, justos céos! achar piedade!

SOPHIA

Onde? Em meu coração. Crede, senhora,
Que junto ás aras é que chora, e geme
Sem custo, sem violencia a humanidade;
Não julgueis que Cecilia a desconhece. (3)
Desculpae-a. Seu culto grave, e triste
Como que faz brazão da austeridade:
Mas ha de lamentar-vos... Sim, quem póde
Sem commiseração ver-vos, e ouvir-vos?

(1) Assentando-se junto da condessa, apertando-lhe a mão.

(2) Soluçando, sem reparar no que lhe diz Sophia.

(3) A Condessa olha, vê que Cecilia se retirou, e contempla Sophia com ternura.

CONDESSA

Eu não venho, senhora, supplicar-vos
Dádiva pia, nem cubrir de opprobrio
Meus ultimos instantes: porque a morte
Já sinto avisinhar-se... Oh Deus immenso!
Parará teu rigor nas minhas cinzas?
Sei de que modo as vidas se abreviam,
Sei como se acabava meu tormento,
Minha affronta, mas não: Deus, que me pune,
Deus só é que tem jus á minha vida,
E só devem seus golpes arrancar-m'a.
Cumpre humilhar-me ao vingador flagello,
Engulir devagar todo o veneno
Da desgraça cruel, que me persegue,
Soffrer minha miserrima existencia,
Fazer mais, — suffocar até o orgulho
De um nascimento illustre. Eu n'outro tempo
Tive bens, e grandezas: o infortunio
Desfez esses phantasmas lisonjeiros.
E quem me reduziu a este estado!... (1)
Perdoae-me... uma angustia inexplicavel
Me perturba, me opprime... oh céos!... Eu vinha...
(Póde obrigar a tanto a desventura!)
Eu vinha... que expressão! Vinha rogar-vos
Me amparasseis a languida velhice,

(1) Chora.

E que, adoçando as minhas amarguras,
Quizesseis admittir-me... (1) por criada.

SOPHIA (2)

Que dizeis! Vós servir-me! Ah! Não, senhora;
Mereceis outro genero de abrigo,
Vós sereis a servida. Por livrar-vos
Do estado, em que vos vejo, eu déra a vida.
A amizade, a ternura hão de enxugar-vos
O pranto, que verteis. Vossas desgraças
Que feroz coração não moveriam?

CONDESSA (3)

Ah! Quanto me obrigaes! Porém não devo
Acceitar vossa offerta; hei de, senhora,
Abater-me, servir, morrer, mas nunca
Ha de o meu infortunio envergonhar-me.
A altivez d'alma as dadivas offendem,
Seja qual fôr a mão, de que provenham.

(1) Soluçando.
(2) Com as lagrimas nos olhos.
(3) Abraçando-a.

Eu morro..., e quem me faz mais dura a morte
É... (1) um filho... que o peito me traspassa.

SOPHIA (2)

Um filho! Oh monstro! Ha genio tão rebelde
Ás leis do sangue, ás leis da natureza?

CONDESSA

Sim, da minha desgraça é causa um filho,
Um filho, alimentado no meu peito.
Apenas veiu ao mundo empreguei n'elle
Todos os meus desvelos, e caricias,
Do terno amor de mãe toda a fraqueza;
Sacrifiquei-lhe o gosto, a dignidade,
E até o esposo, o pae, e os outros filhos.
Pela vida do ingrato eu déra, eu déra
Mil vidas, se as tivesse, e nos seus braços
Morrêra consolada; era só elle
O que eu via no mundo, o que adorava...
Perdendo seus irmãos, e o meu consorte,
Favoreci-lhe o jus, que lhe deixaram,
Só nos seus interesses embebida;
Que digo! Até cedi de meus direitos,

(1) Chorando.
(2) Dando um grito.

E apoz o coração dei-lhe as riquezas,
Sem excepção, e sem reserva alguma.
Não pedi, nem queria em premio d'isto
Mais que a consolação de estar com elle,
De exhalar o meu ultimo suspiro
Junto de um filho amado. Eu sim lhe achava
Signaes, e propensões d'alma corrupta,
Ornados com gentil physionomia;
Mas de enganar-me, e de os não crer folgava:
Tanto o materno amor nos allucina!
Cega! Não reparei que ia meu filho
A mocidade em vicios estragando,
Que aos excessos mais vís, e vergonhosos;
Juntava o da avareza, e crueldade,
Que era um ímpio, um ingrato: emfim, casou-se.
Commummente uma esposa influe, e cria
N'um genio duro aquella suavidade,
Que é origem do amor, e da virtude;
Mas peor que elle a esposa de meu filho
Atiçou contra mim seu odio incrivel.
Este filho, que enchi de beneficios,
Me carregou de injurias, e desprezos:
Uniu insulto amargo a atroz offensa,
Das lagrimas, de que elle era o motivo,
Os olhos affastou, e ultimamente (1)
Me expelliu do solar, onde habitaram

(1) A Condessa chora com mais força.

Meus honrados avós, e onde eu nascêra.
Arrojei-me a seus pés, gritei, chorando:
«Oh filho, filho meu! Vossa mãe triste
Prostrada a vossos pés, não vos implora
Mais do que um beneficio, unico premio
D'este amor, que por vós fez mil extremos.
Em breve a morte acabará meus males:
No leito de meus páes soffrei que expire.»
Não me attende o cruel, e eu continúo:
«Vós, que gerei, nutri com o meu sangue,
Quereis, filho, que morra em desamparo!
Dei-vos tudo o que tinha, unicamente
Possuo... um coração que a dôr consome.
Vós tereis filhos: desejar devia...
Ah! Nunca, nunca, ingrato, vos imitem.»
Então a esposa, mais feroz ainda,
Me expulsa d'um logar, que eu tanto amava,
Logar, onde, attraídos da saudade,
Os olhos moribundos me ficavam.
Céos! E sobrevivi a horror tamanho!
N'esta consternação busco uma amiga:
Diz que me não conhece. Emfim, vagando
Quasi sem tino já, por toda a parte,
Chego aqui... onde espero achar a morte.

SOPHIA

Não, vós não morrereis; em mim, e em outra
O céo vos deparou duas amigas

Para vos consolar... mas continuam
Vossos ais, vossas lagrimas ainda,
E com mais força as faces vos innundam!

CONDESSA

Ah! Não devem ter fim senão co'a vida.
Vós sabeis os meus males, vêde agora
O meu crime, e depois julgae se posso
Ao sentimento, ás lagrimas pôr termo.
Este filho, por quem padeço tanto,
Teve uma irmã...

SOPHIA (1)

Fallae.

CONDESSA

Que a Natureza
Ornou d'aquellas graças, que enfeitiçam
Ainda mais os corações que os olhos.
Tu a formaste, oh Deus, para agradar-me,
E eu nègueì-lhe o carinho, amando-me ella.
Ah! Cada vez mais terna, e mais humilde,
Parecia em silencio perdoar-me,

(1) Appressadamente, e com mais attenção ainda.

E ignorar que um irmão tinha ganhado
De sua injusta mãe todos os mimos.
Um mancebo modesto, e virtuoso,
Egual na qualidade a minha filha,
A viu, a amou, e foi por ella amado.
Pediu-m'a por esposa: eu, insensivel
Ás lagrimas da triste, a sacrifico
A seu irmão, desvio o seu amante,
Encerro-a n'um mosteiro, insto com ella
Para cingir-lhe um laço, tão diff'rente
Dos ternos laços de feliz consorcio.

SOPHIA

Successo egual... (1)

CONDESSA

Para obrigal-a ao voto
Fiz com que falsas novas se lhe dessem
Sobre a morte do amante, e confirmei-lh'a.
Caíu sem côr, sem voz com este golpe;
Eis acode a animal-a uma parenta,
E já quasi mortal do claustro a tira.
Morre pouco depois esta parenta,
E da misera filha ignoro a sorte...

(1) Perturbada, á parte.

Ah! sem duvida jaz na sepultura...
E eu a sacrifiquei a um filho ingrato!
Eu, desgraçada!

SOPHIA

Resistir não posso... (1)
E quanto mais vos ouço... Aqui, senhora,
Ha perto de dez annos...

CONDESSA

De dez annos... (2)
Que!

SOPHIA

Tenho a mais fiel, mais terna amiga;
Da mãe, que muito amou, foi pouco amada.

CONDESSA

Da mãe!... Continuae.

(1) Ainda mais turbada.
(2) Inquieta.

SOPHIA

Os seus desastres (1)
Ella lh'os motivou. Teve esta filha
Um destino infeliz, qual teve a vossa;
Ella sabe attender aos desgraçados:
Muitas vezes aqui lhes dá soccorro;
Seu meigo coração ha de amimar-vos,
E lamentar comvosco as vossas penas. (2)
Senhora, haveis de vel-a, haveis de amal-a.

CONDESSA (3)

Será possivel... Céos! Não sei que sinto
No coração... guiae, guiae-me a ella.
Oh Deus, oh summo Deus! Permittirias
Que no auge do infortunio...

---

(1) Rapidamente.
(2) Ergue-se apressadamente.
(3) Erguendo-se com egual presteza.

SCENA X

EUPHEMIA, SOPHIA e a CONDESSA

SOPHIA (1)

Vinde, vinde,
Minha querida irmã, nos vossos braços
Afagar uma illustre desgraçada.

CECILIA (2)

Constança!

EUPHEMIA (3)

Minha mãe!...

SOPHIA

Oh Providencia!
Que escuto! Sua mãe!

(1) Dando o braço á Condessa, e vendo entrar Euphemia.
(2) Dando um grito, e desmaiando sobre a cadeira.
(3) Lançando-se-lhe aos pés.

CONDESSA

Céos! Minha filha (1)
Consagrada aos altares para sempre!
E eu fui a que formei seu laço eterno!
Este véo, este véo ha de accusar-me
Continuamente... ah! Dize-me o motivo...
E inda me dás de amor signaes tão doces! (2)
Filha, o maior esforço é perdoar-me.

EUPHEMIA

Abraço minha mãe, ou isto é sonho?...

CONDESSA

Não é sonho, não é, tens nos teus braços
A tua infeliz mãe.

EUPHEMIA

Sua desgraça (3)
Dóbra a minha ternura. Mas quem pôde
Forjar esta mudança deploravel?

(1) Tomando a si, cheia de espanto e de dôr.
(2) Abraçando-a, e chorando.
(3) Levanta-se.

CONDESSA

Teu irmão.

EUPHEMIA

Meu irmão!

CONDESSA

Sim, esse objecto
De uma predilecção desasisada,
Por quem abominei minha familia,
Por quem... te conduzi ao sacrificio. (1)

EUPHEMIA

Só sinto os vossos males. (2)

CONDESSA

Já na pósse
De todos os meus bens, o deshumano,
Surdo ás vozes do sangue, e aos meus clamores,
(Eu de egual tyrannia usei comtigo)
Espancou sua mãe, nem quiz mais vel-a.
Irados contra mim os céos estavam,

(1) Pegando na mão de Euphemia, e chorando.
(2) Em tom forte.

Pensa o que eu soffreria em tal extremo.
A Condessa de Orcé, que a dignidade,
A riqueza, a lisonja, e mil prestigios
Cegáram longo tempo, emfim, cercada
Dos horrores, que seguem a indigencia,
Já sem consolação, já sem abrigo,
E até já sem a minima esperança,
Victima da cruel necessidade,
Quasi em ancias de morte, veiu, oh filha,
A este asylo, franco á desventura,
Pedir que a recebessem... por criada.

EUPHEMIA (1)

Mal posso respirar... não, mãe querida, (2)
Não chegareis a tanto abatimento:
Para ser menos duro o vosso estado,
Eu soffrerei por vós minha importuna (3)
Amargurada vida, e desde agora
Não cuidarei senão de consolar-vos,
De vos vingar de um filho. Eu posso... aquella
Parenta, que do claustro semiviva
Me tirou nos seus braços, e sómente

(1) Cahindo nos braços de sua mãe, e depois d'uma longa pausa.
(2) Arrebatada, e chorando.
(3) Com fervor.

Me viu n'este logar fazer um voto,
Que eu occultar queria a vós, e ao mundo,
Aquelle coração tão generoso
Me deixou alguns bens... (1) Eu vol-os cêdo.
Além d'este soccorro diminuto,
Tenho o lavor de minhas mãos, senhora.
Sacrificarei tudo, e morreria
Mil vezes, cara mãe, para mostrar-vos
O meu constante amor...

CONDESSA (2)

E amas-me ainda,
Oh filha! E não te lembras...

EUPHEMIA

Ah! Tractemos
Só de vós. Aqui tendes outra filha: (3)
Ella é digna de nós, ella é sensivel,
E gosta de prestar aos desditosos;
Vereis sua ternura, e seus desvelos.

(1) Rapidamente.
(2) Abraçando-a.
(3) Apontando para Sophia.

CONDESSA

Já do seu coração recebi provas (1)
De sincera piedade, e agradecida... (2)

SOPHIA (3)

Não mais que um sentimento infructuoso
Encontrastes em mim. Se eu ser-vos util
Podesse, graças mil ao céo rendêra,
Que vos deve amparar. D'elle é que nascem
O socego, a ventura: elle só póde
Soccorrer, levantar os abatidos;
Mas eu talvez aqui vos sou molesta... (4)

CONDESSA (5)

Não, ficae. Nós teriamos segredos
Para vós? Publicae suas virtudes, (6)
Meu arrependimento, a dôr, e o pranto,
Que o remorso me custa; — os beneficios
De uma filha, a quem eu...

(1) Com voz terna.
(2) Dando a mão a Sophia.
(3) Para a Condessa.
(4) Dá alguns passos para se retirar.
(5) Levantando-se.
(6) Mostrando a filha.

EUPHEMIA (1)

Com esse excesso
Vós é que me obrigaes. Nós poderemos
Viver, e chorar juntas... mas em breve,
Cara mãe, cerrareis meus olhos tristes.

CONDESSA

Tu é que has de fechar os meus, oh filha.

EUPHEMIA

Não pensêmos senão em confortar-vos.
Vamos (2).

CONDESSA (3)

Que vejo, oh Deus!

SOPHIA

Todas as noutes (4)
Nos manda a nossa lei, que descancemos
N'esse leito da morte. Um terror pio

(1) Abraçando-a.
(2) Dá-lhe a mão.
(3) Vendo a tumba, e recuando assustada.
(4) Para a Condessa.

N'elle nos acompanha, e nos presenta
O fim, que para nós está guardado.

EUPHEMIA (1)

Sim, oh mãe, o meu thálamo é aquelle. (2)
Logo vos contarei meus males todos.
Não me desampareis. (3) Acabem hoje
Estas agitações, que me atormentam.
Accelerae o instante em que a minha alma
Deve ser consolada, e soccorrida
Por esse anjo de paz, que o céo lhe manda.

---

(1) Dando um gemido.
(2) A Condessa a estas ultimas palavras chora, olha com ternura para a filha, e cae-lhe nos braços. Euphemia, depois d'uma grande pausa, diz a sua mãe:
(3) Para Sophia.

ACTO II

Ergue-se o panno, vê-se uma capella, um altar a um lado, e um peristylio, ou columnata no fundo do theatro.

SCENA I

EUPHEMIA e SOPHIA (1)

SOPHIA

Oh tu, cuja grandeza testificam
Os altos beneficios, que semêas,
Tu, cuja graça os corações conquista,
Oh Deus! Oh páe benigno! Tem piedade
Da minha triste amiga, ouve meus rogos,
Desce ao peito de Euphemia, substitue
Áquelle ardor profano a pura chamma
De tua santa fé, teu amor santo;
Presta-lhe armas, senhor, contra os sentidos!
Desprezarás as lagrimas, as preces,
Que a teus pés derramamos? Ah! Foi fêito
De Euphemia o coração para adorar-te,

(1) Ambas prostradas, uma defronte do altar, a outra a um dos lados.

Para se encher de ti. Deus poderoso,
Que a desesperação, que a dôr lhe observas,
Acóde, acóde á misera, e triumphe
O remorso, que n'alma lhe murmura.

EUPHEMIA

Asylo do infortunio, altar sagrado
De um Deus consolador, unico apoio,
Onde, já sem paciencia, e já sem forças,
Do pezo de meus males me allivio, (1)
Eu te abraço, eu te off'reço estes remorsos,
Em soluços, e em lagrimas nutridos.
A minha afflicta mãe quiz occultal-as, (2)
Mas um pranto saudoso em cuja origem
Tanto me enlevo... oh céos!... detido ha muito,
Quer correr, quer correr, e os suffocados
Suspiros já no peito me não cabem.
A meu pezar consome-me um incendio
Criminoso; amo, adoro um vão phantasma:
Elle a paixão sacrilega me excita,
Que esperança não tem com que se alente;
Elle, em logar de um Deus, dá leis n'esta alma,
E, sempre vencedor, surge da terra
Para assaltar-me, oh céo...! Para assaltar-te.

(1) Abraça com transporte o angulo do altar.
(2) Para Sophia.

Trago em meu coração todo o veneno,
Todo o fogo de amor, trago os sentidos
Em continuo tumulto, e não diff'rença
Quaes são os sentimentos, que me régem.
Como que dous espiritos oppostos
Luctando dentro em mim, me despedaçam.
Oh minha religião!... É o mais frouxo
Para ti! Mas tu deves dominar-me;
O meu estado, a honra, os céos o querem:
Tudo, emfim, me condemna, oppõe-se tudo
A' paixão, que por ti, Sinval, me inflamma.
A esposa de um mortal deve guardar-lhe
Fé sem limites; e de um Deus a esposa...
Justos céos! De mim propria me horroriso... (1)
E ainda o seu ministro em meu soccorro
Não chega! Oh Deus, que offendo, oh Deus, que imploro (2)
Tu, que hoje minha mãe me restituiste,
Ah! Completa, senhor, teus beneficios,
Ou... manda que eu no tumulo repouse.
Negarás, Deus eterno, ás minhas cinzas
O socego, que em vida obter não posso? (3)
Minha mãe!... (4)

(1) Olhando para a columnata.
(2) Prostra-se mais profundamente.
(3) Vendo que entra a Condessa.
(4) A' parte e sobresaltada, Sophia se retira.

SCENA II

EUPHEMIA e a CONDESSA

EUPHEMIA (1)

A que vindes?

CONDESSA

A teus braços (2)
A ter parte nas mágoas, que te affligem,
Que mitigar quizera... ah! Eu devia,
É verdade, evitar tua presença.
Olhar ao bemfeitor confunde, e acanha;
Mas eu te amo, Constança, eu te amo tanto,
Que saudosa procuro os teus affagos,
E... gémes? Tua sorte...

EUPHEMIA

A minha sorte!
É suave, é feliz porque a meus braços
O céo vos conduziu. Não foi por falta

(1) Ergue-se perturbada.
(2) Abraçando-a.

De amor, que me escondi aos vossos olhos... (1)
Eu não fujo de vós... não, mãe querida...
Vim a este logar... vim... humilhar-me
Ante Deus... ai de mim!... Eu lhe implorava... (2)

CONDESSA

Desfallece-te a voz...! Voltas os olhos
Para occultar-me as lagrimas, que vertes!

EUPHEMIA (3)

Ah! Se eu pudesse, oh mãe, n'esta corrente (4)
Expellir minha dôr, meu mal, e a vida!
Já sem mando a razão, tentou debalde
No peito ancioso refrear-me o pranto;
Debalde me esforcei para encubrir-vos
Um triste coração, que não sómente
Nas lagrimas, nos ais se manifesta,
Mas até no silencio. Constrangido
De intoleraveis penas, vai mostrar-vos
O seu estado, a chaga, que o devora,

(1) Inquieta.
(2) Pronuncía estas ultimas palavras com voz desfallecida.
(3) Como transportada pela afflicção, caindo nos braços da mãe, e banhada em lagrimas.
(4) Depois de grande pausa.

E que, em vez de cural-a, o tempo aggrava...
A multidão vereis dos meus tormentos...
Minha mãe, recordae a origem d'elles,
E... deveis perceber-me...

CONDESSA

Que! Renovas
Idéas tão terriveis? Hei de, oh filha,
Hei de avivar um quadro, que tomára
Apagar com meu pranto, e com meu sangue!..
Querida bemfeitora, ah! Longe, longe
Essa imagem cruel: n'ella consiste
O meu castigo, e tu me perdoaste.

EUPHEMIA (1)

Vós, senhora, é que haveis de conceder-me
Um perdão, que prostrada vos imploro.
Eu, commettendo involuntario crime,
Eu sou quem vos offende. Sim, guardemos
Inviolavel silencio nos meus males.
Um Deus, um Deus, que rége os nossos fados,
Me encaminhou, sem duvida, aos altares.
Fallemos só do amor com que desejo
Contentar minha mãe, só da ventura.

(1) Beijando-lhe a mão.

Do prazer, que eu teria em consolar-vos;
Fallemos... (1) não, não posso reprimir-me,
Não sei conter o ardor, que me impacienta;
Fallemos... d'esse objecto...

CONDESSA

Qual?

EUPHEMIA

Meu pranto,
Minha perturbação vol-o nomêa...
Que phrenesi! Que angustia!.. Eu ardo... eu morro..
De Sinval... (2)

CONDESSA

De Sinval!

EUPHEMIA

Sim, d'esse, d'esse
Despotico senhor de um coração,
Cada vez mais amante, e mais chagado.

(1) Enternece-se-lhe mais a voz.
(2) Depois de um longo silencio.

CONDESSA

Que fiz, céos! E ainda, filha, te possue,
Te inflamma essa paixão?

EUPHEMIA (1)

Mais do que nunca;
E o socego, o dever lhe sacrifico.
Digo-o carpindo a vossos pés, morrendo,
E attestando este Deus, que me abandona, (2)
Que me vê cada dia atribulada
Vir de rôjo ao altar... e não me escuta!...
Dez annos de combates dolorosos,
De lagrimas, de preces, o cilicio
Chegado ao coração, tinto em meu sangue;
O terror, que commigo se reclina
No féretro medonho; o tempo, a morte,
A morte, que destróe, que absorve tudo,
Desarreigar não podem da minha alma
A violenta paixão com que deliro.
Uma sombra, teimosa em perseguir-me,
Vontade, e pensamentos me arrebata,
A sombra de Sinval... Eis o attentado...
Oh céo! Tú ouves isto, e não trovejas!

(1) Arrebatada.
(2) Apontando para o altar.

Eis o objecto em que occupo a noute, e o dia,
Eis o Deus, a quem sirvo, a quem adoro,
A quem consagro incensos nos altares!
Por cinzas sou rebelde ás leis do Eterno...
Que digo, miseravel! Ah! Perdôa,
Deus vingador, perdôa...! A graça tua...
Toda a minha razão me desampara. (1)
Ah mãe! Elle morreu? Que negra sina...
Nosso amor... meu destino... Eu fui a causa
Da morte do infeliz!

CONDESSA (2)

Oh minha filha!
Quanto a meus proprios olhos sou culpada!
Tua mãe... tua mãe foi teu verdugo!
Eu cavei esse abysmo em que tu jazes!
Eu te entranhei no peito esses tormentos,
Esse fogo sacrilego, os remorsos,
A funesta paixão, que te consome! (3)
Toda a tua virtude, oh filha, exerce
Co'a criminosa mãe. Se acaso ainda
Fosse vivo Sinval...

(1) Transportada.
(2) Chorando e apertando Euphemia nos braços.
(3) Tendo-a chegada ao peito.

EUPHEMIA

Se fosse vivo! (1)
!... Sinval!... Oh quão feliz eu me chamára!
Quão leve por tal preço me seria
Este jugo perpetuo, que me opprime!

CONDESSA

Poderei suavisar tua amargura,
Minha filha! Ouve... todos os meus crimes.

EUPHEMIA

Será vivo Sinval! (2)

CONDESSA

Eu desejava
Apressar o momento em que aos altares
Fosses ligada pelo sacro voto,
E do mundo, e de mim te separasses
Para sempre; um rumor subito, e falso
Te feriu, te aterrou; fingi a morte...

(1) Em tom rapido.
(2) Arrebatada.

EUPHEMIA

Sinval, Sinval é vivo!

CONDESSA

Assim o creio,

EUPHEMIA

Ah que o meu coração não é bastante...
A ventura... os transportes... vive!... vive!...
Céo! Nos meus dias teu rigor se farte...
Quanto me consolaes! Sinval respira!..
Deus! Seja elle feliz... morra eu mil vezes! (1)
Mas... amava-me tanto, e abandonou-me?...

CONDESSA

Inda te não contei... que vou dizer-te!

EUPHEMIA

Deixou de amar-me? Se assim é, calae-m'o
Por quem sois. (2)

(1) Depois de estar calada um pouco.
(2) Rapidamente.

CONDESSA

Não, Sinval te idolatrava.
É forçoso dizer-te o que eu quizera
Occultar a mim mesma! O que estimula
Meus remorsos!

EUPHEMIA

Fallae.

CONDESSA

Que novo golpe
Te vae dar tua mãe! Sinval, que morto
Julgaste, acreditou por minha industria
Que morrêras tambem.

EUPHEMIA

Deus! Que mais queres?

CONDESSA

De amor, e de afflicção desesperado,
Fugiu, sumiu-se, e d'elle se não sabe...

EUPHEMIA

Sinval é morto, é morto. Eu exp'rimento
Quanto custa perder o que mais se ama.
Nem ouso duvidar, é morto, é morto...
Mas porque hei de nutrir tão negra idéa?
Sinval, Sinval, talvez, menos sensivel
Ao annuncio cruel da minha morte
Do que eu fui ao rumor fatal da sua,
Resistir poderia... e consolar-se.
Capaz de amar como eu quem ha no mundo?
Que disse! Póde ser que já captivo
De outro objecto... nos braços de uma esposa...
Que horror! Oh céos! Faltava-me o ciume!
E em zelosa paixão tambem me abrazo!
Aonde me arrebata um amor cego,
Que tudo sacrifica a seus furores!
Só deplóro o meu mal n'este momento...
Ah! Nada, senão tu, Sinval, me importe;
Vive, e morra Constança. Em te esqueceres
De mim não és ditoso? Eu quereria
Ás minhas afflicções associar-te!
Ai de mim! Que, indecisa em meus desejos,
Sem valor, sem razão, sem alvedrio,
Sempre mais infeliz, mais criminosa,
Não distingo, não sei se antes quizera
Morto a Sinval, que vivo, e de mim longe...
Não, não posso domar a atroz suspeita.

Vêde minha paixão, minha loucura;
Imaginastes dar-me algum conforto,
E augmentastes, senhora, o meu martyrio.
Todos os fógos, os venenos todos
Me abrazam, me devoram, me consomem;
Phrenética me aparto dos altares,
Onde jurei soffrer meu jugo eterno;
Off'reço o peito á setta, que o traspassa,
Desesperado amor é quem me inspira...
Ancêa-me este véo... o esposo ultrajo,
Ultrajo um Deus... temendo-lhe o castigo.

SCENA III

As mesmas, CECILIA

CECILIA (1)

O ministro, em quem brilha um zelo santo,
O orgão do céo, Theótimo, o prudente...

EUPHEMIA

Já chegou? (2)

(1) A Euphemia.
(2) Com ardor.

CECILIA

Brevemente ha de fallar-vos.

EUPHEMIA

Ah! Se elle me tornasse o meu socego! (1)
Suspiro pelo vêr, e por ouvil-o,
Por descobrir-lhe esta alma, por mostrar-lhe
Meus desgostos, meus erros...

CECILIA

Dizei antes
Delictos, attentados, que mui tarde
Costuma Deus punir, mas não perdôa.

EUPHEMIA

Ai! Sempre haveis de armar-lhe a mão piedosa?

CECILIA

Eu antes que Theótimo vos veja
Preciso de fallar-lhe. Ide, e lembrae-vos
De que o céo já se enfada de soffrer-vos,
E talvez um momento, um só momento

(1) Do mesmo modo.

Tenhaes para expiar a horrenda culpa.
Quando for tempo mandarei chamar-vos.

EUPHEMIA (1)

Ah minha irmã!

CECILIA (2)

Privae-vos d'esse nome.
Minhas irmãs o meu exemplo seguem,
E a mão do Omnipotente as abençôa.
Ide. (3)

SCENA IV

CECILIA

Oh Deus vingador! Castiga o crime,
Fogo dos céos a victima consuma:
Pedem tua justiça, e tua gloria
Que, apezar da clemencia, a dês á morte.
Para te conhecerem, vibra, espalha

(1) Em tom mavioso.
(2) Com soberba, e indignação.
(3) Euphemia, cheia de afflição, é conduzida por sua mãe, que a leva entre os braços.

A chamma de teus raios sobre a terra,
Em logar de saudavel, doce orvalho.
Pouco te manifestas na indulgencia:
Reconhece-se um Deus pelos castigos.
Euphemia attráe o anathema horroroso,
Deve-se á tua altissima grandeza
Ingenua adoração, pura homenagem,
E eu, prostrada ante as aras, a que desces,
Submissa ás tuas leis, te sirvo, e temo.

SCENA V

THEÓTIMO, (1) *CECILIA*

CECILIA (2)

Perdoae-me, senhor, se eu interrompo
O vosso respeitavel ministerio
Chamando-vos aqui, quando os altares . . .

(1) Tem um ar contemplativo, e traz a cabeça inteiramente occulta com o habito.
(2) Caminhando para Theótimo, e inclinando a cabeça.

THEÓTIMO

O primeiro dever é sermos uteis:
Pia mão, de que o proximo careça,
Deve pôr o thuribulo de parte.
Que me quereis?

CECILIA

Segundo a vossa fama...

THEÓTIMO

Meus ouvidos não andam costumados
A estylo similhante. Esses obsequios,
Essas adulações são para o mundo,
Que o seu orgulho vão mantém com ellas.
A verdade é quem deve dirigir-nos,
Os meios de enganar não nos pertencem.
Não tenho mais do que um desejo esteril
De valer aos mortaes, já vol-o disse.
Que motivo a chamar-me vos obriga?

CECILIA

Minha alma, submettida a seus deveres,
Fiel, temente a Deus, não é que invoca
O vosso auxilio: quem precisa d'elle

É uma nossa irmã, que, presa ao mundo,
Vergonhosa paixão conter não póde,
Que leva um feio escandalo aos altares,
Que espalha o máo exemplo, a rebeldia
De um coração, indocil a seus votos,
Que arde n'um fogo, que apagar devêra,
Obedecendo aos céos, emfim... que morre
De um louco amor...

THEÓTIMO (1)

É digna de piedade!

CECILIA

Desejára, senhor, que vós com ella
Usasseis do terror, e do ameaço
Em nome de um Deus justo, e de vingança;
Que oppozesseis a cholera divina
Á sua paixão cega, e lhe mostrasseis
O raio accezo já, o inferno aberto...

THEÓTIMO

Antes lhe mostrarei, para attraíl-a,
Um Deus digno de amor, que nos perdôa.

(1) Com um suspiro.

CECILIA

E julgaes esse methodo seguro?

THEÓTIMO (1)

Confiae-vos n'uma alma... que, sensivel,
Ha de, co'a protecção do Omnipotente,
Co'a luz do céo reconduzir ao jugo
Vossa irmã desgraçada, e lamentavel.
Eu a espero.

SCENA VI

THEÓTIMO

Que orgulho! Que dureza!
Na sua devoção bravia, amarga
Ella imagina um Deus, que rigoroso
Lhe troveja na boca! E não veremos
Jámais um doce vinculo enlaçar-te,
Divina religião, co'a natureza?
Sempre em nome do Eterno hão de haver odios?...
Oh miseros humanos!

(1) Com alguma pausa.

SCENA VII

THEÓTIMO, SOPHIA

THEÓTIMO

O céo mesmo
Se dispõe, minha irmã, para escutar-vos,
Para dar lenitivo ás vossas penas.

SOPHIA (1)

Sei a minha fraqueza, ou o meu nada;
Dos celestes soccorros necessito:
O humano coração sempre anda em guerra.
Conheço muito bem, que estamos sempre
Em risco de caír pela cegueira
Com que a nossos sentidos nos prendemos:
Mas a desgraça de uma irmã, que chóro,
É o objecto, que a vós, senhor me guia:
Ella requer, gemendo, o vosso auxilio,
Ah! Vêde se abrandaes seu duro estado:
Contínua languidez lhe gasta a vida.
Venho implorar-vos a favor da triste,
Digna de amar um Deus, que vê seu pranto.
Um coração, sensivel por extremo,

(1) Com modestia.

Deu motivo a seu mal, aos seu desastres.
Vós é que podereis esclarecer-lhe
O espirito enlutado, e consolal-a,
Erguendo-lhe a vontade, o pensamento
Áquelle, que merece os nossos cultos,
Ao Deus, que satisfaz nossos desejos.
Dignae-vos por quem sois de afiançar-lhe
A clemencia dos céos, e perdoae-me
Se temeraria toco a luz sagrada
Com que vindes piedoso illuminar-nos:
Mas... eu de minha irmã conheço o genio;
Facilmente ao terror...

THEÓTIMO

Que se esperance
No Deus, a cujo amor tão docemente
Chamaes os corações. Eis a linguagem
Da pura religião. Quanto horrorisa
O impio zelo de espirito intractavel,
Que, não podendo amar um Deus benigno,
Sempre contra os mortaes o finge armado!

SCENA VIII

EUPHEMIA, (1) *THEÓTIMO*, *SOPHIA*

SOPHIA (2)

Eil-a. (3) Não, não temaes, querida amiga,
Vinde, o céo condoido vos protege,
Sua graça efficaz por vós espera:
Abri-lhe o coração. Já possuimos
Este consolador sancto, e piedoso; (4)
Eu vos deixo com elle... (5) Oh Páe supremo!
Exerce o teu poder: n'este triumpho
Interessa, meu Deus, a gloria tua.

---

(1) Traz o véo caído no rosto, e vem andando com temor.
(2) A Theótimo, mostrando-lhe Euphemia.
(3) Caminha para Euphemia, dá-lhe a mão, e movem ambas alguns passos pelo theatro.
(4) Conduzindo-a para Theótimo.
(5) Retirando-se.

SCENA IX

THEÓTIMO, EUPHEMIA (1)

THEÓTIMO

Chegae, prezada irmã. Que vos sossóbra?
Meu gosto, meu dever é confortar-vos,
Ter parte em vosso mal, dar-lhe remedio.
As humanas paixões quem não conhece?
Ah! Quem é tão feliz, que não sentisse
Jámais as amargosas consequencias
D'esses prazeres vãos, que nos illudem?

EUPHEMIA (2)

Ai!

THEÓTIMO

Valor, minha irmã, communicae-me
Vossas tribulações, fallae sem susto.
Mais de uma esposa do Senhor, mais de uma,
Como vós suspiraes tem suspirado.
Está comvosco uma alma compassiva;
Sentae-vos.

(1) Euphemia mostra-se perturbada, está ainda longe de Theótimo, e tem sempre o véo caído.

(2) Dando alguns passos, e levando o lenço aos olhos.

EUPHEMIA (1)

Ai de mim! Não sei por onde
Hei de principiar... Tendes á vista
Uma esposa sacrilega do Eterno,
Uma infeliz mulher, que ora se humilha
A' face dos altares, ora os foge;
Que oppõe laço profano ao sacro jugo;
Que anda sempre comsigo em viva guerra,
Obrigada, attraída, já da culpa,
Já do arrependimento; em vão luctando
Co'uma paixão violenta; o véo no rosto...
No peito... o amor... (2)

THEÓTIMO (3)

O amor... é necessario (4)
Vencêl-o...

EUPHEMIA

Porém como?

(1) Pára um instante, e senta-se depois; Theótimo faz o mesmo. As suas cadeiras estão em alguma distancia. Euphemia dá um grande suspiro, e fica alguns momentos calada.
(2) Diz estas palavras em voz baixa.
(3) Perturbado.
(4) Socega-se.

THEÓTIMO

É necessario (1)
Um divorcio total co'a natureza:
Os nossos corações a Deus competem.
Das sagradas verdades prescindamos
Um momento, valendo-nos sómente
Do que a luz da razão nos apresenta.
Examinemos, pois, as consequencias
Da paixão, que produz tantas desgraças,
Do amor, que nos convida ao precipicio,
Cubrindo-o de mil flores: ah! Que esperam
Os tristes corações a amor entregues?
O interesse, o perjurio, ou o capricho
Nos privam do que amamos... e se acaso (2)
Ardemos em reciproca ternura,
Eis a morte... (que dôr!) a cruel morte
Nos rouba para sempre aquelle objecto,
Que os nossos pensamentos encantava;
Ella surda... insensivel a gemidos...
Irmã, sómente a Deus amar devemos. (3)

EUPHEMIA

Elle me falla pela vossa boca:
Mas não podeis saber do amor qual seja...

(1) Continuando.
(2) Embaraça-se-lhe aqui a voz.
(3) Depois de uma grande pausa, e arrebatadamente.

THEÓTIMO (1)

Sei... (2) fallae, minha irmã: E ha quanto tempo (3)
No santo domicilio da virtude
Conservaes esse affecto perigoso?
A amisade vos ouve: abri com ella
O vosso coração.

EUPHEMIA (4)

Minha alma anciosa...
Alimenta este fogo ha já dez annos.

THEÓTIMO (5)

Ha já dez annos!

EUPHEMIA

Meu amor se augmenta
Com meus dias. Em vão para vencel-o
Uno todas as armas; em vão clamo
Pelo favor do Altissimo; em vão régo

(1) Vivamente.
(2) Torna em si.
(3) Mudando de tom.
(4) Com voz languida.
(5) Com um suspiro.

Com lagrimas seu templo, seus altares,
E o leito funeral, d'onde commigo
Se ergue o crime, e o remorso: ao sanctuario,
Ao proprio sanctuario me acompanha
Este amor implacavel! Mesmo agora,
Agora a vossos pés mais do que nunca
Me desatina, e sinto repassado
Todo o meu coração d'este veneno.
Pouco mais de tres lustros contaria
(Ai de mim!) quando amei, e fui amada;
E quem, quem me off'recia a mão de esposo?
Quem jurava a meus pés amor tão puro,
Tão fiel, tão suave?... O mais perfeito,
O melhor dos mortaes: n'elle brilhavam
Todos os dons do céo, da natureza:
Virtuoso, gentil, amavel, digno
Até de adoração...

THEÓTIMO (1)

Ah! Moderae-vos,
Minha irmã; que dizeis! Escandecido
O vosso coração...

EUPHEMIA

Sempre está cheio
D'esta imagem fatal. Eu desejára...

(1) Vivamente.

Oh Deus eterno! A meu pezar te ultrajo...
As tochas do hymenêo já se accendiam,
Formavam-se no altar os laços puros,
Que haviam de ligar-nos para sempre:
Quando mão poderosa... que venero,
Subito os despedaça, e com violencia
Levando ao summo gráo minha agonia,
Nos divide, e n'um claustro me sepulta.
Saio, emfim, d'este carcere, mas tórno
Pouco depois a elle, e para nunca,
Nunca jámais apparecer no mundo,
Para avivar na solidão o incendio
D'um infeliz amor desesperado,
Para morrer tragada, e consumida
De negros, melancholicos furores.
Tinham-me dito (oh céos!) que o dôce objecto
De meus ternos suspiros era morto...
Elle vive, elle gosa a luz do dia,
A luz, que brevemente ha de faltar-me.
Devia esta noticia dar-me allivio,
Devia... minha dôr não tem remedio,
Não tem... posso morrer, porém vencer-me,
Desterrar da minha alma estas memorias,
Effeitos de indomavel sympathia,
Detestar o meu crime... ah! Não, não posso...
Amo cada vez mais. (1)

(1) Chorando, e com a cabeça inclinada sobre as mãos, que tem juntas.

THEÓTIMO

Oh desgraçada!
Que piedade me inspira a vossa angustia!
Ah! Devo-a lamentar. Se vós soubesseis...
Perturbado eu tambem... dentro em minha alma,
Dentro em meu coração cáe esse pranto.
Sim, eu choro comvosco: á minha custa
Aprendi a carpir essas desgraças...
Triste lembrança, ainda me persegues!
Ia perdendo o acordo, irmã... E eu devo
Suster a compaixão, que vos desculpa.
A voz do meu sagrado ministerio
Com lastima vos mostra o precipicio
A que proxima estaes. Arrancae d'alma
O pernicioso amor, cujos transportes
(Ainda os mais suaves) são furores.
É crime muitas vezes, é fraqueza
Quasi sempre, e é em vós um attentado
Contra o céo. Minha irmã, já vol-o disse:
Deus só deve attraír nossas vontades,
Reinar, viver em nós, desvanecer-nos
Estas chimeras, e illusões do mundo:
Em Deus, sómente em Deus, é que se funda
O puro amor, e a sã felicidade...
E vós, vós sua esposa, á face d'elle
Perjura conservaes profanos laços!

O sacrario, onde jaz, onde repousa, (1)
E este claustro, esse véo, tudo, emfim tudo,
Como que quer fallar para accusar-vos;
Tudo a vossa ignominia, e vosso pranto
Conduz ao tribunal de um Deus zeloso:
Elle contas vos pede, ergue a balança,
Péza os favores seus, vossas fraquezas,
Desatinos, traições: ah! Que resposta
Lhe dareis?

EUPHEMIA (2)

Esperae, santo ministro.
Que me cumpre fazer para applacal-o?
Dizei, dizei, que eu me resigno a tudo.

THEÓTIMO

Esquecer esse objecto... (3)

EUPHEMIA

Ah! esquecêl-o!

(1) Aponta para o altar.
(2) Perturbada.
(3) Enternecido.

THEÓTIMO

Consumir té o minimo vestigio
De uma imagem tão cara, e tão nociva
Ao vosso coração; n'uma palavra,
Remover, desterrar tudo o que póde
Nutrir essa paixão peccaminosa,
Fazer-vos mais difficil o triumpho.

EUPHEMIA

Do mundo, e dos sentidos affastada,
Ao pé do meu sepulchro, em ais desfeita,
Sem offender o céo guardar não posso
De um amor infeliz os testemunhos?

THEÓTIMO (1)

A minima lembrança é um delicto.

EUPHEMIA (2)

Pois não quero enganar ao Deus, que me ouve.
Sim, cruel!... arrancae-me o coração. (3)

(1) Em tom compassivo.
(2) Com fervor, e intrepidez.
(3) Leva a mão ao peito.

Eis estes monumentos... da mais viva,
Da mais doce ternura, eis estas cartas, (1)
Ainda humedecidas de meu pranto,
Guárdadas atégora... no meu peito,
E unico allivio de um amor funesto...
É preciso (ai de mim!) que eu perca tudo,
É preciso apurar o meu tormento. (2)
Tomae-as, mas debalde as sacrifico,
Que no meu coração as trago escriptas...
Ah! Morrerei de as dar... mas não importa:
A minha morte, oh céo, ha de abrandar-te.
Lêde, lêde, e julgae se amar devia... (3)
Não respondeis!.. Fallae... senhor... minha alma...(4)
Ai! Tem no rosto a pallidez da morte!...
Deus, castigal-o-has tu por apiedar-se
Das minhas afflicções? E' necessario (5)
Soccorrel-o... (6) Sinval! Não posso... eu morro. (7)

(1) Tira do peito um maço de cartas.
(2) Dando-lhe as cartas.
(3) Em quanto ella diz estes ultimos versos, Theótimo olha para as cartas, e desmaia sobre a cadeira.
(4) Levanta o véo.
(5) Corre para elle.
(6) Theótimo tem agora a cabeça inteiramente fóra do habito.
(7) Vai tambem caír desmaiada sobre a cadeira.

THEÓTIMO (1)

Tórno a ver o meu bem! Constança é viva!
Eu estou a seus pés! Embora, embora (2)
Se escandalise o céo; meu juramento,
Minha prisão, meus votos se quebraram.
Oh santa religião!... Já não te attendo.

EUPHEMIA (3)

Sinval!... És tu! Sinval... (4)

THEÓTIMO (5)

Sim, minha amada,
Sim, sou eu que te adoro, eu, que ha dez annos,
Consumido de amor, e de tristeza,
Não deixei de carpir-te um só momento;
Sou eu, sou eu, meu bem, que ao menos quero
A teus pés expirar.

(1) Tornando a si pouco a pouco, abre emfim os olhos, volta-os para Euphemia, e corre arrebatadamente a lançar-se a seus pés, pegando-lhe na mão, que banha de lagrimas.
(2) Com furor.
(3) Recobrando os sentidos.
(4) Ella recáe no mesmo desfallecimento.
(5) Ainda a seus pés.

EUPHEMIA (1)

Ai triste! Aonde
Nos reúne o destino! Sem podermos
Dispôr de nós... ah!... Morreremos juntos.

THEÓTIMO

Não, tu não morrerás, não, vive... vive
Para ver-me adorar tuas virtudes,
Teus encantos...

EUPHEMIA

Que dizes, desgraçado?
Que insania! Treme, e vê quem nos separa.

THEÓTIMO (2)

Tornaremos a unir-nos, tornaremos. (3)
Sem me esquecer de ti, fui captivar-me.
Triste, e falsa noticia acreditando,
Sim proferi no altar um voto acerbo;
Porém o meu primeiro juramento,

(1) Olhando em roda.
(2) Erguendo-se arrebatadamente.
(3) Em tom accelerado.

Dos juramentos meus o mais sagrado
Foi adorar-te sempre... e hei de cumpril-o.

EUPHEMIA (1)

Amarmo-nos! ardermos n'um profano,
Abominoso amor, que os céos affronta!
Que intentas?

THEÓTIMO (2)

Inda ser mais criminoso;
Romper todos os laços, que me opprimem;
Remir um coração, que te pertence;
Excitar-te a saír de um férreo jugo;
A deixar n'este carcere penoso
Gemer tuas irmãs, essas escravas;
Arrancar-te d'aqui, cruzar os mares;
Correr, se fôr preciso, ao fim do mundo;
Buscar algum remoto, escuro sitio,
Um rochedo escarpado, ou erma gruta,
Onde, desopprimindo os meus desejos,
Contente de te amar, e todo entregue
Ao terno, ao deleitoso sentimento,
Que enfeitiça a minha alma, eu possa, eu possa

(1) Erguendo-se.
(2) Com todo o furor da paixão.

Dar-te, á face dos céos, a mão de esposo. (1)
Sim, a propria verdade é que ha de unir-nos:
O suave hymenêo foi a primeira
Precisão, que sentiu a Natureza.
Ella nos prestará seus beneficios,
E para conservarmos nossos dias
Não nos ha de, meu bem, ser necessario
Solicitar a languida piedade;
Soberbos corações em paz deixemos
Gosar de uma riqueza insultadora.
Viviremos, Constança, viviremos
Isemptos da baixeza, e da penuria.
Amo; espera de mim todo o possivel.
Nenhum estado é vil para quem pensa:
A villeza consiste só no crime.
Minhas mãos... minhas lagrimas o seio
Da terra abrandarão, que, a ti propicia,
Ha de corresponder aos meus suores.
O nosso protector, o Eterno, o justo,
O amigo, o páe de todos, as primicias
Terá dos nossos simplices trabalhos.
Cada vez mais fieis, mais fervorosos,
Mais felices, mais ternos, louvaremos
Um Numen bemfeitor. Os nossos filhos
Hão de este puro obsequio repetir-lhe:
A amal-o como páe lhe ensinaremos.

(1) Com vivacidade.

Confiemo-nos, pois, no sacrosancto
Senhor dos corações, senhor de tudo,
Que alimentou sem duvida até'gora
Um innocente amor. Antes que o mundo
Sentisse a conjugal necessidade
Minha alma por destino era já tua.
Oh Deus! Ouso attestar tua grandeza (1)
Sobre este mesmo altar (2). Eis, eu o juro,
Eis a esposa a quem amo, a quem me entregam,
Me ligam para sempre o céo, e a honra,
Vem, (3) segue-me.

EUPHEMIA (4)

É Theótimo quem falla?

THEÓTIMO

Não, quem falla é Sinval... o amor furioso.

EUPHEMIA

Que me propões?

(1) Depois de estar calado um pouco.
(2) Põe uma das mãos sobre o altar, e com a outra péga na de Euphemia.
(3) Para Euphemia.
(4) Parando.

THEÓTIMO

O bem, e o gosto de ambos.

EUPHEMIA

Dize a ignominia. Ah! Eu, que desespero,
Que deliro, que morro de ternura,
Eu é que hei de salvar tua virtude
De uma indigna fraqueza; desviar-te
De horrivel precipicio, a que caminhas,
E recordar-te as leis, as leis sagradas,
Que infringes? Sáe d'aqui. (1)

THEÓTIMO (2)

Ouve-me, escuta...

EUPHEMIA

Ah! Vae-te, não te attendo. (3)

THEÓTIMO (4)

Has de attender-me...

(1) Dá alguns passos para se retirar.
(2) Seguindo-a.
(3) Desviando-se.
(4) Seguindo-a.

EUPHEMIA

Vae, parte, foge... attonita a minha alma...
Voto, escripto no céo, queres que abjure?
Não, sóme-te, infeliz, nem mais me vejas,
Não deixes nem vestigio de teus passos,
Vôe da minha idéa até teu nome...
Caro amante... que disse!... Ah! É forçoso
Separar-nos; adeus... vae, foge... deixa
Que eu morra, e... vive tu para chorar-me;
Vive, deixa-me... sê fiel ministro
Do Senhor. (1)

THEÓTIMO

Não te deixo, inda que um raio
Me abraze. (2)

EUPHEMIA

Que cegueira! Ah desditòso!
Que queres?

THEÓTIMO (3)

Ou morrer, ou possuir-te.

---

(1) Dá alguns passos, e pára.
(2) Euphemia caminha para o fundo do theatro, e Theótimo corre para ella furioso.
(3) Seguindo-a sempre.

ACTO III

Ergue-se o panno. O Theatro representa um carneiro como os que ha ainda nas nossas egrejas antigas. N'elle se descobrem muitos tumulos de differentes fórmas, alguns arruinados pelo tempo; sepulchros meios abertos, cujas pedras estão em grande parte quebradas; as paredes cheias de epitaphios; a um dos lados da scena ha uma escada com grades, ou balaustres de pedra; defronte da escada uma abobada subterranea, e escurissima. Na extremidade do carneiro se descobrem tambem outros sepulchros e pilares, que tem em cima urnas, emblemas da eternidade; uma d'estas columnas está á boca do Theatro. Notar-se-ha, que os sepulchros ficam nos lados da scena, para não occultarem ao espectador cousa alguma da acção, que se finge na alta noute.

SCENA I

EUPHEMIA (1)

Rodeada de tumulos... de horrores,
Quasi sem tino... trémula... indecisa...
Do remorso... e do inferno acompanhada...

(1) Apparece no tôpo da escada, com uma luz na mão, e extremamente anciada. Olha á róda de si, ergue os olhos para o céo, caminha, tremendo, desce alguns degráos, torna a olhar para o céo, encosta-se, como opprimida pela afflição, primeiro com uma das mãos, depois

Pelo clarão... da morte... os passos guio... (1)
Porque, porque não vem ferir-me ainda? (2)
Que promessa, meu Deus, soltei da boca!
Soltei do coração! E inda respiro!
Céos! Prometti... amar... quebrar... meu voto!
Hoje... logo, o maior dos meus delictos
Ha de ser consumado! Eu fujo, eu deixo
O santo asylo meu! Sinval por esta (3)
Sombria, horrenda abobada, que fóra
Dos claustros vai findar, favorecido
Da escuridade, e solidão da noute,
Ha de vir ter comigo, e para sempre
Esquecido de si, do meu estado,
De Deus, do mesmo Deus, ha de roubar-me...
E para sempre! E a hora... a hora é esta!
Oh momento fatal, que me horrorisas!
Desertora do altar, perdida amante,
Accuso minhas mãos de vagarosas

com a cabeça nas grades da escada; á força de grandes impulsos tenta retroceder; cáe em um dos degráos, dando um gemido, fica alguns instantes n'esta situação dolorosa, levanta-se, continúa a descer com a mesma perturbação, e dá alguns passos pela scena.

(1) Dá alguns passos.

(2) Põe a luz sobre um sepulchro de fórma quadrada; encosta n'elle as mãos, e a cabeça por algum tempo, ergue-a depois, deixando uma das mãos sobre o sepulchro, e olhando para o céo.

(3) Voltando os olhos para a abobada.

Por me não terem arrancado ainda
Da fronte sem pudor este véo sacro,
Veneravel penhor de uma fé pura;
Eu vou substituir-lhe os vãos enfeites
Da traição, do perjurio, os signaes todos
Do errado mundo, e da arte seductora,
Indignos monumentos do meu crime,
E da minha deshonra! Vagueando
De clima em clima, extranha em toda a parte,
E desprezivel a meus proprios olhos,
Eu me exponho, eu me arrisco, eu me sujeito
Aos males da desgraça, e da ignominia,
Ao destino do apóstata, á funesta
Precisão de abjurar a minha patria,
Meu nome, a probidade, e até... Deus mesmo.
Dada a cegos delirios, abandono
Minha mãe, de quem eu com meus desvelos
Mantinha a vida, consolava as magoas;
Deixo-a morrer de dôr, e de penuria... (1)
Quem se esquece de Deus, da mãe se esqueça...
Não, lembre-me o dever, e o juramento...
Oh Deus! O teu poder em mim recobra,
Triumpha de Sinval, subjuga Euphemia,
E... dil-o-hei?... Só a ti prende a minha alma.
Não me exp'rimentes mais... Deus soberano,

(1) Affasta-se do sepulchro arrebatadamente, e vem ao meio do theatro.

Poderás tu soffrer competidores?
Anniquila a traição da insana amante,
E da esposa leal a fé reanima;
Ceda ao sagrado amor o amor profano;
Ou decreta o meu fim, manda que eu morra... (1)
Morrerei, morrerei, que não me custa
Perder de infausta vida o resto inutil...
Mas perder meu amor, Sinval! Perder-te!
Negar meu coração aos teus affagos,
Privar-me do prazer de ser só tua,
De fazer-te feliz, de consolar-te,
De te amar sempre mais!... Não é possivel.
Apura o teu rigor, oh Deus severo,
Dóbra-me as afflicções, tira-me a vida
Que não has de apagar minha ternura... (2)
Ah! Mulher cega! Aonde te arrebata
Um phrenesi, que os raios desafia?
Attreves-te a dizer que a mão do Eterno
Não póde reprimir o impeto, o fogo
Da paixão, que os sentidos te rebella!
Elle já te não quer por sua esposa;
Farto de te soffrer, de si te expulsa;
Não julgues, que é comtigo o que era d'antes:
É teu senhor, é um juiz supremo,

(1) Com impeto.
(2) Vem ao meio da scena, unindo as mãos, e erguendo-as logo para o céo.

Que profere, cholerico, a sentença
Da tua morte. Espera, Deus terrivel...
Mas que! O coração sem aggravar-te (1)
Não póde aproveitar sua existencia,
Dar-se ao prazer de amar, de ser amado!
Quem accendeu o amor não foi teu sôpro?
Sim, sim, tu o creaste em nossas almas
Para nos consolar, para enxugar-nos
As lagrimas, e dar mais preço á vida.
Tudo nos annuncia a magestade,
A perfeição de um Deus, sua grandeza,
Seu poder; mas o amor, o amor sómente,
É quem nos faz sentir sua bondade.
Adoro o meu senhor, presa a teu jugo;
Mas de Sinval a esposa te amaria
Talvez mais... (2) ah sacrilega! Prosegue,
Insulta, insulta os céos... ludribio triste
De um coração, perdido em seus desejos,
Já não sei da razão, debalde a busco... (3)
E inda não vem Sinval... ah! Não, não venha, (4)
Fuja-me... para sempre... e eu o desejo!
Não quero vêl-o mais! Eu! Oh ternura!
Oh dever! Oh Sinval! Oh Deus! No crime,

(1) Com ternura.
(2) Dá alguns passos.
(3) Encaminhando-se para a abobada.
(4) Torna para o pé do sepulchro.

No impio crime recáio a cada instante,
E á guerra dos indomitos sentidos
Não póde resistir minha fraqueza... (1)

SCENA II

EUPHEMIA, THEÓTIMO (2)

THEÓTIMO

Meus olhos inquietos em vão buscam
Constança; quem m'a esconde?... Mas que vejo! (3)
Em que estado!...

EUPHEMIA (4)

Ai! És tu?...

(1) Cáe como desfallecida, estendidos os braços sobre um dos degráos do sepulchro.

(2) Vê-se vir saindo da abobada, e avisinhar-se com todas as mostras de inquietação. Adianta-se, e lança os olhos para toda a parte. A scena está frouxamente alumiada.

(3) Vendo-a, e correndo para ella.

(4) Como tornando a si da oppressão em que estava.

THEÓTIMO

Sou eu, querida,
Sou eu, o teu amante, o teu esposo,
Que para sempre as lagrimas te enxuga.
Porque estás tão afflicta, e consternada
N'este instante feliz?

EUPHEMIA (1)

Porque?

THEÓTIMO (2)

Fujamos
De um logar, tão terrivel, tão funesto.
Tudo está prompto já.

EUPHEMIA (3)

Tudo está prompto!

THEÓTIMO

Recobra a liberdade, ergue-te, vamos; (4)

(1) Olhando-o com ternura.
(2) Offerecendo-lhe a mão.
(3) Com perturbação.
(4) Ergue-a.

Alguns fieis amigos nos esperam:
Vê, que a minha ventura, a minha vida
Dependem só de ti, não te demores... (1)

EUPHEMIA (2)

Sinval!...

THEÓTIMO

Suspiras! Choras! E não queres
Tocar a minha mão!... Tu prometteste...

EUPHEMIA

Eu prometti... morrer.

THEÓTIMO

Meu bem, minha alma,
Já não ardes como eu? Já me não amas?

EUPHEMIA (3)

Ah cruel! Ah! Sinval! Querido amante...
Só Deus é teu rival, só Deus.

(1) Quer pegar-lhe na mão, e Euphemia foge com ella.
(2) Encostada ao sepulchro, e olhando chorosa para Sinval.
(3) Olhando para elle com a maior ternura.

THEÓTIMO

Que intentas
Dizer n'isso? Não és a minha esposa?

EUPHEMIA (1)

Sou a esposa de um Deus, que me prohibe
Ser de outrem.

THEÓTIMO

Porque mão elle me fere!
De que fallas? De um nó, que o artificio,
Que a perfidia, ligando-se á justiça,
Que um engano, tramado iniquamente,
Te induziu a apertar contra teu gosto!
Antes, antes que a Deus te consagrasses
Tu me déste palavra de ser minha;
Desmente-me.

EUPHEMIA

É verdade, eu desejava
Em ditoso hymenêo comtigo unir-me;
Mas dize-me, responde: se Constança,

(1) Affastada do sepulchro.

Conduzida aos altares por violencia,
A outro désse a mão, que tu reclamas,
E se a elle o dever me submettesse,
Inda que a meu pezar, para annullares
Esta união, Sinval, que jus terias?

THEÓTIMO (1)

O jus mais bem fundado, o da vingança:
Ao aggravado amor licito é tudo;
Nem no teu coração me escaparia
O cruel roubador... sim, ali mesmo
Cem vezes um punhal lhe enterraria...
Mas este Deus, que adoro, a quem o mundo
Em damno meu faz cumplice de crimes,
Este Deus, que á boçal credulidade,
Á sagaz impostura é um pretexto
De rigor, de dureza; este, a quem chamam
Indulgente, ou feroz conforme o querem,
Com ira vê dos céos almas grosseiras
Attribuir-lhe os erros, que são d'ellas,
E consagrar manias em seu nome.
O Immenso não forjou estas cadêas,
É, é desagradavel a seus olhos
Este jugo em que estão tantos escravos:
Um natural, um voluntario culto,

(1) Com furor.

E não votos forçados, são o incenso (1)
Puro, e grato, que sóbe até seu throno.
Ingrata, era este Deus, este Deus justo
Quem, guiando-me a ti, quem, terminando
Nossas penas, queria em brandos laços
Converter-nos as rígidas correntes:
Elle para teus braços me attraía,
Nossa união constante elle ordenava,
Elle... tu não me attendes, e chorando... (2)
Senhora da minha alma, oh cara esposa!
Vê, que morro de amor, não me resistas: (3)
Vamos, não esperemos que amanheça;
Entrega-te a Sinval, que te idolatra;
Fujamos, sim, fujamos... (4) Continúas
Na mesma repugnancia!... Ah! Verdadeiro
Nunca foi teu amor; porém devias, (5)
Tyranna, sem lisonja, e sem disfarce
Mostrar-me um coração, que folga tanto
Com meu tormento horrivel; — sim, devias
Oppôr-te ao vivo ardor, que me consome,
Rebater, destruir o meu projecto,
Saciar o teu odio, gloriar-te

(1) Rapidamente.
(2) Com ternura.
(3) Péga-lhe na mão.
(4) Euphemia o deixa, e vai encostar-se á columna, que está para a boca do theatro; Theótimo a segue.
(5) Tornando para o meio da scena.

*

Dos duros laços, que teceu o inferno,
Dizer-me, em fim... que já me aborrecias,
Que fazer-me infeliz era o teu gosto,
Que a morte mais cruel me desejavas... (1)
Ah Constança! Estes golpes tão terriveis... (2)
Tu, tu é que m'os dás!

EUPHEMIA (3)

Querido amante...
Ouve, escuta, e não crêas, que Constança
É capaz de fingir. Cedendo á força
Da paixão, que me abraza, e me envenena,
Sim, tudo prometti, e a teus desejos
Tudo sacrificava; resoluta
A seguir-te, e insensivel aos perigos,
Aos ameaços do mar, não duvidava
Até ao fim do mundo acompanhar-te;
Levar queria meu amor constante
Aos desertos mais tristes, mais sombrios,
Que comtigo agradaveis me seriam;
Esquecia por ti meu juramento,
Meu dever, minha vida deploravel,
A virtude, o socego, a patria, a honra,

(1) Com ternura.
(2) Chora.
(3) Tornando para elle apressadamente.

Mil vezes mais preciosa do que a vida,
Tudo, em fim, até Deus, que sempre ultrajo;
Para maior desgraça agora mesmo
Mais que nunca, Sinval, te amo, te adoro:
Digo-o a este logar, que a morte habita,
Ao céo, de quem já sinto arder os raios...
Indo para caír desacordada
No horrendo abysmo, abriram-se meus olhos,
Vi... o meu crime atroz. Debalde clamas
Contra o poder de um laço veneravel,
De um nó, que a religião, que a lei consagram. (1)
Sê meu juiz, Sinval; para ti mesmo
Appello; sentencêa, ousa esquecer-te
De que o árbitro meu é meu amante,
Ousa affastar o amor de teus sentidos,
Por elle subornados, e consulta
Tua razão, dez annos de virtudes,
Dez annos, que um só dia, um só momento
Vai destruir. Tu amas a justiça,
Amas a probidade; eia, decide:
Sinval, eu contratei com Deus,— Deus mesmo
Nos seus altares acceitou meu voto;
E tu, tu quererias, que, a despeito
Do juramento, que tão mal observo,
Com infame traição, longe das aras,

(1) Em tom grave.

O solemne contracto desfizesse! (1)
Bem basta, grande Deus, para accender-te
A pavorosa cholera, bem basta
Co'um adultero obsequio profanar-te,
Nutrir a propensão para o perjurio,
Sem aggregar a audacia a meus delictos.
Não, Sinval, não te sigo; eu hei de ao menos
Respeitar a cadêa, que me liga,
Soffrêl-a, até que os céos em fim se dignem
De abafar esta chamma criminosa,
De apagar na minha alma a tua imagem,
Ou de ordenar que a morte me sepulte,
E sepulte comigo a minha affronta.
Se amas Constança, atreve-te a imital-a;
Contém o amor, e lida por vencel-o;
N'este esforço eu te admire, e tu me admires;
Do lethargo, em que jaz tua virtude,
É tempo de acordal-a; ao céo te volve,
E mostra-me Theótimo: este nome
O teu dever, Sinval, e o meu te ensina;
Fallaram-te ambos já; mais nada escuto:
Eu devo a Deus, sem duvida, esta força;
Poderei reçaír... livra a minha alma...
Livra-me... de mim propria... ah! Que profiro!... (2)

(1) Dá alguns passos olhando para o céo.
(2) Em quanto ella tem repetido a maior parte d'estes versos, Theótimo tem dado sempre diversas mostras de agitação.

Sinval! Do meu amor sei a violencia.
Vai-te... adeus... separemo-nos... sáe, foge
Pelo mesmo logar... que em meu desdouro
Te deu entrada aqui... (1) soffre que eu tenha
Sobre meu coração este dominio...
Adeus...

THEÓTIMO

O meu caminho não é esse, (2)
Féra. (3)

EUPHEMIA

Que dizes tu? Que é o que intentas? (4)
Teus olhos inflammados!... Onde corres?... (5)
Ah Sinval! Onde vás?

THEÓTIMO (6)

Satisfazer-te.

(1) Chegando-se á abobada.
(2) Apontando para a abobada, e correndo furioso pelo theatro.
(3) Tórna atraz.
(4) Elle corre para a parte anterior do theatro. Euphemia o segue.
(5) Elle se chega para a escada, e ella corre para elle.
(6) Voltando-se.

EUPHEMIA

Que!...

THEÓTIMO (1)

Matares Sinval tu crês que é pouco;
Julgas leve castigo a minha morte;
Tua barbaridade exige, ingrata,
Sacrificio maior para fartar-se:
Queres que, sem morrer, em mim reúna
Os males mais crueis, e mais horriveis,
Os tormentos do inferno, eterna morte.
Tu sabes, tu conheces os furores
De alguns d'esses espiritos sagrados,
Que se nutrem de incenso, e fel a um tempo...
Corro a sacrificar-me á furia d'elles,
Corro a mirrar-me em lobrega masmorra,
A desfazer-me em lagrimas contínuas,
A maldizer ali minha existencia...
Vôem d'aquelle horror, grato á vingança,
Vôem de lá meus lugubres clamores
A teus duros ouvidos, e te arranquem
Vão arrependimento! Eu levo, eu levo
Meu coração a corações de bronze,
Para que o seu rigor n'elle requintem:
A confissão sincera do meu crime
Ha de atear-lhe a cólera, ha de armal-os

(1) Com impeto.

Em nome do seu Deus, de um Deus zeloso:
O claustro, que só victimas cubiça,
O claustro saberá meus erros todos,
Todos os meus delictos; vou dizer-lhe,
Que julguei religião, fervor celeste
Minha paixão; que, em fim, quando suppunha
Render á divindade um fiel culto
Adorava sómente a tua imagem:
Saberá que tentei quebrar teus ferros,
Que gemi a teus pés sem commover-te,
Que tens uma alma barbara, insensivel,
Que... de afflicção, de amor, de raiva morro;
E já vou... (1)

EUPHEMIA (2)

Ah! Detem-te.

THEÓTIMO (3)

Em vão o esperas.

EUPHEMIA (4)

Ouve...

(1) Encaminhando-se para a escada.
(2) Querendo detêl-o.
(3) Andando sempre.
(4) Seguindo-o.

THEÓTIMO

Deixa-me ingrata...

EUPHEMIA

Ah! Não me mates;
Cruel, tens coração para atterrar-me? (1)
Vê Constança a teus pés banhada em pranto,
Não me consternes mais.

THEÓTIMO (2)

O irresistivel
Poder das tuas lagrimas conheces. (3)
Já cêdo... porém (4) cumpre o meu desejo... (5)
Olha o pranto, olha a dôr, olha a ternura
Com que beijo teus pés, com que te imploro... (6)
Vem, fujamos d'aqui, meu bem, fujamos.

EUPHEMIA (7)

Que queres?

(1) Lança-se-lhe arrebatadamente aos pés.
(2) Erguendo-a.
(3) Olhando-a amorosamente.
(4) Tornando para o meio da scena.
(5) Arroja-se-lhe aos pés.
(6) Ergue-se apressadamente, e aperta-a nos braços
(7) Chorando.

THEÓTIMO

Minha dita.

EUPHEMIA

Minha morte.

THEÓTIMO

Ah! dize a minha, se não vens ainda. (1)

EUPHEMIA

Que lance! Que combate! Que martyrio!
Oh minha religião!... Eu morro... espera,
Escuta-me, Sinval. Inda não sabes (2)
Que um triste azar, um subito infortunio
Trouxe a esta clausura ha poucas horas
Minha mãe?

THEÓTIMO (3)

Tua mãe! Que nome! A causa
Das nossas afflicções, dos nossos males!

(1) Puchando-a para a abobada.
(2) Parando.
(3) Com assombro e indignação.

EUPHEMIA (1)

Não, ella já mudou de sentimentos;
Sinval! É minha mãe... ah! se fugimos
Fica exposta ao horrores da penuria.

THEÓTIMO (2)

Tu fallas em parentes co'um amante,
Comigo, que de nada me recordo,
De nada senão tu, que te idolatro,
Que nunca idolatrei senão Constança!
Ah! Que não tens uma alma egual á minha.
Não receies, que a misera indigencia
Afflija tua mãe. Eu te prometto,
Que, apezar da distancia em que estivermos,
Havemos de valer-lhe, soccorrel-a,
E... vamos, foge o tempo, e já por estas
Abobadas gretadas se conhece (3)
Que o dia vem nascendo.

EUPHEMIA

Eu ser perjura!...
Não posso... não... (4)

(1) Enternecida.
(2) Tendo parado com Euphemia.
(3) Puchando-a.
(4) Cáe sobre os joelhos, erguendo as mãos para Theótimo, como rogando-o.

THEÓTIMO

Já agora não me abrandas;
D'aqui, a teu pezar, hei de arrancar-te. (1)

EUPHEMIA (2)

Que fazes?.. Ah Sinval... meu Deus!.. Eu morro... (3)
Nas tuas ímpias mãos meu véo se rompe...
Espera... Oh céos!... A terra me devora. (4)

SCENA III

EUPHEMIA, THEÓTIMO, SOPHIA, A CONDESSA, CECILIA

SOPHIA (5)

Theótimo!

(1) Ergue-a com violencia, e caminha para a abobada.
(2) Chorosa.
(3) Desordena-se-lhe o véo.
(4) Uma das sepulturas, que estão na scena, se abre debaixo dos pés de Euphemia; parte-se a campa, e cáe com estrondo; Euphemia vai com ella, e fica com meio corpo dentro do sepulchro. A Condessa apparece na escada com uma luz na mão, e conduzida por Sophia.
(5) Encarando ambas n'elle.

CONDESSA (1)

Sinval! (2)

EUPHEMIA (3)

Deus me castiga,
Derribou-me seu braço omnipotente,
Chamou-me aqui para julgar meu crime,
E aqui mesmo destróe minha existencia,
Aqui mesmo (ai de mim!) pôz o limite
Dos attentados meus, dos meus delirios;
Seculos de tormentos já começam
A rolar para mim... a eternidade...
A eternidade horrivel se me ant'ólha...
N'este lugar medonho espero a morte...
Já tenho aberta a minha sepultura... (4)
Vai-te, homem criminoso, homem funesto,
Foge, e meu fim terrivel te abra os olhos.
Não sentiste n'essa alma endurecida,
Não sentiste da campa o baque horrendo!

(1) Escapa-lhe a luz da mão, e cáe nos braços de Sophia.

(2) Cecilia abre uma porta, que diz para a abobada, e recúa assustada. Euphemia e Theótimo estão cheios de terror, e isto faz com que não vejam os outros.

(3) Tornando um pouco a si.

(4) Theótimo a quer erguer, e ella o affasta de si com indignação.

Não viste a mão de Deus despedaçal-a
Debaixo de meus pés! Veiu elle mesmo
De teus profanos braços arrancar-me;
Elle me arremessou n'este sepulchro,
Para o seu tribunal elle me cita,
E comigo te arrasta; não, não has de
Escapar-lhe da espada vingadôra...
Elle ameaça, o golpe está caíndo;
A sua tocha eterna te persegue
Por entre estes horrores, e estas sombras;
Observa, treme, lê tua sentença
N'esses funéreos marmores escripta...
Eis o raio... eis o raio... elle rebenta,
Elle cáe sobre nós... o inferno se abre...
Oh Sinval, que phantasmas horrorosos!
Milhões de espectros ante mim volteam;
Congregaram-se aqui todos os mortos,
Surgiram contra mim da sepultura;
Afferram-me... Esperae, eu vou comvosco,
Vou misturar co'a vossa a minha cinza;
Cessem de me accusar vossos lamentos...
Do céo não ha de a cólera applacar-se!
Oh senhor do universo! Oh rei supremo,
De soffrer-me cançado! Em mim sómente
Entorna o calix das vinganças tuas! (1)
De Sinval, oh meu Deus, teu raio affasta,

(1) Com ternura.

E um remorso efficaz lhe expie a culpa. (1)
Ah mãe, querida mãe! Chegae, valei-me...
Sim, vós vêdes Sinval, que eu amo ainda.
Minha mãe, n'este instante... eu vos fugia,
E violava os meus votos para sempre...
D'este sagrado asylo eu caminhava
Para o meu precipicio, eu seduzia
A Sinval para socio do meu crime...
Eu o obrigava... Deus, Deus, vagaroso
Em vingar-se de mim, veiu arrojar-me
Emfim n'este sepulchro... e n'elle quero
Morrer. (2)

CONDESSA

Oh céos!

THEÓTIMO (3)

Contempla o que fizeste. (4)

(1) Voltando-se, vê a Condessa.
(2) Lança-se sobre a campa, e abraça-a impetuosamente.
(3) Para a Condessa.
(4) Todas as personagens ficam algum tempo em silencio profundo.

EUPHEMIA (1)

Ainda estás aqui! Ah! Que mais queres?
O céo ameaçará sem que te abale?
De triumphar de nós não é já tempo?
Réos, credores do anathema espantoso,
Rebeldes sempre a Deus, esperaremos
Que o trovão, que resôa, em nós estale?
Esperaremos o momento horrivel,
Em que ardente, penosa eternidade,
Vingando o céo, nos suma, nos devóre?
Da justa punição, que nos prepara,
Elle já me avisou: Sinval! Ah! Céde
Á minha voz, á voz do teu remorso,
Á voz da religião, ás leis divinas,
A Constança, a ti mesmo; eu te confesso,
Pela ultima vez, que ainda te amo,
Mas que esta revoltosa sympathia,
Que o menor sentimento de ternura
Devo, e quero abafar. Se amor... que disse!
Se piedade te move, se em teu peito
Tem poder minhas lagrimas ainda (2),
Permitte-me, que leve ás santas aras
Meu pranto, meus remorsos, meus martyrios,
E que me sacrifique ao céo, que offendo...

(1) Olhando para Theótimo, e erguendo-se com furor.
(2) Theótimo se vai enternecendo.

Tu choras, tuas lagrimas me acodem,
E te fallam por Deus, que te abre os braços,
Que ao coração te volve... ah! Não lh'o feches,
Sinval, vae a seus pés depôr teus males,
Vae... o arrependimento a Deus gloría.
Ha de a nossa amargura enternecêl-o,
Ha de applacar-se; demos mais um passo
Para elle, e o perdão é infallivel.

THEÓTIMO (1)

Triumphou; tens na boca a sua graça;
Eu cêdo a seu poder: para abrandar-me
De ti se serve, e tu me restitues
Ao dever, aos altares, a mim mesmo,
A dez annos de rigidas virtudes,
Que sem ti perderia. Em vão repugna
Meu coração, debalde quer oppôr-se,
Achar algum obstaculo... o teu pranto
Sobre este coração faz um milagre.
É força, pois... e attrevo-me a dizel-o!
É força renunciar... o amor... Constança!
Sim... deixar-te... fugir-te... emfim, privar-me
Para sempre de tudo quanto adoro;
Perder, longe de ti, a inutil vida,
Que aborreço; arrancar-te da minha alma...
Oh céo! E isto não basta? Que mais queres?

(1) Chorando amargamente, e depois de grande pausa.

EUPHEMIA

Graças, benigno Deus, graças! Eu vejo
Theótimo outra vez.

THEÓTIMO

Ah! Que a virtude
Jámais esteve tão visinha ao crime:
Meu triste coração bem o exp'rimenta.
Morrer é nada: observa quantos males
É capaz de soffrer a humanidade;
Vê o abysmo espantoso, a que me arrójo:
Eu me ausento, Constança, eu parto... eu fujo...
Eu te deixo... eu te perco... eu te obedeço...
Inda mais do que aos céos... Em fim... recebe
O meu eterno adeus... sinto no peito
Mil mortes... eu te perco para sempre,
Quando... (oh céos!) quando nunca te amei tanto. (1)

EUPHEMIA (2)

Só me resta... morrer. (3)

---

(1) Sáe violenta, e precipitadamente.
(2) Seguindo-o com os olhos até o perder de vista.
(3) Cáe com os braços estendidos sobre uma das pedras sepulchraes.

*

SCENA IV E ULTIMA

EUPHEMIA, A CONDESSA, SOPHIA, CECILIA

SOPHIA

Em fim, triumphas!
O dom da graça reforçou teu peito! (1)
Oh meu Deus! Attendeste ás minhas preces,
E a minha Euphemia ao numero ditoso
Dos escolhidos teus associaste.
Nós vinhamos, amiga, dar-te auxilio, (2)
Moderar tua dor; porém Deus mesmo
Se dignou de baixar do throno augusto
A aplanar-te o caminho da victoria.
Gosa, pois, da maior felicidade,
Que é licita aos mortaes. Este conflicto,
Em que a mais forte das paixões domaste,
Firma o poder da religião sagrada.

CECILIA

Um tão sublime esforço me confunde! (3)
Eu lhe observava cautamente os passos

(1) Abraçando Euphemia com transporte.
(2) A Euphemia.
(3) A Sophia.

Por entre a escuridade; a sua fuga
Eu é que a revelei: mas, obrigada
A admirar-lhe a constancia, reconheço
Que a virtude é aos céos mais agradavel
Depois de combater.

SOPHIA (1)

Mas eu a sinto
Trémula... sem acordo entre meus braços!...
Tem no pallido rosto impressa a morte!
Senhora, soccorramos vossa filha... (2)
Quanto a virtude (oh céos!) nos é custosa!
Minha irmã... (3)

CONDESSA

Eis o fructo dos rigores
De uma barbara mãe! Oh vós, que, injustas,
Não sabeis sustentar este piedoso,
E sagrado caracter, ah! Devieis
Ser testemunhas do horrido castigo,
Que do materno amor pune a cegueira. (4)

---

(1) Occupada em soccorrer Euphemia.
(2) Com ancia para a Condessa.
(3) Para Euphemia com ternura.
(4) A Condessa, Sophia, e Cecilia se unem pâra tomar nos braços Euphemia moribunda.

ERICIA OU A VESTAL

TRAGEDIA

DE

MR. D'ANCHET

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES

Sainte Religion, que tonnez sur les crimes,
De sentiments si vrais sont-ils illegitimes !

LETTRES d'une Chanoinesse de Lisbonne.

Actores

VETURIA..... *Primeira Sacerdotiza de Vesta.*
ERICIA..... *Vestal.*
EMILIA..... *Donzella, que aspira ao culto de Vesta.*
AURELIO..... *Grande Sacerdote.*
AFRANIO..... *Patricio Romano.*

VESTAES, SACERDOTES, POVO, SOLDADOS.

A Scena é em Roma, no templo de Vesta.

PROLOGO DO TRADUCTOR

O genio portuguez expõe na scena
Á critica sisuda um triste caso
Do fallaz paganismo acção funesta:
Fructo dos tempos, dos costumes feros,
Que as leis da humanidade assoberbaram;
Quem tão ferreo será, que não deplore
Candida virgem, misera donzella,
Ornamento gentil da natureza,
Nascida, brando Amor, para teu jogo,
Aos prazeres, ao mundo arrebatada;
Victima d'ambição de um páe tyranno,
Gemendo em ferros, que só rompe a morte,
Que a vã superstição julgou sagrados,
E na revolta idéa em vão nutrindo
Agras memorias de chorado amante?
Horrorise Ulysséa a lei tremenda,
Que em Roma confundiu ternura, e crime;
As fraquezas d'amor tem jus ao pranto,
E da humana existencia amor é parte;
Em todos vive, a todos senhorêa,
E doce compaixão, que n'alma influe,

Pelos males que vê, requinta n'alma
Se os padece virtude, ou formosura;
Sensiveis corações, chorae com ella!
Rebentem, fervam lagrimas nos olhos
Do terno espectador, gemidos sôem;
De Melpomene a gloria em ais consiste.
A illusão, que á verdade as côres furta,
Muda logares, seculos transplanta;
Realisa ficções, com alta industria;
Faz que ás patrias arêas extorquidos
Murmure o Tibre, onde murmura o Tejo.
Revivam leis crueis, ou leis suaves,
E até do somno eterno acordem cinzas;
Os olhos julgarão, e os pensamentos,
Que entre negro tropel de paixões cegas,
A morte sobre a scena está reinando.
Hão de cuidar medrosos, e apiedados,
Que o ferro matador se vae sumindo,
No seio virginal da triste amante,
Do infeliz amador no peito ancioso:
Tanto a maga illusão nas almas póde!
Tal não seja porém o imperio d'ella,
Que em ti, grave assembléa illuminada,
Insinue apparente analogia;
Na guerra atroz de indomitos affectos
Assalteado o céo não se ant'olhe;
Nem cuides que allegorico artificio
D'audaz, profana Musa envolve, eguala

Santa religião com impia crença.
Desesperado, insano amor declama;
Deu-se-lhe a voz, o ardor, que lhe competem;
Contra a surperstição brutal, e infesta,
Contra leis, que o rigor santificara,
Contra votos servís d'alma arrancados,
Sacode o turbilhão de horrendas pragas;
Não contra o domicilio augusto, e sacro
Onde o Deus da razão lhe expraia o lume,
Que as nevoas gasta da moral cegueira,
Onde jugo macio enlaça os collos,
Os niveos collos de innocentes pombas,
E onde a benigna, placida Virtude
Com sereno prazer se ri, c'roada
Das flores, que do céo lhe estão caindo.
Temeraria allusão não damna os versos,
Com que a furia d'amor, com duro exemplo
Espavorindo o mundo, o mundo instrue,
E d'enormes desgraças o acautéla.
Bocage os attraíu do Sena ao Tejo,
Bocage, que de affeito á desventura,
E aos tormentos d'amor, cantar não sabe
Seus gostos casuaes, seus bens tardios:
De vãos prazeres frivolos escravos,
Vós, almas frias, que a tristeza enjôa,
Ah! Longe, longe;—ás almas, como a sua,
Dirige o vate a luctuosa offrenda,
E o pranto, que notar, será seu premio.

ERICIA OU A VESTAL

ACTO I

O theatro representa o templo de Vesta. O fogo sagrado está acceso no altar. É noute, e só este fogo allumia o templo. As Vestaes estão prostradas.

SCENA I

VETURIA e as VESTAES

VETURIA (1)

Oh Deusa, protectora dos romanos,
Oh Vesta sacrosanta, augusta virgem.
Sê favoravel sempre a quem te adora:
Por teu sopro immortal sempre animado
O sacro fogo em tuas aras brilhe.
Em quanto o vencedor d'altiva Hespanha,

(1) Encostada com uma das mãos sobre o altar.

Em quanto Scipião de Roma as aguias
Conduz aos muros da feroz Carthago,
Dobra a cerviz do indomito africano,
Tu volve para nós benignos olhos,
Conserva a paz, e a gloria em nossos muros;
Ouve a tua fiel sacerdotisa,
Que te incensa, te invoca, e d'este povo
Preces, votos depõe nos teus altares. (1)
Vós, oh filhas do céo, donzellas santas,
Vós, cujos corações purificados
Á virtude, ao dever se consagraram,
E a quem n'este feliz, quieto asylo
Um destino suave os céos concedem,
Longe das cegas illusões do mundo:
Dae, dae graças a Vesta; os seus favores
Deprecae, merecei: nos cultos d'ella
Só devem consistir vossos cuidados,
Desejos, pensamentos, gloria, tudo. (2)
As sombras vem caíndo, e quando a aurora
Desfizer a nocturna escuridade,
Veremos outra vez o dia illustre,
Em que o melhor dos reis, o sabio Numa,
De Vesta submetteu ao grande auspicio
Seu throno inda recente; e n'este dia
A deidade immortal de nós espéra

(1) Para as Vestaes, que se erguem.
(2) Ericia suspira.

Almas submissas, corações libertos
Das vís correntes da fraqueza humana. (1)
Para a santa, annual festividade
A lembrança dos votos vos disponha;
Nada os póde annullar. Pensae, oh virgens, (2)
No terrivel sepulchro destinado
Para a torpe Vestal, que escandalosa
Da deusa macular a estancia augusta;
Pensae, pensae que em vós é crime um erro,
Que Vesta lê nas almas, — que seus olhos
Sempre estão fitos n'este immenso espaço,
E, mais que em tudo, em nós;—que não conhecem
Nem tempos, nem limites, nem distancias,
Que abarcando o universo elles penetram,
Com prompta, com egual facilidade,
A densa terra, os ares transparentes.
Recolhei-vos. — E tu, que pela sorte (3)
Hoje para velar foste escolhida,
Conserva este deposito sagrado;
Vê que n'estes altares venerandos (4)
A deusa te escutou solemnes votos;
Um queixume, um só ai póde aggraval-a;
Treme, adora-lhe as leis, sê digna d'ella.

(1) Ericia se perturba.
(2) Novos signaes de perturbação em Ericia.
(3) Vão-se as Vestaes menos Ericia.
(4) Apontando para o lume sagrado.

SCENA II

ERICIA (1)

Assim da minha dor se compadecem!...
O céo devia ouvir pezados votos,
Votos, que o coração desapprovava!...
Um inflexivel páe me trouxe, oh deusa,
Victima involuntaria aos teus altares;
Tu o sabes; indigna de servir-te,
Podia submetter-me a teus preceitos,
Votar-te um coração que já não tinha?
Afranio m'o roubou, inda o possue,
Inda a memoria do meu doce amante
Me persegue a teus pés, oh divindade!
Aqui mesmo suspiro, ardo por elle...
Saberá de meu mal? Terá noticia
Das lagrimas, que dou á sua ausencia?...
Chorará como eu choro?... Amar-me-ha inda?
Ah dúvida cruel, tu me envenenas...
Deusa! Deusa! Eu t'offendo, eu te profano,
Mas um lustro (ai de mim) soltar não pôde
Da suave attracção meu pensamento;
N'elle reina, triumpha a grata imagem
De meus benignos amorosos dias,

(1) Olhando para Veturia, que se vae.

Suffoca para sempre, extingue, oh deusa,
Este fogo invencivel, que me abraza;
Arrança-me do peito o mavioso
Coração infeliz, e atribulado,
Que nasceu para amar, e amar não deve.

SCENA III

EMILIA e ERICIA

EMILIA

O zelo a ti me guia, eu te supplico
Me permittas velar comtigo a noute,
Em que te é confiado o sacro lume;
Cêdo ao culto de Vesta hei de obrigar-me;
Tão doce expectação quanto me é grata!
De ti venho aprender como se deve
Servir a divindade.

ERICIA

Ah desgraçada! (1)

EMILIA

Digna-te pois...

(1) Olhando-a com ternura.

ERICIA

Emilia, ainda és livre...
Assim como a seduzem, já tentaram
Seduzir-me, encantar-me... ao jugo acerbo
Eu fugia, eu me oppunha!... Ella se entrega!
N'um abysmo de males, de tormentos
A querem despenhar. E zelo é isto!...
Ah, tua alma innocente, ingenua, pura
Tem medido (ai de mim!) tem ponderado
Toda a longa extensão d'estes deveres,
A que intenta cingir-se?

EMILIA

A paz, e a gloria
Venho aqui merecer, gosar comtigo;
De Vestá os beneficios, a clemencia
Tua felicidade... Ericia, choras?...

ERICIA

Que beneficios!

EMILIA

Céos! quanto me assombram
As lagrimas, que vejo!... Angustia... pranto
N'este sacro logar!... Não, tudo, tudo

Aqui me lisonjêa, aqui me off'rece
A face da ventura.

ERICIA

Ah! Como a enganam!
Eu devo ao pé do abysmo allumiar-lhe;
Mal póde a compaixão ser um delicto!
Fascinaram-te, Emilia, ouve a amisade.
Choro os teus fados... A innocencia tua;
De ti, d'essa illusão sinto a piedade,
Que de mim não sentiram!... Mais sincera,
Mais justa devo ser... Buscas, oh filha,
Buscas n'estes altares a ventura...
Sabe que não existe onde a presumes.

EMILIA

Céos!

ERICIA

Desesperação, pavor, tristeza,
Mais terriveis que a morte aqui residem;
As almas carregadas, opprimidas
C'o pezo do dever, aqui desmaiam;
Eterno abutre de implacavel fome
Aqui mirradas victimas devora;
Aqui surgir do peito os ais não ousam,

Medroso ao coração recúa o pranto;
Té a mesma virtude, em toda a parte
Tão doce, tão pacifica, mudando
De natureza aqui nos atormenta,
Nos faz desesperar, morrer mil vezes.

EMILIA

Que! Padece-se aqui! Sinto a minha alma
Confusa de te ouvir, não convencida...
Ah! Quererás talvez exp'rimentar-me!...
Perdoa: Roma crê que sois ditosas,
Que a deusa com tranquillos, puros gostos
Prospéra, aformosêa os vossos dias.

ERICIA

Roma não vê, não sabe o que soffremos,
A desesperação, que em nós fermenta;
Roma de longe nos applaude... e os ferros
Nos pezam mais, e mais, de dia em dia.
Estas grossas muralhas vedam, somem
A seus olhos o horror, que nos abrange.
Tu ainda és feliz, ainda ignoras
A que tribulações, a que desastres
O humano coração nasceu propenso.

EMILIA

Encontram as que incensam seus altares
Amargosa oppressão nas leis de Vesta?
Do mundo que deixáram têm saudades!

ERICIA

Dá-me crédito, Emilia... Oh quantas, quantas,
Como tu, conduzidas pelo zelo
Aos altares de Vesta e retractando
(Mas já tarde) os seus votos indiscretos
N'um silencio tyranno a dôr enfrêam!
Algumas ha (mais dignas de carpir-se)
Que victimas do gráo, que os céos lhe deram
(Ou antes da ambição de páes injustos)
Vieram com violencia a estas aras
Votar-se á solidão, ao captiveiro,
Enterrar-se n'um carcere de horrores,
Quando ao mundo as chamava o pensamento!
Ao mundo, que a seus olhos presentava
Alta felicidade em mil objectos,
Gostos n'este logar desconhecidos!
O templo em que lhes cumpre, em que é forçoso
Que a magoa lhes consuma os turvos dias,
Sem que doce esperança as lisonjêe,
Este rigido templo um muro ingente
Ergue entre ellas, e o mundo; ellas desejam

Ir gosal-o outra vez, querem remir-se
D'amargosa oppressão... Mas lei sagrada,
Invencivel obstaculo as suspende!
Além d'esta muralha antiga, horrenda,
Que de tudo as separa, a cada instante
Sua alma se arrebata, se extravía;
Seus pensamentos vão, vão seus desejos
Sedentos demandar entre os romanos
Um prazer que lhes foge, e fados novos;
Mas em ferrea prisão seus agros dias
Ao rigoroso templo estão ligados.
As ledas illusões se desvanecem,
E a desesperação de horror cercada
Os tristes corações fica roendo.
Então sente-se mais ao jugo o pezo,
Á morte que o desate então se roga;
Mas ao continuo rogo a morte é surda:
Vae calada afflicção ralando o peito,
Nenhuma d'estas victimas se affouta
A descobrir seu mal, antes o occulta.
Póde ao menos no mundo a quem nos ama
O nosso coração manifestar-se;
Póde chorar no mundo, e ser chorado;
Mas aqui a afflicção não ha piedade;
Miseros corações aqui não gosam
Nem a consolação de os lamentarem,
Esse unico prazer dos desgraçados!

EMILIA

Nada póde aterrar-me: o genio, o zelo
Aos altares da deusa me guiaram,
O mundo para mim não tem valia;
Pago-me de o deixar; memorias suas
Já mais me custarão nem um suspiro.
Que attractivos ha n'elle? Os vãos prazeres,
O nada dos seus bens sentiu minha alma,
Sagaz adulação vãmente os doura,
No mundo affecta o vicio de virtude;
Triumpha o crime: os deuses se profanam . . .

ERICIA

Ah que o conheces mal! Tua innocencia
O mundo pinta, e crê, segundo as falsas
Doctrinas, que recebe a cega infancia.
Não achas preciosa a liberdade?

EMILIA

Mas essa liberdade, isso que choras
Quando é nosso? As mulheres sempre escravas,
Victimas do interesse, e do costume,
Dependem do dever, e não da escolha;
Se acaso d'um consorte ás leis se obrigam,
Cumpre condescender com seus caprichos,

Supportar seus defeitos; cumpre amal-o;
Cumpre até venerar-lhe as injustiças:
Póde-se appetecer tão duro estado?
Ah! Só n'este logar serei ditosa.

ERICIA

Serías, porque tens tranquillo o peito.
Aqui mansa innocencia abrigo encontra;
Mas o tempo virá tornar penoso
O estado, que tão doce te parece;
E o véo das illusões ha de romper-se.
N'essa viçosa edade, em que os humanos
A si mesmos se ignoram, inda, Emilia,
Inda o teu coração te não diz nada.
Tens mudos os sentidos, e ociosos,
Nada os ancêa. A natureza dorme,
Ella despertará. Não pára o tempo;
Vem apontando a edade, em que tua alma
Surgirá do lethargo, e da indolencia,
Sentimentos incognitos provando:
Não lhe hão de então bastar, nem sacial-a
Os altares de Vesta, as leis, e o culto.
Dos primeiros desejos assombrada
Inquieta, pungida, ao pensamento
Te virá nova sorte, e novo estado;
O mundo, que odioso se ant'olha,
Outra côr tomará na tua idéa. . . .

Mas tarde, mas em vão! E a soledade,
Este jugo, este horror, o altar, e os votos
Irão de dia em dia exacerbando
O teu desasocego, os teus desgostos.

EMILIA

D'essas perturbações, d'esses desgostos,
De que excitas em mim confusa idéa,
Aqui meu coração terei seguro.

ERICIA

Que seria de ti, se um doce objecto
O terno coração te esclarecesse
Entre esta escuridão? Se affogueada
Tua alma por outra alma suspirasse,
Que acceza appetecesse unir-se á tua?
Em tal consternação onde acharias,
Oh triste, o teu soccorro, o teu refugio?
Buscarias debalde a paz perdida.
Leio em teu coração pelos teus olhos,
Sei que te deixa absorta o que me escutas.
Teme a tua innocencia, ella concorre
A seduzir-te, Emilia. Esta linguagem,
No logar onde a fallo, é estrangeira;
Mas do risco, em que estás, quero salvar-te.

EMILIA

É tal que te mereça a dor que observo!
Commovem-me teus ais, creio em teu pranto;
A pezar da afflicção de um páe querido,
Que saudoso entre os braços me affagava,
A idéa da ventura aqui me trouxe,
E... (1)

ERICIA

Fallas em teu páe?... És d'elle amada?

EMILIA

Eu sei que lhe é penoso o meu projecto,
E custa-me affligil-o.

ERICIA

Ama-te, Emilia?
E atreves-te a deixal-o?... Ah! Considera
N'esse amor, n'esse bem, merece-o, torna
Ao seio paternal, vae consolal-o.
Como és digna de inveja!... Um páe te amima!
Ai de mim! Quantas lagrimas excitam

(1) Ericia interrompendo-a.

N'este triste logar! De quantos males
Inexoraveis páes têm sido origem!
As preoccupações, o orgulho, o sexo,
O jus dos primogenitos, ou antes
Parcial injustiça, em um dos filhos
Lhes concentra os desvelos, e a ternura.
Instados d'ambição guial-o intentam
A's altas, ás pomposas dignidades,
E ao futuro esplendor lhe sacrificam
As miseras irmãs!... Oh páes tyrannos!
Que! Não murmura em vós a natureza
Contra esta preferencia abominavel!...
Foge, foge d'aqui, ditosa Emilia,
Agradecendo aos céos um páe benigno;
Vae ser-lhe arrimo á languida velhice,
Vae ajudar-lhe os vacillantes passos;
Teu dever lhe aligeire o pezo á vida,
Lhe disfarce o pavor da sepultura:
Quem nos pinta dos numes a clemencia
É só a ingenua, a paternal bondade.

EMILIA

Cumpre sacrificar aos deuses tudo:
Eis o que me ensinaram.

ERICIA

Desvanece
Esse engano, em que jaz tua alma envolta:

Escuta o coração, da natureza
Ouve a benigna vóz, que a todos falla:
Deve-se culto aos céos, aos páes ternura;
Triste de quem n'um páe acha um tyranno!

EMILIA

Ouço-te com terror! Vesta não póde
Livrar teu coração d'esses desgostos?

ERICIA

Vesta!... Vesta!... Ai de mim!... Vae minha filha,
Vae-te, deixa-me só!... No peito encérro
Crueis tribulações... tu não as sentes...
Não as saibas...

EMILIA

Confia os teus segredos
De um coração, que te ama, e que...

ERICIA

Ha segredos,
Que da alma, que os contém, saír não devem.
A amisade a meu mal não poderia
Dar lenitivo algum. Deixa-me. (1)

(1) Vae-se Emilia.

SCENA IV

ERICIA

Oh deuses!
Quanto em um coração, se amor o ancêa,
Custa reter segredos, que lhe pézam!
Já não posso esperar socego, allivio!
Ha de sempre a minha alma em seus transportes
Revolver-se no crime, e no remorso!
Inda, feliz Emilia, és insensivel;
Inda serena victima innocente,
Ignorando o perigo, a dor, e os males,
Que estas fataes abobadas encerram,
Corres sem susto para o ferro erguido,
Destinado a ferir-te, ah! Inda beijas
O funesto grilhão, que te sobpêa;
Só vês as flores de que estás c'roada...
Eu provo todo o horror do sacrificio,
Do sacrificio atroz. Oh céo!... Não hei de
Mitigar teu rigor! Se de almas puras, (1)
Prézas, Vesta immortal, o ardor, o incenso
Muda, converte a minha; e se é possivel,
N'este peito afanoso influe, oh deusa,
O fervor, a innocencia, a paz de Emilia.

(1) Chega-se para o altar.

Esvaece, destroe, consome, apaga
A lembrança tenaz, que me persegue,
Só quero que me esqueça o meu amante...
Que desejo! Ai de mim! Quem me dissera,
Que fôra a minha dita, a minha gloria
Desterral-o do peito, e do sentido!...
Ah! Que acerbo dever, que tyrannia
Me ordena, justos céos, que o sacrifique!

SCENA V

ERICIA e AFRANIO

AFRANIO

Meus passos guia amor. (1) É ella... Ericia... (2)

ERICIA

Afranio!... Ah! Onde estou! Que vejo!... Eu morro!

AFRANIO

Formoso, amado encanto, eu venho, eu venho
Esquecer a teus pés minha desgraça.

(1) Afranio caminha inquieto e olhando para um e outro lado. Ericia está junto do altar.
(2) Chega-se.

ERICIA

Afranio!... Junto a mim!... Que ardor, que insania
Te move a pôr em risco a minha fama,
Os teus dias, e os meus?

AFRANIO (1)

Dissipa o medo.
N'este feliz momento a sorte amiga
Reconduz a teus olhos lacrimosos
O teu saudoso amante. Em mil desgostos,
Sentindo o coração desfallecer-me,
E deprecando aos céos o bem de olhar-te,
Cançado de carpir, de amar sem fructo,
Entrei, pela saudade enfurecido,
Na escura solidão do sacro bosque,
Onde este duro asylo se remata;
Para os cegos mortaes o entral-o é crime;
Mas nada me deteve... Um nume, um nume,
Sem duvida que ali me encaminhava!
Occupado em minar de noute e dia
Passagem, que a teus pés me dirigisse,
A terra em fim cedeu, e abriu caminho
A meus passos, a amor. Por uma estrada
Subterranea, profunda, e tenebrosa,

(1) Com tom rapido.

Que vem findar-se aqui, me entranho affouto.
Os olhos veladores, que te espiam,
Attentos ao festejo, em ti não cuidam;
Um amigo me espera, e me assegura
A fuga, vigiando alem dos muros.
Vem pois, aproveitemo-nos do tempo;
Eu a teus pés teu coração reclamo,
Esse amor puro, que dourou meus dias
Inda em ti resplandece? És inda a mesma?

ERICIA

Se te amo!... Em que lugar!... Oh céos! Que intentas?

AFRANIO

Que receio hei de ter, sendo inda amado?... (1)
As trevas, o silencio nos ajudam,
Jaz afferrada ao somno a tyrannia,
E os olhos d'amisade estão velando.
De ti privado, Ericia, ha quasi um lustro,
Entregue aos phrenesis, entregue ás ancias
Da desesperação, com mil clamores
Accusando teu pae, os céos, e os fados,
A vida e todo o mundo aborrecendo,
Para o fatal recinto, em que gemias,

(1) Com transporte.

Com raivoso tremor lançava os olhos:
Mil vezes (senão fosse o teu perigo,
Ou antes tua morte inevitavel)
Mil vezes tornaria em cinza, em nada
Este carcere horrendo, este sepulchro.
Sem cessar fluctuando em vãos projectos
Para ver se mudava o teu destino,
Té disposto a vibrar n'um ferro a morte
Contra teu páe cruel, contra mim mesmo,
Todo quanto furor nas almas cabe
Longamente por ti sentiu minha alma:
Mas do prazer o ardor só sente agora;
Tudo em meu coração cede á ternura...
Eu te vejo, eu te escuto, e nada temo.

ERICIA

As ancias da saudade, o mal d'ausencia
Supportei como tu... Mas em que tempo
A meus olhos o céo te restitue!...
Envolta n'estes véos, ante estas aras
Ouso ver-te!... Escutar-te!... Amante!... Amado!...
Oh Vesta!... Oh lei penosa! Oh sorte injusta!...

AFRANIO

Do páe deves queixar-te, e não da sorte:
A dureza feroz d'esse tyranno

Foi só quem motivou nossas desgraças...
Se a férvida paixão, que me inspiraste,
Não fôra escudo seu... da minha amada
Com seu sangue o cruel pagára o pranto.
Aos céos encommendei minha vingança;
E os céos no horror do tumulo arrojáram
Teu irmão, esse objecto em que nutria
Funestas, orgulhosas esperanças.

ERICIA

Meu irmão, já não vive! Entre estes muros
Sumida, afferrolhada ao páe não devo
A minima lembrança! Inda até agora
Noticia me não deu de seus destinos.

AFRANIO

Co'a tua compaixão teu páe condemnas:
Elle renunciando o lustre, a pompa,
Do mundo se affastou, e ignoro aonde
A dor, e a desventura o conduziram:
Deposto o nome, o gráo, fugindo a todos
Conta-se que no altar aos deuses serve...
Embora expie as furias junto ás aras,
Que me importa o cruel, se vejo Ericia?

ERICIA

Meu páe!...

AFRANIO

Ainda o choras! Não te lembras...

ERICIA

Forjou meu damno, e... lagrimas lhe devo,
Elle em meu coração, elle em meus dias
Vertendo amargo fel, veneno amargo,
Se privou dos desvelos, dos extremos
Da filial ternura: eu lhe seria
Branda consolação nos seus pezares...
Propicio a nosso amor, não levantára
Entre nós esta rigida barreira...
Afranio... Que é do tempo em que eu gosava
Dos olhos teus sem susto, e sem remorso?...
E tua, a par de ti, serena, e livre,
Acceza na paixão, que te accendia,
Um prospero futuro imaginava?...
Tão bellos dias para nós morreram.

AFRANIO

Revivem para nós tão bellos dias;
Temos em nossas mãos nossa ventura.

*

Se inda o candido amor ferve em teu peito,
Meus males, meus tormentos, meus transportes
Tem demonstrado assás que amor me inflamma.
O sangue dos Publicolas, o sangue
Que as vêas me circula, é grato a Roma,
Roma chora o meu mal, e enternecida
De um robusto partido a mão me offerta.
Se és a que foste, approva o meu designio,
Demos-lhes execução: risonhos fados
Aplanam para nós do bem a estrada.

ERICIA

Devia-te esquecer... Porém não pude;
Informem-te este altar, e aquelles muros,
Entre os quaes meu amor desventurado
Te carpiu sem cessar chamando a morte.
Ante este mesmo altar, que é testemunha
De tão funesto amor, com mil suspiros,
A deusa contra ti debalde invoco.

AFRANIO (1)

Perdoa.. Este logar vedado a todos,
Franco está para mim. Venho propor-te
Que rompas teus grilhões, que me acompanhes,

(1) Com arrebatamento.

Que debaixo de um céo mais favoravel
Nos vamos esquecer do ferreo jugo,
Que os deuses, e teu páe te fabricaram.
Atreves-te a seguir-me?...

ERICIA

Eu estremeço... (1)
Que pretendes de mim? Não vês, não sabes
Que Vesta nos contempla, e nos escuta?...

AFRANIO (2)

Para salvar quem amo, eu affrontara
Os céos, os proprios céos!... Porém que digo!
Propicios a meu gosto os céos abriram
O caminho, que a ti me trouxe occulto.
Nada te impede a fuga, e já supponho
Inuteis ao projecto os meus sequazes;
A tua approvação só quero, e rogo,
Cêde aos desejos meus, e tudo é facil.
Amigo inseparavel me acompanha,
E da nova intenção vou dar-lhe aviso;
Para a fuga dispôr basta-me um dia,
Com a noute ámanhã virei buscar-te.

(1) Cheia de terror, e fugindo para o altar.
(2) Rapidamente.

ERICIA

Que escuto!... Irados céos! Terrivel deusa!...
D'onde intenta arrancar-me um cego impulso!... (1)
Troveja contra mim vingança eterna
Antes que d'este altar...

AFRANIO (2)

E amas-me ainda?...

ERICIA

Tu reforças meus males... Sim, eu te amo,
Assás por este amor sou criminosa!
Hei de, as aras, e a deusa abandonando,
Da perdição... do horror... subir ao cume!...
Não, Afranio, o soccorro, a mão de Vesta
Resistencia dará, virtude, e forças
Á fragil infeliz sacerdotiza;
O céo defenderá do mais enorme,
Do mais negro dos crimes a minha alma:
Sim; aqui morrerei.

(1) Com mais terror.
(2) Consternado, e chegando-se a ella.

AFRANIO

Não, tu não amas (1)
Enganou-me a apparencia. Eu vinha, ingrata,
De amorosas idéas inflammado...
Esperava um prazer, um dia, um premio
Promettido aos extremos, e á constancia.
Adeus... Queres que morra... Eu te contento. (2)

ERICIA

Onde vás, caro amante?... Oh céos! Que disse? (3)

AFRANIO

Depressa; que resolves?

ERICIA

Olha o templo, (4)
A que um voto cruel me tem ligada;
Já o meu coração me não pertence,

(1) Affastando-se d'ella com um furor reprimido.
(2) Indo-se.
(3) Apartando-se do altar, e estendendo os braços para Afranio; torna logo a encostar-se no altar. Afranio voltando.
(4) Perturbada chorando, e sem deixar o altar.

Pertence á divindade... Os juramentos
Que me apartam de ti, bem vês, bem sabes...

AFRANIO (1)

Que dizes! Que illusão! Que juramentos!...
Os juramentos teus foram ser minha;
Os juramentos teus me asseveraram
Um permanente amor, um laço eterno.
Eu reclamo a teus pés o que juraste;
Esse voto, a teus labios extorquido,
Não rompe, não destroe o antigo voto;
A deusa, que te cinge a seus altares,
Sobre o teu coração não tem direitos
Mais sagrados que os meus; os meus procedem
Do mesmo coração, que hoje me negas.
Ah! Contrapezas espontaneos votos
A votos que arrancou brutal violencia?
Se crês que emfim o altar lhe altêa o preço,
Tu tambem, tu primeiro Amor juraste:
É seu altar teu peito, Amor conserva
Indestructivel jus sobre a tua alma;
Se temes ser sacrilega com Vesta
Já com Amor sacrilega tens sido,
Com Amor, que mil vezes attestaste;
Ousa despedaçar teus duros ferros,

(1) Com vivacidade.

Ousa restituir-te aos teus direitos,
O esposo attende, entrega-lhe a consorte.

ERICIA (1)

Olha a terrivel deusa!... Que ameaça...
O altar, que treme!.. As chammas, que esmorecem!...

AFRANIO (2)

Quem te affasta de mim, não, não é Vesta,
É tua ingratidão, tua indiff'rença,
Ericia desleal... Eu hoje ao cume
Da gloria, do prazer ía elevar-me...
A tua approvação nos enlaçava...
Confiei-me de ti... Fiz mal, foi erro
A minha confiança, eu vou punil-a...
Tyranna! vou morrer de amor, de raiva,
De desesperação... Tu algum dia
Amaste-me... O remorso ha de vingar-me.
Se aqui da minha morte houver noticia,
A ti sómente accusa, a ti sómente;
Lembre-te o nosso adeus... Mais deshumana,
Mais dura para mim, que um páe cruento,
Do pezo d'esses ferros carregada,

(1) Com desacordo e terror.
(2) Com afflicção furiosa.

D'esses ferros servis, que me preferes,
Quando só attender a amor devias,
Ante este mesmo altar... has de carpir-me. (1)

ERICIA

Oh deveres!... Oh Vesta!... Amor! Triumpha,
Minha alma contra os céos por ti decide.
Juro...

SCENA VI

ERICIA, AFRANIO e EMILIA

EMILIA

Augmenta, ou socega os meus terrores,
Que tudo o que te ouvi me encheu de assombro. (2)
Mas a luz se amortece... A luz se apaga...
Oh deusa! Um homem!... Ah!... (3)

---

(1) Caminha, e torna.
(2) Buscando Ericia por entre a escuridade, que resulta de se ir apagando o fogo.
(3) Vae fugindo o fogo sagrado; apagando-se, deu um grande clarão, que lhe fez vêr Afranio.

SCENA VII

ERICIA e AFRANIO (1)

ERICIA

Vê, vê o effeito, (2)
Os damnos, que produz minha fraqueza!
Sabe-se tudo!... Oh céos!... Viram-te, estamos
Descubertos... Os deuses se indignaram...
Afranio... Tu me perdes... Cumpre, cumpre
Que me ligue outra vez aos meus deveres...
A deusa quiz traír... ella se vinga...
Eu me desdigo já...

AFRANIO (3)

Não continues;
Não ha de ao teu amante o céo roubar-te:
Por falta de alimento o fogo extincto
Aterra Ericia! Dicta-lhe um perjurio!...

(1) Ambos em uma grande consternação.
(2) Ericia tornando a si com terror e afflição. Isto antes do verso.
(3) Interrompendo-a rapidamente.

Ouço rumor; bem sei que perigo corres,
Torno ao meu socio, vou rogar-lhe auxilio,
Encarregar-lhe vou que apreste a fuga.
Pelo mesmo caminho eu virei logo
Vigiar no teu fado, e no teu risco,
Arrebatar-te a Vesta, expôr-me a tudo,
Defender-te, ou morrer. (1)

ERICIA (2)

Deixa essa empreza.
Vesta exige uma victima... este fogo
No altar morrendo revelou meu crime...

SCENA VIII

ERICIA, VETURIA, e todas as VESTAES junto ao altar. As Escravas, que trazem luzes. ERICIA procura occultar-se na multidão.

VETURIA

Trazei luzes, trazei, corra-se o templo;
Trema o crime... oh terror!... Oh sacrilegio!...

(1) Parte acceleradamente.
(2) Só, e perturbada.

O lume protector morreu nas aras,
Vesta ameaça Roma; agouro horrendo
No ledo instante do annual festejo,
Negras calamidades annuncia,
Troca um dia solemne em dia infausto;
Na mente que de horrores antecipo!
Orgão de atroz desastre a sacra tuba
Já derrama o terror por toda a parte,
O somno se dissipa, o medo accorda,
Jaz em luto o Senado, e Roma em pranto
Vê mil profundos horridos abysmos,
Que as bravas legiões lhe vão sorvendo;
Vê caír Scipião vencido em terra,
A affrontosos grilhões os pulsos dando...
Oh deusa tutelar, o agouro afasta,
Basta o sangue do réo para applacar-te;
Do impio caso o pontifice advertido
Em breve chegará: nós, nós veremos
Este juiz interprete dos numes,
Da vingança dos céos encarregado;
Incendido no ardor de um zelo augusto,
D'alta religião brandindo o ferro!
Logo (oh magoa! Oh vergonha!) em nossos dias
O crime o chama aqui! Deuses supremos!
Se o réo nos escapar, não vos escape,
Se ás nossas mãos fugir, não fuja ao raio;
Aos infernos o dou, só nos infernos
Ha pena, que responda ao seu delicto.

Talvez uma vestal perjura, infame
Sua cumplice foi; Jove permitta
Que o nome da infiel se patenteie,
E o seu justo castigo os céos desarme.
Imitae-me, — prostremo-nos, oh virgens,
Ante o manchado altar, e a deusa irada
Com suspiros, com lagrimas se invoque. (1)

ERICIA

Aonde occultarei, supremos deuses,
Meus olhos... minha fronte criminosa!
Como que este logar se vae fundindo
Debaixo de meus passos vacillantes!...
O remorso implacavel me rodêa...
Eu fallo... Conhecei a delinquente... (2)
Ella mesma se accusa... (3)

VETURIA

Oh detestavel...

(1) As Vestaes se prostam. Ericia não póde esconder a perturbação, e fica em pé.
(2) Encaminhando-se para Veturia.
(3) As Vestaes a ouvem com horror, e se levantam.

ERICIA

Desculpa não procuro ao meu delicto...
Castiga, fere, mata, mas não cubras
De oppobrios, de baldões minha desgraça:
Sim: n'esta habitação, que em pranto alago,
Por mim, por terno impulso... uma alma illustre,
Um mortal generoso... um homem digno
Da funesta paixão, que me domina,
Veiu a deusa insultar no proprio templo;
Mas sabe o céo que em vez de convidal-o
Com profana ousadia ao sacrilegio,
Meu triste coração se horrorisava,
Tremia de ceder aos seus desejos.

VETURIA

Temeraria! Não mais: do céo, que offendes,
Do céo, que te condemna, a graça implora
Em resignado, e timido silencio.
Aos pés do gran pontifice, que espero,
Deves só revelar impios segredos.
Tu és a que lhe dás um feio ingresso
N'este logar tremendo; aqui sómente
Delictos vem julgar... Sua presença
É para nós terrivel: assignal-a
Nossa affronta... Perjura, indigna, teme
A sentença fatal, que de seus labios,

Qual raio vingador vae fulminar-te.
Com supremo poder prompto a firmal-a,
No austero tribunal junto o Senado
A torpe informação sómente espera.
Impia! Rebelde ao céo! Chora teus fados. (1)

SCENA IX

ERICIA

Debaixo de meus pés negreja a morte!...
Aonde irei sumir a angustia, o pejo,
O terror, que me abrange!... Eu ouço, eu ouço
Um nume vingador, que em mim troveja!...

---

(1) Vae-se com com as Vestaes, e Escravas.

ACTO II

SCENA I

VETURIA, ERICIA, AURELIO e VESTAES

AURELIO (1)

Da santa dignidade ornado apenas
Venho satisfazer-lhe a lei mais dura!
Devo em nome dos céos punir delictos! . . .
Imitar-lhe a clemencia antes quizera.

VETURIA (2)

Senhor, sabes quem foi a mão traidora,
Que a deusa profanou? . . . Foi uma ingrata,
Uma filha sacrilega de Vesta.
Vê o altar de seus fogos despojado,
Vê co'as nodoas do crime o templo augusto!
Não decorreu da noute inda metade:
A celeste vingança, um justo exemplo

(1) No fundo do theatro.
(2) Veturia caminhando para elle.

Deve á luz matutina antecipar-se. (1)
A culpada aqui tens, indaga, e julga;
O publico terror em paz se torne.
Os direitos de Vesta, os seus poderes
Jazem nas tuas mãos depositados. (2)
Nós vamos por mil votos applacal-a. (3)

SCENA II

AURELIO, e ERICIA que tem os olhos baixos como quem deseja esconder o rosto aos do pontifice

AURELIO (4)

Meus olhos com terror vão rodeando
Todo este sanctuario; ante elle eu sinto
Tremer-me o coração... tremer-me as plantas...
A leza divindade está clamando,
Tractemos de punir, o mais se esqueça.
Chega. (5)

(1) Presenta-lhe Ericia cuberta do véo, com a cabeça baixa de confusão e terror.
(2) Voltando para as Vestaes.
(3) Vae-se com as sacerdotizas.
(4) Tendo seguido com os olhos as Vestaes, e olhando em torno de si.
(5) Para Ericia.

ERICIA

Que voz! . . . (1)

AURELIO

O crime está no templo, (2)
Um castigo exemplar, que aterre o crime,
Os romanos attonitos esperam.
A dureza das leis coarctar não posso,
Defende-te, se pódes.

ERICIA (3)

Céos! . . . Que lance! . . .
Que amargura!.. É meu páe!.. Não, não me engano; (4)
Pune. . .

AURELIO

Que vejo! . . . Oh Deus! . . .

ERICIA

Vês tua filha.

(1) Turbada.
(2) Sem olhar para ella.
(3) Olhando com perturbação.
(4) Depois de o tornar a encarar, e chegando-se a elle.

AURELIO

Ella!... Ericia! Olhos meus, hallucinaes-me!...
Foi teu páe... contra ti chamado ao templo!...
Assim... ao triste... vens apresentar-te?
Voltas o rosto... nada me respondes?

ERICIA

Senhor!

AURELIO

Jove supremo! Eternos deuses!
Está pois convencida?... A filha encontro! (1)
Os céos... a patria... as leis mandam que morra!...
E eu devo condemnal-a! Oh!...

ERICIA

És tu mesmo
Meu juiz... ah senhor?...

AURELIO

Sel-o é forçoso. (2)
Debaixo de que estrella abominosa

(1) Depois de algum silencio.
(2) Com amargura.

Me creastes, oh céos!... Desenganado,
Das chimeras do mundo, aos pés dos numes
Ia o fim demandar dos meus desgostos,
Da minha agitação. Renunciando
Nome, grandezas, tudo, ante os altares
Em silencio chorava; a meu despeito
De pontifice erguido ao gráo sublime
Hoje a ti me conduz feroz destino...
Meu filho já não vive... eu julgo, eu creio
Que uma filha me resta, e vejo... (oh sorte!)
Que enche todos os seus de eterno opprobrio!...
Infeliz!... Esqueceu-te o juramento?...
Foste rebelde ás leis do céo dictadas?...
Ousaste ser perjura, e dispozeste
Fim triste a mim, e a ti, na dôr, na infamia!...

ERICIA

Céos!... Que escuto! Senhor, eis-me prostrada,
Tua victima sou, mereço a morte:
Sei meu crime qual é... porém devias
Tu proprio, tu, senhor, lançar-m'o em rosto?...
Minha dôr tem direito a lamentar-se.
Eu amava (tu mesmo o conheceste);
Por teu odio tenaz fui constrangida
A mudar meu destino, e para sempre
Dos braços paternaes arremeçada
Me vi, a pezar meu, presa aos altares;

O melhor dos mortaes me foi roubado,
Elle me appareceu quando a saudade
Minha fragil razão desacordava;
Tu, tu sabes se o amo!... Eia, condemna;
Sentencea, castiga... eu já não devo
Extranhar teu rigor; mas se te infamo,
Esse mesmo rigor sómente accusa.
Sim: quiz fugir d'este logar terrivel,
Quiz um jugo romper, que me impozeste;
Mas ao designio meu se oppôz meu fado:
Perdi, murchei nas lagrimas, no opprobrio
A estação d'alegria, a flor dos annos,
Combater-me, opprimir-me, atormentar-me,
Padecer, suspirar foi meu destino.
A mil tribulações me conduziste:
Só tenho no sepulchro o fim de todas:
Em breve se abrirá por ordem tua...
As tuas proprias mãos me arrojam n'elle...
Teu pranto corre?... Não correu meu pranto,
Não soaram meus ais para obrigar-te
A affastar-me um grilhão peor que a morte?...
Meu páe!... Mas não, senhor, meu páe não foste!...
Meu páe no coração me dera asylo,
Passaste a meu juiz, de meu tyranno:
Este nome feroz véda a ternura.

AURELIO

Justos céos!...

ERICIA

Tu, só tu me expões á morte:
Soffre pois o amargor de meus queixumes...
Tua filha infeliz, quasi expirando,
Deve ao seu infortunio esta vingança.
Da morte, que me dás, tu és culpado,
D'onde o crime nasceu, nasça o castigo,
A injustiça aboliu razões do sangue.
Amor, sómente amor, aos páes nos liga;
Seus beneficios sós são seus direitos...
Mas tu, que o desamor, tu, que a fereza
Sempre co'a terna filha exercitaste,
Com que affagos, senhor, ou com que extremos
Meus deveres, e os teus me tens mostrado?
Opposto á meus legitimos desejos,
A todo o meu prazer contrario sempre,
Uma só vez sequer não preferiste
O caracter de páe ao de verdugo;
Deste-me a conhecer o que é desgraça,
Folgaste de meu mal... Não, não te assombre
Que eu do respeito as leis, senhor, não cumpra;
Tu o exemplo me déste, atropellando
As maviosas leis da natureza.

AURELIO

Basta... É muito... Não mais, não mais, oh filha...
Poupa meu coração... não me espedaces...

Teu páe foi criminoso... És criminosa...
Minha severidade está punida...
Tuas exprobrações enchem minha alma
De remorsos, de horror... Eu as mereço.
Oh da minha ambição fructo amargoso!
Dous filhos possui... nenhum me resta.
Debaixo dos teus pés cavei o abysmo,
O pavoroso abysmo, em que te arrojo!...
Ericia... Ah! Minhas lagrimas te vingam...
Tua voz... tua voz... aqui resoa (1)
Fere meu coração, n'elle me accusa! (2)
Céos! Minha filha esquiva-se a meus braços!

ERICIA

Ah meu páe!... Em que tempo m'os off'reces!...
Á boca do sepulchro me prantêas!
De meus dias amargos, quasi extinctos,
É este o final dia?... A sepultura
Espera já por mim!... Meu páe me some
N'aquelle eterno horror!... Meu páe me chora!...
Tardo amor! Vã piedade! Inutil pranto!...
Mas que digo!... Perdoa-me os furores,
Perdoa-me o delirio... Eu despedaço
Teu coração, meu páe, e a dôr te azédo.

(1) Põe a mão no peito.
(2) Vae para ella.

Tua filha rebelde, irreverente
Ultraja os céos, ultraja a natureza...
Mas elles podem mais que os meus transportes;
Releva, oh páe, releva a minha insania;
Quiz vingar-me... A vingança me horrorisa...
No coração paterno amor desperta!...
Houve tempo... (ai de mim!) tempo em que fôra
Esse amor precioso a gloria minha...
E morro!... Morrerei... Senhor, não temas,
Não temas que outra vez meus ais te accusem.

SCENA III

AURELIO, ERICIA e AFRANIO

AFRANIO (1)

Não, tu não morrerás; o páe de Ericia
Antes de proferir mortal sentença
Ha de arrancar-me a vida.

AURELIO

Oh céos, que vejo!

(1) Correndo com precipitação, tendo ouvido os ultimos versos.

ERICIA

Que projecto... que audacia... que delirio
Te reconduz aqui? Vens, vens de novo
Nas aras affrontar a divindade?

AFRANIO

Cautamente escondido, e prompto a tudo,
Tua voz conheci, venho amparar-te.
Da tua atrocidade olha os effeitos! (1)
Barbaro, só em mim teu odio céva.
Dos ferros, com que a deusa a tem ligada,
Eu vinha resgatar-te a triste filha:
Debalde a meu furor o altar se oppunha,
Debalde essa infeliz me recordava
Seu voto, as leis do céo, e as leis da terra.
A tudo me atrevi, só eu fiz tudo,
Só eu fui réo. Não ouses condemnal-a;
Eu a victima sou, que os céos exigem;
Fere, apaga em meu sangue as furias minhas...
Inspirar-me ternura acaso deves?
Traze á memoria os golpes que me has dado,
Meus tormentos, meu mal revê na idéa,
Lembre-te que de ti nascêram todos,
Que me tens obrigado a desejar-te

(1) Para Aurelio.

A morte mais atroz, que do meu odio
Seguro não estás, que te detesto...
Ah! Senão fosse a tua iniquidade,
Tu bem sabes, cruel, se eu te amaria!

ERICIA

Espera... Que é meu páe reflecte, insano,
Olha a consternação, que o justifica...
Cruel!... Para que vens vituperal-o,
Envenenar-lhe a dôr, talvez perder-te...
Morrer sem me salvar?... Meu páe, vieste
Com braço vingador pôr termo ao crime...
Não te enganes da victima na escolha,
A mim, que delinqui, punir só deves!...
De cegos phrenesis desacordada
Aos céos, a Vesta preferi o amante:
Elle, ah!... Elle, sem ver minha fraqueza,
Jámais conceberia as esperanças
De arrancar-me a cerviz de um jugo eterno:
Eu devêra luctar... luctar não pude.

AURELIO

Meus filhos!... (1)

(1) Pegando-lhe nas mãos.

AFRANIO

Tu suspiras!... Que resolves? (1)
Da ternura em teus olhos ferve o pranto;
Falla; com uma palavra extrair pódes
Os terrores mortaes, que em mim se arreigam.
Emmudeces!... bem sei, vás condemnal-a!... (2)
Mas meu amor, meu braço inda lhe restam.
Roma de meus avós é grata ao zelo,
Ella recordará quanto me deve;
Se em Roma tenho amigos, tu bem sabes,
E se o sangue Publicola se estima.
Sou vivo, impedirei o atroz projecto,
O negro detestavel sacrificio...
Treme!... Eu vou...

ERICIA

Pára, e vê tua injustiça,
Venera aquellas cãs, ouve-me ao menos;
Uma esperança vã do peito expulsa...
Recuso, e desapprovo os teus excessos.
Os deuses a sentença proferiram...
Meu pae por dever santo é orgão d'ella.
Tu no meu coração reinas, triumphas...

(1) Apertando-lhe a mão.
(2) Larga-lhe a mão com furor.

Por esta confissão me entrego á morte;
A minha vida está nas mãos de Vesta...
Eu te adoro, eu te perco, eu para sempre
Meus dias vou sumir... na sepultura...
Meus dias... que por ti só me eram gratos...
Submette-te... Refrêa os teus furores,
Não aggraves um crime, um pae respeita...
No semblante do páe contempla a filha;
Vive para adoçar-lhe a desventura;
Nos frôxos olhos seus enxuga o pranto,
Em vez de lh'o augmentar com teus insultos...
Exigir inda mais talvez podéra...
Ah! Por ti morro... De animo careço...
Acceita um triste adeus... Adeus da morte...
Nunca mais te verei! (1)

AFRANIO

Ericia, Ericia!
Ella foge; os meus gritos são baldados.

---

(1) Affasta-se vagarosamente. Afranio seguindo-a. Ella pára, olha para elle com amargura, volta-se arrebatadamente, e desapparece.

SCENA IV

AURELIO e AFRANIO

AFRANIO (1)

Escuta... Não te enganes, não presumas
Que eu se Ericia perder seu páe respeite,
Vê que no amante um vingador lhe fica...
Mas que faço!... A que excessos me arrebata
Meu inutil furor! É d'esta sorte,
Que um réo ao seu juiz perdão supplica?
Tu me vês a teus pés depôr a audacia,
Tu prostrado me vês, vês que te imploro
Para te conservar teu proprio sangue,
Para evitar-te o pranto e os remorsos,
Para salvar de um fim tão lastimoso
Uns dias preciosos, uma vida
Que deves respeitar, por ti, por ella;
Recorro ao pranto, ás supplicas me abato...
Pontifice dos deuses, sê sensivel...
Sê páe... tu choras?... Lagrimas não bastam,
Ericia mais que lagrimas precisa;
Estorva a sua morte, a minha, a tua.

(1) Voltando-se para Aurelio, e com voz arrebatada.

AURELIO

Vae! Já meu coração, já me têm dito
Quanto póde dizer... porém minha alma
Attonita de horror, mede, contempla
A medonha extensão dos seus deveres.
O páe não póde... (oh céos!) allucinar-se...
Sim; da religião sevéra, immovel
No tribunal sagrado elle preside...
Elle chora... estremece... esta sentença
É direito, é dever do gráo, que occupa;
O ferro da justiça armou-lhe a dextra...
Não póde perdoar...

AFRANIO

Que leis! Que horrores!
Os céos anhelam sangue? Ordenam mortes?
Exigem parricidios? Tu confundes
Com a religião teu impio zelo...
Inhumano! — Elle é páe, e eu sou quem roga!
Esta sentença barbara te aterra,
E, a pezar do terror, vaes proferil-a!

AURELIO

Afranio!... (1)

(1) Chora.

AFRANIO

Vae-te, deixa-me tyranno, (1)
Artifice fatal dos nossos males!
Tu vês que precipicio a mim e á filha
Cavou tua injustiça. Em melhor tempo
A meu ardente amor porque a roubaste?
Justo seria... As horas passam, fogem,
Aproveital-as vou, devo salval-a.
Se isto é crime, encarrego-me do crime,
Se n'isto affronto os céos, os céos têm raios;
Posso remir a victima, que adoro;
Ha caminho, que a ella me conduza;
Consente-o: não arriscas tua gloria,
Basta só que retardes a sentença.
Se a retardas, senhor, salvaste a filha!
Da palavra, que dou, verás o effeito.

AURELIO

Que intenta!... A que cegueira amor o arrasta! (2)
Ah mancebo infeliz! Que pronuncías!
Dentro em meu coração não lêm teus olhos...
Eu o golpe lhe dei com que ella expira...
Ah! N'esta alma paterna, inconsolavel,

(1) Arrebatado.
(2) A custo, e como reanimando a constancia.

Com mais exprobrações o horror não dobres...
De benigna piedade eu necessito...
Vê meu debil poder... Já no Senado
Os severos pontifices se ajuntam;
Do crime perpetrado em breve esperam
Exacta informação, que dar-lhes devo...
Ou demora, ou descuido as leis não soffrem.
A mesma criminosa se delata...
O zelo impaciente apressa a pena...
Retardar-se não póde o sacrificio,
Que o meu dever me impõe, que Roma espera.

AFRANIO

Sacrificio! De quem! De Ericia?... Ah! Caiam,
Caiam primeiro esses crueis altares
Nas ruinas dos tectos abrazados;
Primeiro o sacro fogo em cinzas torne
Da feroz Vesta as barbaras escravas!
Já não sei da razão, já nada attendo:
Meu coração raivoso, arrebatado
Ousa desafiar todos os deuses.
Embora sobre mim rebentem raios;
Nada póde estorvar que eu vingue Ericia,
Que eu vingue a minha amada... Oh céos! Vingal-a...
Outras idéas tenho, outros cuidados;
Sómente o de salval-a é que me occupa:
Aurelio, meus tormentos te commovam,

Ah! Faze que o pontifice emmudeça;
Triumphe a natureza, amor triumphe. (1)
Oh meu pae! . . . (tenho jus de assim chamar-te)
Nada tentas, senhor, nada te incita!
A proxima desgraça não te atérra?
Que! Poderás ouvir, ver tua filha
Gemer, e caminhar ao trance horrivel;
No sepulchro fatal sumir-se viva!
Pela ultima vez tendo lançado
Os olhos para ti, e em vão chorando;
Pedindo em vão piedade ao pae, aos deuses!
Poderás vêr seu pranto . . . origem d'elle! . . .
Treme a tão negra idéa a Natureza! . . .
Aurelio! . . . Que espectaculo! . . . E serias
Capaz de o supportar? . . . (2)

SCENA V

AFRANIO

Foge, não me ouve!...
Tudo, infeliz donzella, te abandona! (3)

(1) Lança-se-lhe aos pés.
(2) Aurelio o encara com ternura, levanta-o, torna a encaral-o, e vae-se.
(3) Depois de alguma pausa.

Tudo, tudo perdeu! . . . Não, eu lhe resto,
Basta! . . . Appelle-se á força. Arme-se a raiva,
Congregue-se um partido, ajudem promptos
Os confidentes meus minha vingança,
E com ferro, e violencia aqui tornemos.
Ao sepulchro se arranque a minha amada,
Arranque-se aos verdugos, a despeito
Dos romanos, das leis, e até dos numes!

---

*

ACTO III

O fundo do theatro está aberto, deixa ver uma praça, que faz parte do recinto; nota-se ali uma terra elevada, que é o sepulchro destinado para Ericia; a entrada é por cima. A roda grandes pedras, que devem fechal-o. Vem quasi amanhecendo.

SCENA I

AURELIO (1)

Que espectaculo! Oh Vesta!... A criminosa (2)
Está julgada emfim... Não tem refugio...
Eu a sentenciei... Serás vingada!...
Os pontifices todos a condemnam...
Perdoa-me estas lagrimas... Ao fado
De uma filha infeliz são bem devidas...
Debalde quer firmar-se a natureza...

(1) Cheio de consternação caminha algum tempo pela scena sem dizer nada, ergue os olhos para o céo, e recua horrorisado á vista do sepulchro.

(2) Olha para toda a parte com inquietação.

O aspecto do sepulchro me confunde...
Me arripia... me abate... — E posso, oh deusa,
O rigor sustentar de meus deveres?...
Afranio... Que esperanças, que desejos
Se afouta a conceber minha alma insana?
Eu sou juiz, pontifice, e romano... (1)
Eu sou páe... elle viu minha amargura...
Ama... é audaz... a tudo ha de atrever-se...
Venha... os impetos seus... Eu cerro os olhos...
Mas onde me transporta o meu delirio!...
Vingança devo ás leis... Vingança aos numes...
A minha propria filha... em honra d'elles
Devo sacrificar!... Que angustia!... Afranio!...
Afranio!... Este desejo é sacrilegio! (2)
Com que voz, com que face, oh filha minha,
Ha de teu páe miserrimo intimar-te (3)
A sentença cruel, que deu forçado?
Com que animo a teus olhos temerosos
Hei de expôr o sepulchro?... A morte!... O nada!...
Soccorro, eterno Jove!... Eu desfalleço. (4)

---

(1) Rapidamente, e como fallando a seu pezar.
(2) Tornando a olhar.
(3) Depois de algum silencio.
(4) Encosta-se a um canto do theatro, e fica em profunda afflicção.

SCENA II

AURELIO e ERICIA

ERICIA (1)

Onde vou!... Tudo augmenta os meus terrores...
Á morte me aproximo em cada passo...
Senhor... Na turbação, que lhe diviso
Se nutrem minhas ancias!... Tarde... ai!... Tarde
Deparado me foi o amor paterno.

AURELIO

És tú, filha? (2)

ERICIA (3)

Acolá me espera a morte,
Meu páe!

AURELIO

Para morrer devo dispol-a!... (4)

(1) Caminha para o páe, que não repara n'ella.
(2) Como acordando, e fallando a custo.
(3) Olha para o sepulchro, volta-se para o páe, e aponta para elle.
(4) Torna a encostar-se.

ERICIA

Já nenhuma esperança me permittem?...
Choras!... Suspiras!... Basta, eu me resigno.
O Senado firmou minha sentença?...
Afranio... Tel-o amado é só meu crime.
Este funesto amor, que negros males
Semeou na minha alma, e nos meus dias!...
Meu páe... Que injúria atroz fiz eu aos numes?...
Sem querer te enveneno o fim da vida...
Porém dos annos meus pondera o fado:
Elles por dura lei se tem volvido
N'este carcere triste em amarguras,
Em desesperação, queixumes, prantos;
Vê como se terminam!... Cerra os olhos, (1)
Cuida só em punir, meus ais não ouças,
Suffoca as sensações da humanidade,
Repulsa a natureza horrorisada...
Senhor... se compassivo em outro tempo
Sua voz attendesses, não virias
Exercer este horrivel ministerio;
Tu serias feliz... de Afranio eu fôra...
Perdoa!... Desatino... a seus transportes
Se dá meu coração mais do que deve...
Lamento-te, senhor... adoro Afranio...

(1) Aurelio se levanta, dá um gemido, e cáe na sua primeira situação.

E vou morrer!... Constancia, fortaleza
Armem teu peito agora, ousa animar-me:
No momento fatal soccorre Ericia,
Eu não receio a morte, a injuria temo;
Inda cedendo a amor dei culto á honra,
Seguia um terno esposo, um digno amante,
Que me offertava a liberdade, a gloria,
Seguia um coração, que ao meu se unira
Desde a tenra, viçosa adolescencia...
Morro comtudo no supplicio infame,
Que pune corações torpes, abjectos,
Falsos ao mesmo tempo a si, e aos deuses...
Os injustos mortaes hallucinados
Do crime não distinguem a fraqueza?
Serei da opinião victima triste!

AURELIO (1)

Ah filha deploravel!... Esperemos...
Se a fortuna... se os céos... se os meus desejos...
Que crime!.. Que esperança!.. Oh negros fados!.. (2)

---

(1) Levantando-se, e caminhando depressa pelo theatro e olhando para o fundo.
(2) Com dôr e susto.

SCENA III

VETURIA, AURELIO e ERICIA

VETURIA

Já, ministro sagrado, as sombras fogem,
A aurora vem raiando, e sem vingança
A deusa ainda está, e a afflicta Roma!
Expie-se o delicto, o mal se arrede,
Morra a culpada no supplicio justo;
Hoje este indispensavel sacrificio
Seja o primeiro, que os romanos vejam:
Ao templo consternado o sol nascente
Reconduzindo a luz, de novo encontre
N'estes altares a pureza augusta,
E preste a nossos cultos nova chamma:
Na sombra, em que nasceu, se ausente o crime.
De Vesta celebrar-se os ritos possam;
Este pomposo instante acceleremos:
Motivo algum não ha para a demora;
Dos offendidos céos, do altar manchado
Seja a vingança publica, e solemne;
Ao povo impaciente as portas se abram.
Soldados, vigiae por toda a parte!
N'este santo logar vossa presença

Contenha a multidão. Vestaes, é tempo,
Vinde. (1)

ERICIA (2)

Ao meu termo (oh céos!) estou chegada,
Morte cruel! Ao teu aspecto horrivel
A humanidade treme... antes de tempo
Caio, e me escondo em teu abysmo eterno!

AURELIO (3)

Criminosa esperança abafar devo...
Céo!... Cumpre obedecer!... Tu me conforta.

VETURIA (4)

Tudo, oh santo ministro, está disposto;
Execute-se a lei. Essa perjura,
Que alta justiça ao tumulo condemna,
Um nome, que manchou, não leve a elle.

(1) O fundo do theatro se enche; as Vestaes vem com os pontifices; os soldados dispersos pela scena, affastando o povo da sepultura.

(2) Lança os olhos para a turba, e ergue-os para o céo.

(3) Olhando para uma parte com perturbação.

(4) Pegando no véo negro, que lhe traz uma das Vestaes.

Do sacro véo despoje-se a rebelde,
Por seus membros se estenda o véo da morte.

AURELIO

Que barbaro dever! (1)

ERICIA

Momento acerbo! (2)
Senhor, tu estremeces!... Vê que todos
Têm nas tuas acções os olhos fitos,
Conclue... De ser páe não é já tempo...
Do juiz, do pontifice, eis a hora;
Para o negro sepulchro os passos move...
Eu só devo tremer, e lamentar-me...
Tu... obedece aos deuses. Quando Afranio... (3)
Onde, triste memoria, me arrebatas!...
Ah! Meu final momento a amor pertence. (4)

(1) Péga no véo negro que Veturia lhe dá, e entretanto algumas Vestaes tiram o véo branco a Ericia.
(2) Chegando-se para seu pae, e abaixando a voz.
(3) Com voz ainda mais baixa.
(4) Abaixa a cabeça, Aurelio ergue o véo com mão trémula, e o deixa cair n'ella.

VETURIA (1)

Tua morte socegue a afflicta Roma:
Os males, que temia, em ti descaíam;
Só tua iniqua fronte os deuses firam.

ERICIA

Adeus, querida Emilia. (2)

EMILIA (3)

Ah! Fui-te falsa,
O meu zelo indiscreto urdiu-te a morte.

ERICIA

Vê se n'este logar mora a ventura: (4)
De fraqueza um momento ali me abysma; (5)

(1) Em quanto Ericia recebe o véo.
(2) Depois de ter dado alguns passos, e achando-se ao pé de Emilia.
(3) Detendo-a, e lançando-se-lhe aos pés.
(4) Levantando-a nos braços.
(5) Mostra-lhe o sepulchro.

Implorae a deidade a bem de Ericia,
De Ericia triste!... (1) O meu caminho é este? (2)

VETURIA

Toda aquella entre nós, que ousar manchar-se
De tão feio attentado, assim pereça.
Vestaes, que sacra lei nas aras prende,
Da vingança do céo vêdes o exemplo;
Tende-o sempre ante os olhos aterrados:
Adoremos a deusa inexoravel;
A seus augustos pés tremei comigo.

AURELIO

Oh dôr! (3)

ERICIA

É pois aqui meu ponto extremo!...
Deixo emfim de existir!... de amar! Perdoa,

(1) Olha para o sepulchro; a multidão do povo concorre, e põe-se em roda; os soldados, que conservam a turba em uma certa distancia, estão postos em fileira e deixam entre si um caminho livre.

(2) Volta a cabeça devagar, e caminha com horror para onde está a sepultura.

(3) Olha para o sepulchro, vê sua filha, que lhe contempla a profundidade com terror. Aurelio volta a cabeça, e encosta-se a um pontifice.

Sim, perdoa-me, oh céo, talvez te offendo;
Mas ache um protector, ache um refugio,
Em teu poder supremo a gloria minha!
Tu ao meu coração, quando me punes,
Tu ao meu coração faze justiça;
Elle de corrupção não foi tocado!...
Sacerdotes, Vestaes, Povo romano,
Em prova do que ouvís attesto os deuses,
Que aos impios dão no inferno eternas penas;
Não, no estado em que estou não ha fingidos;
Entre a morte, entre mim só vejo um passo;
Mas soffrei que ao morrer me queixe ao menos.
Respeitos, subjeições, ou interesses
De todo para mim se desvanecem;
Das cegas prevenções o véo rasgando,
A verdade nos tumulos se encosta...
D'ali é que ella falla, e resplendece.
Quando maligno fado, a meu despeito,
Me conduziu, Vestaes, ao templo vosso,
Vós, que vistes meu pranto, e meus pezares
Expulsastes-me então, como devieis?
Não; vós minhas cadêas apertastes,
E desde esse cruel, terrivel dia,
Sempre, sempre a gemer busquei soccorro,
Busquei piedade em vós... E achei piedade?
Não; só fallar ouvia em leis tremendas,
Que arremessam no horror da sepultura
Profanas, infieis sacerdotizas;

Calava-se a piedade, a dôr crescia,
E do temor nasceu meu artificio.
O infeliz coração, que exarcerbastes,
Pelo não parecer, foi criminoso.
Talvez dobrou seu mal por occultal-o,
Compassivos talvez vossos desvelos
Chagas, que amor lhe abriu, curar podessem:
Nada obtive de vós... morrer me vêdes!
Ah! Praza, praza ao céo que deplorando
Os tristes fados meus, não mais, oh virgens,
Franqueeis vosso templo a desgraçadas!
Estas preces ouvi, eu vos perdôo...
Vesta! Vê meus remorsos, não me siga
Teu odio, teu furor além da morte. (1)

SCENA ULTIMA

OS MESMOS e AFRANIO (2)

AFRANIO

Fugi!

(1) Abaixa o véo, e caminha devagar para o sepulchro.
(2) Com um punhal na mão, seguido de romanos e abrindo caminho por entre o povo. Aurelio em toda esta scena mostra com gestos a sua extrema consternação.

VETURIA

Que voz sacrilega interrompe
Um acto... Porque empunhas esse ferro?

AFRANIO

Treme... e tremei tambem, sacerdotizas...
Entregae-me... que vejo!.. Oh céos!.. Detem-te... (1)

ERICIA

Oh deuses!... Onde estou! (2)

AFRANIO (3)

Meus dignos socios (4)
Vêm, com resolução capaz de tudo,
Proteger meu amor, ou minha raiva...
Não temas o furor de um zelo injusto,
De um zelo que te ultraja... estou comtigo. (5)

(1) Vê Ericia junto á sepultura, corre a ella, lança-lhe os braços ao tempo em que ella já tem um pé no sepulchro, e levanta o outro para descer.
(2) Atterrada, e caíndo sobre a pedra do sepulchro.
(3) Transportado.
(4) Aponta para os companheiros.
(5) Voltando-se para o povo.

Para sacrifical-a é necessario,
Romanos, que primeiro no meu sangue
As mãos enxovalheis; não desamparo
A lastimosa victima; reclamo
Sobre esta sepultura a minha amada,
A minha esposa!... É justo que em meus braços
Vós a depositeis. Eu quiz livral-a
De acerba escravidão: ninguem me exprobre
Que insulto a deusa; — recebi primeiro
De Ericia o coração, ternura, e votos;
Vesta com duras leis a tinha presa;
Ella me pertencia... os meus direitos
Manter quero até vós... Qual é mais santo?
Eu amo, eu sou amado... eia, responde,
Pontifice, a ti mesmo afouto appello!
Tu nos viste formar tão doces laços:
Teu orgulho os quebrou: para exaltares
Um filho, dous amantes desuniste...
Romanos, conhecei toda a sua alma,
Estorvae um delicto abominoso...
O barbaro é seu páe. (1)

VETURIA

Seu páe!

(1) Todos mostram admiração.

AFRANIO

Dos braços,
Dos braços a roubou de um terno amante,
E n'este dia ordena a morte d'ella!...
Ella não morrerá; minha ternura
Vem remil-a do horror do captiveiro;
Meu zelo vem romper-lhe o ferreo jugo,
Que tanto na cerviz lhe tem pezado.
Amar a liberdade é crime em Roma?
Examinem-se as leis, que o Tibre adora.
Summo bem dos mortaes é serem livres:
Que voto ha, que derrogue este desejo?
Votos, que a força impôz, não podem tanto.
É resistir aos céos, é ser culpado
Romper um jugo, um jugo insupportavel?
De causar nossa angustia os deuses folgam?
Folgam de nossos ais, de nossos prantos?
Os ferros, e oppressões nos amontoam?
Nós somos filhos seus, ou seus escravos?...

VETURIA (1)

Deuses!... Ainda o raio está suspenso!
Romanos, castigae...

(1) Com uma especie de horror.

AFRANIO (1)

Fieis amigos,
Favorecei meu impeto... Romanos,
Esperae, quando não fervendo em raiva,
O templo cubrirei de horror, de estragos;
Perseguirei bramindo os vossos dias
Defronte d'esses deuses implacaveis,
Cubiçosos de lagrimas, e sangue!
Se derramando-o só lhes aprazemos,
Se Vesta emfim o exige... Eu a contento...
Que deuses, cujas leis, cuja grandeza
Em vez de o proteger, o mundo opprimem!
Que as aras querem ver nadando em sangue,
Quando para applacal-os deveria
Ser bastante um só ai, um só remorso!
Detesto os deuses máus, que adora o medo,
Filhos do engano, pela morte honrados...
Inda que Vesta subito me abrisse
A terra em bocas mil para tragar-me,
Eu não conheceria... eu não conheço
Senão o auctor de Roma, o deus da guerra,
Dos meus concidadãos o deus terrivel...
Por elle o mundo, promettido a Roma,
Ha de soffrer-lhe as leis, sentir-lhe os ferros...

(1) Aos seus amigos vendo a plebe disposta a amotinar-se.

Marte de Ericia não exige a morte;
Ella por mim suspira, aquelle affecto
Para arrancar-lhe a vida é um direito?
Céos! Que contradicção diviso em Roma?
Onde Venus se adora, Amor se pune!
Merece Amor este cruel supplicio?
Como! A religião faz deshumanos?
Sempre a Superstição desatinada,
Oh céos! Oh Natureza! Ha de affrontar-vos!
Sempre de idéas vãs envilecida,
Ha de a Razão gemer, e a Humanidade?
Sempre o cego mortal ceder a enganos!...
Ah, dos Numes que asylo esperaremos,
Se a morte se colloca ao pé das aras!
Deve o medo offertar nossos incensos?
Não!... Se o céo quer vingar-se, o céo se vingue...
E quando vós punis, talvez perdoe;
Só compete aos mortaes orar aos numes...
Mas demorei-me assás; vem, segue Afranio! (1)
Meu férvido valor desesperado
Passagem te abrirá por entre o povo.

ERICIA

Deixa-me!.. Teme os céos, de quem blasphemas.

(1) Para Ericia.

AFRANIO

Sê minha, vem, — depois os céos fulminem;
Dos deuses a pezar eu hei de obter-te;
Minha promessa tens, e exijo a tua,
Minha esposa serás... dos céos á face,
Sobre este horrivel tumulo profiro
O solemne immutavel juramento;
Nada póde arrancar-te dos meus braços:
N'este meu juramento, attesto, invoco
Amor, Jupiter mesmo, a mesma Vesta.

ERICIA

Espera... tu que pódes? Deixa, deixa
Este logar em paz, não o profanes...
Satisfeitos serão Amor, e Vesta.
Olha o povo a bramar! Quer minha morte:
O duro sacrificio em vão suspendes.
Romanos, eis o amante idolatrado,
Que á patria, que ao dever, que aos céos prefiro;
Dos annos meus lhe consagrei a aurora...
Meus primeiros suspiros foram d'elle,
D'elle será meu ultimo suspiro...
Cáe-me o grilhão, recobro a liberdade.
Oh tu, que imperas só nos meus sentidos, (1)

(1) Voltando-se pàra Afranio.

Queres a minha mão?... (1)

Recebe-a, é tua.

AURELIO

Deuses!... Eu morro!...

AFRANIO

Ericia!... Oh raiva!... Oh crime!...
Céo tyranno!... Outra victima te off'reço. (2)

---

(1) Lança-se arrebatadamente ao punhal de Afranio, fere-se com elle, e estende-lhe a mão, dizendo:

(2) Arranca-lhe o punhal, e mata-se. Aurelio consternado se encosta a um pontifice. O povo, e soldados mostram dôr e compaixão. Os pontifices e as Vestaes horror e assombro.

ATTILIO RÉGULO

DRAMA HEROICO

DE

PEDRO METASTASIO

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES

Actores

RÉGULO.	
MANLIO.....	*Consul.*
ATTILIA }	*Filhos de Régulo.*
PUBLIO }	
BARCE.....	*Nobre Africana, escrava de Publio.*
LICINIO.....	*Tribuno do povo.*
AMILCAR.....	*Embaixador de Carthago.*

SENADORES, PATRICIOS ROMANOS, LICTORES, AFRICANOS, POVO, ETC.

A acção se finge fóra de Roma, nos arredores do templo de Bellona.

ATTILIO RÉGULO

ACTO I

Atrio no Palacio suburbano do Consul Manlio. Espaçosa escada, por onde se sóbe a elle.

SCENA I

ATTILIA, LICINIO, LICTORES e POVO

LICINIO

Es tu, querida Attilia! Oh céos! É crivel
Que de Régulo a filha aqui se encontre
Confundida entre a plebe, entre os Lictores?

ATTILIA

Aqui do Consul a saída espero:
Hei de, oh Licinio, envergonhal-o ao menos:
Não, já tempo não é de vãos melindres.

Em Africa meu páe captivo geme,
Um lustro decorreu, ninguem procura
Resgatar o infeliz; só eu mesquinha
Seu desastre fatal pranteio em Roma:
Se me calar, quem fallará por elle?

LICINIO

Repara que és injusta assim pensando.
Onde vês quem não queira, ou não suspire
Desligar-lhe as prisões? E quem não julga
Ser pequena conquista Africa inteira,
Tão grande cidadão custando a Roma?
De mim não fallo: elle é teu páe, eu te amo:
General, custou-me a dextra ás armas:
Da custosa virtude as leis severas
Amaveis me tornou, insinuou-me
No docil peito um coração romano.

ATTILIA

E que montam, Licinio, essas memorias?
Fructos da gratidão inda não vejo.

LICINIO

Carecendo até-qui de auctoridade,
Que podia exercer em seu proveito?

De ambicioso ardor não fui tentado,
A demandar o tribunicio emprego:
Com elle o preço das instancias minhas
Altear pretendi: se inuteis preces
Té hoje por teu páe fiz ao Senado
Em simples cidadão;—Tribuno agora,
Do povo todo em nome a voz soltando,
Protesto de exigir...

ATTILIA

Guardemos esse
Tão violento remedio a lance extremo:
Tumultos, dissensões se não despertem
Entre o povo, e Senado: ambos zelosos
Do supremo poder, por elle punem;
Ambos de longo tempo a si o arrogam,
E o que um d'elles promove, embarga o outro.
Ha mais facil caminho: eu sei que Roma
O orador de Carthago espera em breve:
Para ouvil-o o Senado se congrega
No templo de Bellona. O Consul póde
De Régulo o resgate ali propor-lhe.

LICINIO

Manlio!... Ah! Vê que foi sempre, e desde a infancia
Émulo de teu páe, não fies d'elle:
É Manlio meu rival.

ATTILIA

Manlio é romano:
Com publico poder odio privado
Sei que não ha de armar; deixa que eu falle;
Ouçamos o que diz.

LICINIO

Falla-lhe ao menos
Em logar mais decente, e não toleres,
Que entre o povo te encontre.

ATTILIA

Antes desejo
Que abatida me observe, e córe ao ver-me,
Que em publico me escute, e me responda.

LICINIO

Elle vem.

ATTILIA

Parte.

LICINIO

Ah! nem sequer te dignas
De olhar-me uma só vez? Attilia...

ATTILIA

Agora
Me cumpre filha ser, não ser amante.

SCENA II

ATTILIA, e MANLIO descendo; POVO e LICTORES

ATTILIA

Manlio, detem-te; escuta-me um momento.

MANLIO

E crês este logar de Attilia digno?

ATTILIA

Era indigno de mim quando eu podia
Blasonar de um páe livre, um páe invicto:
Para a filha de um servo, é decoroso.

MANLIO

A que vens?

ATTILIA

A que venho? Oh céos! Té quando
Com pasmo a terra, envergonhada Roma,
Verá meu triste páe desamparado
Em vil escravidão? Sómem-se os dias,
Annos tornam-se em lustros, lustros passam,
E quem de seus grilhões se doe, se lembra?
Ah! Que delicto seu tem merecido
Tão barbara indiff'rença dos romanos?
Talvez o heroico amor, talvez a honra
Com que os filhos, e a si pospoz á patria?
Talvez seu coração grande, incorrupto,
Sua illustre pobreza em summos cargos?...
De Régulo esquecer-se, oh! Como póde
Quem respira estes ares? Onde em Roma
Ha logar, que de Régulo não falle?
As ruas? Por alli passou triumphante.
O foro? Lá dictou leis providentes.
Os muros do Senado? Ahi mil vezes
Seus maduros conselhos frabricaram
A publica saude. Entra nos templos,
Vae, sóbe, oh Manlio, o Capitolio, e dize,
Quem de tantas insignias o adornára,
Punicas, Sicilianas, Tarentinas?
Estes mesmos Lictores, estes mesmos
De que hoje és precedido, já n'outr'hora
Precedêram meu páe: essa, que cinges

Purpura consular, cingiu-lhe os hombros;
E hoje o deixam morrer entre cadêas?
E hoje por si não tem senão meus prantos,
Meus prantos sem proveito desparsidos?
Oh Patria! oh Roma! Oh cidadãos ingratos!

MANLIO

Justa é sim tua dôr; mas não é justa
A tua accusação: tambem nos móve
De Régulo o desastre, e bem sabemos
N'elle, que horror tyrannico pratica
A barbara Carthago.

ATTILIA

Ah! Não, Carthago
A barbara não é: Carthago opprime
Um contrario fatal: Roma abandona
Um fiel cidadão. Lembra-se aquella
Dos antigos ultrajes; esta esquece
Quanto sangue, e suór verteu por ella.
Uma em Régulo vinga os seus deslustres;
A outra a pune, porque accezo em gloria,
De louros triumphaes lhe honrára a frente:
Qual é pois a cruel? Carthago, ou Roma?

MANLIO

Mas que resolução tomar se deve?

ATTILIA

A mais justa de todas. O Senado
Off'reça por meu páe troca, ou resgate
Ao africano Embaixador.

MANLIO

Tu fallas,
Attilia, como filha; a mim reléva
Proceder como consul. É preciso
Primeiro examinar se tal proposta,
A Roma não desluz. Quem ás cadêas
Os pulsos costumou...

ATTILIA

D'onde aprendeste
Tão rigida moral?

MANLIO

Tenho ante os olhos
Os exemplos domesticos.

ATTILIA

Ah! Dize,
Que sempre de meu páe contrario foste.

MANLIO

Se de inimigas mãos caíu nos ferros,
Se elle deixou vencer-se, é culpa minha?

ATTILIA

Mas antes que meu páe vencido fosse,
Que vezes te ensinou . . .

MANLIO

Não mais, Attilia;
O Senado está junto: eu já não posso
Aqui deter-me: aos outros Senadores
Menos austeras maximas inspira:
Pódes o meu rigor baldar com isso;
Pódes, que em Roma os Consules não reinam.
Tu julgas-me cruel, e inexoravel;
Mas não é sempre a dôr juiz inteiro:
Affligem-me teus ais, teus males sinto;
Mas não provêm de mim, não sou culpado
Se te empéce o que a tantos aproveita.

*

SCENA III

ATTILIA

Já que esperar dos Consules não resta:
Um contrario, outro ausente; é necessario
Que ao popular auxilio se recorra.
Triste, misero páe! Ah! De que incertas,
Fataes altercações está pendente
A tua liberdade, a tua vida!

SCENA IV

BARCE e ATTILIA

BARCE

Attilia! Attilia!

ATTILIA

Que razão te apressa?
Porque assim te afadigas?

BARCE

É chegado
O africano orador.

ATTILIA

Não vale a nova
Esse extranho transporte.

BARCE

Outra noticia
O mereça talvez.

ATTILIA

Qual é?

BARCE

Com elle
Vem Régulo.

ATTILIA

Meu páe?

BARCE

Teu páe.

ATTILIA

Ah, Barce!
Enganas-te, ou me enganas?

BARCE

Não foi visto
Por mim, mas todos...

ATTILIA

Publio!

SCENA V

ATTILIA, BARCE e PUBLIO

PUBLIO

Irmã, que assombro!
Régulo em Roma está.

ATTILIA

Deuses! que assalto!
Que enchente de prazer! Guia-me a elle.
Corramos... onde está?

PUBLIO

Suspende, Attilia:

Inda tempo não é. Régulo, junto
C'o africano orador, licença espera
Para entrar no Senado.

ATTILIA

Ah! Onde o viste?

PUBLIO

Bem sabes, que eu Questor tenho a meu cargo
Hospedar estrangeiros oradores.
Ouvindo que o ministro de Carthago
Chegára ao Tibre, os passos acceléro;
Ao porto me encaminho, e quando julgo
Um africano ser, meu páe diviso.

ATTILIA

Que disse? Que disseste?

PUBLIO

Já na praia
O vi quando cheguei. No Capitolio,
Que inda ao longe d'ali se alcança em parte,
Com sofrega attenção fitava os olhos.
D'est'arte ao vêl-o, irmã, corri gritando:

«Ah caro páe!» E a mão tentei beijar-lhe.
Ouve-me, volta o rosto, o pé desvia,
E com a face austera, aquella face
Que a soberba africana amedontrava;
«Não são páes (me responde) em Roma os servos.»
Replicar-lhe queria: eis me interrompe:
Se o Senado está junto, me pergunta;
Pergunta em que logar: ouvio-o, e mudo
Logo retrocedi para o Senado,
O Consul demandando: mas que é d'elle?
Os Lictores não vejo.

BARCE

Elle no templo
De Bellona estará.

ATTILIA

Torna captivo
Régulo pois a nós?

PUBLIO

Sim; mas de pazes
Sei que traz a proposta, e que seu fado
D'elle depende só.

ATTILIA

Porém quem sabe
Se a proposta será de agrado a Roma?

PUBLIO

Se visses com que amor o acolhe Roma?
Tal dúvida, por certo, não tiveras.
Todos, Attilia, estão de gosto insanos:
Tanto povo em tropel nas ruas ferve,
Que as ruas para o povo estreitas ficam.
Um outro apressa, aquelle a este o aponta:
Que titulos! Que nomes ouvi dar-lhe!
Quantos olhos em lagrimas banhados
Vi de ternura! Ao coração de um filho,
Attilia, que espectaculo tão doce!

ATTILIA

Ah! Licinio onde está? Busque-se, vamos:
Sem elle o meu prazer fôra incompleto.

SCENA VI

PUBLIO e BARCE

PUBLIO

Adeus, Barce formosa.

BARCE

Ouve: não sabes
Do Embaixador carthaginez o nome!

PUBLIO

Sim, Amilcar.

BARCE

De Hannon acaso o filho?

PUBLIO

O mesmo.

BARCE

(Ah! o meu bem.)

PUBLIO

De aspecto mudas!
Porque? Amilcar talvez será motivo
Do invencivel rigor com que me opprimes?

BARCE

Atégora, senhor, tanta piedade
Achei n'alma de Attilia, e na tua alma,
Que o pezo de meus ferros não sentia.
Fôra ingrata demais se te enganasse:
Todo o meu coração porei patente
A Publio bemfeitor: sabe...

PUBLIO

Emmudece.
Prevejo que fatal será comigo
A tua ingenuidade. Agro veneno
D'este dia os prazeres não me azéde.
Se és d'outro, quero ao menos duvidal-o:
Se objecto mais feliz te rege o peito,
Verdade tão cruel não patentêes:
Ah! Deixa-me sequer folgar no engano:
A suspeita no amor é um tormento,
Que morde os corações, que os empeçonha;
Mas a certeza é mal, que ás vezes mata.

SCENA VII

BARCE

Oh fortuna! Oh prazer! Será verdade!
O meu perdido bem verei de novo?
Bem unico, e primeiro em que minha alma
Ardeu, e suspirou, arde, e suspira.
Ah! Que farás de Amilcar na presença,
Meu terno coração, se ouvir-lhe o nome
Te obriga a palpitar de um modo extranho?
Parece que no peito apenas cabes.
O que é contentamento, o que é ventura
Só poderá dizer quem longamente
Saudoso do seu bem penou debalde,
E torna a vêl-o emfim. N'aquelle instante
Os suspiros, as lagrimas se adoçam,
E das curtidas magoas a memoria
Em subitos prazeres se converte.

SCENA VIII

Parte interna do templo de Bellona. Assentos para os Senadores romanos, e oradores estrangeiros. Lictores, que guardam diversas entradas do templo, d'onde se avista o Capitolio e o Tibre.

MANLIO, PUBLIO, SENADORES, LICTORES, que guardam a entrada: AFRICANOS e POVO, fóra do templo

MANLIO

Lictores, venha Régulo, e com elle
O africano Orador. Aos inimigos
Já grata é pois a paz?

PUBLIO

A paz desejam,
Ou dos captivos que se ajuste a troca:
De vós obtel-o a Régulo incumbiram.
Se nada conseguir, fica obrigado
A voltar a Carthago, e lá de Roma
A repulsa pagar c'o proprio sangue:
Foi da promessa o juramento abono.
Viu antes de partir (que horrivel scena!)
O funéreo, o terrifico apparelho

Da ameaçada morte. Ah! Não se diga,
Que ás mais barbaras penas condemnado
Tão digno cidadão...

MANLIO

Basta, elle chega. (1)

SCENA IX

Passam RÉGULO e AMILCAR entre LICTORES, que tornam logo a unir-se. RÉGULO apenas entra no templo, pára pensativo. Os Africanos ficam atraz dos LICTORES

AMILCAR

Que te suspende, oh Régulo? A teus olhos
O logar em que estás acaso é novo?

RÉGULO

Penso qual d'elle fui, qual torno a elle,

(1) O Consul, Publio e todos os Senadores vão tomar assento. Ao lado do Consul fica desoccupado o logar, que algum dia occupára Régulo.

AMILCAR (1)

De Carthago o Senado, desejando
Em fim depôr as formidaveis armas,
O Senado romano hoje saúda:
E se a paz de Carthago anhéla Roma,
Quem lhe envia a saude, a paz lhe envia.

MANLIO

Senta-te, e expõe. — E tu, o antigo assento
Vem, Régulo, occupar.

RÉGULO

Mas quem são estes?

MANLIO

Os Senadores.

RÉGULO

Tu quem és?

MANLIO

Conheces
O Consul já tão mal?

(1) Ao Consul.

RÉGULO

Pois entre o Consul,
E os Senadores, tem logar um servo?

MANLIO

Não; mas em teu favor, em honra tua,
Por ti, que mil trophéos á patria déste,
Das leis o rigorismo esquece Roma.

RÉGULO

Pois o que a Roma esquece a Roma eu lembro.

MANLIO

(Quem viu jámais tão rigida virtude!)

PUBLIO

Nem eu me sentarei.

RÉGULO

Publio, que fazes!

PUBLIO

O que devo, senhor; erga-se o filho
Onde o páe se não senta.

RÉGULO

Ah! Tanto em Roma,
Tanto em Roma os costumes se mudaram!
Entre os cuidados publicos, outr'hora,
Soffrer a idéa de um dever privado,
Emquanto não passei de Lybia ás praias,
Era mais do que um erro, era delicto.

PUBLIO

Porém...

RÉGULO

Senta-te, Publio, e desde agora
Occupa esse logar mais dignamente.

PUBLIO

Instincto natural é meu respeito
Na presença de um páe.

RÉGULO

Mais não prosigas:
Teu páe foi morto quando foi vencido.

MANLIO

Agora falle Amilcar.

AMILCAR

Deu Carthago
A Régulo o poder, a auctoridade
De expor-vos seu desejo. O que lhe ouvirdes
É o que diz Carthago, o que eu dissera.

MANLIO

Falle Régulo pois.

AMILCAR

Traze á memoria
Que, se não for acceito o que expozeres,
Juraste...

RÉGULO

Cumprirei quanto hei jurado.

MANLIO

(D'elle se vae tractar. Oh que energia
Suas vozes terão!)

PUBLIO

(Deuses de Roma!
Dom persuasivo nos seus labios ponde.)

RÉGULO

A inimiga Carthago, oh Senadores,
Com tanto que não ceda o que possue,
A paz, que tanto quer, propor-vos manda:
Se a paz não lhe outorgaes, deseja ao menos
Que dos seus prisioneiros, que dos vossos,
Termine a troca o misero desterro.
Vóto que se recuse, a paz, e a troca.

AMILCAR

Como!

PUBLIO

(Ai de mim!)

MANLIO

(De assombro estou qual pedra!)

RÉGULO

A paz é facil ver que damno envolve;
Teme o contrario, se a deseja tanto.

MANLIO

Porém a troca...

RÉGULO

A troca ainda esconde
Engano para vós mais perigoso.

AMILCAR

Régulo!

RÉGULO

Cumprirei quanto hei jurado.

PUBLIO

(Deuses! Meu páe se perde.)

RÉGULO

Inclue a troca
Mil, e mil prejuizos; mas o exemplo
É peor que nenhum: do Tibre a honra,
A constancia, o valor (oh Senadores)
A disciplina, a militar virtude;
Decaem, fallecem, morrem, se os cobardes
Esperam liberdade, esperam vida.
Que presta ao bem commum que volte a Roma
Quem do affrontoso, do servil flagello
Negros vergões trouxer no dórso infame?
Quem as armas, de sangue hostil intactas,
Vivo depoz, e por terror da morte,
Baldões do vencedor soffrer quiz antes?
Oh mancha horrenda! Oh vituperio eterno!

MANLIO

Damnoso, muito embora, o cambio seja:
Régulo basta a compensar-lhe os damnos;
Basta Régulo só.

RÉGULO

Manlio, te enganas.
Eu mortal sou tambem; tambem eu sinto
As injurias da edade; util a Roma

Já posso apenas ser. Muito a Carthago,
Muito o sería a mocidade féra,
Que trocasseis por mim. Ah! tão grande erro
Commetter não queiraes. Teve os mais bellos
De meus dias a patria; um resto inutil
Tenha o contrario; o vil triumpho alcance
De me vêr expirar; mas tambem veja,
Que em vão se regosija, em vão triumpha;
Que em Régulos abunda a altiva Roma.

MANLIO

(Oh constancia inaudita!)

PUBLIO

(Oh desgraçado!...
Oh funesto valor!)

AMILCAR

(Céos! Que linguagem
Tão nova para mim!)

MANLIO

Das acções nossas
O util não deve ser, mas ser objecto

Sómente o decoroso; e pejo a Roma
Fôra, que um cidadão a achasse ingrata.

RÉGULO

Roma quer ser-me grata? Eis o caminho.
Senadores! Os barbaros, que vêdes,
Tão vil me presumiram, que por medo
Trair-vos procurasse! Ah! que esta affronta
Das muitas que soffri, tresdobra o pezo!
Senadores, vingae-me: eu fui romano:
Eia, armae-vos, correi, voae aos monstros,
Seus templos arrombae, d'ali se arranquem
As aguias prisioneiras; té que oppressa
Cáia a rival, não deponhaes o ferro.
Fazei que eu, lá tornando, encontre o susto
Da vossa indignação, das furias vossas,
No semblante feroz dos meus algozes:
Que ledo arqueje emfim, que ledo morra
Ao vêr, entre os meus ultimos arrancos,
Como ao nome de Roma Africa treme.

AMILCAR

(De espanto minhas iras se enregelam!)

PUBLIO

(Ninguem responde; o coração me treme!)

MANLIO

Quer mais arbitrios dúvida tão grande.
O nosso justo assombro espaço exige
Para desafogar-se. Em breve, Amilcar,
Ser-te-ha notorio o que ao Senado aprouve:
A inspiração dos céos, antes de tudo,
Devemos implorar, oh Senadores.

RÉGULO

Inda ha duvidas?

MANLIO

Sim; não sei se é risco
Maior da patria nossa não curvar-se
Ao pezo dos teus próvidos conselhos,
Ou perder quem os dá! Tu, desprezando
Os horrores da morte, o sangue offertas
Ao publico interesse; mas a patria
Perde em ti de seus filhos o mais util.
Se teu fim sanguinoso exiges d'ella,
Não soffre a gratidão que tanto exijas.
Pródigo o céo não é de almas tão grandes. (1)

(1) Vae-se, seguido de Senadores e Lictores, e fica a passagem livre no templo.

SCENA X

RÉGULO, PUBLIO e AMILCAR

AMILCAR

Assim cumpres, oh Régulo, as promessas?

RÉGULO

Prometti de tornar: hei de cumpril-o.

AMILCAR

Mas...

SCENA XI

ATTILIA, POVO, LICINIO e os mesmos

ATTILIA

Páe!

LICINIO

Senhor!

ATTILIA

Sobre esta mão, que adoro:...

RÉGULO

Afastae-vos de mim : Graças aos numes,
Inda livre não sou.

ATTILIA

Que! Recusou-se
A troca?

RÉGULO

Publio, vem: conduze Amilcar,
E a mim ao domicilio destinado.

PUBLIO

Não tornarás a ver teus patrios lares?
A antiga habitação?

RÉGULO

Não entra em Roma
Mensageiro inimigo.

LICINIO

Esta severa
Lei não é para ti.

RÉGULO

Seria injusta,
Se não fosse geral.

ATTILIA

Eu quero ao menos
Seguir-te aonde fores.

RÉGULO

Não, que o tempo
Demanda pensamentos bem distinctos
Do filial amor, e amor paterno.

ATTILIA

Ah meu páe! Ah senhor! Porque te encontro
Tão diverso de ti, do que eras d'antes?

RÉGULO

Minha sorte mudou, mas não minha alma.

Não perco entre grilhões, ou entre os louros,
De meu animo a paz: não chega a elle
A minha escravidão: com vario aspecto
Póde virtude, sem mudar a essencia,
Resistir ao rigor, luctar co'as iras
Da inconstante fortuna. — Publio, vamos.

SCENA XI

AMILCAR, BARCE, ATTILIA

BARCE

Amilcar!

AMILCAR

Barce! Ah! Perco-te de novo:
Régulo o que hei proposto dissuade.

AS DUAS

Oh céos!

AMILCAR

Adeus: seguir a Publio devo.
Quanto o meu coração tem que dizer-te!

BARCE

Nada em tanto me dizes?

AMILCAR

N'um suspiro
Ha bastante expressão, se amor o explica.

SCENA XII

ATTILIA e BARCE

ATTILIA

Filha desventurada! Oh céos! Que devo
Concluir do que ouvi? Seu proprio damno
Machinará meu páe!

BARCE

Como o Senado
Inda não decidiu, resta-te muito,
Attilia, que esperar.

ATTILIA

Eu parto, eu corro:
Fadigas, submissões, lagrimas, rogos,
Tudo em uso porei; o prazo é curto:
Devo lidar primeiro que os Conscriptos
Outra vez se congreguem: eis o tempo
De apurar a eloquencia, os artificios:
Amparo, auxilio implorarei a todos,
E farei bandear ao meu partido,
O Tribuno, os conscriptos, os clientes,
O povo, Amilcar mesmo, os mesmos numes.

ACTO II

Aposentos, á vista de Roma, no palacio suburbano, destinados aos Embaixadores Carthaginezes

---

SCENA I

RÉGULO e PUBLIO

RÉGULO

Publio, tu inda aqui? Tracta-se agora
Da honra minha, do esplendor de Roma,
Do publico repouso, e não te apressas?
E ao Senado não vás?

PUBLIO

Senhor, ainda
Se não juntou.

RÉGULO

Não tardes, vae: sustenta
Entre os arbitrios seus o meu conselho:
Mostra seres credor da origem tua.

PUBLIO

Como! E queres, e ordenas que fabrique
Eu proprio o damno teu?

RÉGULO

Não é meu damno
O que utilisa a patria.

PUBLIO

Ah! de ti mesmo
Tem piedade, senhor.

RÉGULO

Publio, tu julgas
Isto um furor em mim? Crês que entre todos
Os que existem no mundo eu só me odeio?
Quanto enganado estás! Tambem sou homem:
Amo o bem, fujo ao mal; porém na culpa
Só este encontro, e na virtude aquelle.
Culpa não fôra que, empecendo a patria,
Recobrasse a perdida liberdade?

Meu mal é pois a liberdade, e a vida.
Crês virtude manter c'o proprio sangue
Os destinos da patria, o nome, a gloria?
É pois meu bem a escravidão, e a morte.

PUBLIO

Mas a patria não é...

RÉGULO

Na patria pensa;
Vê n'ella um todo de que somos partes:
Erro é no cidadão considerar-se
Da patria separado; os bens, e os males,
Que deve conhecer, são os proveitos,
Ou detrimentos d'ella, a quem de tudo
É devedor: quando o suor, e o sangue
Por ella espalha, nada seu despende:
Quanto lhe deve, restitue á patria.
A patria deu-lhe o ser, deu-lhe a doctrina,
O alimento lhe deu: co'as leis, co'as armas
Dos insultos domesticos o escuda;
Dos extremos o salva: ella lhe presta
Nome, honra, gráo, seus meritos premêa,
Vinga os aggravos seus; mãe carinhosa
Se esmera em lhe forjar prosperidade,
Em fazel-o feliz, quanto é possivel

Ao destino dos homens ser ditoso.
É certo que estes dons lá tem seu pezo:
Quem o pezo recusa, o jus deponha,
Renuncie o favor; mendigo, inutil,
Os desertos inhospitos demande,
E em ferinas envolto hirsutas pelles,
Contente de um covil, e agrestes fructos,
Lá viva a seu sabor, inerte, e livre.

PUBLIO

Adoro o que te escuto: a alma convences,
O coração porém não persuades;
Repugna obedecer-te a Natureza;
Não me posso esquecer de que sou filho.

RÉGULO

Triste desculpa em quem nasceu romano:
Bruto, Manlio, Virginio, páes não foram?

PUBLIO

Sim; mas essa constancia extranha, heroica
Ficou só entre os páes. Não teve Roma
Atéqui filho algum com que jactar-se;
Filho algum, que do páe tramasse a morte.

RÉGULO

Pois do primeiro exemplo aspira á honra:
Vae-te.

PUBLIO

Ah...

RÉGULO

Não mais. Do meu destino espero
A noticia por ti.

PUBLIO

Muito pretendes,
Senhor...

RÉGULO

Queres-me extranho, ou páe? Se extranho,
Não prefiras o meu ao bem de Roma:
Se páe, adora o mando, e cala, e parte.

PUBLIO

Ah! Se o meu coração notar podesses;
Quantas palpitações, senhor, o agitam;
Menos duro talvez comigo foras.

*

RÉGULO

Eu do teu coração requeiro agora
Menos provas de amor, que de constancia.

PUBLIO

Ah! Se é vontade tua exp'rimentar-me,
Pede-me o sangue, oh páe, verás meu sangue
Derramado a teus pés; mas que teu filho
Te enlute os fados, te machine a morte...
Perdoa-me, senhor; tremo, desmaio,
E para tanto em mim não ha virtude.

SCENA II

RÉGULO

Eis o grande momento se avisinha.
Que vacille o Senado eu temo: oh deuses,
Protectores de Roma! Eia, inspirae-lhe
Mais dignos sentimentos.

SCENA III

MANLIO, LICTORES e RÉGULO

MANLIO

Os Lictores
Fiquem d'este logar vedando a entrada;
A penetrar aqui ninguem se atreva.

RÉGULO

Manlio! A que vem!

MANLIO

Ah! deixa, heroe invicto,
Que te aperte em meus braços.

RÉGULO

Como! Um Consul!

MANLIO

Consul não sou agora; eu sou um homem,
Que adora essa virtude, essa constancia:

Um grande émulo teu, que se declara
Já vencido por ti: — que detestando
Seu antigo rancor, sua injustiça,
De ser amigo teu supplica a honra.

RÉGULO

Eis o estylo commum das almas grandes!
Não bate o vento as derrubadas plantas;
Mas brandamente as ergue. Eu gloria tanta,
Tão nobre acquisição devo aos meus ferros.

MANLIO

Sim, teus ferros qual és me descubriram:
Nunca te vi tão grande como entre elles.
A Roma vencedor dos inimigos
Muitas vezes volveste: agora volves
Vencedor de ti mesmo, e da Fortuna.
Os teus louros inveja em mim crearam;
Os teus ferros em mim respeito infundem.
Heróe Régulo então me parecia;
Régulo agora me parece um nume.

RÉGULO

Basta, basta, senhor: applausos tentam,
Mormente em labios taes, a mais austera,

Comedida virtude: eu te sou grato,
De aprouver-te illustrar com teu affecto
Os meus dias finaes.

MANLIO

Teus finaes dias!
Conserval-os pretendo a bem da patria:
E, porque em teu favor se admitta a troca,
Tudo em uso porei.

RÉGULO (1)

D'esta arte, oh Manlio,
Principias a amar-me! E que fizeras
Se inda me aborrecesses? D'este modo
Do fructo do meu brio me defraudas?
Mostrar os meus grilhões não vim a Roma
Por lhe excitar piedade; eu vim salval-a
De arriscada proposta, que não deve
Ser acceita por ella: se não pódes
Dar-me outro amor, a aborrecer-me torna.

MANLIO

Porém não vês que, recusada a troca,
Tua morte produz?

(1) Perturbado.

RÉGULO

E tão terrivel
Nos ouvidos de Manlio sôa a morte!
Hoje que sou mortal não é que aprendo:
Nada podem tirar-me os inimigos,
Que cêdo me não tire a Natureza:
Ficará sendo assim dom voluntario
Aquillo mesmo, que seria em breve
Necessario tributo. O mundo veja
Que Régulo viveu só para a patria,
E que emfim, quando mais viver não pôde,
Lucro se quer lhe deu co'a morte sua.

MANLIO

Vozes sagradas! Sentimento augusto!
Oh terreno feliz, que dá taes filhos!
E quem póde, senhor, deixar de amar-te?

RÉGULO

Consul, como romano amar-me deves,
Se me queres amar. D'esta amisade
Attende as condições. Ambos façamos
Um sacrificio a Roma: eu o da vida,
Tu o do amigo. É justo que as vantagens,
Que a fortuna da patria, algum desgosto

Tambem te custem; vae; porém promette
Que dos conselhos meus tu no Senado
Serás o defensor: tua amisade
Com esta condição sómente acceito.
Que respondes, senhor?

MANLIO

Que assim prometto.

RÉGULO

Agora dos propicios, altos numes
Em Manlio reconheço um dom sagrado.

MANLIO

Porque dos ferros teus não participo?...

RÉGULO

Não percâmos o tempo. Os Senadores
Ter-se-hão juntado. Á tua fé commetto
O decóro da patria, o meu repouso,
A honra minha.

MANLIO

Oh! Que fervor de gloria,

Que flamma lavra em mim de fibra em fibra,
Só de fallar comtigo, alma sublime!
Não, não ha coração de tal fraqueza,
Que, ouvindo a tua voz, trocar não queira
O destino de um rei por esses ferros.
Adeus, gloria do Tibre.

RÉGULO

Amigo, adeus.

SCENA IV

RÉGULO e LICINIO

RÉGULO

A respirar começo: os meus designios
Fausto o céo favorece.

LICINIO

Emfim mais ledo
Torno a ver-te, senhor.

RÉGULO

D'onde procede
Tanto prazer, Licinio!

LICINIO

Abundo n'alma
De alegres esperanças. Atégora
Lidei por ti.

RÉGULO

Por mim!

LICINIO

Sim: presumiste
Tão ingrato Licinio, que esquecesse
Altas obrigações no lance d'ellas?
Muito, ah! Muito, senhor, na idéa as trago.
Foste meu general, meu páe, meu mestre.
Os meus primeiros, vacillantes passos,
Da gloria pela estrada encaminhastes:
Eu te devo o que sou.

RÉGULO

Mas dize, acaba: (1)
Em beneficio meu que tens tu feito?

LICINIO

Fui defender-te a liberdade, e a vida.

RÉGULO

Como! (2)

LICINIO

No atrio do templo, onde o Senado
Para o novo debate se congrega,
O Senado esperei: movi em todos
O intento de salvar-te.

RÉGULO

(Oh céos! Que escuto!)
E tu...

(1) Impaciente.
(2) Perturbado.

LICINIO

Não fui eu só: não se escureça
Ao merito o louvor: lidei bastante;
Mas Attilia inda mais.

RÉGULO

Quem?

LICINIO

Tua filha:
Outra em Roma não ha mais extremosa
No amor ao páe. Como fallou! Que affectos
Nas almas despertou! Como o decóro
Lhe ataviava a dor! Por quantos modos
Uniu exprobrações, louvores, preces!

RÉGULO

E o Senado que fez?

LICINIO

Ah! Quem resiste
Aos assaltos de Attilia?... Eil-a; repara
Como em seus olhos a esperança brilha.

SCENA V

Os mesmos e ATTILIA

ATTILIA

Emfim, querido páe, já posso...

RÉGULO

E ousas
Presentar-te a meus olhos? Atégora
Entre os contrarios meus te não contava.

ATTILIA

Eu, páe, contraria tua!

RÉGULO

É menos que isso
Quem se oppõe delirante aos meus conselhos?

ATTILIA

Ah senhor! No desejo de prestar-te
Demonstrações de inimisade encontras?

RÉGULO

Tu sabes o que empéce, ou que aproveita?
Quem nos cuidados publicos te ingére?
Quem te fez de meus fados protectora?
Que jus...

LICINIO

Muito, oh senhor...

RÉGULO

Licinio falla?
Melhor se defendia emmudecendo;
Indicio de remorso era o silencio.
Uma filha! Um romano! Eternos deuses!

ATTILIA

Porque sou filha...

LICINIO

Porque sou romano,
Imaginei oppôr-me ao teu destino.

RÉGULO

Cala. Quem aconselha acções indignas,
Quem á baixeza induz, não é romano:

Minha filha não é quem não prefere
O proveito commum ao bem privado:
O pezo de meus ferros sinto agora:
Affligem-me os grilhões por culpa vossa,
E hoje lamento a liberdade extincta.

SCENA IV

LICINIO e ATTILIA

ATTILIA

Ah! Licinio, Licinio, em todo o mundo
Crês que ha mulher mais infeliz que Attilia?
Amar um páe, estremecer por elle;
Por elle desvelar-se; atear no peito
A mais terna piedade;—isto séria
Mérito em outras, em Attilia é crime.

LICINIO

Consola-te, meu bem; não te arrependas
D'esse extremo filial: deveres nossos
Não se irmanam de Régulo aos deveres;
Se o desprezo da vida é gloria n'elle,
Em nós fôra impiedade o não salval-o:

As iras de teu páe não te amedrentem:
Ás vezes de cruel argúe o enfermo
A propria mão, que providente o cura.

ATTILIA

Suas exprobrações me desalentam
O afflicto coração. Valor não tenho
Para soffrer-lhe as iras.

LICINIO

Queres antes
De um páe, e de um tal páe chorar a perda?

ATTILIA

Ah não: mostre-me enfado; porém viva.

LICINIO

Viverá, viverá: suspende o pranto:
Serenem-se outra vez teus olhos bellos;
Pois se n'elles de magoa indicios vejo,
A constancia, e valor em mim desmaiam.

SCENA VII

ATTILIA

Da sorte caprichosa os bens, e os males
Não têm moderação, não têm medida;
Ou de seus dons é pródiga no extremo,
Ou, té que o veja extincto, um peito opprime:
Agora sou do seu furor o objecto:
Sobre a minha cabeça relampejam
Pavorosos fuzis, que indicam raios:
E quem sabe que horror no bojo encerra
A procella, que em torno enluta os ares?
Mas, oh Deus! se uma vida é só bastante,
A applacar o furor, que em vós supponho,
Eis o meu coração, n'elle se esgotem
Da vossa omnipotencia as furias todas;
Expire a filha, mas o páe não morra.

SCENA VIII

Mutação. Galeria

RÉGULO

Palpitas, coração! Que tens? Que novo
Frio tremor por ti desconhecido
É este que te abala? Outr'hora ousaste

Desafiar do pélago as tormentas,
D'Africa os monstros, de Mavorte a sanha;
E agora em convulsões teu fado esperas!
Tu razão tens: jámais, jámais tégora
Correu tão grande risco a gloria minha.
Mas esta gloria (oh céos!) será tyranna
Paixão dos corações? E como as outras
Domar-se deverá? Ah! Não: dos fracos
Eis a linguagem: de que serve ao mundo
O que só para si no mundo vive?
De ti sómente, generoso affecto,
Aprende a se esquecer de si, por outrem
O intrepido mortal: quanto na terra,
Quanto na terra é bem, se deve á gloria.
Ella sabe remir a humanidade
Do vergonhoso estado em que jazia.
Da gloria a sede honrosa o fio embota
Á constante afflicção, que as almas fere;
Rouba aos p'rigos o medo, o medo á morte:
Alonga os reinos, as cidades mune,
Allicía, congrega, attráe sequazes
Á formosa virtude: emfim, converte
Em benigna moral costumes feros,
E quasi que os mortaes em deuses volve.
Por ella... Mas que vejo! Ah! Publio torna,
E parece que timido caminha.
Então, que annuncio trazes? Decidíram
Os Senadores já? Qual é meu fado?

*

SCENA IX

RÉGULO e PUBLIO

PUBLIO

Senhor... (que pena para um filho é esta!)

RÉGULO

Calas-te?

PUBLIO

Oh deuses! antes mudo eu fôra!

RÉGULO

Falla: que succedeu?

PUBLIO

Nenhuma offerta
O Senado acceitou.

RÉGULO

Emfim venceste,
Graças, graças aos céos, genio romano!

Ah! Não tenho vivido inutilmente:
Busque-se logo Amilcar: não me resta
Nada já que fazer; cumpriu-se a obra:
Convém partir d'aqui.

PUBLIO

Páe desgraçado!

RÉGULO

E chamas infeliz quem pôde á patria,
Emtanto que existiu, prestar-lhe, e honral-a?

PUBLIO

A patria adoro, os ferros teus lamento.

RÉGULO

A vida é servidão, toda tem ferros.
Quem deseja chorar, que chore, oh Publio,
A sorte de quem nasce, e não a minha.

PUBLIO

Do barbaro Africano a crueldade,
Impio furor te privará da vida.

RÉGULO

Meu captiveiro findará com ella:
Não me sigas; adeus.

PUBLIO

De mim recusas
Os derradeiros, filiaes deveres?

RÉGULO

Outros deveres da tua alma eu quero:
Em quanto na partida me desvelo,
Fica detendo a magoada Attilia:
Seu pranto enlutaria o meu triumpho.
Oh quanto para mim é terna, e cara!
A fraqueza do pranto lhe releva.
Não é propria em mulher viril constancia.
Tu a aconselha, e cuida de inspirar-lhe
Com vigoroso exemplo a fortaleza.
Tu a rege, e a guarda: usa com ella
Officios paternaes: a ti confio
Minha filha, e confio-te a ti mesmo;
E espero... Ah! Vejo esmorecer teu rosto:
Mais sólida constancia em ti julgava;
E cegamente acaso a julgaria?
Ah! Não: tu és meu filho, és um romano:

Não murches as viçosas esperanças,
Que de um animo grande á patria déste:
No trilho dos heróes dirige o passo;
Sê digno successor dos meus affectos;
Faze com que teu páe de hoje em diante,
De ti lembrar-se sem vergonha possa.

SCENA X

PUBLIO, depois LICINIO, ATTILIA, BARCE e AMILCAR

PUBLIO

Ah! Sim, Publio, valor, é duro o lance;
Porém cumpre vencer-te; o sangue o pede
Que tens nas vêas, e o sublime exemplo
Que assombra os olhos teus o mesmo exige:
Téqui cedeste aos impetos primeiros
Da terna, resentida Natureza:
Melhor, mais dignamente agora escolhe,
Imita o grande páe: corrige um erro...

ATTILIA

É certo, caro irmão?

BARCE

Publio, é verdade?

PUBLIO

Decidiu o Senado: em poucas horas
Régulo partirá.

AMILCAR

Como!

BARCE

Que dizes!

ATTILIA

Ah! traíram-me todos.

LICINIO

Inda resta
O recurso final.

BARCE

Piedade, Amilcar!...

AMILCAR

Esperanças não ha; murcharam todas.

ATTILIA

E meu páe onde está? Com elle ao menos
Quero, quero partir.

PUBLIO

Detem-te: o excesso
Da tua acerba dôr o offenderia.

ATTILIA

Como? E esperas assim tolher-me o passo?
Agora só me lembra que sou filha;
Deixa-me...

LICINIO

Torna em ti...

ATTILIA

Ah! Que entretanto
Parte o misero páe.

AMILCAR

Tal não receies
Em quanto Amilcar persistir em Roma.

ATTILIA

Quem me soccorre, oh céos! Quem me aconselha?
Licinio, Barce, Amilcar, Publio, Publio!...

PUBLIO

Socega, cara irmã, valor, constancia.

ATTILIA

E tu fallas assim! Tu, que devêras
Acompanhar gemendo os meus transportes?
Tu não perdes o páe?

AMILCAR

Mas Barce fica,
Barce, que a teu irmão o peito inflamma:
Convém a seu amor que o páe se ausente
Sem o resgate da gentil escrava.

PUBLIO

Tal me avalias? Que desar! Que affronta!

AMILCAR

Talvez, porque o Senado obstasse á troca
Apuraste os ardis, compraste os votos:
Eis o motivo do valor, que ostentas.

PUBLIO

De um africano tal pensar é digno.

AMILCAR

Comtudo...

PUBLIO

Cala, e escuta-me. Não sabes
Que na sorte de Barce imperio tenho?

AMILCAR

Sei que o Senado a tua mãe a dera,
Que morrendo a deixou ao teu arbitrio,
E que hoje é tua amante, além de escrava.

PUBLIO

Do meu dominio, pois, vê que uso eu faço:
Até agora amei Barce mais que a vida,
Porém menos que a honra: eu sei que uma alma
Como a de Amilcar não poderá crer-me;
Mas de suspeitas vís qualquer pretexto
Tirarei á calumnia: Barce, és livre,
Ausenta-te com elle. (1)

BARCE

Oh céos! Que escuto!

AMILCAR

De tão rara, magnanima virtude...

LICINIO

Como se ama entre nós, barbaro, aprende.

BARCE

Serei tua outra vez?

(1) Vae-se.

LICINIO

Tente-se tudo: (1)
Triumphe a gratidão.

AMILCAR

Sim, na virtude
Tenha rivaes este romano orgulho. (2)

ATTILIA *(a Licinio)*

Onde vás?

BARCE *(a Amilcar)*

Onde vás?

LICINIO *(a Attilia)*

O páe salvar-te.

AMILCAR *(a Barce)*

Régulo conservar.

(1) Partindo.
(2) O mesmo.

ATTILIA *(a Licinio)*

Mas de que sorte?

BARCE *(a Amilcar)*

Porém como?

LICINIO

A extremas desventuras,
Dêm-se extremos remedios.

AMILCAR *(a Barce)*

Não me sigas.

ATTILIA

Mas nem sequer te explicas?...

BARCE

Mas nem dizes?...

LICINIO

Em breve o saberás.

AMILCAR

Em mim confia.

LICINIO

Morra Licinio, ou Régulo se livre.

AMILCAR

Tambem patria de heróes Africa seja.

AMILCAR

Ha mim conta.

ALDIZIO

Morra Aldizio, ou Rdgulo se livre.

AMILCAR

Tambem patria de heroes Africa seja.

ACTO III

Sala terrea, que corresponde a jardim.

SCENA I

RÉGULO, GUARDAS AFRICANAS, depois MANLIO

RÉGULO (1)

Amilcar porque tarda? Inda não soube
O arbitrio do Senado? Onde se occulta?
Procure-se: (2) convém saír de Roma;
Já não tem que esperar, nem eu já tenho
Que pretender aqui: qualquer demora
Se torna culpa em ambos. (3) Ah! Meus braços
Te cinjam, caro amigo: a gloria minha
Perigára sem ti: por ti conservo
Os meus grilhões. A ti se deve o fructo
Da minha escravidão.

(1) A um guarda.
(2) Parte o guarda.
(3) Vendo Manlio.

MANLIO

Sim; mas tu partes,
E Roma vae perder-te.

RÉGULO

Não partindo,
Então me perderieis.

MANLIO

Ah! Coméço
Bem tarde a ver-te amigo; e d'este affecto,
Só penhores fataes téqui te hei dado.

RÉGULO

Que mais posso esperar de um puro amigo?
Se o generoso Manlio quer, comtudo,
Dar-me outras provas de extremado affecto,
Outras lhe pedirei.

MANLIO

Falla.

RÉGULO

Os deveres
De fiel cidadão tenho cumprido.
Emfim, de que sou páe tambem me lembro.
Dous filhos (tu o sabes) Publio, Attilia,
Deixo em Roma. Elles são depois da patria
O meu primeiro, e mais suave affecto.
Indole não vulgar transluz em ambos,
Plantas são todavia inda immaturas:
Ambos carecem de cultor prudente;
Mas que eu d'elles curasse os céos vedaram:
Do piedoso cuidado (ah!) tu te incumbe:
Compensa largamente o que ambos perdem:
Á tua alma benigna, a teus conselhos,
A gloria deva o páe, soccorro os filhos.

MANLIO

Eu t'o prometto. Os preciosos germes
Piedoso abrigarei. Senão tão digno,
Um páe tão terno como tu, ao menos,
Em mim terão. Hei de apontar-lhe os passos
Da romana virtude, e este desvelo
Muito pouco suor ha de custar-me:
Áquellas almas, que a virtude inflamma

Por natureza heroicas, é bastante
Das paternas acções ouvir a historia.

RÉGULO

Mais nada resta pois ao meu desejo.

SCENA II

RÉGULO, MANLIO e PUBLIO

PUBLIO

Manlio! Páe!

RÉGULO

Que succede?

PUBLIO

Amotinada
Roma está: treme o povo; e que te ausentes
Não consente, não quer.

RÉGULO

Será possivel
Que um cambio vergonhoso agrade a Roma?

PUBLIO

Não quer troca, nem paz, quer que tu fiques.

RÉGULO

Eu?... Oh céos! E a palavra? O juramento?...

PUBLIO

Todos, todos vozeam:—fé não deve
Aos perfidos guardar-se.

RÉGULO

Então de um crime
Outro é desculpa? E quem será culpado
Se de acolheita aos réos servir o exemplo?

PUBLIO

O collegio dos Augures se ajunta.

RÉGULO

Precisão d'esse oraculo não tenho:
Eu sei que prometti, partir eu quero:
Roma escolher podia, ou paz, ou troca:

Cuidar no meu regresso a mim só cumpre:
Dever publico era aquelle, este é privado:
Do que fui ao que sou muito defiro.
Roma não tem direito em servos de outrem.

PUBLIO

O decreto dos Augures se espere.

RÉGULO

Não, Publio, que com esp'ral-o approvo
A sua auctoridade. Ao porto, ao porto:
Não haja mais demora. Amigo, adeus.

PUBLIO

Adverte que o povo alvorotado
Pretenderá talvez deter-te á força.

RÉGULO

Vê que, se tal succede, tu protejes
Da pouca lealdade o crime em Roma.

PUBLIO

Então devo faltar...

MANLIO

Régulo, deixa
Que eu do povo o primeiro impulso acalme:
Da consular auctoridade á vista,
Mitigará o ardor.

RÉGULO

Eu me confio,
Manlio, na tua fé. Mas...

MANLIO

Basta, entendo:
Apeteço, e ambiciono a gloria tua:
Vejo o teu coração; no meu confia:
Em honra, como a ti, me ferve o peito:
Nega-me o fado, nega-me a ventura
O sublime esplendor d'esses teus ferros;
Mas se os desejo em vão, sei merecel-os.

SCENA III

RÉGULO e PUBLIO

RÉGULO

Será crivel que tanto custe em Roma
Agora o conservar a fé jurada!
Publio! Ah Publio!... Tu ficas, e tranquillo
Deixas ao caro amigo a gloria toda
Da lida, do fervor de soccorrer-me?
Corre, corre tambem; forceja, alcança
Para a minha partida o passo livre.
Quero este alto favor dever a um filho.

PUBLIO

Ah, páe! Eu te obedeço; mas...

RÉGULO

Suspende:
O suspiro talvez será fraqueza.

PUBLIO

Sim, eu confesso que morrer me sinto;
Mas a mesma oppressão, que me atormenta,

É um merito em mim; com tudo eu ligo
Á minha dôr a obediencia minha.

SCENA IV

RÉGULO e AMILCAR

AMILCAR

Régulo, emfim...

RÉGULO

Já sei antes que o digas,
Quaes teus queixumes são: não te acobarde
O popular motim: Régulo em Roma
Vivo não ficará.

AMILCAR

Não sei qual seja
O motim popular de que me fallas!
Venho mostrar-te por maneira extranha,
Que não é mãe de heroes sómente Roma,
Que entre nós ha tambem grandeza d'alma.

RÉGULO

Concedo: mas de inuteis, vãos debates
Tempo agora não é: junta os sequazes,
E apresta-te á partida.

AMILCAR

Não; primeiro
Escuta-me, e responde.

RÉGULO

Oh soffrimento!

AMILCAR

Ser grato é gloria?

RÉGULO

É um dever ser grato;
Mas já tão pouco este dever se exerce,
Que hoje é gloria cumpril-o.

AMILCAR

Mas se agora
Custar um grande p'rigo?

RÉGULO

Então se eleva
Ao gráo de alta virtude.

AMILCAR

O gráo, que dizes,
Não pódes pois negar-me. Ouve: zeloso
Da gloria sua teu illustre filho,
Barce me restitue amando-a ha muito:
Eu tambem generoso, estimulado
D'emulo brio, o páe salvar-lhe quero,
E ao furor de Carthago assim me exponho.

RÉGULO

Tu me queres salvar?

AMILCAR

Eu.

RÉGULO

Como?

AMILCAR

Espaço
Te darei para a fuga: aquellas guardas

Cedo removerei de ti com arte:
Tu cauto em Roma esconde-te entretanto,
Té que sem ti com simuladas iras
Ancoras léve.

RÉGULO

Barbaro!...

AMILCAR

Que dizes?
Assombras-te da offerta?

RÉGULO

Assás.

AMILCAR

Terias
De mim tanto esperado?

RÉGULO

Não.

AMILCAR

Com tudo,
Não tive a sorte de nascer romano.

RÉGULO

Bem se vê.

AMILCAR

Guardas, ide.

RÉGULO

Nenhum parta.

AMILCAR

Porque?

RÉGULO

Dos bons desejos te sou grato;
Porém comtigo irei.

AMILCAR

Minha piedade
Desdenhas?

RÉGULO

Não: de ti me compadeço:
Virtude ignoras, e virtude ostentas:
E offendes a ti proprio, a mim, e á patria.

AMILCAR

Eu!

RÉGULO

Sim: como dispões da liberdade
De Régulo? É teu servo, ou de Carthago?

AMILCAR

Não te cabe indágar se o beneficio...

RÉGULO

O beneficio, na verdade, é grande!
Tornar-me réo, tornar-me fraudulento,
Profugo, indigno...

AMILCAR

Mas aqui se tracta
De conservar-te a vida, e não reflectes
Que atrozes penas te dispôz Carthago?
Que mal, que horror, que morte ali te esperam?

RÉGULO

Mas conheces, Amilcar, os romanos?
Sabes que vivem de honra, e que só ella

É das suas acções medida, e objecto?
Aqui sem pallidez se aprende a morte;
Aqui se desafia, aqui se affronta
Todo o tormento, que produz a gloria;
Aqui só a fraqueza é horrorosa.

AMILCAR

Pomposas expressões! Bellas no ouvido!
Mas não creio essa túmida linguagem:
Sei que a todos a vida é preciosa,
E que tu mesmo...

RÉGULO

Em demasia abusas
Da paciencia minha: apresta os lenhos,
Congrega promptamente os teus sequazes;
Cumpre com teu dever, barbaro, e cala.

AMILCAR

Intrepido alardêa, audaz insulta,
Põe á minha piedade um nome indigno:
Calado, junto ao Tibre, Amilcar te ouve,
Em Carthago porém dar-te-hei resposta.

SCENA V

RÉGULO e logo ATTILIA

RÉGULO

Publio não torna! E Manlio... Oh céos! Attilia,
Que annuncio trazes, pressurosa, alegre?

ATTILIA

Já de Régulo pendem nossos fados:
Roma, Roma aferrada a teus arbitrios,
Não quer troca, nem paz, mas ficar pódes.

RÉGULO

Sim, com a infamia...

ATTILIA

Não, sobre esse ponto
Já no Senado a decisão foi dada:
De partir, ou ficar tens faculdade:
Juraste entre os grilhões... Quem não é livre
Em si não tem poder para obrigar-se.

RÉGULO

O que sabe morrer é sempre livre.
Longe sophismas: a fraqueza propria,
Confessa quem accusa a força alhêa:
Eu jurei porque quiz, e partir quero
Porque jurei.

SCENA VI

RÉGULO, ATTILIA e PUBLIO

PUBLIO

Senhor, em vão o esperas.

RÉGULO

E quem póde tolher-m'o?

PUBLIO

O povo todo,
O povo todo, oh páe, já não se doma.
Grita, brama, incapaz está de freio:
Por te impedir o embarque, ao porto corre
Em confuso tropel, e está de Roma
Outro qualquer logar deserto.

RÉGULO

E Manlio?

PUBLIO

Ao voto universal se oppõe só elle.
Roga, ameaça, grita; mas sem fructo,
Que o mando a obediencia não consegue.
Na revolta caterva a furia cresce:
Já na dextra dos pallidos Lictores
As segures vacillam; e em tão fero,
Tão terrivel tumulto, executores
O mando consular não tem, não acha.

RÉGULO

Attilia, adeus: segue-me, Publio.

PUBLIO

Aonde?

ATTILIA

Aonde vás?

RÉGULO

A soccorrer o amigo;
Lançar em rosto a Roma o crime horrendo
Da minha escravidão: — Manter a honra;
Partir, ou expirar n'aquellas praias.

ATTILIA

Ah páe! Se tu me deixas, eu...

RÉGULO (1)

Attilia,
Muito ao nome de filha, á edade, ao sexo,
Muito dei atéqui: baste de choro.
Com Roma em damno meu se não conjure,
Não se arme contra mim tambem teu pranto:
De um triumpho immortal não me despojes.

ATTILIA

Que pena para mim!...

RÉGULO

É grave pena
Perderes-me, bem sei; mas tanto custa
A honra singular de ser romana.

ATTILIA

Outra prova qualquer darei...

(1) Sério, mas sem enfado.

RÉGULO

Que prova?
Acaso regular de Roma os fados,
Irás lá no Senado, entre os conscriptos?
Na fronte o murrião, na dextra o ferro,
Entre armas verterás suor brioso,
Commettendo, aterrando os inimigos?
Attilia, se não sabes sem fraqueza
Pela patria soffrer qualquer desastre;
Por ella que farás?

ATTILIA

É certo, é certo;
Mas tal constancia...

RÉGULO

Esta virtude é ardua;
Mas Attilia é meu sangue, e deve tel-a.

ATTILIA

Sim, páe, quanto podér hei de imitar-te:
Mas oh céos! Tu me deixas indignado?
Eu perdi teu amor?

RÉGULO

Não, filha, eu te amo.

Não tenho indignação: de mim recebe
Este terno penhor: mas este abraço
Honra, constancia, e não fraqueza inspire.

SCENA VII

ATTILIA e depois BARCE

ATTILIA

Sim, valor, coração! Fracos affectos,
Minha alma despejae: prantos imbelles,
Nos tristes olhos meus parae de todo:
Tenho chorado assás, assás tremido:
Surja d'entre o paterno, heroico enfado,
O esforço natural, que me alentava.
Não seja Attilia só, não seja Attilia
De tão sublime planta indigno ramo.

BARCE

Attilia, quanto ouvi será verdade?...
A despeito do povo, e do Senado,
Dos Augures, de nós, do mundo inteiro
Régulo quer partir?

ATTILIA

Sim.

BARCE

Mas que insano,
Que teimoso furor...

ATTILIA

Tem mais respeito,
Barce, aos heroes.

BARCE

Como! Que escuto! Approvas
Do páe a obstinação?

ATTILIA

Do páe adoro
A constante virtude.

BARCE

Uma virtude,
Que ás iras de Carthago, á morte infame
Cegamente o conduz?

ATTILIA

Cala: esses ferros,

Esse horror, essas furias, essa morte —
Tudo isso de meu páe serão triumphos.

BARCE

Exultas entre idéas tão medonhas?
Oh deuses! Perceber não sei...

ATTILIA

Quem teve
Em barbaro paiz o nascimento,
Por desgraça, entender, sentir não póde,
Quanto uma filha na paterna fama
Engolpha o coração.

BARCE

Mas porque choras?

ATTILIA

Não sei se o pranto meu é gosto, ou pena.

SCENA VIII

BARCE

Que extranhas illusões! Que idéas novas
A ambição de louvor produz em Roma!

Manlio do seu rival cubiça os ferros;
Régulo odeia a publica piedade;
Do páe na morte se recreia a filha;
E Publio embriagado, accezo em honra,
De amor triumpha, e ao seu rival me cede!

SCENA IX

Magnifico portico sobre a margem do Tibre. Armada prompta no rio para o embarque de Régulo: ponte que conduz a uma das náos, que estará mais visinha: numeroso povo, que impede a passagem para a sobredita náo; Africanos sobre a mesma ponte, Lictores, e o Consul.

MANLIO e LICINIO

LICINIO

Sim, que Régulo parta impede Roma.

MANLIO

Pois de Roma tambem não somos parte
Eu, e o Senado?

LICINIO

A maior é o povo.

MANLIO

Não a mais sã.

LICINIO

Porém a menos féra.

POVO

Por gratidão, e amor salvar queremos
A Régulo a existencia.

MANLIO E SENADORES

E nós a honra.

LICINIO

A honra...

MANLIO

Basta: eu altercar comtigo
Aqui não venho. Oh lá! Franqueem todos
A passagem.

LICINIO

Oh lá! Ninguem se affaste.

MANLIO

Eu o ordeno.

LICINIO

Eu o védo.

MANLIO

Ousa Licinio
Oppôr-se ao Consul?

LICINIO

Ao Tribuno oppôr-se
Ousa Manlio?

MANLIO

Vêl-o-has: eia, Lictores,
Despeje-se o caminho.

LICINIO

Eia, romanos,
O passo defendei.

MANLIO

Oh céos! Com armas

Se resiste ao meu mando? E d'esta sorte
Se offende a magestade?

LICINIO

A magestade
De Roma está no povo, e tu a offendes
Quando a elle te oppões.

POVO

Régulo fique.

MANLIO

Ouvi: deixae que eu patenteie o engano.

POVO

Fique Régulo.

MANLIO

Ah! vós...

POVO

Régulo fique.

SCENA X

MANLIO, LICINIO, RÉGULO, PUBLIO, AMILCAR, ATTILIA, BARCE, GUARDAS, SENADORES, e POVO

RÉGULO

Régulo fique?... E eu ouço? Eu devo crer-me
Uma infamia sequer? Sequer em Roma?
Sequer de mim? Que povos nascem hoje
No terreno de Romulo! Quaes foram
As almas, que formaram, que nutriram
Tão baixos pensamentos? Que é dos netos
Dos Brutos, dos Fabricios, dos Camillos?
Régulo fique?... Ah! Por qual crime, e quando
Mereci o odio vosso?

LICINIO

O amor de Roma
É quem tenta, senhor, quebrar teus ferros.

RÉGULO

E no mundo o que é Régulo sem elles?
Dos vindouros o exemplo elles me fazem:

Dos contrarios a injuria: a luz da patria:
E mais não sou, privando-me dos ferros,
Que um escravo perjuro, e fugitivo.

LICINIO

Entre os grilhões a perfidos jurastes,
E os Augures...

RÉGULO

Aos arabes, aos mouros
Deixêmos esses torpes, vis pretextos,
Esse infiel caracter: os humanos,
De Roma aprendam como a fé se guarda.

LICINIO

Mas perdendo seu páe, qual fica Roma?

RÉGULO

De que é mortal seu páe, Roma se lembre,
Lembre-se que do arnez já verga ao pezo,
Que aridas pouco a pouco as vêas sente;
Que já não póde, nem suór, nem sangue,
Por ella derramar; que só lhe resta
Morrer como romano. O céo nos abre

Esplendido caminho: de meus dias
Posso a dura carreira, a têa annosa
Findar com gloria, e me quereis infame?
Ah! Possivel não é:—dos meus romanos
Conheço o coração: no pensamento,
Não, desdizer de Régulo não póde
Ninguem que respirou, como eu, nascendo,
Do Capitolio as auras. Este, aquelle,
Sei que no coração que lá me applaudem:
Sei que inveja me têm, que entre os impulsos
De alto excesso de amor, que os illudira,
Aos deuses para si pede outro tanto.
Ah! Não, não mais fraqueza: a terra, a terra
Essas armas fataes!... Não se retarde
Um momento sequer ao meu triumpho,
Amigos filhos, cidadãos, amigo,
Complacencia, favor de vós imploro,
Exhórto cidadão, páe determino. (1)

PUBLIO

Deuses! Já tudo lhe obedece!

ATTILIA

Oh Numes!

(1) O povo e os soldados abaixam as armas e abrem caminho.

LICINIO

Eis já todas as dextras desarmadas.

MANLIO

Tens o caminho franco.

BARCE

Oh céos benignos!

RÉGULO

O passo livre está: pódes, Amilcar
Subir aos teus baixeis, que eu já te sigo.

AMILCAR

A ter inveja d'elle emfim começo. (1)

RÉGULO (2)

Povos de Roma adeus! . . . A despedida

(1) Sobem á náo Amilcar, Barce, os Africanos e Régulo.
(2) Para a terra.

Seja digna de nós: graças aos deuses,
Emfim vos deixo, e deixo-vos romanos:
Ah! Conservae sem mancha o grande nome,
E vós sereis os arbitros da terra,
E o mundo todo ficará romano.
Oh d'este almo terreno amigos Numes!
Deusas propicias á troiana extirpe!
Este povo de heróes de vós confio:
Sejam cuidado vosso, e vosso objecto,
Este chão, estes tectos, estes muros.
Fazei, que em seu recinto venerando,
Gloria, constancia, fé, valor, justiça,
Todos, todos, os dons floreçam, durem.
E se os influxos de maligna estrella,
Um dia o Capitolio ameaçarem;
Régulo, oh deuses! Régulo sómente,
Seja victima vossa, e se consuma
Toda a furia dos céos, na fronte d'elle;
Mas Roma illesa... Ah! Corre o pranto... Adeus!

FIM.

Bibliotheca da ACTUALIDADE

N.os 26 e 27

BOCAGE

SUA VIDA E EPOCA LITTERARIA

BOCAGE

SUA VIDA E EPOCA LITTERARIA

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1876

BOCAGE

SUA VIDA E EPOCA LITTERARIA

O povo portuguez só conhece o nome de dois poetas, Camões e Bocage; não porque repita os seus versos, como os gondoleiros de Veneza as estancias de Tasso, ou os romanos as cançonetas de Salvator Rosa, porque entre nós deu-se uma constante separação entre o escriptor e o povo, mas porque de Camões sabe a lenda do seu amor pela patria, e de Bocage repete uma ou outra anedocta picaresca. No emtanto a aproximação instinctiva d'estes dois nomes infunde um sentimento que leva a procurar se existe alguma verdade n'esta relação, que, uma vez determinada, será um seguro criterio para avaliar Bocage. Assim como os que pro-

curam relações exteriores e casuaes, sobre as frequentes analogias de Francisco com Jesus escreveram o *Liber Conformitatum*, assim tambem entre Bocage e Camões existe uma conformidade de situações na vida, que em certa fórma deviam imprimir aos seus genios uma physionomia analoga ás identicas impressões. O grande épico era descendente de um *solar da Galiza*, e Bocage era oriundo de uma *familia franceza*. Está hoje comprovado que o genio de uma raça só chega a ser bem comprehendido e expresso pelo elemento estrangeiro que se assimilou a ella. Na renovação do Romantismo em Portugal, coube a Garrett a missão iniciadora, e Garrett era descendente de uma *familia ingleza* dos Açores. Bocage, na realidade, representa um espirito atrophiado por um meio intellectual estreitissimo, verdadeira imagem do espirito nacional, vigoroso e fecundo cretinisado pelo obscurantismo religioso e pelo cesarismo monarchico. É o representante mais completo do seculo XVIII, em Portugal, com o seu erotismo e bajulação aulica, com a galanteria improvisada e com os lampejos revolucionarios; Camões representava o espirito da grande Renascença, e a con-

sciencia historica da nacionalidade. Differem e estão a grande distancia por isto. Bocage, sempre enfatuado da sua personalidade, ao comparar os seus desastres com os de Camões, prostra-se com uma modestia sublime. Como Camões, elle teve uma mocidade culta mas dissipada; como Camões, um generoso impulso o fez seguir a vida das armas e ir militar em Gôa; como elle, foi perseguido na metropole das colonias indianas e refugiou-se em Macau; por ultimo, ao chegar á patria viveu em lucta com os poetas seus contemporaneos, e, como a Camões, tambem lhe roubaram os manuscriptos dos seus versos; Camões morre na indigencia, celibatario e doente, á sombra de sua velha mãe, e Bocage, em eguaes circumstancias, acompanhado por uma pobre irmã. Tudo isto torna de uma luminosa verdade o soneto que começa:

> Camões, grande Camões! quão similhante
> Vejo o teu fado ao meu, quando o cotejo...

A mesma relação estabelecida pelo vulgo, tambem foi aqui presentida por Bocage. Era uma organisação egualmente impressionavel e fecunda,

mas o seculo era mais decaído, a tradição nacional estava apagada, a missão do poeta estava reduzida a ser-se commensal de uma nobreza estulta, devota e corrompida.

No estudo de Bocage deve partir-se do que elle poderia ter sido, para se não ser injusto julgando sómente o que elle foi. É por isso que a relação estabelecida entre Camões e Bocage é um criterio; Camões é grande porque contrariou o seu tempo e lhe impoz um ideal que já não pode extinguir-se—o sentimento da nacionalidade; Bocage foi o dilecto da sociedade do seculo XVIII, porque se acanhou ás proporções d'esses mesquinhos interesses, á busca de um applauso transitorio. Na litteratura em vez de representar uma aspiração humana, tem apenas o logar que lhe dá, não a arte, mas o ter agradado a uma sociedade extincta e o ter sido o poeta cesáreo do antigo regimen.

§ I

Periodo da infancia, e vida militar (1765 a 1786.)— Depois do terremoto de 1755. — As reformas litterarias de Pombal. — O vicio humanista. — Fundações litterarias do reinado de D. Maria I. — Vem cursar para Lisboa a Academia de Marinha. — O seculo fal-o amoroso: a tradição escholar leva-o para a vida dissoluta. — A tergiversão da opinião publica ácerca de Pombal decaído, fal-o descrer da dignidade. — A falta de liberdade torna-o satyrico e obsceno. — O fanatismo torna-o de um fervor official. — Contradicção entre o genio espontaneo do poeta e o seculo official. — Influencia da litteratura franceza do seculo XVIII. — Os costumes da capital: Theatros particulares. — As *modinhas brazileiras*, e sua influencia em Bocage. — Estado das tradições populares e nenhuma relação com as creações litterarias.

O periodo da vida e actividade poetica de Bocage está encerrado dentro do longo reinado de Dona Maria I; esta circumstancia prende-se ás tendencias do seu caracter, e á fórma das manifestações do seu genio. Era o reinado do fanatismo cortezão, do beaterio opulento das basilicas, e ao mesmo tempo o de uma insuportavel philaucia nobiliarchica, consequencias forçadas de uma especie de restauração que se deu em velhas instituições so-

ciaes anachronicas depois da queda do marquez de Pombal. Os frades acercaram-se da consciencia da rainha e deram com ella em um estado de idiotismo de que nunca mais saíu; os nobres apoderaram-se do poder e procuraram sem plano desfazer as grandes reformas do ministro decahido. Bocage nasceu ainda nos dias esplendorosos do marquez de Pombal, e a sua infancia foi embalada ao som da lenda official da alta sabedoria e firmeza do ministro; ao entrar na vida publica em 1779, não havia calumnia que se não imputasse ao velho ministro, a ponto de ser processado e interrogado na sua residencia em Pombal. Estes dois córos da opinião, que se alternaram impudentemente, bastavam para fazer desequilibrar para sempre uma consciencia nova que procurava affirmar-se na vida. Bocage, como uma organisação impressionavel, ficou para sempre sem firmeza moral, e sem um intuito serio na vida; a intolerancia do obscurantismo religioso e politico não o deixou ter ideias, porque elle via a cada instante os que pensavam serem perseguidos, e lançou-se na irresponsabilidade. Quando aconteceu uma ou outra vez ser aprehendido por causa de uma expansão de livre pensador, ou de uma ra-

jada de jacobinismo, foi essa irresponsabilidade que o salvou. Aqui temos o meio em que este espirito desabrocha, e, como na parabola do semeador, foi a boa semente que caíu nas fendas da pedra.

Nasceu Manoel Maria Barbosa du Bocage em Setubal a 15 de Setembro de 1765; (1) foi seu pae o bacharel em canones José Luiz Soares de Barbosa, antigo Juiz de Fóra da Castanheira e de Povos, depois Ouvidor em Beja, fixando-se por ultimo em Setubal com banca de advogado; os altos cargos que occupou na carreira judicial e administrativa e a sua cultura litteraria, que o levou a cultivar tambem a poesia, tornavam-n'o apto para conhecer a precocidade do talento de Bocage e de lhe dirigir os primeiros estudos. Sua mãe D. Marianna Joaquina Xavier Lestof du Bocage, era filha do francez Gil Le Doux du Bocage, que chegou a vice-almirante na armada portugueza; isto influiu tambem na direcção de sua vida, porque era uma tradição de familia que o fazia seguir a vida militar, e acceitar o pôsto de guarda-marinha na Armada do Estado da India. D'este casamento nas-

(1) Livro VIII dos Baptismos da freguezia de S. Sebastião de Setubal, a fl. 176 v. Ap. *Dicc. bibl.*

ceram seis filhos, dos quaes Bocage foi o quarto; eil-os pela sua ordem: D. Maria Agostinha Barbosa du Bocage (n. 1759); D. Anna das Mercês Barbosa du Bucage (n. 1760); Gil Francisco Barbosa du Bocage (1762); o nosso poeta, em 15 de Setembro de 1765; nasceram depois mais duas filhas, D. Maria Eugenia, em 1768, por ventura quando seu pae era Ouvidor em Beja, e que morreu menina; por ultimo D. Maria Francisca, (n. 1771) notavel por ter sido a companheira inseparavel dos desalentos do poeta, a que lhe cerrou os olhos em uma morte prematura, e a que guardou e salvou a maior parte dos seus manuscriptos. (1) A necessidade de curar da educação dos seus filhos fez com que José Luiz Soares Barbosa fixasse a sua residencia em Setubal; o poeta Santos e Silva em um soneto a Bocage, alludindo a morte de seu pae, falla da educação que d'elle recebera:

> Esse que infante, a sorvos tragadores
> Sã doutrina, que, joven, requinta,
> Bebeu do sabio pae, luz hoje extincta
> Caudal então de metricos fulgores.

(1) Esta genealogia acha-se minuciosamente explicada por J. F. de Castilho, na *Noticia sobre Bocage*, p. 16. Ed. 1866.

Santos e Silva, poeta neo-árcade e natural tambem de Setubal, conheceu perfeitamente o talento poetico do pae de Bocage, já então excedido pelo filho, que no meio da sua grande popularidade se comprazia em recitar sonetos de seu pae, com affectuosa recordação. No meio dos *jogos pueris,* como diz Santos e Silva, *junto das ternas irmãs,* recebeu os primeiros elementos de lêr e escrever unicamente pelo disvello materno, aprendendo em seguida a lingua franceza com seu pae.

No soneto que traz a rubrica: *Cedendo a seu pezar á violencia do destino,* Bocage memóra a precocidade do seu talento poetico:

Das faixas infantis despido apenas,
Sentia o sacro fogo arder na mente;
Meu terno coração inda innocente
Iam ganhando as placidas Camenas. (1)

O seguinte quarteto é quasi o mesmo pensamento de Camões na Canção X, quando diz que já no berço amava. Bocage fazia um certo alarde da sua precocidade poetica, até certo ponto nada ex-

(1) Soneto 75. Ed. da *Actualidade.*

traordinaria segundo a organisação dos povos peninsulares; no prologo da sua versão do poema das *Plantas* de Castel, repete:

> Versos balbuciei co'a voz da infancia!
> Vate nasci; fui vate, inda na quadra
> Em que o rosto viril, macio e louro
> Semelha o mimo de virginea face...

Esta precocidade, a que tantas vezes allude, mostra-nos que este dom começou a fazer que o cercassem de admirações muito cedo; era o que se chama o *prodigiosinho,* e como tal os gabos infatuaram-n'o, tornaram-n'o mais tarde escravo de quem o lisongeasse, levaram-n'o a sacrificar tudo á popularidade ainda a mais ôca. Foi esta necessidade que o fez abusar da improvisação, e as offensas que lhe vibraram as Satyras mais penetrantes eram simples remoques litterarios. D'estes pequenos accidentes deduz-se toda a fatalidade de um destino.

Seu irmão Gil seguiu o curso juridico da Universidade de Coimbra, e talvez d'este facto se deriva a tradição de Bocage em Coimbra; o poeta foi destinado á vida militar, e n'esta decisão não é sem importancia a falta de sua mãe em 1775; no So-

neto que se inscreve *O Poeta luctando contra o infortunio*, associa estes dois successos sob a mesma fatalidade:

> Aos *dous lustros a morte devorante*
> *Me roubou, terna mãe,* teu doce agrado;
> *Segui Marte,* depois, e emfim meu fado
> Dos irmãos e do pae me pôz distante. (1)

Faltando o fóco onde se concentrava o sentimento da familia, Bocage adquiriu muito cedo uma soltura que a perspectiva illusoria da vida militar vinha lisongear. Foi no periodo do fallecimento de sua mãe até que sentou praça no regimento de Infanteria 7, da guarnição de Setubal em 1779, que seu pae o submetteu á férula violenta da grammatica latina na aula regia do padre hespanhol Don João Medina. (2) Era tal a força da exclusiva educação humanista, que Bocage ficou sabendo traduzir latim, mas incapaz de poder apaixonar-se pelas novas disciplinas das sciencias naturaes introduzidas no ensino pelas reformas de Pombal, e nas fundações academicas de D. Maria I. O vicio da edu-

(1) Soneto 148. Ed. da *Actualidade.*
(2) Tradição de Couto, seu primeiro biographo.

cação humanista dos jesuitas, do seculo XVI a XVIII, não podia ser eliminado da rotina das escholas com um simples traço de penna; ainda hoje lhe obedecemos na actual instrucção publica. Já não se estudava pelo terrivel methodo *alvaristico,* mas os oratorianos que tinham o sceptro do latim não deixavam que se apoucasse o seu imperio. (1)

(1) Em uma traducção feita por Bocage de uma Epistola latina escripta por José Francisco Cardoso, a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, acha-se um excellente quadro da reforma de ensino d'esta disciplina :

Dous lustres, e annos dois suei constante
Da romana gramatica no ensino,
Cançada *a mão, que a puericia fére.*
Cançada a mão não só tambem com ella
Quasi desalentado o soffrimento:
Nugas grammaticaes apoucam, ralam.
. . . . . .
Do sagaz jesuita as arduas moles
Com que oppressa jazia a mocidade,
Em terra derrubei pelas raizes.
. . . . . .
Se Alvares transformou (por mil seguido)
O bom methodo antigo em arte longa,
Com animo dobrado, e não perito,
Desfez-se a nuvem já; folgae meninos!
Mal vos póde empecer maligna turba
Já Franco e Madureira as cartas deram,
E honra a docta Minerva as plagas nossas, etc.

(Obras, t. II, p. 420. Ed. da *Actualidade.)*

O latim era uma distincção social, um caracteristico de prudencia, de capacidade e de tino pratico. Era-se sabio ignorando tudo menos o latim. Pela leitura das diversas composições de Bocage, não se descobrem allusões a conhecimentos scientificos, que elle inevitavelmente alardearia se os tivesse; porém abundam todas as mostras de uma superficial erudição recebida na aula de Medina, os nomes dos deuses e as peripecias mythologicas, a epigraphe e a versão intempestiva. Se a tradição referida por Dom Gastão Coutinho fazia dizer a Bocage, ácerca da brutalidade de um seu mestre provisorio de primeiras letras: «*Se continúa mais tempo, aleija-me*», bem se podia dizer que a sua educação latinista o aleijou intellectualmente. Depois de ter sentado praça, requereu para vir frequentar os estudos superiores em Lisboa, que seriam na Academia real de Marinha, que fôra pouco antes creada por Carta de Lei de 5 de Agosto de 1779, e que era equiparada á Universidade para as regalias dos alumnos. Pelo regulamento da *Academia real de Marinha* só se admittiam á matricula, de quatorze annos para diante. Foi esta a edade com que Bocage veiu para Lisboa. O curso consta-

va de tres annos, sendo no primeiro a Arithmetica, Algebra e Trignometria plana; no segundo, ainda algebra, Calculo e Mechanica; no terceiro, Trignometria espherica e Nautica. As aulas eram no edificio do Collegio dos Nobres. A *Academia dos Guardas-Marinhas* foi creada por decreto de 14 de Agosto de 1782. Em qualquer d'estas recentes fundações do reinado de D. Maria I é que Bocage fez a sua educação scientifica; uma vez allude á natureza dos seus conhecimentos, quando no Idylio maritimo a Nereida descreve os meritos que tem:

Na *manobra* quem é mais diligente
Que eu? Quem sabe *deitar melhor o prumo?*
Quem no *lême* e na *agulha* é mais sciente?
A carga no porão com regra arrumo,
Sei *pôr á capa*, sei *mandar á via*,
Como qualquer piloto, e *dar o rumo:*
Sei como heide *correr com travessia*,
E pela *balestilha* ou pelo *outante*,
Achar a latitude ao meio-dia.
Sei qual estrella é fixa, e qual errante;
A Lebre, o Cysne, a Lyra, a Náo conheço,
E Orion tão fatal ao navegante. (1)

A memoria de seu avô, vice-almirante, deveria

(1) Idylio 9. Ed. da *Actualidade.*

influir na direcção dos estudos de Bocage; n'este mesmo Idylio diz:

> Tentarei, por fazer teu genio brando,
> Nunca tentados, nunca vistos mares,
> *Os meus antepassados imitando.*

Na occasião da vinda de Bocage para Lisboa, em 1779, reinava a maior intolerancia religiosa, e todos os que fallavam sobre sciencia ou cultivavam as letras eram suspeitos de philosophismo; no anno antecedente havia emigrado para França o padre Francisco Manoel do Nascimento, e pelo seu processo do Santo Officio é que se vê definido bem o meio moral em que era impossivel adquirir dignidade, ou tambem um interesse sério pela sciencia.

No soneto que traz a rubrica: *Achando-se avassalado pela formosura de Jonia,* ha um contraste entre os problemas das sciencias naturaes que elle esquece por causa do seu amor:

> Em quanto o sabio arreiga o pensamento
> Nos phenomenos teus, oh Natureza,
> Ou sólta arduo problema, ou sobre a meza
> Volve o subtil, geometrico instrumento;

Emquanto alçando a mais o entendimento
Estuda os vastos céos, e com certeza
Reconhece dos astros a grandeza
A distancia, o logar, o movimento... (1)

Allude-se aqui a Physica, á Algebra e Geometria, á Astronomia e Nautica; mas a imaginação fugia-lhe para a poesia, para a galanteria, para os amores faceis, e a vida tornou-se-lhe uma dissipação. Foram sete annos perdidos, queimando incenso em todos os altares, tornando-se incapaz de tomar a sério o seu futuro. Foi n'esta época que morreu prematuramente sua irmã D. Maria Eugenia, (2) que elle celebrou com um sentimento catholico «Que em vez de pranto a jubilo convida». Já os desgostos e decepções, o faziam considerar a vida como um cativeiro. Suas irmãs mais velhas D. Maria Agostinha e D. Anna das Mercês, casaram em Setubal, e a casa paterna tornava-se dezerta, reduzida só a seu velho pae e sua irmã mais nova D. Maria Francisca, que logo depois que ficou orphã veiu viver para casa da Marqueza de Alcina, e por ultimo para a companhia de seu irmão.

(1) Soneto 17. Ed. da *Actualidade*.
(2) Soneto n.º 122.

Seu pae era ainda vivo em 1789, como se vê pela Ode saphica ao governador interino de Macau, Lazaro da Silva Ferreira:

Se as cans honradas vou molhar de pranto
Ao sabio velho, que me deu co'a vida
Os seus desastres, por fatal, por negra
Lugubre sina... (1)

Contava sessenta e um annos de edade. A determinação d'estes factos accidentaes serve para mostrar que no seu projecto de partida para a India não o embaraçavam considerações de familia, e tudo o levava a considerar-se senhor absoluto do seu destino. Os seus versos, no primeiro periodo da vida de Lisboa, estão cheios de nomes das damas que galanteava, poetisados ao modo bucolista; as Marilias, as Marfidas, as Filis, as Tirsalias, as Elmiras, as Jonias, as Urselinas, as Elisas, as Marinas, Nises, Armias, e outras tantas celebradas nos seus sonetos, revelam o principio da sua popularidade que lhe desvairou a cabeça, e mais uma vez o aproximam de Camões, que emquanto serviu o amor nunca andou a um só remo.

(1) Ode 6. Ed. da *Actualidade*.

Bocage obedeceu fatalmente ao meio litterario e aos costumes que dominavam em Lisboa, na época em que abandonou a casa paterna de Setubal para vir cursar os estudos superiores. É impossivel explicar a natureza dos primeiros ensaios litterarios de Bocage se o separarmos d'estas duas poderosas causas. Estavam no seu maior fervor as *Modinhas brazileiras,* pequenas composições lyricas de arte menor cantadas á guitarra em reuniões de familia. Todos os estrangeiros que escreveram Viagens a Portugal no seculo XVIII falam d'este genero como typo nacional. A *Modinha* é tradicional pela sua conservação; era a antiga serranilha que se perpetuou na colonia portugueza do seculo XVI, e que pareceu novidade quando já estava esquecida na metrópole; os quebros languidos de voz a que eram cantadas, a expressão que lhe communicavam os labios femininos, nas partidas burguezas e aristocraticas, tornavam-nas de enlouquecer, como tão bem descreve o observador Lord Beckford. Raros eram os poetas que não contribuiam com letra sua para alimentar estas arias, que chegaram a ser um caracteristico nacional, uma especie de *lied* portuguez. O severo Garção, apezar do estudo dos qui-

nhentistas e de Horacio, não se eximiu a essa predilecção imposta por um costume geral; com mais razão o talento fogoso de Bocage tinha de dispender-se n'estas redondilhas faceis e allegoricas. O duque de Chatelet, na sua *Viagem a Portugal,* descreve a *Modinha,* como se realmente fosse uma creação popular, tal era a sua importancia; diz elle: «As canções portuguezas são muito licenciosas; acompanham-se com uma guitarra, que fazem vibrar com muita graça; sua musica é alegre, viva e não sem encanto;...» (1) Os satyricos portuguezes, como Tolentino, que põem em relevo as physionomias da sociedade portugueza n'esta época, retratam esta paixão a que Bocage obedeceu; achamos em Tolentino:

Já d'entre as verdes murteiras
Em suavissimos accentos,
Com segundas e primeiras
Sobem nas azas dos ventos
As *modinhas brazileiras.*

E a esse outro costume da boa sociedade, por ventura derivado dos usos populares, o *londum,* a

(1) *Op. cit.*, t. I, p. 78. Paris, anno VII.

que allude já Sá de Miranda: «Las palabras de *london*» (p. 192, ed. 1804), allude tambem Tolentino:

Em bandolim marchetado
Os ligeiros dedos promptos,
Louro peralta adamado
Foi depois tocar por pontos
O doce *lundum chorado*. (p. 250)

Tudo isto forçava Bocage a dispender o seu talento poetico escrevendo coplinhas para pretexto d'estas arias; eram composições faceis que o tornavam conhecido e que o faziam preciso no recente costume das partidas, censuradas com o nome de *modernismo*. As suas Anacreonticas, cançonetas, retratos e allegorias encerram os productos da sua primeira época da vida de Lisboa, e n'ellas se acha o typo completo do genero; o seguinte excerpto mostra o gosto da allegoria mythologica renovado pela influencia do classicismo francez em Portugal, e ao mesmo tempo pelo novo sentimento naturalista pela primeira vez tornado convencional no estylo de Rousseau:

N'um denso bosque
Pouco trilhado,
E a ternos crimes
Accommodado;

Por entre a rama
Fresca e sombria,
Do tenro arbusto
Que me encobria,

Vi sem aljava
Jazer Cupido
Junto de Filis,
Á mãe fugido... (1)

Era tambem este o gosto das composições dos pintores francezes das festas galantes, o voluptuoso e insulso idylio dos Watteau e Boucher, imitado nas decorações das salas, nos frescos, nas carruagens e nas caixas de rapé. Era o reinado do allegorico Cupido, com a sua corêa de amorinhos, vibrando farpões ás languidas pastorinhas que colhiam rosas. Estas composições eram o reflexo dos costumes diffundindo-se da realeza e da aristocracia para a classe média, que deixava o isolamento domestico da tradição medieval, e se tornava communicativa, e acceitava uma repentina convivencia que intro-

(1) *Obras de Bocage*, t. III, pag. 48. Ed. da *Actualidade*.

duzia uma certa dissolução na familia. A vida solta de Bocage, os seus numerosos amores celebrados nos seus versos, a repentina paixão pela popularidade são a resultante de uma vida artificial da sociedade portugueza na época em que veiu para Lisboa. Isto, que no tempo de Camões se dava com certas reservas na galanteria do paço, collocado em uma burguezia ingenua e facil de embaír deu essa licença, tão completamente descripta nos numerosos cantos obscenos do seculo XVIII, genero a que Bocage teve tambem de descer pelas exigencias do tempo.

Se por um lado elle veiu mais tarde a detestar a paixão pela *Modinha,* d'onde tirava a sua importancia litteraria o mulato Caldas, ou o mulato Joaquim Manoel recebido e ouvido com pasmo em todas as sociedades, é certo que a corrente do gosto influiu na sua vida e no seu destino, abandonando os estudos technicos, e entregando-se a uma dissipação e irresponsabilidade que o não deixaram progredir, e o collocaram na impossibilidade de submetter-se a uma disciplina moral.

Em época nenhuma o talento de metrificador teve tanta importancia na sociedade portugueza

como no seculo XVIII; no *Cancioneiro* de Resende, encontra-se recommendado que é preciso saber *rifar* e *apodar* para parecer bem no paço; no tempo de Bocage, em que a poesia se emprega na bajulação dos poderosos, e em que o ser bajulado se torna uma necessidade, o poeta vivia á sombra das casas nobres á maneira dos bobos da edade media, como o Lobo da Madragôa, ou arranjava collocações officiaes para si e para os seus, como Tolentino. Não existia a individualidade do escriptor, do poeta que exprime a aspiração do seu tempo, havia o parasita que á custa de versos encomiasticos se tornava parte indispensavel dos festins. Ninguem sentia a indignidade d'esta posição, e Bocage tomou-a como uma fórma seductora da popularidade. Dos seus proprios versos diz Bocage,

> . . . . . : que foram *com violencia*
> Escriptos pela mão do fingimento,
> Cantados pela voz da *dependencia*.
>
> (Sonet. I.)

Se no seculo XV era a facilidade da satyra que dava o lustre nos serões do paço, se no seculo XVI era a galanteria amorosa que distinguia a pleiada

dos Quinhentistas, no seculo XVIII era a bajulação degradante. Tal a differença da sociedade, tal a das phases da litteratura. O poeta não se inspirava da tradição do povo, nem pensava na existencia do povo; e comtudo é no seculo XVIII em que achamos o facto, unico entre nós, das composições mais banaes das academias começarem a ser assimiladas pelo povo. Filinto notou este facto: «Como tambem n'outra era depois, (tinha eu então trinta por quarenta annos) saberem as regateiras de côr as outavas da Ecloga *Albano e Damiana,* e a Paixão, que na quaresma lhe iam cantar os cegos por doze vintens.» (1) Em outro logar das suas obras cita Filinto essa composição litteraria, que ainda hoje existe na tradição oral:

Duzentos gallegos
Não fazem um homem, etc.

como anonyma já no seu tempo. O povo procurava instinctivamente relações com o escriptor; a popularidade de Bocage, que começou muito cedo,

(1) *Obras*, t. III, p. 130, nota.

por este novo impulso despertado tambem pelos seus improvisos, longe de o fazer buscar a genuina fonte da inspiração poetica, fel-o desvairar e perder-se na imitação franceza. Como uma forte organisação poetica, era a Bocage que competia vir pela primeira vez, nas diversas tentativas de restauração da poesia sempre sem resultado, buscar os ricos elementos da tradição popular. Existia effectivamente uma tradição desprezada e latente até ás primeiras investigações de Garrett; se o genio não tem esta intuição do seu valor então perde a individualidade e annulla-se, por que vae esgotar-se em revestir uma imitação morta e que tende a passar de moda. Tal é a situação não comprehendida por Bocage, e que, máo grado os mais felizes improvisos, o reduz á condição de um genio abortado.

Se percorrermos os escriptores do seculo XVIII, apezar de toda a sua separação systematica da tradição popular, ainda assim se encontram impensadas referencias ás creações tradicionaes que o povo repetia, e por onde se póde reconstituir o mundo da sua imaginação. Diante d'esse rapido esboço apresentado no estudo sobre Filinto, é que se co-

nhece o que os escriptores não souberam aproveitar, e o porque da sua geral mediocridade.

Quando um Burger, um Uhland, um Wieland se iam inspirar nas fontes tradicionaes da sua nação, e creavam na sua independencia e originalidade a litteratura allemã, a falta d'esta intuição amesquinhou o maior genio poetico que o seculo XVIII produziu em Portugal; Bocage começou por imitar os poetas do pseudo-classicismo francez, e acabou por traduzir do latim, sem nenhum intuito. Que horisontes lhe podiam abrir as Odes de João Baptista Rousseau, de Argenson, de Luiz Racine, de Voltaire, ou o sentimentalismo de Gessner, ou mesmo o morno estylo didactico de Delille? Radicavam-lhe no espirito uma falsa concepção da poesia, á qual a versão das *Metamorphoses* de Ovidio, serie de quadros futeis de galanteria a que foram reduzidos os mythos gregos, vinha confirmar com o prestigio da antiguidade. É a esta corrente de imitação que Bocage deve o defeito de quasi todas as suas composições, uma constante personificação de entidades moraes, como o Dever, a Constancia, a Tyrannia, que obstaram a que elle exprimisse um verdadeiro ideal dos sentimentos; o respeito pela

tradição classica submetteu-o ao jugo da mythologia, de sorte que ao retratar qualquer estado de alma não podia traçar duas linhas sem se segurar a um nume, a uma nympha, que tornam falsas todas as emoções por um invencivel cunho de convencionalismo rhetorico.

Em eguaes circumstancias se achava Camões sob a forte corrente dos estudos classicos da Renascença; sem o conhecimento da tradição popular não teria um lyrismo mais elevado que o de Caminha ou Falcão de Resende, e tendo permanecido em Lisboa ter-lhe-ia sido impossivel a comprehensão da epopêa nacional.

A vaidade ingenua de Bocage, pela sua precocidade poetica e pelos seus desgostos amorosos, levava-o a procurar analogias com Camões, e isto não pouco influiu na determinação para seguir a vida militar em ultra-mar. A vida indisciplinada de Lisboa, uma certa inapetencia de estudos scientificos, fizeram tambem com que fosse acceitada a resolução. As muitas satyras que corriam manuscriptas de Antonio Lobo de Carvalho, que ás vezes apparecem sob o nome de Bocage, viriam tambem difficultar-lhe a situação em que se achava em Lis-

boa; aquelle prurido de fama que o dominou toda a vida, deve considerar-se o movel do seu despacho para Gôa. Com a data de 31 de Janeiro de 1786 apparece um Decreto que o despacha Guarda-marinha do Estado da India: « Hei por bem fazer mercê a Manoel Maria Barbosa Hedois de Bocage de o nomear Guarda-marinha da Armada do Estado da India. O Conselho ultramarino o tenha assim entendido, e lhe mande passar os despachos necessarios. Samora Corrêa, em 31 de Janeiro de 1786. Com a rubrica de Sua Magestade.» (1) N'este documento apparece pela primeira vez e unica o nome de *Hedois* na assignatura de Bocage, signal de que adoptava a genealogia franceza, do seu bisavô Antoine l'Hedois, *(Le Doux)* o que lhe despertava esse orgulho heraldico que não pôde encobrir nos seus versos:

Em fim, de ser quem sou não me envergonho,
. . . . . .
Pergunta a quantos vem do Tejo e Sado
Se ali me condemnou vil nascimento
A este, em que manejo, vil estado?

(1) Apud J. Feliciano de Castilho, *ibid.* p. 36.

Sempre entre os mais honrados tive assento,
Venho dos principaes de minha aldêa,
Não cuido que vãs fabulas invento.
..... (1)

O despacho do Conselho ultramarino foi em 4 de fevereiro d'esse anno. (2)

A saída de Lisboa para o Oriente, para a vida das armas, animado pela morta tradição do decahido valor portuguez, é uma prova decisiva para o genio de Bocage, como o foi para Camões. Vejamos se as novas e profundas impressões da natureza o fazem romper com o jugo da fria poetica arcádica, e o livram d'esse mixto de quinhentismo e de imitação horaciana, que lhe não deixa presentir o ideal. Esta data de 1786 é capital na sua vida, não pela emancipação que o seu espirito conseguisse, mas por determinar o momento em que poderia ter entrado em uma direcção nova, e em que as suas faculdades se rebustecessem completamente.

(1) Idyllio 10. Ed. da *Actualidade.*
(2) Livro das Mercês do Ultramar, fl. 5.

§ II

Periodo de expatriação, no Brazil, India e China (1786 a 1790.) — As primeiras impressões da viagem. — Ideal de Camões, e comparação com o seu destino. — Bocage no Rio de Janeiro, e a tradição de seu avô Gil Le Doux du Bocage. — A viagem para a India. — Retrato moral do poeta feito por esta occasião por Lord Beckford nas suas admiraveis Cartas. — Nomeado Tenente do Regimento de Infanteria de Damão, em 1789. — A sua vida em Gôa. — A deserção para a China, vida errante, e seu regresso a Lisboa. — Consequencia das viagens: adquire uma mais pronunciada individualidade, que aggrava mais a sua posição na época do espirito *official*.

A partida de Bocage para a India com escala pelo Rio de Janeiro, effectuou-se em Fevereiro de 1786, na Náo de viagem *Nossa Senhora da Vida, Santo Antonio e Magdalena*. Estava então no esplendor do seu talento e distinguia-o uma vivacidade que assombrava; o delicadissimo observador Lord Beckford não pôde resistir ás multimodas seducções d'aquelle espirito, e esboçou-lhe o retrato moral nas suas Cartas. Para uma natureza assim

vigorosa, mas atrophiada n'um meio social dissolvente, o saír de Portugal era uma felicidade; as novas impressões da natureza eram outros tantos elementos de concepção artistica e de affirmações do genio. Em Lisboa, sob a dura espionagem do Intendente Manique, que empregava n'este mister belfurinheiros com tenda volante ou loja de bebidas, (1) quando a Inconfidencia não bastava para descobrir o que se pensava e fazia, era impossivel ter espontaneidade. Dominava a suspeição do jesuitismo, e ia começar a suspeição do jacobinismo. A partida de Bocage dava-se no momento propicio para que o seu talento não fosse attrahido pela mediocridade geral; esta situação lhe proporcionava o ser dirigido por um sentimento verdadeiro e com realidade na expressão do ideal poetico. A sua despedida á terra natal, aos amores, aos amigos, o impulso que o guia, tudo está expresso com uma desconhecida simplicidade:

(1) Diz o proprio Manique: «Esta ideia não é minha; é o que se lê nas *Obras* de Mr. de La Mare, e de outros muitos...» *Contas para as Secretarias*, Liv. III, fl. 78 v. 1784. (Arch. nac.)

Antiga patria minha e lar paterno,
Penates, a quem rendo um culto interno;
Lacrimosos parentes;
Que inda na ausencia me estareis presentes;
Adeos! um vivo ardor de nome e fama
A nova região me attrae e chama.

Oh vós, que nos altares da amisade
Votastes exemplar fidelidade,
Vasconcellos, Couceiro,
Liz bemfeitor, Andrade prasenteiro,
Vós, que em doce união viveis commigo,
Ouvi um terno adeos de um terno amigo.

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o gram Cantor, por quem d'amores
Inda as Musas suspiram;
Aquelles mares, onde os Gamas viram
Do rebelde, horrendissimo Gigante
Os negros labios, o feroz semblante.

Quer a sorte, propicia a meu desejo,
Manda-me a honra, cujas aras beijo,
Que com fervido brio
Contemple os muros da invencivel Diu,
D'onde, oh Silveiras, Mascarenhas, Castros,
Foi soar vossa fama além dos astros.

Nos climas, onde mais do que na historia
Vive dos Albuquerques a memoria,
Nos climas onde a guerra
Heroes eternisou da lysia terra,
Vou vêr, se acaso a meu destino agrada
Dar-me vida feliz, ou morte honrada.

N'esta canção Bocage descreve os sentimentos cavalheirescos que o faziam abraçar o serviço militar na India; amava então em Lisboa uma dama, a quem dava o nome bucolico de *Getruria,* e que pelo numero e fervor dos versos em que a celebra parece ter sido uma paixão algum tanto duradoura. *Getruria* é um anagramma imperfeito de Gertrudes; entre as pessoas que conservaram de memoria muitas poesias de Bocage cita-se D. Anna *Gertrudes* Marecos, que ouviu o poeta recitar com frequencia em Santarem, quando ali visitava uma familia amiga. (1) Não indicamos aqui uma realidade, mas um caminho para ella; os amores por Getruria é que inspiravam a Bocage estes sentimentos nobilissimos:

Por entre as chuvas de mortaes pelouros,
A nua fronte enriquecer de louros
Eu procuro, eu desejo,
Para teus mimos disfructar sem pejo;
Pois quem d'este esplendor se não guarnece
Não é digno de ti, não te merece. (2)

(1) Edição-Innocencio, t. I, not., pag. 397.
(2) Ed. da *Actualidade*, t. II, p. 133.

Na Epistola a Getruria repete este mesmo motivo:

Por piedade não percas da lembrança
O terno adeos, e as lagrimas e os votos,
Com que elle vigorou minha esperança.
Vê que entregue ao furor de horriveis Notos,
Vim, só por me fazer de ti mais digno,
A climas do meu clima tão remotos. (1)

No Soneto que tem a rubrica: *Achando-se prestes a ausentar-se da sua amada,* fixa o logar dos seus amores em Sacavem:

Praias de Sacavem, que Lemnoría
Orna c'os pés nevados e mimosos
. . . . . .
De vós me desarreiga a tyrannia
Dos asperos destinos poderosos,
Que não querem que logre os amorosos
Olhos, aonde jaz minha alegria. (2)

E no Soneto: *Ao partir para a India, deixando em Lisboa a sua amada:*

(1) Epistola 2.ª Ed. da *Actualidade.*
(2) Soneto 137. Ib.

Ah, que fazes, Elmano? Ah, não te ausentes
Dos braços de Getruria carinhosa:
Trocas do Tejo a margem deleitosa
Por barbaro paiz, barbaras gentes?
.....
Teme os duros cachopos, treme, insano,
Do enorme Adamastor, que sempre vela
Entre as furias e os monstros do Oceano. (1)

Á maneira de Camões, que ia procurar a gloria nas campanhas do Oriente para merecer Natercia, Bocage imitava um egual sentimento para ser digno de Getruria; e como Camões disse que a patria lhe não possuiria os ossos, Bocage tambem repete como egual desalento:

Não mais, oh Tejo meu, formoso e brando
Á margem fertil de gentis verdores,
Terás d'alta Ulyssêa um dos cantores
Suspiros no aureo metro modulando. (2)
Eu me ausento de ti meu patrio Sado,
Mansa corrente, deleitosa, amena,
.....
Nunca mais me verás entre o meu gado
Soprando a namorada e branda avena.
.....
Devo emfim manejar por lei da sorte
Cajados não, mortiferos alfanges
Nos campos do cholerico Mavorte;

(1) Soneto 140. Ed. da *Actualidade.*
(2) Soneto 142. Ib.

E talvez entre impavidas phalanges
Testemunhas farei da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges. (1)

Na sua viagem para a India a Náo *Senhora da Vida* fez escala pelo Rio de Janeiro, ou arribou ali por effeito de tempestade; (2) o Soneto que se inscreve: *Deprecação feita durante uma tempestade,* parece justificar esta ultima hypothese. Se Bocage soubesse que ia ao Rio de Janeiro alludia a isso nos seus versos por força de rima ou de imagem poetica. Era então Governador geral do Brazil Luiz de Vasconcellos Sousa Veiga Caminha e Faro, da casa dos marquezes de Castello Melhor, notavel pela grande protecção que deu ás lettras e sciencias no Brazil, amigo de José Basilio da Gama, do naturalista padre Conceição Velloso e de outros muitos sabios; o nome de Bocage já era conhecido no Rio de Janeiro, e o Governador tratou-o com uma affabilidade a que o poeta não estava acostumado:

Vasconcellos, aquelle
Que de um sorriso, oh Musa, honrou teu canto

(1) Soneto 135. Ed. da *Actualidade.*
(2) Opinião do snr. Innocencio, *Notas* ao t. II, p. 428.

Lá na tepida margem
Do limpido Janeiro, que a cerúlea
Gotejante cabeça
Tantas vezes alçou das vitreas grutas
Para urdir-lhe altos hymnos
Entre o côro das mádidas Nereidas... (1)

Na Canção que Bocage dedicou a Luiz de Vasconcellos e Sousa, fazendo o retrato moral do vice-rei, declara que bem desejaria fixar a sua vida no Rio de Janeiro; era-lhe isso impossivel, por causa da disciplina militar:

Eu, dos braços paternos arrancado,
E pela furia dos soberbos mares
Sacudido, arrojado
A remotos, incognitos logares,
Onde talvez me apparelhe a sorte
Depois de infausta vida infausta morte:

Eu, finalmente, com respeito interno
Meus frouxos olhos, nos teus olhos pendo,
Teu amavel governo;
Tua justiça, teus costumes sondo;
E digo então: — Senhor, só tu podias
Tornar brilhantes os meus turvos dias.
.....

(1) Ode 9. Ed. da *Actualidade.*

Viver debaixo de teu jugo brando,
Sentir as leis do teu poder suave,
Teus meritos alçando
Ao palacio de Jove, em metro grave;
Oh que risonha, que benigna estrella
Se o pensar é prazer, que fôra tel-a?

Surdo o Fado a meus ais, a minhas magoas
D'este ameno paiz me quer distante;
Manda que eu busque as aguas
Onde se banha o válido Gigante,
Irmão dos impios que gerara a terra,
Que ao pae dos deoses declararam guerra.

Mas inda lá n'esses logares broncos,
De miseros mortaes misero asylo,
Sobre duraveis troncos
Teu nome escreverei com terno estylo;
Mostrando que não é lisonja infame
Quem move a minha voz a que te acclame... (1)

Durante o pouco tempo que Bocage se demorou no Rio de Janeiro, não só pelo affecto particular que sempre distinguiu o colono portuguez por tudo quanto era da mãe patria, como pelo brilhante talento da improvisação e da graça repentina que dava a Bocage um ascendente irresistivel, foi re-

(1) Canção 5. Ed. da *Actualidade*.

cebido e adorado na melhor sociedade. Não lhe faltavam novos amores a querel-o seduzir; na Epistola *De Elmano a Getruria,* descreve a sua viagem e este incidente:

Do santo abrigo de meus deuses lares,
Pela sorte cruel desarraigado,
E exposto em fragil quilha a bravos mares;
Sobre as espaldas do Oceano inchado,
Dirigindo tristissimo lamento
Contra o céo, contra amor, e contra o fado;
Debalde conjurando o rouco vento,
Em vão pedindo a Thetis sepultura
Nas entranhas do mádido elemento;
Puz, finalmente, os pés onde murmura
O placido Janeiro, em cuja arêa
Jazia entre delicias a ternura.
Ali, como nas margens de Ulyssêa,
Prendendo corações, brincavam, riam,
Os filhinhos gentis de Cytherea.
Mil graças, que a vangloria trocariam
Em vergonhosa inveja á tua vista,
Usupar-te meus cultos presumiam;
Eis olham como facil a conquista;
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,
E constancia me dá, com que resista.
Este combate a gloria me accrescenta:
Conhece-se o valor do navegante
Em tenebrosa, horrisona tormenta... (1)

(1) Epistola 2. Ed. da *Actualidade.*

Se Bocage houvesse ficado no Rio de Janeiro a sua vida não seria mais feliz, porque os impetos da satyra não se susteriam diante dos velhos usos conservados na colonia; as *Modinhas* e os *mulatos* parece terem ali começado a irritar-lhe a bilis. É provavel que Bocage ouvisse contar no Rio de Janeiro a tradição dos feitos militares de seu avô Gil Le Doux du Bocage em 1711, n'aquella capitania, pela aggressão de Duguay Trouin, d'onde resultou ser elevado ao posto de coronel de mar e guerra em 1717. Pela sua parte o poeta deixou a tradição da sua passagem, e ainda hoje se sabe que morara na rua das Violas, no sitio da *Ilha seca.* (1)

É n'este ponto que se deve collocar o bello retrato de Bocage feito sobre a profunda impressão produzida pela sua physionomia e dotes intellectuaes em Lord Beckford. Esses traços admiraveis, ditados pela fleugma critica do aristocrata inglez, provam-nos que não ha aqui uma impressão de assalto; quem mereceu ser assim definido era na realidade um espirito de eleição. William Beckford, cuja riqueza collossal Byron cita no *Childe Ha-*

(1) J. Feliciano de Castilho, *Noticia,* t. II, p. 42.

rold, (I, st. 22) é o celebre auctor do mais celebre romance oriental da litteratura ingleza, o *Vathek;* quando elle conheceu Bocage em 1787, já havia viajado por Flandres, Baviera, Tyrol e Italia, e possuia um extraordinario tino de observação e um talento descriptivo inexcedivel. Viajava pelo mundo para se distraír da morte prematura de sua esposa; ao chegar a Portugal viu uma filha natural do Marquez de Marialva que era a viva parecença da mulher que amara. Isto o fez fixar em Portugal, e como n'este tempo todos os estrangeiros eram suspeitos quer de jesuitismo, quer de encyclopedismo, alcançou uma pretendida missão secreta junto á côrte portugueza. As *Cartas* que escreveu retratando os nossos costumes e habitos da côrte, são um monumento de graça e de verdade; quem lê as Contas da Intendencia da Policia, nada acha de exagerado nos quadros do joven Lord. Aqui pretendia fixar-se, e dispender os seus capitaes creando a arte e gosto em Portugal; mas a recusa do velho Marialva da mão da sua bastarda, o fez abandonar immediatamente este paiz, que perdeu o ensejo de uma nova cultura. As *Cartas* de Lord Beckford estiveram ineditas até 1834, apezar

de correrem manuscriptas entre os apreciadores d'este talento excepcional. Nas *Cartas* que dizem respeito a Portugal, é que se acha o bello retrato de Bocage, quando o governador de Gôa D. Francisco da Cunha e Menezes ía tomar posse do seu cargo: «Verdeil trazia comsigo o Governador de Gôa, D. Francisco Calhariz, e um pallido, exquisito mancebo, o snr. Manoel Maria, a creatura mais extravagante, mas por ventura a mais *sui generis* que Deos ainda formou. Aconteceu estar este mancebo em um dos seus dias de bom humor e de excentricidade, que, como sol de inverno, vinham quando menos se esperava. Mil ditos graciosos, mil rasgos de delirante jovialidade, mil apodos satyricos por elle incessantemente vibrados, fizeram-nos finar de riso. Quando, porém, começou a recitar alguma das suas composições, nas quaes grande profundidade de pensamento se allia com os mais pathetico toques, senti-me estremecido e arrebatado. Póde-se com verdade dizer que aquelle extranho e versatil caracter possue o verdadeiro segredo de encantar, segredo, que, ao grado do seu possuidor, anima ou petrifica um auditorio inteiro.

«Reparando elle quanto me estava enleiando,

disse-me:—Não esperava que um inglez tivesse a condescendencia de prestar, a um moço obscuro e novel versejador, a minima attenção. Vós pensaes que os portuguezes não tem outro poeta senão Camões, e que Camões não escreveu mais nada capaz de lêr-se senão os *Lusiadas*. Aqui tendes um Soneto que vale a metade dos *Lusiadas:*

A formosura d'esta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar d'estes ribeiros
D'onde toda a tristeza se desterra;

O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ár a branda guerra;

Emfim tudo o que a rara natureza
Com tantas variedades nos off'rece,
Me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enjôa e aborrece;
Sem ti perpetuamente estou pensando
Nas móres alegrias mór tristeza.

«—Não escapou ao nosso divino poeta uma unica imagem de belleza rural; e que pathetica não é a applicação da natureza ao sentimento! Que fas-

cinadora languidez, como arrebóes do sol da tarde, se não derrama por sobre esta composição! Se alguma cousa sou, fez-me este Soneto o que sou; porém que sou eu comparado com Monteiro. Julgae! — Proseguiu, entregando-me alguns versos manuscriptos d'este auctor, que os portuguezes apreciam muito. Posto que esses versos eram melodiosos, devo confessar que o Soneto de Camões e muitos dos versos do snr. Manoel Maria me agradaram infinitamente mais; mas a verdade é que eu não estava sufficientemente iniciado na força e nos recursos da lingua portugueza, para ser competente juiz; e este transcendente genio só revelou alguma falta de penetração, imaginando que eu fôsse um d'esses juizes competentes.» (1)

(1) As *Cartas* que se referem a Portugal, acham-se traduzidas no *Panorama*. Cumpre-nos deixar aqui estes documentos ineditos sobre Beckford, os quaes pintam a sociedade portugueza:

«O facto que accusa a carta inclusa do Marquez de Marialva D. Diogo, acontecido a *Beckford*, que V. Ex.ª me manda informar, aconteceu do modo que vou expôr a V. Ex.ª

«Hindo *Beckford* de passeio com o seu architecto pela estrada que vae de Paço d'Arcos para Oeiras a pé, com os seus creados com os cavallos á mão, chegou a elle um mendicante e lhe pediu esmola; *Beckford* lh'a recusou dar

Bocage presentia a alma do artista debaixo da opulencia do distincto aristocrata inglez, e para impressionar essa imaginação que soube crear o *Vathek,* era preciso que tivesse na realidade alguma cousa de extraordinario. A data d'esta carta, de 1787, mostra-nos que esta scena, se passou quando Bocage navega para a India; já longe da patria, ainda no largo mar, o perseguia a emulação dos poetas laureados; este Monteiro, a que allude aqui, não póde deixar de ser José Monteiro da Rocha, que tambem cultivou a poesia com o nome bucolico de *Tirseu,* e que depois veiu a ser Reitor da Universidade de Coimbra. Á medida que avançava para o Oriente, o culto de Camões fortalecia-se-lhe na alma; porém, apesar de confessar que

e lhe disse que fôsse trabalhar, pelo vêr um homem robusto e mal encarado; respondeu-lhe o mendicante: Fóra Diabo Francezes! — a isto *Beckford* com o assoite que levava na mão descarregou sobre o Pobre e foi andando; este pobre com um páo que levava, por detraz descarregou com elle e por pouco não deita a terra *Beckford,* porque ainda o páo o apanhou entre os hombros; d'onde se conclue que o dito mendicante lhe atirava a segural-o pela cabeça; a este tempo iam passando dois cadetes, os quaes immediatamente prenderam o dito mendicante, e o levaram á cadeia de Ocíras.

« Escreveu-me o marquez de Marialva referindo-me

devia a sua educação poetica ao Soneto de Camões, que ficou transcripto, nem por isso soube apossar-se d'esse vago e melancholico idealismo, que é a principal belleza dos seus versos.

este acontecimento; mandei vir o mendicante para as cadeias do Limoeiro, onde já estava quando recebi o aviso de V. Ex.ª, e encontrei com effeito um homem que talvez seja réo de algum delicto grave, que o obrigasse a saír da provincia da sua naturalidade, pelo semblante carregado que tem, e não declarar as terras por onde tem estado estes ultimos tempos me dá alguma desconfiança de que seja algum assassino, que ande mascarado na qualidade de mendicante, para se encobrir, o que fico averiguando. He o que posso informar n'este pouco tempo a V. Ex.ª, para ser presente a sua Magestade. Lisboa, 29 de Dezembro de 1794.—Ill.mo Ex.mo Snr. José de Seabra da Silva.» *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 236 v.

Em 1799 ainda Beckford se achava em Portugal, e qual o grão de liberdade que então se gosava sob o regimen policial, póde vêr-se no seguinte documento, que lhe diz respeito:

«Ill.mo Snr. Corregedor do Bairro Alto.—Representando n'esta Intendencia Mons.or *Bachford*, que tendo mandado alguns seus cavallos a um Antonio, que por sobre nome não perca, mestre ferrador, morador por traz do palacio do Calhariz, este lhe faltára, e que por este motivo não podéra proseguir a jornada, que pretendia fazer. V. me mandará logo prender o referido alquilador, e recolhel-o a uma das cadêas do Limoeiro, á minha ordem, dando-me parte por escripto de assim o haver executado. Lisboa, 1 de Março de 1799.» *Correspondencia geral do Intendente*, Liv. XI, fl. 293.

É de presumir que a Náo de viagem *Nossa Senhora da Vida* arribasse a Lisboa ainda em Abril d'esse anno, antes de seguir viagem para Gôa, porque no *Livro das Monções,* consultado pelo snr. Filippe Nery Xavier, na Secretaria do governo geral da India, a fl. 294 se acha o seguinte assento com relação a Bocage: «Saiu de Lisboa no mez de abril do dito anno de 1786 na Náo de Viagem *Nossa Senhora da Vida, Santo Antonio e Magdalena;* sob o commando de José Rodrigues Magalhães, e chegou a Gôa a 29 de Outubro do mesmo anno.» (1) Foi n'este regresso passageiro a Lisboa que Lord Beckford foi impressionado pela sua natureza extraordinaria.

Partindo de Lisboa para Gôa, Bocage descreve a impressão recebida ao passar pelo Cabo da Boa Esperança, da mesma fórma que Camões na sua Elegia; elle tira um feliz partido d'esta circumstancia:

Sempre no mais cruel desasocego,
Sempre commigo mesmo em viva guerra,
Ás vastas ondas outra vez me entrego.

(1) *Alguns apontamentos para a Biographia de Bocage,* Arch. Universal, vol. IV, p. 322.

Os negros furacões Eólo encerra,
Até que aos frouxos olhos se me offerece
O bruto Adamastor, filho da Terra.
Vê-me o monstro, que ainda não se esquece
Da nossa antiga audacia, e logo exclama
Com voz horrivel, que trovão parece:
«Oh tu, que de uma vã, caduca fama,
De uma illustre chimera ambicioso,
A estrada vens saber do affouto Gama;
«Tu, dos servos de Amor o mais ditoso,
Se as desordens fataes da louca edade
Te houvesse reprimido o céo piedoso;
«Tu, que de uma terrestre divindade
Memorando os encantos e os agrados,
Deliras entre as garras da saudade;
«O modelo serás dos desgraçados,
Porque mais, oh mortal, a ver não tornas
Meigos olhos, por Venus invejados...
.....
Disse dos nautas o inimigo eterno,
E aos áres arrojou no mesmo instante
Medonhas trevas, pavoroso inverno.
O céo troveja, Eólo sibilante
Ora aos abysmos, ora aos astros leva
Entre as azas da morte o lenho errante:
Sobre elle o mar violento a furia ceva,
Rebentam cabos, não governa o leme,
Consternada celeuma ao ár se eleva. (1)

N'esta mesma Epistola descreve Bocage a sua

(1) Epistola 2. Ed. da *Actualidade*.

chegada a Gôa, que se fixa em 29 de Outubro de 1786: (2)

A prospera derrota assim prosigo,
Até que vejo e piso a sepultura
Dos tristes que não tem na patria abrigo.
Aqui vae sempre a mais minha amargura,
Aqui pela saudade envenenado
Como espectro acompanho a noite escura:
Aqui ninguem me attende (oh negro fado!)
Nem deoses, nem mortaes, ninguem me attende:
Tão molesto se faz um desgraçado!...

Quando Camões chegou a Gôa viu-se «mais festejado do que touro da Merceana,» e mais socegado do que cella de pregador, como diz na sua Carta primeira; em volta d'elle agrupavam-se esses cavalleiros poetas Antonio de Abreu, Heitor da Silveira, João Lopes Leitão, Luiz Franco Correa, D. Antão de Noronha, o sabio Garcia d'Orta, e outros muitos que na nossa historia abrilhantam

(2) Na *Relação dos Passageiros do Estado na monção de 1786*, se acha: «Manuel Maria Hedois de Bocage, filho de José Luiz Soares de Barbosa e de D. Marianna Joaquina Xavier de Bocage, natural de Setubal, de edade de 21 annos.» Em Nota á margem: «Despachado em Guarda Marinha para o Estado da India, por Decreto de 4 de Fevereiro do presente anno, registado no dito Livro (Mercês do Ultramar) a fl. 5.»

o grande seculo XVI. O que Camões já dizia de Gôa «de todo o pobre honrado sepultura» é que se conservou, descendo as pessoas ao mais revoltante egoismo pelo habito de chatinar. Bocage achou a mesma Gôa do seculo XVI, mas nenhum resto dos homens d'esse tempo; o seu talento poetico era ali sem prestigio por causa da ignorancia petulante, e a sua inspiração achava-se sem incentivo. É o que se deduz do verso: «Nem deoses, nem mortaes, ninguem me attende». Em uma Epistola a *Josino,* com certeza o eminente latinista José Francisco Cardoso, cujas composições Bocage traduzia, vem a epigraphe de M.me du Bocage: *Dans ces climats... tout est sourd à mes cris.*» (1) Esta Epistola é escripta da India; pela epigraphe se vê que Bocage se lisongeava do parentesco com a celebre poetisa franceza Marianna Lepage, viuva de Fiquet du Bocage, auctora da *Colom-*

(1) Com o nome poetico de *Josino* tambem se acha designado um outro amigo de Bocage, José Bersane Leite, mas a sua amisade é mais recente, e fixa-se depois do regresso a Lisboa. Na versão do poema das *Plantas* Bocage enumera em uma nota os seus amigos, explicando os nomes arcádicos, e lá se acha: *Josino,* José Francisco Cardoso.

biada, e celebrada por Fontenelle e Voltaire. Este conhecimento não é sem consequencia na sua vida. A Epistola a Josino é inapreciavel para se vêr a impressão de desalento que produziu em Bocage a esplendida natureza oriental; o modo como julgava as cerimonias brahmanicas; como pela nostalgia chegou a caír em uma doença perigosa; como conspiravam contra a sua vida as pequenas intrigas da sociedade de Gôa; finalmente como se descobriu uma conjuração em que a occupação militar portugueza esteve em risco de ser trucidada. Transcrever os proprios excerptos de Bocage é restituir a vida a esta phase ignorada da sua existencia, (2) é mostrar como ás vezes a realidade é mais forte do que o convencionalismo rhetorico:

Desde que a existencia expuz á ira
Do fero mar, meu peito não socega,
Meu pensamento esfalfa-se, delira:

(2) No *Mappa das Informações de conducta dos Officiaes de Marinha,* da Secretaria do Governo geral da India, se acha: «Manuel Maria Barbosa Hedois de Bocage. Anno de serviço, um. Antiguidade do Despacho, de 18 de Novembro de 1788.» *Livro das Monções,* n.º 169, fl. 304. Extracto do snr. official maior Filippe Nery Xavier.

Indomavel paixão, que a todos céga,
De teus conselhos falta, honrado amigo,
A' desesperação minha alma entrega.
Louco fui, não pensei (mil vezes digo)
Que em horas se trocassem de tormento
Horas tão doces, que passei comtigo;
Fiei-me de um fugaz contentamento,
Devendo conhecer que os bens do mundo,
São qual o subtil pó que espalha o vento;
Por isso agora afflicto e vagabundo,
Estranho tanto o mal, por isso agora
De lagrimas sem fim meu rosto inundo.
.....
Ah Josino fiel! Que horror faz guerra
Aos tristes olhos meus n'estes logares,
Onde me poz a sorte, onde me encerra.
Sem medo á furia dos terriveis mares,
Vim do culto, benefico Occidente
Viver com tigres, habitar palmares.
Aqui torrida zona abafa a gente,
Ferve o clima, arde o ár, e eu não o sinto,
Que tu, fogo de amor, és mais ardente:
Aqui vago em perpetuo labyrinto,
Sempre em risco de vêr maligno braço
No proprio sangue meu banhado e tinto.
Mas caso dos perigos eu não faço;
E que posso temer, quando procuro
Rasgar da fragil vida o tenue laço?
Enche-me sim de horror o culto impuro,
Idolos vãos, sacrilegos altares,
Vis cerimonias d'este povo escuro...

N'este ponto Bocage tambem estava n'esse atrazo dos fanaticos do seculo XVI, que para ver-

gonha do nome portuguez procuraram á força de explosões derrocar o maravilhoso templo de Elephanta. A Europa estudava já essas cerimonias vis, e Wiliam Jones descobria a velha lingua litteraria, o sanskrito, fonte de luz para as origens das linguas classicas, e para a vida das religiões; Colegbrooke traduzia as Leis de Manu, e Goethe tomava como o typo da belleza a *Sakuntâla*. Mas Bocage não tinha o ardor scientifico de um Anquetil du Perron, e a unica causa que o prenderia á India, a tradição da heroicidade portugueza, era principalmente um motivo de exacerbação e de satyra, porque elle só via o contraste vergonhoso do antigo civismo. A sua doença em Gôa, a que allude n'esta mesma Epistola, deve considerar-se o resultado da acclimação:

Volto Josino a ti. *Lethal doença*
Do barathro surgiu, veiu intimar-me
A antiga, universal, cruel sentença.
Negras fauces abriu para tragar-me;
Porém cedeu, rugindo, á voz divina,
Que a vida, a meu pezar, quiz conservar-me.

É depois da convalescença d'esta crise, que lhe acontece esse outro perigo do projecto de con-

juração mallogrado, de que elle e a guarnição de Gôa iam sendo victimas:

Eis que perfida mão cabal ruina
(Sepultando o dever no esquecimento)
A todos nos prepara, e nos destina:
Rasgando o peito co'um punhal cruento,
Ia baixar o teu choroso amigo,
Qual victima innocente, ao monumento:
Uma alma infame, um barbaro inimigo
Da fé, das leis, do throno, um deshumano,
Credor de eterno, de infernal castigo,
Tendo embebido seu furor insano
Na falsa *gente brachmane, inquieta,*
Que amaldiçôa o jugo lusitano,
Contra nós apontava a mortal seta;
Mas estorvou o inevitavel tiro
A mão divina, poderosa e recta:
Desenvolveu-se o crime, inda respiro;
E já déstes, oh réos de atroz maldade
Em vis theatros o final suspiro.
Eis, amigo, a recente novidade
Que da remota Gôa ao Tejo envio,
Nas murchas debeis azas da saudade... (1)

Tambem na Ode a Luiz de Vasconcellos e Sousa, conta a sua vida no Oriente, como ali eram indifferentes aos seus versos, como conspiraram con-

(1) Epistola 3. Ed. da *Actualidade.*

tra a sua vida, e como se achou na mais apertada miseria:

Se da torrida zona
Os barbaros e adustos moradores
Surdos, férreos ouvidos
Para teus sons harmonicos tiveram;
Se a loquaz ignorancia
Sobre as margens auriferas do Ganges
Co'um sorriso affrontoso
As vis espadas te voltou mil vezes... (1)

Esta desesperada situação devia-lhe provocar os mais violentos impetos de satyras as mais candentes; foram estas composições admiraveis, e por ventura as mais importantes dos seus sonetos, que lhe tornaram impossivel a vida em Gôa. Antes dos resentimentos pessoaes, o confronto da tradição heroica que o trouxe ao Oriente com a realidade que observava, inspirava-lhe os altivos threnos, tão offensivos para os seus contemporaneos. O soneto *Á decadencia do imperio portuguez na Asia*, faz lembrar os energicos protestos de Camões por occasião do desastre de Baharem:

(1) Ode 9. Ed. da *Actualidade*.

Caiu Gôa, terror antigamente
Do naire vão, do perfido malaio,
De barbaras nações!... Ah, que desmaio
Apaga o marcio ardor da luza gente?

Oh sec'los d'heroes! Dias de gloria!
Varões excelsos, que apesar da morte
Viveis na tradição, viveis na historia!

Albuquerque terrivel, Castro forte
Menezes e outros mil, vossa memoria
Vinga as injurias, que nos faz a sorte. (1)

Como um desenvolvimento d'este grito, são os dois Sonetos *Ao grande Affonso de Albuquerque, tomando Malaca em vingança da perfidia do Rei do paiz para com os portuguezes,* e *A D. João de Castro, soccorrendo e salvando a fortaleza de Diu.* (2)

O Soneto sobre *As predicções de Adamastor realisadas contra os Portuguezes,* mostra-nos que a lembrança de Camões, que soffreu como elle em aquellas paragens, lhe ia fazendo fixar na mente as fundas analogias da situação em que se achava e com que se consolava; e por ventura não deixou de influir na sua resolução extrema de saír de Gôa, do fóco da intriga e da traição para acceitar um

(1) Soneto 158. Ed. da *Actualidade.*
(2) Soneto 154, 155. *Ibid.*

posto na infanteria de Damão, e visitar Macáo, onde havia sido escripta a melhor parte dos *Lusiadas*. Tal é a verdadeira importancia d'esse sentido Soneto *A Camões, comparando com os d'elle os seus proprios infortunios,* escripto antes da partida para a China:

Camões, grande Camões! quam similhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Egual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar co' sacrilego Gigante.

Como tu, junto ao Ganges sussurrante,
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante!

Ludibrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao céo, pela certeza
De que só terei paz na sepultura:

Modelo meu tu és... Mas, oh tristeza!...
Se te imito nos transes da ventura
Não te imito nos dons da natureza. (1)

O nome de Camões era o ecco sonoroso que para Bocage tinha a natureza oriental; não achando quem attendesse os seus versos, a phantasia le-

(1) Soneto 138. Ed. da *Actualidade.*

vava-o para a maior alma poetica que ali foi impressionada; elle termina o Soneto *Em honra do grande Camões,* memorando os melhores traços dos *Lusiadas:*

Invejo-te, Camões, o nome honroso;
Da mente creadora o sacro lume,
Que exprime as furias de Lyeu raivoso
Os ais de Inez, de Venus o queixume,
As pragas do Gigante procelloso
O céo do amor, o inferno do ciume. (1)

Bocage ainda podia dizer como Camões das mulheres de Gôa, que quando lhes fallavam um conceito de Petrarcha ou de Boscão, respondiam em uma linguagem «mascavada lhe ervilhaca, que trava na garganta do entendimento»; apesar de ter protestado a maior fidelidade a Getruria, Bocage celebra á foz do Mandovi sereno e brando queixas amorosas por uma dama que resistia aos seus versos:

Não devo á natureza um grato aspecto,
É verdade: o meu merito consiste
N'um claro entendimento e puro affecto.

(1) Soneto 152. *Ibid.*

Se a compasso da lyra o verso triste
Entôo alguma vez, ao tom canoro
Ninguem, não sendo tu, ninguem resiste.

No Idylio piscatorio intitulado *Lenia,* torna a fallar outra vez dos seus amores em Gôa:

O pescador Elmano, o malfadado,
Que em aziago instante a luz primeira
Viu lá nas praias onde morre o Sado.

Tu, pernicioso Amor, fatal cegueira,
Reinavas no infeliz, que em vão carpia
Do claro Mandovi sobre a ribeira. (1)

Camões, tendo feito de Natercia o ideal da sua vida não foi mais firme do que Bocage; os encantos da bailadera Barbora ou a saudade de Dynamene confirmam essa seducção, a que só um sabio como Anquetil du Perron poderia resistir. Os Idylios piscatorios de Bocage celebrando os seus amores de Gôa são consequencia da seducção oriental, como nunca encontrára na sociedade de Lisboa, mesmo nas damas que Edgar Quinet considerava como reminiscencias da Sakuntâla. Incapaz de to-

(1) Idylio 10. Ed. da *Actualidade.*

mar a sério os interesses da vida, já se vê que as intrigas e malquerenças de que Bocage foi victima em Gôa, só podiam provir de despeitos e rivalidades amorosas, aggravos tornados mais acerbos pela sua superioridade e pelo abuso da satyra. No Soneto *Á infatuação que predominava em certos naturaes de Gôa,* chamava-lhes injuriosamente mestiços:

Não tragas os mestiços entre dentes,
Restitue ao carcaz a ervada setta;

Dizes que é má tenção, que é casta abjecta,
Fructos de enxertos vis? Irra! tu mentes;
Vae vêr-lhe os seus papeis; são descendentes
Do solar d'Hidalcão por linha recta. (1)

Como Camões, nos *Disparates da India,* Bocage tambem satyrisa a fidalguia de Gôa, vaidosa pela sua antiguidade:

Diz-nos esta republica de loucos
Que o coffre do Marâta é ninheria,
Que do grão Turco os redditos são poucos:

(1) Soneto 161. Ed. da *Actualidade.*

Mas em casando as filhas, quem diria,
Que o dote consistisse em quatro côcos,
Um cafre, dez bajús e a senhoria! (1)

A decadencia que Camões punha em relevo nas colonias da Africa, agora estava tambem minando as conquistas da India; Bocage protesta:

Lusos heroes, cadaveres sediços,
Erguei-vos d'entre o pó, sombras honradas,
Surgi, vinde exercer as mãos mirradas
N'estes vis, n'estes cães, n'estes mestiços.

Vinde salvar d'estes pardaes castiços
As searas de arroz, por vós ganhadas,
Mas ah! *Poupae-lhe as filhas delicadas*,
Que ellas culpa não tem, *tem mil feitiços*... (2)

A falta de educação historica é que o fazia assim desconsiderar a antiquissima raça indiana representada com maior pureza na casta brahmanica. O orgulho aristocratico era o principal movel n'essa sociedade de Gôa; Bocage podia com razão dizer:

(1) Soneto 162. *Ibid.*
(2) Soneto 163. *Ibid.*

Eu vim coroar em ti minhas desgraças
Bem como Ovidio misero entre os Getas,
Terra sem lei, madrasta de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças.

Tens filhos, antes cães de muitas raças,
Que não mordem com dentes, mas com tretas,
E que impigir-nos vem, como a patetas,
Gatos por lebres, ostras por vidraças.

Tens varias casas, armazens de ratos,
Tens febres, mordachins em demasia,
Do que escapamos a poder de tratos:

Mas a tua peor epidemia,
O mal, que em todos dá, que produz flatos,
É a vã, negregada senhoria. (1)

Não era preciso mais para tornar impossivel a vida socegada em Gôa; attribuia-se a saída de Bocage ao poema erotico a *Manteigui*, nome da amada do governador D. Frederico Guilherme de Sousa. (2) Foi o senhor Filippe Nery Xavier que observou em 1861, que a saída de Gôa não podia ter este motivo, por isso que D. Frederico Guilherme

(1) Soneto 165. *Ibid.*
(2) Rebello da Silva, *Estudo litterario e biographico*, p. XXIX. Ed. Innocencio, t. I.

de Sousa saíu do governo em 3 de Novembro de 1786 e logo em seguida, de Gôa. (1) No Soneto que tem a rubrica *Ao senhor desembargador Sebastião José Ferreira Barroco, acompanhando á India o excellentissimo Francisco da Cunha e Menezes,* parece affirmar que lhe deveu muita consolação em uma grande doença; Barroco era tambem poeta, e isto dava a Bocage o prazer de ser ouvido. A saída de Gôa para Damão seria procurada por amigos dedicados, que lhe deram o colorido de uma distinção por *serviços.* No Idylio a *Nereyda*, Bocage allude a um combate em que entrára; se esses versos exprimem uma realidade, então a patente dada pelo governador, de tenente de Infanteria da 5.ª Companhia da Guarnição de Damão, era-lhe devida:

Topámos ha tres dias o inimigo
N'altura de *Chaul;* travámos guerra,
Sentiu do portuguez o esforço antigo.
Fez-se uma preza, repartiu-se em terra,
Inda agora o quinhão que lá me deram
Este pintado cofresinho encerra... (2)

(1) *Arch. universal,* IV, p. 322.
(2) Idylio 9. Ed. da *Actualidade.*
*

A nomeação de Bocage para o posto de Tenente, foi em 25 de Fevereiro de 1789, e a época em que tomou pósse acha-se no despacho do governador de Damão Antonio Leite de Sousa, de 6 de Abril de 1789. (1)

(1) «Patente. — Dona Maria, etc. Faço saber aos que esta Carta Patente virem, que attendendo Francisco da Cunha e Menezes, do meu Conselho, Governador e Capitão general da India, aos serviços e merecimentos do Guarda-marinha Manoel Maria Barbosa Hedois de Bocage, o nomeou no posto de Tenente de Infanteria da 5.ª Companhia do Regimento da Guarnição da Praça de Damão, que vagou pelo que o era Philippe Nery da Silveira ter passado a Feytor da mesma Praça de Damão, mandando que se lhe passasse Carta Patente na forma ordinaria, por sua Portaria de 25 de Fevereiro do presente anno de 1789, e conformando-me com ella: Hei por bem e me praz de prover e encarregar ao dito Manoel Maria Barbosa Hedois de Bocage do dito posto de Tenente de Infanteria da 5.ª Companhia do Regimento da Guarnição da Praça de Damão que vagou pelo que o era Philippe Nery da Silveira ter passado a Feytor da mesma Praça, para o ter e exercer em quanto o dito Governador e Capitão General não mandar o contrario, e com o dito posto haverá o soldo que lhe tocar e gosará das honras e franquezas que lhe pertencerem. Pelo que mando ao Governador e Chefe Commandante das Tropas da Guarnição da dita Praça o haja por tal, e aos Officiaes e soldados da dita Companhia o conheçam por seu Tenente, e aos Ministros, Officiaes, e pessoas a quem pertencer cumpram e guardem e façam inteiramente cumprir e guardar esta Carta Patente, como n'ella se con-

Chegado a Damão, Bocage poucos dias aí pôde supportar a insipidez de uma deserta guarnição militar; faltava-lhe um pensamento que fôsse o movel da sua vida, como a composição dos *Lusiadas* o fôra para Camões na solidão de Macáo.

tém, sem duvida alguma; e jurará aos Santos Evangelhos em minha Chancellaria, na forma costumada, e na Thesouraria Geral das Tropas, e nas partes competentes se farão em seu titulo as declarações necessarias, e passada pela dita Chancellaria se registará nas partes onde competir, e na Secretaria do Estado, sem o que não valerá. Dada em Gôa sob o sello das Armas Reaes da Corôa de Portugal. Martinho Xavier a fez aos 26 de Fevereiro do anno de nascimento de nosso senhor Jesus Christo de 1789. — O Secretario, Sebastião José Ferreira Barroco, a fez escrever. Francisco da Cunha e Menezes. — Por Portaria do Governador e Capitão General da India, de 25 de Fevereiro de 1789. — Sello. José da Rocha Dantas e Mendonça. — Pagou na forma das ordens de Sua Magestade, e aos Officiaes, 540, jurou na forma ordinaria. Gôa, 27 de Fevereiro de 1789. — Henrique Luiz de Sá. — Registada na Chancellaria do Estado da India, no Livro 2.º dos Registos a fl. 129. Gôa 27 de Fevereiro de 1789. — Henrique Luiz de Sá. — A fl. 533 do Livro do Registo dos Decretos da Chancellaria que serve n'esta Contadoria Geral e ficam registados os que os pagou d'esta. Gôa, 27 de Fevereiro de 1789. Sergio Justino Pereira. — Livro 2.º dos Registos Geraes a fl. 177 v. (Ap. *Archivo Universal*, 2.º anno, vol 4, n.º 20. Communicado pelo Official maior graduado da Secretaria do Governo da India, Filippe Nery Xavier. 1861.)

Não podendo supportar o tedio da caserna, fugiu. Extractamos este facto dos *Apontamentos* do snr. Filippe Nery Xavier, por causa dos dados historicos que descobriu:

«Bocage, depois do seu despacho de Tenente do Regimento da Praça de Damão, partiu para aquella cidade em 8 de Março de 1789, na Fragata *Santa Anna,* sob o commando de Felix Tinoco da Gama, e chegou ao seu destino em 6 de abril subsequente, e n'esse mesmo dia o governador Antonio Leite de Sousa mandou cumprir a sua Patente, e dar-lhe pósse do Posto, e no dia 8 do referido mez de Abril elle se ausentou (desertou) pela porta do Campo, acompanhado do Alferes Manoel José Dionysio, este por causa de muitas dividas. (Conta do Governador de Damão, de 21 de Abril de 1789. — Livro de Damão, dos annos de 1786 a 1790.) Em vista d'esta conta é de suppor que Bocage partisse para Macáo por via de Surrate ou Bombaim, portos commerciantes, no referido mez de Abril, Maio, ou principio de Junho, época da monção para as partes da China. No Archivo da Secretaria d'este Governo geral não se encontram mais documentos relativos á re-

tirada de Bocage da Praça de Damão e ao seu transporte para Macáo.

«Não se sabe tambem quando elle chegou, e quantos mezes se demorou n'aquella cidade; etc.... a correspondencia porém de Macáo, nada diz a tal respeito, nem sobre a chegada e retirada do poeta d'aquella cidade. (1) Na Elegia á morte do principe Dom José em 1788, que foi para os poetas arcadicos o mesmo que foi para os Quinhentistas a morte do principe Dom João em 1554, Bocage dá a entender que n'esse tempo em que a noticia lhe chegou, já estava errante no *Cantão*:

Triste povo! *E mais misero, eu que habito*
No remoto Cantão, d'onde, Ulyssêa,
Não pode a ti voar meu debil grito!

Miserrimo de mim, que em terra alhêa
Cá onde muge o mar da vasta China
Vagabundo praguejo a morte feia! (2)

Faz pena vêr esta alma soffrendo todas as privações da sua arrojada aventura, espremer figuras

(1) Filippe Nery Xavier, *Alguns documentos para a biographia de Bocage*. Arch. Universal, vol. 4, pag. 322.
(2) Elegia 2. Ed. da *Actualidade*.

de rhetorica para chorar um principe, que sabia abrir a bocca, como descreve Beckford:

«O *principe do Brazil* e Dom João tinham um ár sufficientemente aborrecido; porque estavam á parte, com as mãos mettidas no fundo dos bolços, a bocca n'um bocejo continuo, e os olhos errando de um objecto para outro com um olhar de real negligencia. Como uma etiqueta das mais rigorosas afasta os infantes de Portugal no seu palacio, vêm-se raramente entre a multidão, mesmo incognitos, de sorte que os seus sorrisos lisongeiros, ou os seus bocejos confidenciaes não são concedidos a observadores vulgares. Esta maneira de embalsamar os principes em vida, não é, além de tudo, uma má politica: isto os conserva sagrados; isto concentra a sua essencia real, muito prompta, aí, a evaporar-se ao ár livre. Ainda que este regimem severo aconteça não ser do gosto do individuo, os manequins monarchicos devem ter a bondade de se recordarem com que fim elles são paramentados e adorados.» (1)

Estes pontos de vista de Beckford explicam as

(1) Portugal, *Letter*, XXIX.

phrases emphaticas de Bocage na morte do principe do Brazil: «D'aquella alma real, antes divina». Em muitos logares das suas poesias descreve a sua vida errante na China: «Por barbaros sertões gemi vagante»; e continúa:

Mais duro fez ali meu duro fado
Da vil calumnia a lingua viperina; *(Gôa)*
Até que aos mares da longiqua China,
Fui por bravos tufões arremessado. (1)

Vê-se por estes versos que a sua fuga de Damão foi sem plano, e a sua chegada á China perfeitamente casual. Na Ode a Luiz de Vasconcellos e Sousa, cuja amisade contraíra no Brazil, falla d'esta phase dramatica da sua vida:

Se a vasta, a fertil *China*,
Fôfa de imaginaria antiguidade,
Pelo seu pingue seio
Te viu com lasso pé vagar mendigo;
Se a mirrada avareza
Aferrolhando os cofres prenhes de ouro
Lá onde o sol o géra
Foi mais dura que marmore a teus versos... (2)

(2) Soneto 136. Ed. da *Actualidade.*
(1) Ode 9. Ed. da *Actualidade.*

Para saír-se d'esta posição desesperada em que o poeta se achava, havia só um recurso que a necessidade lhe sugeriu, dirigir-se para a colonia portugueza de Macáo. De facto Bocage aí chegou sómente em fins de Julho ou já em Agosto de 1789, quando já estava com o governo de Macáo o Desembargador Lazaro da Silva Ferreira, que elle celebra nos seus versos, o qual assumira esse cargo em 16 de Julho d'esse anno. (1)

Pode-se julgar que a vida de Bocage foi em Macáo um tanto similhante á de Camões, em Moçambique, onde Diogo de Castro o encontrára «commendo de amigos» e sem roupa para se vestir. Bocage vivia no seculo da bajulação, e pela

(1) «Lazaro da Silva Ferreira era Desembargador da Relação de Gôa e Ouvidor geral do Civel, foi nomeado Ouvidor da Cidade de Macáo por Decreto de 20 de Fevereiro de 1785. (*Livro das Monções*, n.º 166, p. 298.) Partiu para o seu destino no principio de Maio de 1787, (*Livro das Port. e Desp.* n.º 9, p. 10,) onde, tendo fallecido o Governador e Capitão geral Xavier de Mendonça Corte Real em 16 de Julho de 1789, succedeu-lhe na via de successão com o Sargento-Mór Manoel da Costa Ferreira, e governaram até 29 de Julho de 1790 em que tomou posse o Governador Vasco Luiz Carneiro de Sousa e Faro. (*Livro da Correspondencia de Macáo*, de 1790.)» Filippe Nery Xavier, *Ibid.*

voz da dependencia, como elle diz, socorreu-se das pessoas valiosas. Accolheu-o o negociante Joaquim Pereira de Almeida, que lhe deu casa e o relacionou com as principaes familias de Macáo. (1) Na sua Ode *A Gratidão, offerecida ao Senhor Lazaro da Silva Ferreira, desembargador da Casa da Supplicação e Governador interino de Macáo,* que o não processou pela sua deserção, confessa que lhe deve o poder regressar á patria:

Amenos campos, agradavel clima
Onde o meu Tejo por areias d'ouro,
Por entre flores, murmurando e rindo
Limpido corre:

Paternos lares, que saudoso anhelo,
Sacros Penates, que de longe adoro,
Suave asylo que perdi, vertendo
Lagrimas ternas.

Eu torno, eu torno, por amor guiado,
Exposto ás furias dos tufões, dos mares...
.....

Se eu vou nas aras dos Penates caros
Pendurar votos, consummir incensos,
Depositando sobre a lysea praia
Osculo grato;

(1) Na Elegia 5, chama-lhe: «Oh tu, *meu bemfeitor,* meu caro amigo.» Ed. da *Actualidade.*

Se as innocentes, *fraternaes caricias*
Vou cobiçoso recobrar na patria,
Em cuja ausencia fugitivas horas
Seculos julgo;

Se as cans honradas vou molhar de pranto
Ao sabio velho, que me deu co'a vida
Os seus desastres, por fatal, por negra
Lugubre sina;
.....
Tudo a ti devo, oh bemfeitor, oh grande,
Que a roçagante, veneravel toga
Mais veneravel pelos teus preclaros
Meritos fazes, etc. (1)

Para regressar á patria tambem recorreu a D. Maria Saldanha Noronha e Menezes, cujos filhos lisongeou:

Roga, roga-lhe em fim, que te destrua
As ancias, os temores;
Que á patria, ao proprio lar te restitua;
Ah! já disse que sim: não mais clamores;
Musa, musa, descança
Cantemos o triumpho, oh esperança. (2)
.....

Segundo o snr. Filippe Nery Xavier, ainda existem ineditos alguns versos satyricos á sociedade de Gôa. A data da sua partida é ignorada.

(1) Ode 6. Ed. da *Actualidade*.
(2) Ode 4. Soneto 151. *Ibid.*

D'estas viagens alcançou apenas o accentuar ainda mais a sua personalidade, e contrair uma espontaneidade de acção que lhe foi prejudicialissima na sociedade de Lisboa onde tudo era *official*, isto é, em um contraste, que o destacava como um doudo de talento.

§ III

Periodo de luctas litterarias, e prisão (1791 a 1798.) — Influencia das suas viagens sobre o caracter. — A Constituição da Nova Arcadia, e seus principaes socios. — Lucta de Bocage com os neo-árcades. — Publicação dos seus versos. — Estado do espirito publico e da litteratura sob a Intendencia de Manique. — As ideias da Revolução franceza em Portugal. — Exame d'estas ideias nos versos de Bocage. — Amisade com André da Ponte do Quental. — Composições no carcere, e sua entrega á Inquisição. — Influencia sobre os seus trabalhos. — As *Metamorphoses* de Ovidio. —Lucta com José Agostinho de Macedo. — Documentos ineditos sobre Macedo.— Conhece os poemas d'Ossian.—Relações com Filinto Elysio que o glorifica. — Doença.

As viagens do Brazil, da India e da China, não revelaram a Bocage aquelle sentimento da realidade das cousas que dá ao genio essa fórma particular da rasão que sabe achar as relações mais inopinadas e deduzir d'ellas uma suprema unidade que é a synthese poetica. Viu novas regiões, mas como um somnambulo; os seus versos não receberam d'esse viver differente nenhum interesse, d'es-

sa natureza nova nenhuma imagem, d'essa variedade interminavel nenhum outro colorido. No Brazil, na India ou na China, quando escreve é sempre sob o espirito allegorico-mythologico dos árcades. Era a falta de leitura, de alimento intellectual, o que lhe produzia esta carencia de concepção original, de livre individualidade no sentimento. Já em 1773 estava publicado o *Goetz de Berlichingen,* em 1774 o *Werther,* de Goethe, em 1781 os *Salteadores,* de Schiller, em 1786 a *Iphigenia,* mas só passado quasi um seculo é que estas obras primas, que sugerem a elaboração artistica, chegaram a Portugal. O motivo porque Portugal esteve incommunicavel com a Europa scientifica e litteraria será estudado n'este capitulo, e o que se vê na atrophia do espirito de Bocage é a imagem do estado intellectual da nação.

Bocage regressou á patria em 1790; durante as viagens aventureiras por feitorias commerciaes e presidios militares ninguem se importou com os seus versos. Aquella natureza feminina, ávida de louvores, veiu achar ainda viva em Lisboa a sua lenda escholar; foi-lhe facil tornar a accender o enthusiasmo por conversas de uma vi-

vacidade inexgotavel. Os elogios, os convites, as intimidades com os cadetes, as entradas nas casas nobres eram uma seducção fatal que imprimiu a direcção irrevogavel a que obedeceu o seu talento. A sua obra era ephemera, como as flores de um só dia; para ámanhã uma nova excitação trará o motivo. Bajulador pela tendencia do seculo, foi muito mais bajulado, contrahiu a necessidade do applauso e sacrificou-se a elle. Os velhos odios caíam a um aceno de louvor.

A chegada de Bocage a Lisboa deve fixar-se em Agosto de 1790, por isso que, segundo se crê, em Septembro d'esse anno deu-se o desastre da morte de Dom José Thomaz de Menezes, filho do Marquez de Marialva, afogado no Tejo. Com as iniciaes de M. M. B. B., publicou o poeta a *Elegia que o mais ingenuo e verdadeiro sentimento consagra á deploravel morte*... (1) Faz lembrar os versos de Camões á morte do seu joven amigo Dom Antonio de Noronha; no seculo XVIII as virtudes cavalheirescas não tinham em que se exercer, já

(1) *Elegia* 3. Ed. da *Actualidade*. Pela primeira vez encorporada nas *Obras de Bocage* por Innocencio.

se não ia morrer nas expedições da Africa, e por isso Bocage louva de um modo inconsciente o seu amigo:

> ... que reunindo a força e a arte
> Feros brutos indomitos domava
> Sendo assombro de tudo em toda a parte.

Este successo, que provocou uma serie de composições elegiacas a todos os metrificadores encomiasticos, para bajularem o velho marquez de Marialva, tem hoje a importancia de determinar a época da chegada de Bocage a Lisboa, que se collocava em 1791, por isso que o Padre José Agostinho de Macedo o escrevera, dizendo que no regresso de Macáo viera morar para a sua companhia. (1) Não era possivel isto, porque o Padre José Agostinho de Macedo, então ainda frade graciano, estava preso por ordem do seu provincial; e n'esse anno de 1791, sem casa sua, porque tendo appellado para a Nunciatura tinha sido mandado depositar no convento dos Paulistas, d'onde fugira no anno seguinte. Em todo o caso a reminiscencia equivoca de Macedo accusa-nos a existencia de

(1) *Considerações mansas*, p. 35.

uma verdade, que quando Bocage chegou a Lisboa achou-se logo em estreitas relações de fidalgos estouvados, restos da monomania dos *Valentones*, e de frades indisciplinados, que pela sua parte eram uma reliquia dos *Goliardos* da edade media. A época do seu regresso a Lisboa levava-o fatalmente para a devassidão, para a falta de seriedade, para a vida vagabunda; não era permittido pensar, nem ter ideias, porque a prevenção irresponsavel do Intendente da Policia Diogo Ignacio de Pina Manique, tudo descobria por meio das *Moscas*, nome technico dos seus espiões. A data de 1790 diz tudo; a *Declaração dos Direitos do Homem*, as noticias vindas de França, o terror dos emigrados, dos livreiros, dos suppostos emissarios da Assemblêa nacional, excitavam a vertiginosa e papelistica actividade de Manique. N'estas circumstancias o não ter ideias era um tino pratico; a mocidade tornou-se devassa como na época da Restauração em França, e entretinha-se no roubo, e em tropelias de *Diabo Coxo*, como a que fizeram no Convento do Carmo, introduzindo-se de noite, com vergalhos, e á hora em que os frades se disciplinavam no côro com as luzes apagadas e a bocca na

terra, os desancaram desalmadamente. (1) A amisade com José Agostinho logo em 1791, deve tambem considerar-se uma perdição para Bocage. (2)

(1) *Contas para as Secretarias*, Liv. IV, fl. 114 v. (27 de Abril de 1794.) *Arch. Nac.*

(2) Basta lêr os seguintes documentos:

«Manda-me V. Ex.ª informar o requerimento incluso de *Frei José de Santo Agostinho*, religioso dos Eremitas do mesmo Santo, o qual se queixa dos excessos com que foi maltractado pelo seu Provincial na prisão que lhe mandou fazer, e o mais que relata o requerimento.

«Da informação que mandei tirar pelo Corregedor da Comarca de Torres Vedras, que passo ás mãos de V. Ex.ª se vê por uma parte que o queixoso Frei José de Santo Agostinho he de máo procedimento, usa de faca, que lhe foi achada no acto da prisão; e por outra parte se faz vêr o excesso com que o Provincial mandou executar a diligencia, e que os motivos que actualmente deram causa a este procedimento, não eram taes que merecessem o rigor com que foi maltractado o dito religioso, e d'elle se mostra haver intriga particular, que obrigou a este Prelado a esquecer-se das obrigações com que devem tratar os seus subditos.

«Mandei ao Corregedor do Bairro do Rocio ao Convento de Nossa Senhora da Graça a visitar os carceres do mesmo Convento, e particularmente aquelle em que se achava o dito Fr. José de Santo Agostinho, e perguntal-o sobre os mesmos factos, e das respostas que deu, verá V. Ex.ª, o que elle refere e conclue no mesmo que declára na supplica; e ouvindo o mesmo Ministro ao Provincial, este deu a larga resposta, juntando a cópia de quatro sentenças que tem sido proferidas contra o dito Frei José

Macedo estava então no carcere, como se vê por esses documentos ineditos, que ficam em nota; Bocage visitou-o, ou já havia fallado com elle, an-

de Santo Agostinho e confirmadas no definitorio geral em diversos governos da sua religião, e juntamente o acto da achada da faca e cartas que lhe escrevem, que elle suppõe que atacam a sua auctoridade, como V. Ex.ª verá tudo o que acabo de referir na Conta do Corregedor do Rocio com as respostas a ella juntas.

« Recorrendo o queixoso Frei José de Santo Agostinho á Nunciatura, esta tomou a deliberação de mandar pôr em homenagem no mesmo Convento ao dito Religioso, a que não quiz obedecer o Provincial, e dizem os officiaes da Nunciatura que forão executar esta diligencia; que o Provincial e Prior se houveram com alguns excessos contra elles, e que por temor de praticarem alguma violencia se retiraram, e dando parte á Nunciatura, me vieram pedir auxilio para poderem executar esta diligencia, a qual lhe mandei ao Corregedor do Rocio fôsse prestar o auxilio requerido, e com effeito indo, achou a este tempo já munidos o Provincial e Prior com certidão de terem posto um Recurso na Mesa da Corôa, e dando-me parte o mandei retirar.

« He certo que este caso tem dado escandalo aos povos, pois tem sido bloqueado em todas estas occasiões o Convento de innumeravel populacho e proferindo alguns dicterios, influidos talvez por aquelles espiritos de parcialidade contraria, que he o que tem chegado a este ponto os excessos, que se tem executado n'este caso de uma e outra parte; e os da parcialidade contraria aproveitaram esta occasião para malquistar com seus fins ao Prior e Provincial, e me informam que são os que subministram os dinheiros para as despezas.

tes de ser mettido no in-pace. Sabe-se isto claramente pela allusão que Bocage faz a uma Epistola que lhe dirigira Macedo, da qual em 1799 transcre-

« Fiz recolher á cadeia o Alcaide que foi executar a dita diligencia da prisão do Frei José de Santo Agostinho ordenada pelo seu Provincial, sem estar authorisado por ordem do ministro que lhe ordenasse; sendo sem duvida que o queixoso Frei José de Santo Agostinho é de uma irregular conducta, e relaxado, e que o Provincial e Prior são de um genio pouco proprio para Prelados, e o demonstram bem os repetidos factos que tem praticado n'este caso.

«V. Ex.ª exporá tudo o que refiro a S. Magestade, e a mesma Senhora ordenará o que fôr mais justo. Lisboa, 23 de Janeiro de 1790.—Ill.mo Ex.mo Snr. José de Seabra da Silva. » (1)

« Tenho egualmente na mesma cadeia, em custodia, *Frei José de S. Agostinho*, religioso graciano, o qual foi achado e preso na figura mais deploravel, em trajos de secular, em véstia sem signal algum de religioso, e querendo remettel-o e entregal-o ao Reitor dos Paulistas, onde estava por ordem do Nuncio, de lá fugira roubando a Livraria do mesmo Convento, e com mil instancias me requer o Reitor o não ponha lá, e o mesmo me requereu o procurador geral da Graça, que o chamei para tomar conta d'elle, dizendo-me que o não podiam segurar no carcere, pela ordem que tinham para o não poderem fazer, e que de lá havia fugido logo que foi posto na cella, e o mesmo havia de praticar se se houvesse com elle a mesma contemplação. Deus g. etc., 5 de Septembro de 1792. — Ex.mo e Rev. Snr. Bispo confessor. (2)

(1) *Contas para as Secretarias*, liv. III, fl. 111 a 112.
(2) Liv. III, fl. 240 *v. Contas para as Secretarias.* Arch. Nac.

veu de cór os seguintes versos na tremebunda *Pena de Talião:*

Da estancia, onde nem sempre habita o crime
Epistola sem sal, por ti guisada
Em taes louvores incluiu meu nome;
Versos escuta, que negar não pódes!
Estylo é teu, monotonia é tua!
O que n'elles se envolve, escuta, em premio
Da empreza que tomei de os pôr na mente:
«*Do centro d'esta gruta triste e muda*
«*Fecundo Elmano, pelas musas dado,*
«*O prisioneiro Elmiro te sauda,*
«De teus aureos talentos encantado;
«De ti só falla, só por ti suspira
«Em teu divino canto arrebatado.»

Belchior Curvo Semedo, e José Agostinho, apesar da inversão pelo intuito satyrico, referem-se á influencia da viagem ao Oriente sobre o genio de Bocage; o lyrismo de Bocage não melhorou, porque a sociedade convencional em que vivia impunha-lhe phrases feitas para todos os sentimentos, mas por effeito das viagens aprendeu a comparar e a ser por isso mais eminente na satyra. Bocage allude tambem ás intimas relações litterarias, dizendo que Macedo lhe dava a revêr os cadernos da sua versão de Stacio:

Do gordo original versão mirrada,
Sulcado o Estacio teu de unhadas minhas...
De muitas que soffreste...

As ideias revolucionarias tambem penetravam nos Conventos, e a indisciplina era o unico symptoma que se attribuia a essas noções da dignidade humana repentinamente apercebidas. As cellas serviam de passatempo aos vagabundos que não podiam estar á vontade nos botequins, por causa das *Moscas* de Manique. Bocage frequentava estes retiros espirituaes, como vêmos pelo Soneto: *Estando o auctor na cella do seu amigo Fr. João de Pousafolles e acontecendo apagar-se-lhe um cigarro, pediu lume, que o dito amigo recusou.* (1) José Agostinho de Macedo é o typo mais accentuado d'esta classe de frades intelligentes e em dissidencia com o espirito monacal. Era tambem amigo do paulista Frei José Botelho Torresão, que escrevia versos eroticos. Na sua incerteza de vida, Bocage servia-se das cellas dos frades seus amigos para comer e dormir, quando não tinha outro abrigo. Mas a sua influencia era reconhecida como perigosa pelos Ge-

(1) Soneto 174. Ed. da *Actualidade.*

raes, como se vê pelo Soneto: *Ao Padre-mestre Dom Bernardo da Senhora da Porta, geral dos Conegos Regrantes, que não permittia ao auctor a entrada no Mosteiro de S. Vicente de Fóra.* (1) Os versos em que Bocage verbera com tanta audacia e graça os bojudos fradalhões, os episcopaes repolhos, continuam a tradição litteraria de Gil Vicente, mas de um modo inconsciente; era o mesmo vicio do seculo XVI, que provocava um identico protesto.

É provavel que o pae de Bocage morresse pouco tempo depois da sua chegada de Macáo; Bocage em um Soneto falla; *Em uma excursão que fez a Setubal, encontrando ahi em uma casa certos trastes que tinham sido de seus paes.* (2) Por este modo de dizer se vê que na época d'esta excursão já a casa de seus paes estava dissolvida, seus irmãos casados, á excepção de D. Maria Francisca, talvez vivendo já em casa da Marqueza de Alorna. A ida a Setubal não é um facto sem importancia, porque sob os rigores preventivos do Intendente

(1) Soneto 361.
(2) Soneto 363. Ed. da *Actualidade.*

da Policia Diogo Ignacio de Pina Manique, Setubal era considerado como o fóco d'onde dimanavam para o reino os livros estrangeiros. Em uma Conta dada em 11 de Junho de 1791 ao Ministro José de Seabra da Silva, Manique pede providencias por causa dos conflictos da sua jurisdicação, começando: «Constando-me n'esta Intendencia que no *porto de Setubal* se introduzem muitos contrabandos, *pacotes de livros impios*, e desembarcavam alguns passageiros, tanto portuguezes como estrangeiros sem que se legitimassem pela Policia...» (1) As idas a Setubal seriam para Bocage outros tantos motivos de suspeita de commungar as ideias francezas, que o Manique perseguia com um estreitissimo cordão de espionagem. Os sentimentos generosos de que Bocage era dotado e que se confirmam em todas as anedoctas que ficaram d'elle, levavam-no irresistivelmente para a adhesão aos principios de liberdade affirmados na Revolução franceza. Quando o abstracto Kant quebrou todos os seus velhos habitos para ir esperar com anciedade as novidades que vinham d'esse grandioso

(1) *Contas para as Secretarias*, livro III, fl. 180.

phenomeno social que se estava dando, como é que o genio impressionavel de Bocage, e que tanto havia soffrido, ficaria indifferente? Kant buscava uma confirmação das suas profundas especulações philosophicas; Bocage ia levado pelas cantigas que se entoavam n'um ou n'outro café, e que a diligencia do Manique alcançava logo abafar. A impressão dos principaes successos da Revolução franceza existe esboçada nos versos de Bocage; deram a sua vibração n'esta bella alma, que tinha o poder, como o declarou Beckford, de governar a seu capricho as impressões dos outros. Apontar estas relações do genio de Bocage com a corrente da Revolução obriga a um trabalho mais extenso, o de procurar até que ponto essas ideias vieram agitar entre nós o espirito publico, como a authoridade lhes impediu o curso, como as falsificou, e como a nossa sociedade as comprehendeu. Seria isto um livro, que por ventura escreveremos; no emtanto traçamos só o programma, o bastante para se conhecer bem o meio dentro do qual o talento de Bocage foi atrophiado. Estamos em 1791; existe uma grande cohorte de poetas com mais ou menos talento, com boas aspirações e com o vigor da mocidade; não podendo

exercer a liberdade do pensamento e cultivar as sciencias sem o perigo de encyclopedismo revolucionario, como estava acontecendo aos principaes sabios da Academia de Lisboa, projectaram uma associação poetica, continuadora da Arcadia e tendo por protectora a Virgem Maria.

Se a Arcadia, não tendo alcançado a existencia official se extinguiu sob a má vontade do Marquez de Pombal, a *Nova Arcadia* nascia sob a arbitrariedade preventiva do Intendente da Policia Manique, isto é, condemnada a não se elevar acima da banalidade irresponsavel. Chamou-se-lhe a *Academia de Bellas-Lettras*, e não passava de simples reuniões familiares ás quartas feiras, no palacio do Conde do Pombeiro, depois Marquez de Bellas, José de Vasconcellos e Sousa; o titulo de *Nova Arcadia*, por onde era «*mais desconhecida*», como diz Bocage, (1) era pretencioso e impunha-lhe a tradição poetica sustentada por Garção, Diniz e Quita. A formação d'esta sociedade em 1790 não foi sem influencia sobre Bocage; o seu primeiro fervor fez com que o poeta vencesse a habitual ne-

(1) Soneto 190.

gligencia, pretextada ás vezes com o furto que soffrera dos seus manuscriptos, (1) e publicasse logo em 1791 os *Queixumes do Pastor Elmano, os Idyllios maritimos recitados na Academia de Bellas-Lettras*, e a primeira parte das suas *Rimas*. As sessões poeticas presididas pelo beneficiado Domingos de Caldas Barbosa, que tinha o nome arcadico de *Sereno Selinuntino*, eram chamadas as *Quartas feiras de Lereno*, e ali á maneira das Academias da Italia, havia tambem mesa pósta. Historiemos um pouco a formação d'esta Academia; o motivo do seu apparecimento era o occupar a attenção, porque todas as conversas eram perigosas, e o zelo do Manique envolvia em suspeitas desde os mais humildes até aos maiores potentados, como o Duque de Lafões. N'esta época a poesia era considerada como uma prenda, que servia para aproximar um homem dos fidalgos, ser admittido á mesa com os seus criados, pedir-lhe esmola em verso; não havia a alta comprehensão da arte nem a dignidade do escriptor, como a implantou Goethe; a poesia tinha apenas a importancia de ser cultivada

(1) Advertencia ao II tomo das *Rimas*, 1799.

pelos desembargadores e palacianos, e pelos principes que acceitavam odes genethliacas e natalicias. Formar uma Academia poetica dentro d'este meio impossivel, não tinha outro intuito mais elevado do que o simples passatempo. Partiu a ideia de Belchior Manoel Curvo Semedo, conhecido pelo nome arcadico de *Belmiro Transtagano*, e de Joaquim Severino Ferraz de Campos, *Alcino Lisbonense*. É admissivel que a preponderancia dada ao Beneficiado Caldas na Nova Arcadia, viesse da protecção que alcançou para ella do Conde de Pombeiro. Para o fidalgo o ter uma Academia em casa era tambem uma distincção heraldica. Convidaram os principaes poetas da côrte, Manoel Maria Barbosa do Bocage, que adoptou o nome de *Elmano Sadino*, José Agostinho de Macedo, o de *Elmiro Tagideu*; o Dr. José Thomaz da Silva Quintanilha, *Eurindo Nonacriense*, Francisco Joaquim Bringre, *Francelio Vouguense*, Thomaz Annio dos Santos Silva, *Thomino Sadino*, o abbade d'Almoster Joaquim Francisco de Araujo Freire Barbosa, *Corydon Neptunino*, Luiz Corrêa do Amaral França, *Melizeu Cyllenio*, Joaquim Martins da Costa, *Cassidro Ulyssiponense*, e alguns outros poe-

tas, que ficaram ignorados. Além das sessões da quarta feira, celebravam uma sessão especial a 8 de Dezembro á Conceição da Virgem. Bocage cumpriu o programma, porque nas suas Obras se encontram dois Cantos e uma Cantata a esse forçado assumpto academico; (1) isto determina o tempo que permaneceu na Nova Arcadia, de 1790 a 1793, porque no *Almanach das Musas*, publicação official da Academia d'esse anno, já se admittem invectivas contra Bocage da parte de Amaral França e do Abbade de Almoster. (2) O alvo principal das Satyras de Bocage foram, em primeiro logar, o beneficiado Caldas, pelo facto da presidencia e pelo seu culto exagerado pelas *Modinhas* brazileiras, Curvo Semedo, o Abbade de Almoster, Amaral França e Dr. Thomaz José Quintanilha, e o Dr. Manoel Bernardo de Sousa Mello. Com Bingre e Ferraz de Campos conservou inquebrantavel amisade, e só veiu a romper directamente com José Agostinho de Macedo mais tarde, postoque tambem o abocanhe com os outros. O

(1) Ed. da *Actualidade*, t. II, p. 143, 148, 334.
(2) Ibid. Part. IV, pag. 124 e 134.

Soneto que perturbou aquelle remanso pastoral é nervoso e vibrante, e não havia fleugma que lhe resistisse:

Preside o neto da rainha Ginga
A corja vil, aduladora, insana;
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em copos desiguaes se esgota a pinga.

Vem pão, manteiga e chá, tudo á catinga;
Masca farinha a turba americana;
E o urango-utang a corda á banza abana,
Com gestos e visagens de mandinga.

Um bando de comparsas logo acode
Do fôfo Conde ao novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco bode:

Applaudem de continuo as frioleiras
Belmiro em Dithyrambo, o ex-Frade em Ode.
Eis aqui do Lereno as quartas feiras.

O commentario d'este Soneto é a historia anedoctica d'esta ephemera sociedade poetica; bastava encontrarem-se ali Bocage e Macedo, um vaidoso, o outro vaidoso, irascivel e reservado, para ser em breve impossivel toda a conciliação. O beneficiado Domingos Caldas Barbosa, curta mediocridade poetica, não tinha competencia para dirigir quaes-

quer trabalhos litterarios, e devia a sua celebridade á prenda então estimavel de cantar *Modinhas brasileiras* nas reuniões de familia. Nascido no Rio de Janeiro de uma escrava africana (1740), Bocage não lhe podia perdoar esta condição e atacava-o pela côr, pelas suas cançonetas em redondilha menor improvisada á guitarra, ás quaes o accento brazileiro fazia realçar esses languidos requebros tão bem descriptos por Beckford. A presidencia foi-lhe dada pela protecção do Conde de Pombeiro a favor da Nova Arcadia. Em uma folha volante in-8, de 1777, ao casamento de Antonio de Vasconcellos e Sousa, escreve Caldas então de pouco chegado do Brazil, alludindo ao seu proprio destino:

Tu participarás (me continúa)
D'estes dias ditosos,
Depende a tua sorte
Da mão benigna dos fieis esposos,
Canta quem te segura
Dos *insultos da horrida ventura*,
Ouça o mundo na Lyra americana
Sempre os nomes d'Antonio e Marianna... (1)

Os insultos da horrida ventura eram as allu-

(1) *Nas felices nupcias*, etc. p. 7. Na Regia officina typographica, 1777.

sões crúas á sua côr de mulato, o terem-no forçado ao serviço militar na colonia do Sacramento; na casa do Conde de Pombeiro achou protecção como antigo da familia, por cuja influencia recebeu as ordens menores para alcançar o logar de Beneficiado da Casa da Supplicação. Natureza constantemente ultrajada por causa do seu nascimento, adquiriu uma tolerancia que o tornava bemquisto; nos virulentos ataques de Bocage, o beneficiado Caldas não respondia. O gosto da *Modinha,* que reinava na sociedade lisbonense, é que o fazia procurado e ouvido; como brazileiro e improvisador, acompanhando-se elle proprio á viola, dava-lhe um encanto extranho que chegou a influir no gosto litterario. Por esta parte o protesto de Bocage era fundado, como era da parte de Filinto, quando tambem verbera:

Os versinhos anãos a anãs Nerinas,
Do Cantarino Caldas, a quem parvos
Poem a alcunha d'Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte *fulo*
Cabe o nome; pois tanto o *fulo* Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro perú na alvura ao branco cysne.

A culpa não estava da parte do Caldas, mas da

sociedade ignára que se comprazia com esse genero tradicional, renascido no seculo XVIII no gosto portuguez. A sua collecção de *Modinhas* improvisadas foi colligida sob o titulo de *Viola de Lereno;* sem a musica e os enlevos das reuniões familiares estas pequeninas peças lyricas pouco valem, mas ainda hoje são recordadas com saudade pelas que foram innocentes meninas no principio d'este seculo.

Caldas falleceu repentinamente a 9 de Novembro de 1800, antes dos sentimentos de reconciliação de Bocage.

No Soneto *Aos Socios da Nova Arcadia* é que Bocage indica quaes eram os que lhe accendiam a ira poetica:

> Vós oh *Frانças*, *Semedos*, *Quintanilhas*,
> *Macedos*, e outras péstes condemnadas, etc. (1)

Depois de ferido no *Almanach das Musas* é que Bocage prorompeu:

> Contra Elmano Sadino urrando avança
> O esteril *Corydon*, o vão *Belmiro*,
> Bernardo o Nenias, lugubre vampiro,
> Que do extincto Miguel possue a herança.

(1) Soneto 191. Ed. da *Actualidade*.

O curto *Quintanilha*, o torpe *França*,
O tonsurado retumbante *Elmiro*,
Vibram tiros ao vento e é cada tiro
Mais frouxo que pedrada de criança.

Por fim ameaça-os que ha de: «Perder doze vintens n'um *Almanach*». (1) A linguagem que empregavam nas suas mutuas diatribes metricas descambava insensivelmente na obscenidade e nas situações decameronicas. Era o que fazia rir e interessar o publico pela discordia; os Sonetos repetiam-se de cór pelos botequins e pasmatorios, eram corôados por grandes gargalhadas alvares, e ficavam na tradição dos tempos de rara felicidade, como se chama ao nosso antigo regimen. A melhor parte d'estas poesias está perdida, por ter ficado inedita, e por isso é difficil descrever esta pugna litteraria, que não teve alcance, porque não passou de meras personalidades, e que se esqueceu no meio dos assombrosos successos que se estavam passando em 1793, e que iam transformar a vida das nações. Antes porém de entrarmos n'esta phase da historia na sua pequena relação a Portugal e na parte

(1) Soneto 193.

de que se inspirou Bocage, que todos os seus biographos sempre tem evitado, esboçaremos o resto d'essa pequena rixa de vaidades que deu em terra com a Nova Arcadia. Um dos Socios mais importantes, e contra quem Bocage investe denodado, é o Bacharel em Leis pela Universidade de Coimbra Luiz Corrêa do Amaral França *(Melizeu Cyllenio)* nascido em 1725 e já em 1764 socio da primeira Arcadia. Contava ao tempo d'estas luctas sessenta e oito annos de edade, e apesar de ter ferido Bocage no seu lado vulneravel o *abuso das antitheses e tautologias:*

« Mil narizes de cêra revolvendo,

que veiu a ser depois conhecido pelo nome de *elmanismo*, França não tinha pulso para se bater com Bocage e foi reduzido ao perpetuo silencio. O Soneto á *Vera effigie do Doctor Luiz Corrêa do Amaral França, que poderá servir de busca a toda a pessoa que n'esta cidade o queira procurar,* é uma caricatura digna de comparar-se com uma miniatura de Callot:

Rapada, amarellenta cabelleira;
Vesgos olhos, que o chá e o dôce engoda;
Bocca, que á parte esquerda se accommoda,
(Uns affirmam que féde, outros que cheira;)

Japona, que da Ladra andou na Feira;
Ferrugento faím, que já foi moda,
No tempo em que Albuquerque fez a póda
Ao soberbo Hidalcão com mão guerreira;

Ruço calção que espipa no joelho,
Meia e sapato, com que ao lado avança,
Vindo a encontrar-se co' esburgado artelho:

Jarra, com apetites de criança;
Cara com similhança de besbelho;
Eis o bedel do Pindo, o doutor França. (1)

Este rapido desenho tem para nós a belleza de conservar vivo um typo da defuncta sociedade portugueza do seculo XVIII. Os versos de Amaral França são batidos no molde arcádico, sem talento e pela força da moda do seu tempo que obrigava a poetar a todo o homem que frequentava a boa roda.

Depois de França, o Abbade de Almoster Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa *(Corydon Neptuniano)*, era o que dava mais pega á vivacidade de Bocagẽ, e que tambem teve o máo sestro de o

(1) Sõneto 184. Ed. da *Actualidade.*

atacar no *Almanach das Musas*, com o annagramma infeliz de *Gecabo*. O Abbade tambem como o Caldas cantava modinhas á banza, e pela leitura dos poetas francezes da côrte de Luiz XIV fazia tragedias, e traduzia os Idyllios de Gessner sobre a prosa franceza. Não era preciso mais nada; Bocage salta-lhe nas ancas:

O mundo a porfiar que o Franco é tolo,
O Franco a porfiar que o mundo mente!
Irra! o Padre vigario é insolente,
Rapem-lhe as mãos, e ferva-lhe o carôlo.

Depois remata enumerando-lhe as composições litterarias como outros tantos labéos:

Ora vão trovador do *Heroe do Egypto*,
Tu não ouves, não vês o que se passa,
Ácerca dos papeis, que tens escripto?
A copia de *Gessner*, deu-se de graça,
Psyche jaz de capella e de palmito,
Sesóstris infeliz morreu de traça. (1)

As composições do Abbade de Almoster que pertencem ao genero lyrico, e que tanta luz derramariam sobre esta época da vida do Bocage ficaram ineditas e por ventura perdidas.

(1) Soneto 180. Ed. da *Actualidade*.

O mais terrivel dos Socios da Nova Arcadia e que tinha algum merecimento litterario, era Belchior Manoel Curvo Semedo Torres de Sequeira, *(Belmiro Transtagano)* com quem Bocage se achou de frente, e com quem de futuro veiu a reconciliar-se. *Belmiro* tomára o appellido de *Transtagano* por ser natural de Monte-Mór-o-Novo, e nos exercicios arcádicos escolhera um genero insensato, o *Dythirambo*, em que se descreve os prazeres e paixões excitadas pelo vinho, para se tornar original. Elle ataca Bocage pelo lado fraco da vaidade, alludindo á phrase costumada do improvisador nos seus mais felizes repentes: *Isto é meu! isto não morre:*

Mas hoje para ser poeta insigne
Basta dizer: Componho inclytos versos!
E depois de vestir com falsas côres
Hyperbole ou anthithese rançosa
Exclamas: *Isto é meu, isto não morre!*
O amor proprio dá leis, reina a vaidade.

Bocage atassalha-o em differentes sonetos, retratando-o physica e moralmente, como poeta do rei de Lilipput. Liam-se então cá as *Viagens de Gulliner*, de Swift. Semedo, (n. 1766) era partidario do antigo regimen, e portanto inimigo de Bocage,

que pendia para o jacobinismo; n'esta lucta da Nova Arcadia não se deve esquecer a parte da dissidencia dos sentimentos politicos. Bocage ataca os *Dythirambos* de Semedo, mas era-lhe impossivel para o seu tempo comprehender onde é que estava a falsidade d'esse genero poetico. O *dythirambo* era um hymno mythico, com que celebravam os heroes nos seus desastres, e porque Dyonisos era o unico deus sugeito a estes accidentes, por isso se tornou o motivo principal d'esses cantos. D'aqui se vê que esta fórma tradicional do polytheismo hellenico não tem porquê algum que o ligue aos habitos litterarios de nenhuma outra civilisação; na Grecia este canto nacional teve a sua influencia na formação da Tragedia, (1) como o diz Aristoteles: «a tragedia teve o seu ponto de partida dos cantores do *dythirambo;*» se as litteraturas modernas tinham de imitar a Grecia seria na tragedia, mas não nas fórmas ainda ligadas aos mythos. Isto nos mostra o que podia fazer uma Academia que comprehendia tão inorganicamente

(1) Ottfried Müller, *Historia da Litt. grega*, t. II, p. 163. Trad. Hildebrand.

a poesia. Semedo, como quasi todos os poetas do nosso seculo XVIII que tiveram profissões civis as mais prosaicas, era Capitão de Engenheiros, e Escrivão da Mesa grande dos Portos secos da Alfandega grande de Lisboa. Já se vê porque via eram trazidos para a corrente poetica.

José Thomaz da Silva Quintanilha *(Eurindo Nonacriense)*, com quem Bocage se honrava quando compozera a Cantata de *Leandro e Hero*, e elle lhe glosara uma quadra, foi tambem victima da furia metrica, por ter cantado em uma Ode os almoços do beneficiado Caldas. O odio de Bocage aggravou-se mais tarde por saber que o Dr. Quintanilha é que vulgarisára a celebre Satyra de José Agostinho de Macedo, e por isso diz na replica, a *Pena de Talião:* «Todos sabem a applicação antiga d'aquelle meu verso:

Quintanilha, pygmeu de corpo e n'alma;

«Se houver todavia quem a ignore, declaro que pertence a um nojento humunculo, engenhador de miudezas metricas, a quem o esquecimento de uma virgula arruinou um Soneto, e que propaga

e palmeia a Satyra de Elmiro, porque nunca fiz a injustiça de gabar os seus nadas. *Tantum sufficit hoc.*»

Quintanilha era formado em Leis, e acceitou um despacho para a magistratura do Brazil, casou no Maranhão e os seus descendentes ainda conservam ineditas as suas numerosas composições arcadicas, que se o não elevariam, pelo menos viriam esclarecer esta época litteraria.

As luctas entre Bocage e José Agostinho, tiveram principio n'esta dissolução da Nova Arcadia, mas não se aggravaram logo; é até possivel que fossem ataques simulados, porque Macedo tambem compoz uma *Metamorphose de Lereno em papagaio*, que Bocage lhe lança em rosto dizendo, que quando a escrevia lhe papava os almoços; e o ter celebrado a nympha Jacintha e o *Almanach das Musas*. Ao condemnar a Nova Arcadia, Bocage descreve as quartas feiras de Lereno, que o *ex-Frade* applaude em Ode (Son. 190), alludindo a ter sido expulso dos Gracianos; e contra os socios da ephemera academia cita «*Macedos*, e outras pestes condemnadas»; (Son. 191) repetindo:

O tonsurado retumbante *Elmiro*. (Son. 193)
. . . . . e tu ex-Frade
Que em trovas de bumbum levas a palma. (Son. 195)

Apesar das relações intimas de Macedo com Bocage, a quem dava os manuscriptos da sua traducção da *Thebaida* de Stacio para revêr, estas beliscadellas não podiam ficar impunes. Bocage tambem ajudava á queda das suas infelizes tragedias. Macedo não rompeu logo mas reservou-se; como estes versos corriam de mão em mão em cópias de curiosos, é possivel que os não conhecesse logo. A sua lucta corpo a corpo, só rebenta por causa das versões dos Poemas didacticos, em que Bocage tornava a ferir o orgulho de Macedo, que só em 1801 é que rompeu abertamente, mas ainda assim deixando conhecer uma convicta admiração.

Da Nova Arcadia conservaram-se neutraes, e pelo seu caracter bondoso, com certeza conciliadores Joaquim Severino Ferraz de Campos *(Alcino Lisbonense)*, Francisco Joaquim Bingre *(Francelio Vouguense)*, e Thomaz Antonio dos Santos e Silva *(Thommino Sadino)*.

De Joaquim Severino Ferraz de Campos (n. 1760? m. 1812?) resta apenas um raro volume de

Rythmas, de 1794; Bocage louva-o, na Epistola que começa: «Teus versos li, reli, canoro Alcino», e apresenta-o como uma testemunha dos seus desastres:

Alcino.....
Tu, que aos delirios meus a origem sabes,
Que os meus extremos viste, e o premio d'elles,
E que fructo colhi..... (1)

Na sua lucta com Macedo, Bocage affirma que não é o sentimento da inveja que o impelle, confessando que admira Garção, Diniz, e entre elles Ferraz de Campos e João Baptista de Lara, *(Albano Ulyssiponense):*

Encantador Garção, tu me arrebatas,
Audaz vibrando o plectro venusino;
Suave *Albano,* delicado *Alcino,*
Musas do terno amor, vós me sois gratas... (2)

Embora a tradição considere Joaquim Severino Ferraz de Campos como constante amigo de Bocage, comtudo no Soneto em que o poeta enumera

(1) Epistola 9. Ed. da *Actualidade.*
(2) Soneto 261. Ib.

aquelles que o visitaram na sua doença, que se reconciliaram e o elogiaram nos seus versos, ao referir-se a *Alcino*, diz: «Joaquim Severino Ferraz de Campos, tambem por mim louvado, e *cujo silencio fere uma constante amisade*, contrahida na desgraça e esquecida na fortuna.» Nas suas *Rymas*, Ferraz de Campos refere-se ás luctas da Nova Arcadia, elogia Curvo Semedo, o rival mais forte que encontrou Bocage, e condemna o Zoilo, que perturbou a paz do Ménalo; no seu livro publicado em 1794, no fervor da lucta litteraria, nem uma só vez cita o nome de Bocage, signal de que era contra elle. Eis os trechos mais caracteristicos da sua Epistola a Curvo Semedo:

Como é possivel, que deixar intentas
Sem motivo real, sem justa causa
A nossa Arcadia em triste soledade?
Querer abandonar fieis amigos,
Que estremecem por ti, que por ti choram,
E que já mais da candida amisade
Souberam macular as leis sagradas
Por *loucuras de um oilo arrebatado?*
. . . . . .
Que não diria a gente imparciavel
Se obrar te vira assim errado e louco?
Diria que eras tal qual esse Zoilo,
Por quem deixar nos queres seccamente,
Pois s'elle foi ingrato em conspirar-se

Contra o seu proprio amigo e companheiro,
Tu ingrato és tambem, pois que pertendes
Deixar tantos amigos, tantos Socios
Que já mais em seus dias te offenderam.
Que não diria o mundo se observasse
Que sendo tu dos Socios primitivos
Que este corpo a formar principiaram,
E que tens augmentado a sua gloria
Com assiduas fadigas litterarias,
Tentavas hoje, o nome teu manchando
Deixal-o, e semear n'elle a discordia...
.....
Deixa embora rosnar Zoilos malditos,
Deixa chover mil satyras infames,
Que a justa imparcial posteridade
Lerá os versos teus cheia d'assombro. (1)

Estes versos referem-se inquestionavelmente a Bocage; não tem sido citados pelos outros biographos, porque as *Rimas* de Ferraz de Campos são raras. O seu afastamento de Bocage justifica a interpretação que apresentamos.

Bingre foi o poeta que sobreviveu a toda esta geração de árcades, morrendo da mais provecta edade. A vida de Bingre desde o seu nascimento em 1763 até 1856, decorreu acompanhando todos os grandes successos da historia moderna que trans-

(1) *Rimas*, p. 119.

formaram a face do mundo. Nas obras de Bingre, que existem na quasi totalidade manuscriptas e que compulsámos, acham-se gloriosas memorias dos factos mais importantes de que teve noticia, mas conservou-se sempre alheio á actividade do seu seculo. Aos noventa e tres annos achou-se só em uma extrema miseria; a vida obstinava-se a fazel-o assistir ao naufragio das suas affeições mais caras e a vêr a agonia de cinco netos gemendo com fome em volta d'elle. Tanto Bocage como Macedo e Ferraz de Campos renderam homenagem ao seu talento e á brandura do seu caracter; nas *Considerações Mansas*, chama-lhe Macedo «*bom poeta e judicioso homem*» e Bocage na traducção do Poema das *Plantas:*

> Ferve no audaz *Francelio*, e rompe os astros
> Sacro delirio, destemida insania.

Pela sua extraordinaria longevidade, Bingre era a tradição viva dos tempos da ultima Arcadia, e o thesouro de todas as anedoctas litterarias dos poetas seus contemporaneos. A sua existencia retirada em Mira, fóra de toda a communicação, e a

falta de interesse que havia pelos estudos de historia litteraria, foram causa de se não colligirem excellentes quadros da nossa vida intellectual do seculo XVIII. Em 1847 o snr. José Feliciano de Castilho lembrou-se de o interrogar ácerca do caracter, genio, e obras ineditas de Bocage; ao que elle respondeu em uma Carta de 5 de Julho d'esse anno, contando a constante amisade de José de Seabra da Silva pelo poeta e a vontade que o Ministro tinha de o collocar na Bibliotheca publica; o seu caracter bondoso e sentimento caritativo; os serões politicos em casa das filhas do Marechal Werne, e os improvisos no paço por occasião da primeira filha de D. João VI. Se Bingre fôsse interrogado oralmente, ou se alguem colligisse por conversas as suas recordações casuaes, muito maior peculio de tradições se aproveitaria. A sua carta, traz estes bellos traços que lhe dizem respeito: « Acantonado ha quarenta e seis annos n'estes areaes de Mira; na longa decrepitude de outenta e quatro, e sobretudo flagellado com agudissimas dôres de gota, mal posso satisfazer ao que V. me incumbe sobre a biographia de Bocage. Fômos intimos amigos, e socios de *uma particular Arcadia*, de cujos alumnos julgo que só

eu resto, segundo uma carta que me escreveu José Agostinho de Macedo proximo á sua morte; pois me asseverava que só eu, elle e *Lara*, restavamos da nossa sociedade.» (1) As obras de Bingre são apenas conhecidas pelos diminutos escriptos publicados no *Almanach das Musas*, no *Jornal de Coimbra*, *Mnemosine lusitana*, *Ramilhete*, e em outras publicações periodicas. Calixto Luiz de Abreu, grande amigo de Bingre, que formára e publicára uma pequena collecção com o titulo de *O Moribundo Cysne do Vouga*, começou em 1858 a coordenar todas as poesias de Bingre com o titulo de *Estro de Bingre*, precedidas de uma extensa biographia, que consultámos. A morte d'este amigo do poeta obstou a que as suas obras viessem á publicidade; debalde ainda em 1869, o proprietario da Imprensa Portugueza, natural de Aveiro, tentou publical-as, mas não foi possivel alcançar subscriptores que auxiliassem uma tão benemerita empreza.

O outro poeta de que falla Bingre, era João Baptista de Lara *(Albano Ulyssiponense)*, nascido em 1764 e fallecido em 7 de Janeiro de 1820; as

(1) Apud Livraria classica, *Bocage*, t. II, p. 77.

suas obras arcádicas tambem ficaram ineditas. A poesia estava em contradicção com o seu cargo de Escrivão da Mesa grande do Tabaco, de Vogal e Secretario da Commissão da reforma da Alfandega; além d'isso como eram sentidas ou moldadas segundo um espirito já extincto na litteratura, quasi todos estes auctores sentiram o anachronismo d'essas concepções e deixaram-as ficar no esquecimento.

No *Almanach das Musas* tambem figura Antonio Bersane Leite, conhecido pelo nome arcádico de *Tionio*, e como o mais constante amigo de Bocage, em cuja casa chegou a viver algum tempo; Bersane era em 1805, ao tempo da morte de Bocage, Escrivão da Superintendencia das Decimas da freguezia de Bucellas e Anexos, e em 1807 emigrou para o Brazil, fixando-se em Minas; um seu neto declara pelas tradições de familia, que a *Marcia*, celebrada por Bocage, era D. Maria Vicencia Bersane Leite, filha de Antonio Bersane. (1) Segundo a tradição conservada pelo poeta D. Gastão Fausto da Camara e pelo Morgado de Assentís, a

(1) J. Feliciano de Castilho, *Op. cit.*, II, p. 262.

Analia, celebrada no ultimo periodo da vida de Bocage, era D. Anna Perpetua, tambem filha de Antonio Bersane Leite. (1) Qualquer d'estas tradições, que podem coexistir simultaneamente, mostra-nos as relações de intimidade de Bocage com a familia de Bersane, a quem deveu os mais santos carinhos que encontrou na vida. Nas suas Obras celebra a morte de João de Sousa Bersane, pae dos dois poetas Antonio e José Bersane Leite, n'essa admiravel Elegia que começa: «O sabio não vae todo á sepultura». (2) Celebra tambem a morte da esposa de Antonio Bersane, n'esse soneto que termina com o mimoso verso: «É nos eleitos um sorriso a morte». (3) A Epistola a Antonio Bersane, felicitando-o por saír a publico com os seus versos:

> Emfim, cedeu *Tionio* á voz divina
> Já vê com gloria o litterario mundo
> Que brilha um genio mais no céo das artes. (4)

deve referir-se á sua primeira publicação em 1793 no *Almanach das Musas*. É ainda antes das luctas

(1) Ap. Innocencio, *Ed. de Bocage*, vol. I, p. 387.
(2) Elegia 6. Ed. da *Actualidade*.
(3) Soneto 271. *Ibid.*
(4) Epistola 24. Ibid.

da Nova-Arcadia que elle escreveu essa outra excellente Ode a José Bersane Leite *(Josino)*, em que o aconselha a que cultive desassombradamente a poesia, e lhe indica Camões por modello:

Lê Camões, lê Camões; com elle a mente
Fertiliza, afervóra,
Povôa, fortalece, apura, eleva;
Que o malfadado Elmano
Em tosco domicilio onde o sobpêam
Carrancudas tristezas
Afaz o luctuoso pensamento
Ao phantasma da morte.

N'esta mesma Ode falla em *Tionio*, e ainda com estima no Dr. José Thomaz da Silva Quintanilha e em João de Sousa Pacheco Leitão *(Leucacio Ulyssiponense)* auctor da *Genieida* e do fragmento a *Restauração da liberdade:*

Ora todo te dás ao som divino,
Ás lyras milagrosas
Do meu *Tionio*, do atilado *Eurindo*,
De *Leucacio* fecundo
Que, accezos despregando ao estro as azas
Pelo ceruleo vacuo
O sol transcendem, sómem-se nos astros,
Do fado a nevoa rompem,

Mysterios sondam, maravilhas palpam,
Emquanto o zoilo inerte
. . . . . .
Morde e remorde as viboras no seio. (1)

Esta Ode serve para fixar a época em que Bocage estreitou a sua amisade com a familia dos Bersanes, logo que chegou de Macáo, até que morreu extenuado, tendo sempre encontrado ali o mais puro sentimento de dedicação e amor. Depois de todos estes neo-árcades resta fallar de Thomaz Antonio dos Santos Silva *(Thomino Sadino)*, que se conservou sempre amigo de Bocage; os seus versos são cheios das mais impensadas metaphoras e de um intuito neologista que faz d'elle um Ronsard extemporaneo. Não se podem hoje lêr, mas no seu tempo, talvez pelo effeito da recitação, mereceram elogios absolutos, e totalmente injustificaveis. Teve a desgraça de cegar, e viveu o resto de seus dias no hospital de S. José, onde morreu; por causa d'esta circumstancia Bocage comparava-o a Milton; quer na tragedia ou na epopêa Santos Silva ia com a

(1) Ode 7. Ed. da *Actualidade*.

corrente, e reproduzia sem consciencia as velhas fórmas littterarias.

Fóra da Nova-Arcadia não faltaram outros poetastros que fizessem côro com Semêdo e França; citaremos Felisberto Ignacio Januario Cordeiro *(Falmeno),* nascido em 1774 e fallecido em 1855, contra quem Bocage vibrou o Soneto ridicularisando a tragedia *Nuno Gonçalves de Faria:*

> Findou-se o drama, poz-se em movimento
> Na bocca o riso, o pé com pateada. (1)

Depois d'este, Miguel Antonio de Barros *(Melibeu),* nascido em 1772 e fallecido em 1827; Bocage considerava-o *a sua sombra,* por ter imitado n'uma metamorphose *Cyneu e Solina,* o *Areneu e Argira* com que Bocage se ufanava, e lançava-lhe em rosto o ser *mestre correeiro:*

> Ganha á noite o laurel com que se enrama,
> E tendo de manhã varrido a casa
> Ao *mestre correeiro* enrola a cama. (2)

(1) Soneto 172. Ed. da *Actualidade.*
(2) Apud *Dicc. bibl.,* t. VI, p. 219.

Bocage tambem cobriu de ridiculo a sua tragedia *Elaire,* no Soneto *Lição ao pé da letra;* (1) Barros chamava-lhe *Sultão de Parnaso.* Os outros poetastros que elle atacou, o Dr. Manoel Bernardo de Sousa e Mello, (Son. 177, 178), José Daniel Rodrigues da Costa, (Son. 200, 201, 202), o Padre Abreu e Lima, (Son. 368) e Saunier, não offereciam resistencia, e são uma prova da intolerancia vaidosa de Bocage.

A Nova-Arcadia extinguiu-se no meio d'estas luctas de vaidade, mas conservou-se o seu espirito; todos os poetas que depois se lhe seguiram adoptaram tambem nomes arcádicos, e por assim dizer constituem uma academia ideal, cujo caracter conservaram como se obedecessem a um modello imposto officialmente. A melhor parte d'esses poetas, amigos intimos de Bocage, pela imitação da estructura peculiar dos versos de Elmano, póde bem constituir uma *Eschola elmanista,* em dissidencia com os imitadores do verso solto de Philinto ou *Eschola Philintista.* Citaremos entre os poetas elmanistas Sebastião Xavier Botelho *(Sali-*

(1) Soneto 170. Ibid.

cio), e outras vezes *Clario;* o Dr. Vicente José Ferreira Cardoso *(Vincenio),* João Vicente Pimentel Maldonado *(Ismeno),* e sua irmã D. Marianna Pimentel Maldonado *(Armania);* João Baptista Gomes *(Jonio),* Nuno Alvares Pereira Pato Moniz *(Oleno),* D. Gastão Fausto da Camara *(Amphriso Tagitano);* o Morgado de Assentis, Francisco de Paula Cardoso de Almeida e Vasconcellos *(Olivo),* José Maria da Costa e Silva *(Almeno),* Antonio José de Lima Leitão *(Almiro Lacobricense),* D. Antonio da Visitação Freire *(Ontanio),* José Nicoláo de Massuellos Pinto *(Josino),* José Rodrigues Pimentel Maia *(Menalca),* Bento Henriques Soares *(Bermuino).* Esta eschola bocagiana teve ainda n'este seculo um distinctissimo representante, que reproduziu na sua maior perfeição a feição *elmanista,* no poemeto *Cartas de Ecco e Narciso;* era Antonio Feliciano de Castilho *(Memnide Egymnense),* que tambem como Bocage chegou a distinguir-se nas versões poeticas. A eschola *philintista,* á qual pertenceram Bento Luiz Vianna *(Filinto insulano),* Francisco Freire de Carvalho *(Filinto Junior),* tambem se extinguiu deixando o mais eminente escriptor da reorganisação da litteratura portugueza no

periodo do romantismo, João Baptista de Almeida Garrett *(Jonio Duriense)*, que não renegou as composições arcadicas das *Flores sem fructo* e da *Lyrica de João Micimo.*

Estudámos até aqui Bocage dentro do meio litterario que elle pôde dominar pela satyra, mas que não soube dirigir pelo criterio; falta-nos vêr a sua lucta dentro do meio social, que o venceu, que o annullou e que o levou a esse desalento e inanição prematura que antecedeu a sua morte. Lembrando-nos das palavras com que o retrata o seu amigo Bingre: «Foi honrado, verdadeiro, liberal, e *muito amante da sua liberdade e fidagal inimigo da escravidão»*, é que se vê como em uma sociedade cuja ordem era sustentada pela espionagem e pela ausencia de ideias, o desespero seria a sua principal inspiração e a obscenidade o seu protesto. Um tal caracter, pela numerosa porção de anedoctas que se contam e toda a gente repete sobre Bocage, está assás accentuado; o que falta é estudar a physionomia moral d'essa época que vae do seu regresso de Macáo em 1790 até 1805, em que morreu; e, uma vez traçado um tal quadro, conhecer-se-ha que as desgraças d'este talento desvairado,

eram inevitaveis, estavam na logica dos successos, porque o seu espirito tinha uma aspiração que a sociedade portugueza só começou a sentir em 1820.

O talento de Bocage não podia ter o desenvolvimento de que era capaz, sob o regimen da policia cesarista coadjuvado pela intolerancia inquisitorial; a vida de Bocage (1765-1805) está inclusa dentro do terrivel dominio do Intendente Manique, que o perseguiu por vezes, de cujas garras o Ministro José de Seabra da Silva conseguiu tiral-o entregando-o á Inquisição para mais facilmente o restituir á liberdade. O despotismo de Luiz XIV foi imitado em Portugal, copiando-se logo a instituição de uma *Intendencia geral da Policia da Côrte e Reino,* creada por Alvará de 25 de Junho de 1760: «A lei da Lei da creação da Policia em Portugal, foi tirada muita parte d'ella da Legislação de França, aonde tem feito os maiores progressos a Policia e conseguido os fins a que ella se propõe e assim o tem adoptado as côrtes mais civis da Europa.» É esta a confissão do proprio Manique, em uma Conta para as Secretarias em 1783; (1) em outras partes

(1) Livro I, fl. 544 *v.*, Torre do Tombo.

dos seus pequenos relatorios declara quaes são os elementos technicos que o dirigem, e entre elles enumera Mr. de la Marre, o *Codigo de Policia de Luiz* XIV, o *Tratado de Policia* de João Pedro Willebrand e o *Diccionario de Policia.* (1) Manique só foi nomeado para Intendente geral em 1764, tendo-o precedido n'este cargo os Desembargadores Ignacio Ferreira Souto e Manoel Gonçalves de Miranda. (2) Em 1762, Manique havia acompanhado o Exercito Auxiliar da Gran-Bretanha e sustentado á sua custa vinte soldados do Regimento de Almeida, até 1763. Desembargador do Paço e Administrador da Casa do Infantado, foi pela sua actividade infatigavel nomeado para o cargo de Intendente, tendo por Ajudante seu irmão o Desembargador Antonio Joaquim de Pina Manique, que falleceu pouco tempo depois. Elle fundou um systema de espionagem, a que chamava *Moscas,* e até á época da Revolução franceza, a sua preoccupação era fechar por todos os modos a entrada aos livros dos encyclopedistas e aos libellos

(1) Liv. V, fl. 182.
(2) Liv. VI, fl. 167.

jesuiticos. (1) Em 1780 já elle estava tão acreditado no animo da realeza, que D. Maria I legalisou-lhe todas as arbitrariedades futuras, dando-lhe por Alvará de 15 de Janeiro d'esse anno umas Instrucções secretas que nunca seria obrigado a mostrar. Tendo já doze annos d'este serviço odioso, e inundado todo o paiz de officios e providencias, muitos ministros o accusavam ao poder real de arbitrariedade e de invasões discricionarias nos seus poderes. (2) Porém o Intendente geral defendia-se com o seu zelo pela soberania, pela religião e bons costumes, dizendo que nas obrigações do seu cargo gastara o que havia herdado de seus paes. Era o despota na sua maior sinceridade, abafando a sociedade do seu tempo, luctando contra a corrente re-

(1) «... achei um grande numero de volumes impressos em portuguez, cuja obra se intitulava — *Resposta critica a uma obra intitulada* Paraguay, *feita por José Basilio da Gama.* E lendo poucas palavras, e abrindo em diversas partes um dos mesmos volumes vi que era um libello famoso infame contra a memoria do Augusto pae, o Snr. Dom José I, e do seu Ministro. *Contas para as Secretarias,* Livro II, fl. 294 *v.* — Passava-se isto em 1784, e era por via do Embaixador da Allemanha que os papeis dos Jesuitas entravam em Portugal.

(2) Contas para as Secretarias, liv. I, fl. 543.

volucionaria sem a comprehender, accusando de suspeição as maiores capacidades que então existiam, intimidando todos os poderes com o terror das ideias francezas. Começou a exercer este cargo, como dissemos, um anno antes de Bocage nascer, e acabou em 1805, morrendo no mesmo anno em que succumbiu o poeta; esta coincidencia, que não foi sem uma influencia deprimente no talento de Bocage, representa-nos a acção d'este regimen da policia de Luiz XIV applicada a uma sociedade que tanto precisava de noções scientificas, e que no momento em que se tentava este passo pela fundação da *Academia das Sciencias,* os seus principaes organisadores, como o Duque de Lafões, o Abbade Corrêa da Serra, Ferreira Gordo, e o Padre Antonio Pereira de Figueiredo eram indiciados como jacobinos, e perseguidos.

Manique empregou algumas vezes o seu poder arbitrario em creações de utilidade publica que honram o seu espirito de iniciativa; assim, vendo que os crimes praticados durante a noite em Lisboa, eram resultantes da falta de illuminação, em 17 de Dezembro de 1780 mandou organisar este melhoramento, que constou logo de 770 candieiros, até

ao principio de 1792. (1) Introduziu tambem a cultura da batata no Ribatejo, mandando-a vir de Inglaterra; (2) e o linho canhamo, de S. Petersburgo. Foi o primeiro que fallou contra os enterramentos nas egrejas, e é o instituidor da *Casa Pia,* d'onde se tem derramado até hoje sobre as classes desvalidas incalculaveis beneficios. Pertencia a esta craveira de homens energicos que imitaram o Marquez de Pombal, dos quaes é um typo completo o celebre Francisco de Almada, no Porto. Deixamos aqui em relevo este lado bom, para que no exame das suas prepotencias não pareçâmos injustos.

Desde 1790 em que Bocage regressou de Macáo até ao fim das luctas com os poetas da Nova Arcadia, haviam-se passado os factos mais extraordinarios na Europa; o poeta não foi totalmente estranho aos sentimentos que esses successos suscitavam, e os seus inimigos litterarios aproveitaram-se d'isso para lhe aturdirem a vida com mais tem-

(1) Livro VI, fl. 236 *v*. Até 1783 havia *lanterneiros* pela cidade, a quem se pagava ao quarto. Liv. II, fl. 13 *v*.
(2) Ibid. Liv. V, fl. 296.

pestades. Em um Soneto, escripto no carcere, Bocage é bem explicito:

> Mas *turba vil que abato,* anceio, espanto;
> Urde em meu damno abominavel trama; (1)

Por aqui se vê que os inimigos da Nova Arcadia procuraram fazel-o passar como revolucionario aos olhos do Intendente Manique. Vejamos a marcha dos acontecimentos até ao tempo em que Manique se apodera de Bocage em 1797. Quando Bocage regressou á patria era o assumpto das conversações prohibidas a constituição da *Assemblêa Nacional,* de Paris, em 17 de Junho de 1789; a sua lucta com o rei; a tomada e a destruição da Bastilha, a 14 de Julho d'esse anno; a abolição dos privilegios, a 4 de Agosto; a suppressão das gabellas, a 21 de Março de 1790; a instituição do jury, a 5 de Abril; a alienação dos bens nacionaes, de 13 de Maio; o voto da Assemblêa nacional, para que se levantasse uma estatua a Rousseau, de 21 de Dezembro. Em uma sociedade atrophiada sob

(1) Soneto 218. Ed. da *Actualidade.*

um perpetuo governo paternal, estes successos eram considerados como signaes precursores do dia de juizo. As longas viagens e os desastres da vida de Bocage davam-lhe um criterio mais claro para vêr o que se estava passando; os vôos do seu enthusiasmo irreflectido não deixariam de o tornar suspeito, e nos seus Sonetos, que se repetiam pelos botequins, existia fundamento para todas as arbitrariedades; o Soneto que traz a rubrica *Contra o Despotismo,* refere-se á queda das velhas instituições feudaes, mas tem um sentido ambiguo, que os partidarios do antigo regimen podiam applicar á Revolução:

Sanhudo inexoravel Despotismo,
Monstro que em pranto, em sangue a furia cevas,
Que em mil quadras horrificas te elevas,
Obra da Iniquidade e do Atheismo.

Assanhas o damnado Fanatismo
Por que te escóre o throno onde te elevas;
Porque o sol da Verdade envolva em trevas
E sepulte a *Rasão* n'um denso abysmo... (1)

O que se passava no meio frequentado por Bocage, os Cafés, acha-se officialmente descripto nas

(1) Soneto 203. Ed. da *Actualidade.*

Contas para as Secretarias, pelo Intendente geral da Policia: «Ponho nas mãos de V. Ex.ª a Relação dos Francezes que embarquei no dia 25 do presente (Junho de 1792), que andavam espalhados por esta côrte, sem fim que os obrigasse a vir a ella, entrando pelos Cafés e Bilhares a referir os factos da liberdade, que haviam praticado os Francezes para se tirarem da Escravidão, em que se achavam sugeitos, ao poder de um homem, que era o Rei que os governava, e os tinha como em escravidão, contando para abonar o socego e tranquilidade em que estava a França, as festas de alegria que o povo de um e outro sexo tinham feito por terem conseguido a sua liberdade, e que até duzentas donzellas em Bayona fizeram a sua festa, levantando seis mastros, um com a bandeira ingleza, outro com a bandeira dos Americanos-Inglezes, e por baixo de uma e outra a Bandeira-branca com as palavras — *Viva a Liberdade, e morram aquelles que a impedirem.* — V. Ex.ª conhecerá quanto são perigosas estas gentes, e que se espalhem pelo povo rustico e se entretenham em ouvirem estes contos.» (1) A onda vem crescendo;

(1) *Contas para as Secretarias,* Liv. III, fl. 232 v.

Manique torna-se um Briareu, para suffocar as mil cabeças da hydra revolucionaria; elle estabelece um systema de *legitimação pela Policia,* para que os estrangeiros possam entrar em Portugal. A prisão de Luiz XVI é já conhecida em Lisboa, e Manique presente os disfarces dos Jacobinos: «Vou á presença de V. Ex.ª (escrevia elle a 18 de Agosto de 1792 ao ministro José de Seabra da Silva), a dar-lhe parte que é chegado a esta côrte um *Jacobino,* que vem caracterisado Secretario da Embaixada de França; e o Correio Baptista, que o foi de D. Vicente de Sousa, que veiu no mesmo navio com elle, informará a V. Ex.ª dos seus procederes, e até me faz lembrar que estas vindas de Secretarios todos para a Embaixada de França, que é um meio de se introduzirem, pouparem algum procedimento e se exobrigarem melhor para os seus fins... E como V. Ex.ª me encarregou a diligencia dos quatro *Jacobinos,* que saíram de Veneza no dia 22 de Junho e que seguiam viagem para Portugal, combinando esta noticia com o que me acaba de dizer o Baptista, d'este Secretario Pedro Chegry, e com outro que acaba de chegar no navio «Dous Irmãos» faz alguma

inquietação no meu animo.» (1) As Cantigas francezas, que fizeram a melhor parte da Revolução, e que prepararam as mais admiraveis victorias dos exercitos da Republica começaram tambem a penetrar em Portugal; eram uma vertigem a que se não resistia. O Intendente Manique recêa-se de tudo, e procura abafar essas vozes hallucinadoras. Na *Conta* ao Marquez Mordomo-Mór, de 9 de Novembro de 1792, escreve: «Do Summario que passo ás mãos de V. Ex.ª se conhece ser certo o que praticaram os Francezes da tripulação do Navio que está embargado a requerimento de Jacintho Fernandes Bandeira, surto defronte do Caes de Belem; e que as palavras que proferiam, *cantando pelas ruas* d'aquelle logar, era:—*Viva a Liberdade e morram os aristocraticos, e se ponham todos á lanterna e hirá sempre avante o que se acha principiado,* —tocando um d'elles uma gaita.» Era a cantiga de *Çà ira* que soava em volta das muralhas d'esta Jericó. O activo Manique confessa os seus terrores: «V. Ex.ª levando tudo á presença de S. Magestade lhe dará o pezo que merece este facto, que

(1) *Op. cit.*, Liv. III, fl. 248.

he bem recommendavel; *que assim como foi cantado em lingua franceza, se o tivesse sido em portuguez, poderia talvez ter dado maior cuidado.*» (1) O povo portuguez estava mudo, não tinha cantigas, e os escriptores versejavam nas suas academias sobre as graças das Marilias, ou os mais populares, como o Malhão, escreviam:

Os Reis são dom celeste
Instrumentos por que essa Mão eterna
Aqui e ali prudente nos governa!
Firmae o regio assento,
Vingae o Sceptro, dae ao mundo a prova
D'aquella fé que em Lusos não é morta. (2)

Junto do paço da Ajuda já essas cantigas tremendas soavam, e o governo paternal dormia entregue aos disvellos da sua Intendencia da Policia, que em outro officio da data supra, repetia: «que todos os domingos e dias santos, segundo agora me informam, andam por aquelle sitio com uma gaitinha, dizendo em francez — *Viva a Liberdade e*

(1) *Contas*, etc., Liv. III, fl. 281.
(2) *Aos Portuguezes no Rossilhom*, por Francisco Gomes da Silveira Malhão, st. x.

morra a Nobreza... e que tem ido cantar defronte do Paço da Ajuda, na presença da guarda. Como a materia é séria e se não deve tomar em desprezo, dou parte a V. Ex.ª para fazer presente ao Principe Regente, nosso Senhor...» (1) Sem duvida, Manique fazia aqui uma allusão ao liberalismo de José de Seabra da Silva, que não queria aterrar-se com as apprehensões do Intendente. A 21 de Septembro havia sido inaugurada a *Convenção nacional* sobre a ruina da Assemblêa legislativa, proclamada a Republica, e abolida a realeza em França. Se estes successos tanto interessavam a abstracção philosophica de Kant, os sectarios do governo paternal faziam como os seraphins, fechavam os olhos para não vêrem. A 8 de Dezembro decreta a *Convenção nacional* que Luiz XVI seja julgado por ella; pouco depois era chegado a Lisboa disfarçado com o titulo de Barão de Ringler o grande Ministro das finanças de Luiz XVI, *Calone,* o homem mais adaptado para apressar a queda do velho regimen, como admiravelmente o caracterisa Michelet. O Intendente tambem se receia de Calone e das pes-

(1) *Ibid.*, Liv. III, fl. 286.

soas que vem com elle, e mandou-o acompanhar pelos seus *espiões* e *moscas*. (1)

Depois da execução de Luiz XVI, a 21 de Janeiro de 1793, (2) é que o Intendente geral da Policia começa a ordenar as prisões contra os portuguezes suspeitos de adherirem por qualquer palavra ou gesto ás ideias francezas. É n'esta via de suspeições, mesmo contra os homens mais eminentes

(1) « Da conta inclusa que me dá o Corregedor do Bairro de Romulares, que passo á mão de V. Ex.ª, verá V. Ex.ª que se acha n'esta côrte o celebre *Mr. de Calone*, que foi Secretario de Estado em França e que vem mascarado com o titulo de Barão de Ringler, dizendo ser inglez; que este disfarce e mascara me dá alguma cousa que meditar na presente conjunctura, e vem na sua companhia outros, que declara o Corregedor na dita conta, que talvez venham tambem mascarados. Fico fazendo as minhas pesquizações, e lhes mando por *espiões* e *moscas* a vêr se consigo mais alguma cousa que seja util á minha commissão, e por outra parte, a quem elle se dirige e as pessoas que o procuram, de que darei parte a V. Ex.ª Queira V. Ex.ª dar parte a S. A. o Principe N. S. para determinar o que lhe parecer devo mais praticar.—Ill.mo Ex.mo Snr. Marquez Mordomo-Mór. Lisboa, 14 de Dezembro de 1792. (1)

Observaremos que o *Muchard* é o espião da policia franceza, e que Manique adoptando os seus regulamentos, tambem acceitou a designação de *Moscas*.

(2) Allude a ella no Liv. IV, fl. 181.

(1) *Contas para as Secretarias*, Liv. III, fl. 286, *v*.

da nobreza ou da sciencia, que Bocage se acha envolvido, como adiante verêmos. Na *Conta* ao Mordomo-mór, de 9 de Março de 1793, enumera os seus actos de dedicação pela segurança publica: «Ponho nas mãos de V. Ex.ª a devassa a que mandei proceder pelo Desembargador Francisco Pereira, Corregedor do Crime do Bairro do Rocio, sobre os factos contemplados no Auto fl. 6, que havia praticado Francisco dos Reis Dantas, Procurador de causas, *andando por alguns Cafés,* e se provam da mesma devassa e da conta que me dá o sobredito Corregedor, que acompanha a dita devassa, verá V. Ex.ª especificados os factos que deram motivo a este procedimento e de que é réo o sobredito Francisco dos Reis Dantas, e que é perigoso e de um genio proporcionado para promover a discordia e se servirem d'elle aquelles que pretenderem espalhar no publico *aquellas liberdades que tem adoptado os taes chamados Philosophos modernos.*» N'esta mesma Conta mostra o perigo das pinturas das caixas de rapé, que eram então uma das elegancias dos peraltas: «Da mesma devassa verá V. Ex.ª que o dono do Café ou Loja de bebidas e com particularidade o filho d'este, toleravam estas

conversações com indifferença; e que um alferes de cavallaria de Alcantra, chamado Joaquim, de alcunha o Aytona, mostrava em acção de regosijo a sua caixa de tabaco, que tinha uma pintura, e n'ella um letreiro que dizia — *Viva a Liberdade* — n'aquellas occasiões que ia á mesma loja.» (1) Os botequins eram então os unicos centros, que o Manique mais temia, e justamente onde Bocage se achava com mais frequencia. Os seus improvisos contra os neo-Arcades, foram sem duvida um meio por onde a Policia não se lembrou logo de perseguil-o. Começou tambem a perseguição contra os Livros; o bom romance de Lesage, *Gil Bras de Santillana,* foi considerado como proprio para precipitar a mocidade; (2) Manique recebera noticia de Paris, que se estava ali imprimindo em portuguez a *Constituição franceza* e a *Folhinha do Pae Gerardo;* (3) e accusa o livreiro francez Lequens, estabelecido em Lisboa como jacobino. Tudo para

(1) *Contas para as Secretarias,* Liv. IV, fl. 17 v.
(2) *Ibid.,* liv. IV, fl. 187.
(3) *Ibid.,* fl. 32, de 25 de Abril de 1793. — Diogo Borel introduziu em Portugal 12:000 exemplares da *Constituição franceza. Ibid.,* Liv. VII, fl. 52.

elle é emissario secreto da *Convenção nacional;* de um tal Darbó (Durbaut) diz: «é tambem d'aquelles cerebros esquentados e bota-fogo, e capaz de intentar tudo o que fôr máo, imitando aquelles que cá o mandaram.» (1) Manique prevê o modo como se póde repercutir a Revolução em Portugal: «Se este homem tiver as ideias negras, junto com os seus sequazes, e com aquelles que elles possam ter ganhado, em um ajuntamento de povo nos dias santos ou em uma noite de luminarias se deliberarem a dar vozes, que consequencias tristes se não podem seguir!» O livreiro José Dubie, «já havia sido por duas diversas vezes prezo pela achada de *livros incendiarios* que espalhava e vendia n'esta côrte.» (2) Se se fechava por todos meios a entrada aos livros scientificos, aos periodicos, se a Inconfidencia devassava todos os segredos da correspondencia diplomatica, nem por isso se podiam calar os factos, que traziam a sua eloquencia subversiva. Os navios mercantes traziam noticias das cousas, e na Praça do Commercio é que vogavam os

(1) *Ibid.*, fl. 26 *v.*, 7 de Abril de 1793.
(2) *Ibid.*, fl. 93, 4 de Janeiro de 1794.

boatos mais atterradores para a sollicitude de Manique. Para elle eram suspeitos todos aquelles que frequentavam a Praça do Commercio; a 16 de Outubro de 1793 havia sido condemnada á morte a rainha Maria Antonietta, e a 7 de Novembro substituido ao culto catholico o culto da *Rasão;* por isso Manique, procedendo por ordem superior á soltura de Pedro Lannes, redargúe com má vontade: «*he um jacobino, e como tal está disposto a praticar tudo o que é máo.*» (1)

A morte da Rainha, cercada de todas as legendas realistas da belleza e candura da alma, produziu uma impressão em todas as côrtes da Europa, que lhe ia preparando a beatificação; Bocage celebra este acontecimento na Elegia *Á tragica morte da Rainha de França Maria Antonietta, guilhotinada aos 16 d'Outubro de 1793,* de um modo que lhe garantiu a liberdade e as graças do Intendente por mais algum tempo:

Seculo horrendo aos seculos vindouros,
Que ias inutilmente accumulando
Das Artes, das Sciencias os thesouros...

(1) *Ibid.,* Liv. IV, fl. 76, v.

N'estes versos estão as causas moraes da Revolução franceza; o predominio das Artes e das Sciencias pôz a consciencia individual em estado de julgar as instituições politicas, que estavam immoveis desde Luiz XIV. Assim como Bocage passava inconscientemente por esta causa, tambem Manique apprehendia e mandava queimar pelo carrasco os livros dos *philosophos modernos,* como elle chamava a tudo o que podia trazer alguma faisca das novas ideias. Bocage sensibilisa-se pela sorte da mulher formosa:

Que victima gentil, muda e serena
Brilha entre espesso, detestavel bando,
Nas sombras da calumnia que a condemna!

Orna a paz da innocencia o gesto brando,
E os olhos, cujas graças encantaram,
Se volvem para o céo de quando em quando:

As mãos, aquellas mãos que semearam
Dadivas, premios, e na molle infancia
Com os sceptros auriferos brincaram,

Ludibrio do furor e da arrogancia
Soffrem prisões servís, que apenas sente
O assombro da belleza e da constancia... (1)

(1) Elegia 4. Ed. da *Actualidade.*

O poeta termina a sua Elegia banal, talvez encommendada por Manique, com esse conceito ainda no nosso tempo commum aos escriptores realistas:

Desfructa summa gloria, oh pae ditoso,
Logra em perpetua paz jubilo immenso,
Que o mundo consternado e respeitoso
Te aprompta as aras, te dispõe o incenso.

O sentimentalismo teve este motivo de desabafo; fez-se a legenda de Maria Antonietta como da victima innocente, porém a historia é implacavel, e os documentos illuminam a distancia, e fazem vêr o que se não tinha coragem nem sequer de suppôr. O descobrimento da Correspondencia secreta entre Maria Thereza, mãe da innocente victima e o Conde Mercy-Argenteau, e tambem das cartas para a sua filha, veiu retratar Maria Antonietta sob uma feição sinistra, vivendo uma vida dissoluta que apressou a Revolução e justifica a guilhotina. Ella dispunha dos dinheiros da nação para as suas favoritas Lamballe, Polignac, Guemenée, e seus amantes e parentes; dos cargos publicos para os seus favoritos Resenval, Luxembourg, d'Esterhazy, Guines, Coigny, Lauzan, e o seu apaixonado d'Artois. Todos estes factos eram calumnias

contra a sancta-martyr antes da infeliz Correspondencia secreta, em que se tramava por via d'ella em França o cimentar a direcção do governo austriaco. O jogo vertiginoso fôra introduzido na côrte para a distrair; já não bastava a *cavagnole* ou o *lansquenet,* esbanjavam-se sommas incalculaveis no *pharaon,* e a rainha despedia os Ministros que lhe não entregavam o dinheiro que exigia. As despezas com joias ultrapassavam a loucura; Luiz XVI dá-lhe no primeiro anno do seu reinado 300:000 francos de diamantes e ella compra secretamente uns brincos por 460:000 francos, a pagar em quatro annos; em seguida 100:000 escudos por bracelletes; as dividas avultam e exige do rei mais 2:000 luizes, e o Ministro redobra-lhe a pensão da lista civil. (1) Veiu Calone, galante financeiro, para fazer deslisar esta bambuchata cezarista com mais aparato e presteza; o povo tinha o instincto da realidade e sabia tudo. Tomou as contas a quem de direito. Como se poderia vêr isto em Portugal, e dentro do seculo XVIII?

Bocage era poeta, e obedeceu á verdade do seu

(1) Avenel, *Lundis Revolutionaires,* passim.

sentimento. No entanto o povo portuguez sentia que começava uma era nova, e Manique fallando dos perigos de usar *luvas,* e *Cocares* como pronuncias de jacobinismo, exclama em Conta de 4 de Junho de 1794: «Para V. Ex.ª conhecer o que é o Povo, agora usam por moda o trazerem uma piteira similhante á espadana de duas côres, que ha pelos jardins mais especiaes a que chamam *fita da Liberdade.*» (1) Já se imitava tambem o jogo da Bola e cantavam-se em portuguez as *Cantigas revolucionarias:* «em uma casa de pasto da rua Formosa... se ajuntam innumeraveis gentes, e entre elles muitos estrangeiros, particularmente francezes, e que tambem ha um *Jogo de Bolla;* domingo passado 3 do presente (Agosto) houve um grande ajuntamento, e o seu intertenimento *foi cantarem-se em portuguez as Cantigas Revolucionarias,* proferirem-se quantas liberdades d'aquellas que se proferem na infeliz França contra os Reys, e em uma palavra *até de dizerem que era melhor que na Praça do Commercio se levantasse a Arvore da Liberdade em logar da Estatua de sua Magestade...*» (2) Ma-

(1) *Contas para as Secretarias,* Livro IV, fl. 145.
(2) *Ibid.*, Livro IV, fl. 163.

nique aterrava-se com este symptoma novo, pois que havia ali perto uma fabrica de chapéos, e eram os operarios que cantavam; com a sua poderosissima espionagem e suspeições, o Intendente funda em Lisboa um terror de uma nova especie, o *terror papelistico* das *Contas para as Secretarias.* Para elle o Ministro e o Consul da America têm o coração na Convencional, e são *Frimações,* (1) e n'esta conjunctura aconselha a Dom João VI, então principe regente, que antes se perca por carta de mais do que de menos. A seguinte *Conta* mostra-nos como o Intendente comprehendia o que se passava na Europa, e a lição que d'aí tira para Portugal:

«Aqui corre uma voz que em Turim se descobriu uma conjuração, de que era cabeça e chefe o Ministro da Russia n'aquella côrte, o qual logo fugiu quando viu presos parte dos seus socios; e me faz lembrar este facto (a ser verdadeiro) o Ministro e Consul d'America em Portugal, os quaes, sem hesitação alguma os seus corações estão na *Convenção Nacional* de Paris; o quanto necessario é vêr

(1) Fórma ingleza, por onde Manique conheceu primeiro a instituição.

como o Principe Nosso Senhor deve descartar-se d'estes dois Republicanos que são perigosissimos e famosos Frimações, com gráos de Mestres.

«Devo tambem observar a V. Ex.ª que me informam que de Paris sairam cincoenta individuos d'aquelles malvados para diversos paizes da Europa para disseminarem n'ella aquellas mesmas erroneas e sediciosas doutrinas com que pretendem incendiar todo o mundo; que alguns d'estes cincoenta malvados trazem passaportes, figurando-se grandes personagens de outras nações e que alguns dos mesmos passaportes são dados pelo tal Ministro da Russia, que refiro por chefe da conjuração de Turim, e de outros que tem ganhado para alcançarem os mesmos passaportes ainda d'aquellas mesmas nações combinadas, afim de assim melhor se encobrirem para poderem executar os seus perversos e diabolicos systemas.

«V. Ex.ª vê que não posso escusar-me de adiantar as minhas pesquizas, ainda aos mesmos estrangeiros que se representam como Inglezes, Allemães, Italianos, e muito particularmente os Suecos e Dinamarquezes, Americanos e Genovezes, que todas estas quatro ultimas nações estão in-

ficionadas com aquelles mesmos sentimentos sediciosos e sanguinarios de que está a *Convenção* de Paris: e uma materia d'esta delicada, é o meu sentimento antes perder por carta de mais, do que de menos; pois não póde haver contemplação, quando o assumpto é tão perigoso, e que continua o fogo a devorar; etc. Lisboa, 5 de Julho de 1794. — Ill.mo Sr. Marquez Mordomo-Mór.» (1)

Debaixo d'este terrorismo policial, o Intendente Manique entende que é preciso pôr em pratica as regras do *Cesarismo*, occupar a imaginação publica, e é o primeiro a promover os espectaculos theatraes, as cavalhadas, os jogos de canas nos festejos reaes, e propaga a monomania das luminarias nos regosijos officiaes. Appareceu então pela primeira vez em Portugal o annuncio de uma ascenção aérostatica, doze annos depois da primeira que se fez em Paris; pediu licença ao principe regente para praticar essa maravilha o Capitão Lunardi. A licença foi concedida, mas com a confiança de que é um impossivel, um embuste ao publico; Lunardi construiu o seu balão, assignou um Domingo, 24 de

(1) Livro IV *das Contas para as Secretarias*, fl. 155 v.

Agosto, para a intrepida ascenção, mas como adoecesse, o Intendente empregou toda a sua prepotencia para o fazer subir. Bocage, que canta impressionado por todos os successos da sociedade que o domina, compôz um *Canto á admiravel intrepidez com que no dia 24 de Agosto de 1794 subiu o capitão Lunardi no balão aérostatico;* na ultima estrophe, depois de ter descripto esta impressão nova, termina alludindo aos commentarios que se faziam em Lisboa ácerca da ascenção:

E tu, que da loquaz Maledicencia
Tens açaimado a bocca venenosa,
Tu, que de racionaes só na apparencia
Domaste a mente incredula e teimosa:
Das fadigas que exige ardua sciencia,
Em vivas perennaes o premio gosa,
E admira em teu louvor extranho e novo
Unida á voz do sabio a voz do povo. (1)

O Intendente não calculava que aquelle extraordinario successo vinha fazer a propaganda de um poder novo, a sciencia, que fortalecia o individuo contra a authoridade do passado que o dominava por uma tradição não discutida; assistir a um facto

(1) *Cantos*, 3. Ed. da *Actualidade.*

d'essa importancia, era romper com um passado taciturno, e lançar todas as esperanças no futuro que tinha de tirar as maiores consequencias d'isto. O Intendente não previra este effeito, que o não deixava condemnar em absoluto as ideias novas, senão, não teria sido o primeiro a forçar o Capitão Lunardi ao cumprimento do seu programma. (1)

D'aí em diante a sua espionagem redobrou contra os livreiros, e os raros caixões de livros que entravam na alfandega; contra os sabios da Academia,

(1) «Dou parte a V. Ex.ª que ordenando-me o Principe nosso senhor, que obrigasse a Vicente Lunardi, auctor da Machina aerostatica, que construiu na Praça do Commercio, que cumprisse com o que prometteu ao Publico, assim o executei, e depois de varios subterfugios, com que quiz illudir a real ordem do mesmo Senhor, já pretextando falta de materiaes e ultimamente molestias que affectou (segundo o meu parecer) sem embargo de apresentar quatro Attestações de Medicos da Camera e Real Familia, que assim o testificavam, veiu com effeito a assignar termo para Domingo vinte e quatro do presente fazer a sua viagem, e dando parte quarta feira vinte do corrente ao Principe N. S., me ordenou o mesmo Senhor que procurasse o Marechal General e lhe pedisse o auxilio da Tropa; e esta tarde sexta feira vinte e dois do presente o procurei, e não o achando em casa entreguei ao Guarda-portão a carta da copia inclusa com que hia prevenido no caso de o não achar ou de lhe não poder fallar, lh'a deixar; mas não foi isto bastante, porque ao fazer d'esta me vem dar parte o dito Vicente Lunardi,

*

contra os periodicos que noticiavam os acontecimentos, contra as conversas, contra tudo o que era pensamento; em 6 de Novembro de 1794 escrevia Manique ao Marquez Mordomo-Mór: «Acha-se n'esta côrte nas casas da *Academia das Sciencias* ao Poço dos Negros, hospedado, segundo me dizem, pelo *Abbade Corrêa*, Broussonet, que foi medico de profissão em Paris, e depois secretario de Necar (Necker) e aquelle que se fez marcar, quando na sessão da Convenção Nacional, de que era tam-

que o Marechal General havia mandado pelo Ajudante de ordens dizer que não havia de executar a ordem que eu lhe tinha intimado, para deitar a machina na tarde do dia vinte e quatro do presente, sem ordem sua, que era o Governador de Lisboa, que é o mesmo que dizer que o P. N. S. não pode mandar cousa alguma, sem elle o permittir.

«Para não fazer mais reflexões, nem ser obrigado a narrar as tristes e funestas consequencias, que isto traz comsigo, lembro a V. Ex.ª os factos que accusa a Historia, assim nacional como estrangeira, e em particular a do seculo presente do Duque de Aveiro, Orleans, e os mais em que são envolvidos os d'esta gerarchia em Suecia, Napoles, Sardenha, Inglaterra e Roma.

V. Ex.ª representando tudo a sua Alteza, resolverá o que lhe parecer mais justo e acertado. Lisboa, 22 de Agosto de 1794. — Ill.mo Snr. Marquez Mordomo-Mór.» (1)

(1) *Contas para as Secretarias*, liv. IV, fl. 174.

bem deputado, continuou o discurso que o sobredito Necar não acabou de recitar, por lhe dar no meio d'este acto um deliquio; e ainda mais conhecido por ser um d'aquelles sanguinarios do partido de *Robespierre* na Convenção: Pela morte que este assassino soffreu, fugiu aquelle e aqui foi acolhido e introduzido ao *Duque de Lafões* na qualidade de Agricultor, e hospedado nas casas da Academia das Sciencias, d'onde frequenta as casas do sobredito Duque, e do *Abbade Correa,* que he amigo mui particular do Ministro e Consul da America do Norte e dos mais Jacobinos que aqui se acham e de que tenho dado parte a V. Ex.ª, e reputado por Pedreiro livre... Estas testemunhas infelizmente mascarram o Duque de Lafões, que estou certo he arrastado pelo máo homem do dito *Abbade Correa.* Em matéria tão séria, combinando eu estas noticias com outras que verbalmente tenho dito a V. Ex.ª do dito *Abbade Correa,* com similhantes circumstancias, me fazem julgar ser este com effeito um homem perigosissimo.» (1)

(1) *Contas para as Secretarias*, liv. IV, fl. 214 v. a 215.

Por esta Conta se vê que o Duque de Lafões era tambem partidario das ideias francezas; nem podia deixar de ser assim, porque expatriando-se durante a administração do Marquez de Pombal, correu uma grande parte da Europa, o Oriente, serviu na Guerra dos Sete annos, fixando a sua residencia em Vienna d'Austria, em cujo palacio reunia as maiores celebridades artisticas como Gluck, Mozart, Hasse, Metastasio, o grande musicographo Burney, o celebre portuguez Abbade Costa; por ventura foi elle quem deu informações ácerca da litteratura portugueza a Bouterweck. Logo que este sabio regressou a Portugal, tractou de fundar uma Academia das Sciencias, para nos livrar da vergonha nacional que soffrera no estrangeiro quando lhe perguntavam pelas nossas publicações e nos equiparavam ao Japão. (1) Não era facil ao Manique fazer com que o Duque fôsse outra vez perseguido, porque elle soffrera sob a gerencia de Pombal, e agora estavam no poder todos os seus companheiros do infortunio; a sua principal furia descarregava-se sobre o Abbade

(1) *Discurso inaugural da Academia das Sciencias.*

José Corrêa da Serra, (n. 1750, m. 1823) notavel naturalista conhecido por todos os sabios europeus do principio d'este seculo e um dos fundadores da Academia das Sciencias. Tendo acompanhado seus paes para a Italia em 1756, aí fez a sua educação scientifica e voltou a Portugal em 1777; por causa do seu grande nome scientifico viu-se duas vezes forçado a emigrar da patria, uma em 1786 e a ultima em 1797. Foram tão repetidas as accusações do Intendente contra o Abbade Corrêa da Serra, que elle preferiu expatriar-se a ser submettido aos seus poderes discripcionarios. Transcreveremos dos seus numerosissimos officios as constantes suspeições que elle levanta contra este indefezo homem da sciencia:

«Encontrei na Alfandega uma caixa de livros perigosos e incendiarios do Abbade Reynald, de Bricot, de Voltaire a *Pucelle d'Orleans,* e outros livros perigosos em se disseminarem; vindo entre elles alguns dirigidos para o *Duque de Allafões* com este titulo por sobrescripto impresso em alguns jogos de volumes, e outra para o Cavalheiro Lebzeltern.

«Eu com todo o disfarce e cautella fiz abrir o

dito caixão, em particular, na Alfandega, por um Feitor e dois Escrivães; e encontrei infelizmente envolvido o nome e titulo d'estas duas personagens entre papeis incendiarios, e taes que mereciam serem ali na praça do Rocio queimados pela mão do algoz.

« Parece que seria prudente que S. Alteza mandasse hir para uma das Secretarias do Estado a mesma caixa de Livros fechada e lá lhe mandasse dar o consummo que fosse servido; ainda que pareceria util que lá mesmo se perguntasse ao *Abbade Corrêa,* quem era que lhe fazia estas encommendas, que talvez se tenham espalhado pela mesma via em Lisboa, alguns dos referidos papeis, para se desmascarar o Commissario, etc. — Ill.mo Sr. Marquez Mordomo-Mór, 27 de Novembro, de 1794.» (1) Em uma outra carta de 19 do mez citado, tira de factos casuaes a inducção:

« Tambem este facto faz ver a V. Ex.ª quanto é perigoso o dito *Abbade Corrêa* em casa do Marechal general...» (2) Querendo tornar tambem

(1) *Contas para as Secretarias*, liv. IV, fl. 222 *v*.
(2) *Ibid.*, liv. IV, fl. 218 *v*.

suspeito de republicano o academico Ferreira Gordo, diz contra elle, que é amigo do Abbade Corrêa: «e involve um collegial do Collegio dos Militares em Coimbra, oppositor ás Cadeiras de Leys *Joaquim José Ferreira Gordo,* socio da Academia das Sciencias, e devo notar a V. Ex.ª que *este* é amigo do Abbade Corrêa.» (1)

Achava-se então em Portugal emigrado e servindo de accusador o Duque de Coigny, um dos amantes da defunta rainha Maria Antonietta:

«Fallei com o Duque de Coigny, como V. Ex.ª me ordenou no Aviso da data de 9 do presente, sobre o Assassino Broussonet, e me referiu ser um homem perigoso e membro da Convenção Nacional, que condemnou o Infeliz Rey, Rainha e Infante á morte.» (2) O nome de Broussonet tornava-se o suprasummo da accusação contra qualquer individuo; Manique liga-o mais uma vez ao Abbade Corrêa, e contra o notavel escriptor o *Padre Theodoro de Almeida,* que escrevera a *Recreação philosophica:* «Todos me declaram tambem ser perigoso

(1) *Ibid.*, liv. IV, fl. 220 (27 de Novembro de 1794).
(2) *Ibid.*, liv. IV, fl. 221.

o dito Broussonet, que era do *Partido de Robespier* e havia sido Secretario de Necar. É conhecido a todos hoje em Lisboa estar aqui este Pedreiro Livre Broussonet, que olham com horror, em ter sido apoiado e andar com o *Abbade Corrêa* na carruagem em algumas partes onde não deveria entrar, e estar hospedado na Academia das Sciencias de Portugal...» (1) E prosegue de um modo que leva a concluir, que o partido revolucionario constava em Portugal só dos homens de sciencia: «que em Lisboa me informam ainda se acha Broussonet, socio de Robespier; e egualmente me dizem que este temivel homem fica algumas vezes na Casa do Espirito Santo de Lisboa, com o *Padre Theodoro de Almeida,* e outras com o *Abbade Corrêa,* e me suscitam novas ideias, de que o dito francez com as suas mal intencionadas intenções queira por este lado entrar a ganhar o conceito de algumas pessoas de sexo frageis, com o fim de que este seja o meio de lhe dessiminar as suas erroneas e sediciosas doutrinas e contaminar o todo...» (2)

(1) *Ibid.*, Liv. IV, fl. 221.
(2) *Ibid.*, Liv. IV, fl. 235 (17 de Dezembro de 1794).

Se eram os homens de sciencia os que professavam as *ideias francezas,* isto prova quam longe se não haviam fundamentado os absurdos de um cesarismo inconsciente, e quanto o povo que soffria estava bestialisado e acreditava nos terrores que lhe incutiam officialmente contra as noções de liberdade. Por este tempo tambem foi mandado sair de Portugal o celebre Jacome Ratton, que publicou o livro das *Recordações*, onde deixou descriptas as nossas intimas miserias, e as physionomias vivas dos homens que usavam a bel prazer da graça de mandar: «O Consul da America do Norte, João Jacob Poppe e seus irmãos e *Ratton*, sem hesitação são em Lisboa huns tambem d'aquelles Commissarios que a Convenção Nacional de França têm para dar as noticias e fazerem o giro das suas clandestinas negociações...» (1) «Aqui tem V. Ex.ª talvez descoberto alguns dos *Espiões* que a Assemblêa nacional tem em Lisboa.» E funda-se na «declaração judicial que fez o Tenente Coronel Benegrié, genro de Francisco Palliart, que reputa ao dito *Ratton*, por um partidista da Convenção

(1) *Ibid.*, Liv. IV, fl. 217 (19 de Novembro de 1794).

Nacional...» (1) As *Recordações* de Ratton são um livro essencial para quem pretender conhecer o seculo XVIII em Portugal.

Por fim a hallucinação do Intendente Manique já não era excitada só pela presença dos jacobinos e convencionaes disfarçados, era-o com as noticias que circulavam, vindas em Cartas por via da Galliza e por proprios pedestres, a que se chamavam *andarilhos*. Pede que se torne mais severa a censura dos factos publicados na *Gazeta*, e lança a suspeição revolucionaria sobre o erudito *Padre Antonio Pereira de Figueiredo* e o academico João Guilherme Muller, por causa do seu espirito republicano:

«Não posso passar em silencio e é de marcar a V. Ex.ª que o «*Pode Corrêr*» que pára na mão do Impressor Antonio Rodrigues Galhardo, que eu vi, do infame papel que saíu á luz aprovado pela Real Mesa Censoria da Commissão geral, he rubricado só pelo Principal Presidente, e pelos dois Deputados o *Padre Antonio Pereira de Figueiredo* e João Guilherme Muller, qualquer d'estes

(1) *Ibid.*, Liv. IV, fl. 219.

dois suspeitos e conhecidos por muita gente por sediciosos e perigosos; e do ultimo em outras diversas passagens tenho informado a V. Ex.ª já que o seu espirito he *Republicano*, e para prova d'isto tambem, lêam-se as *Gazetas portuguezas* que em algumas passagens de algumas d'ellas se reconhecerá o referido pelo que põem e deixa passar, de quanto são bem tratados e contemplados os prisioneiros portuguezes pelos Francezes, e as côres vivas com que pinta as acções dos francezes e a morte-côr com que refere na *Gazeta* as acções dos Hespanhoes e Portuguezes em todo o sentido, que ainda a serem verdades se deviam omittir; e não repito mais a V. Ex.ª quanto é pouco favoravel ao serviço de S. Magestade, que corra uma *Gazeta Nacional*, pondo em temor os vassallos, e dizer-lhes por outra parte o bem que são tratados pelos Francezes, e malquistar o alliado no tratamento que faz á Nação; porque as consequencias são as mais tristes e podem produzir effeitos ainda mais desagradaveis; e o certo é que o Revisor devia ter Politica e Critica para revêr este papel que gira por todo o reino e suas Colonias, e não é tão insignificante este objecto, que não deva Sua Mages-

tade tomal-o em consideração, por que ha algumas noticias que não he necessario que as saibam os Povos, e ha outras que devem ser animadas de um colorido tal que attraiam a si o conceito e a attenção.» (1)

Os cafés não deixavam de ser espionados, e Manique tinha ao seu serviço gracioso os emigrados realistas francezes, que faziam aqui em Lisboa uma especie de *terror branco* com as suas denuncias. Por seu turno, o Intendente faz-se tambem philosopho e começa a tirar as conclusões dos phenomenos sporadicos que observa na sociedade portugueza, e aproxima-os do que se deu em França antes de 89:

«Tendo noticia que em uma taverna que fica em uma travessa da Rua direita dos Remolares que sae ao Caes, se juntavam uns estrangeiros cantando ao som de uma rebeca todas as noites, e que as *Cantigas eram as revolucionarias* e nos intervallos conversavam em voz alta em francez, approvando os procedimentos da Convenção e terem por justa a morte do infeliz rei Luiz dezeseis, da Ray-

(1) Liv. IV, fl. 235 (17 de Dezembro de 1794).

nha e da Infanta, e applaudindo isto ao som da Rabeca, e das cantigas, e não faltavam noite alguma na mesma taverna a executar o que refiro; Mandei averiguar estes factos por meio de um Summario pelo Corregedor do Bairro dos Remolares, e d'elle verá V. Ex.ª o que consta e se verifica ser certo o facto das cantigas que cantavam cinco francezes, e de irem á mesma taverna todas as noites; ainda que como eram cantadas em francez, as testemunhas não depõem do que ellas continham, e só sim a primeira do Summario que he o Medico que foi da Camara de S. Magestade o infeliz Rey Luiz decimo sexto, que especificadamente depõe serem as mesmas cantigas das revolucionarias, e que as conversas que estes cinco francezes tinham entre si eram sediciosas.

. . . . . .

«Confesso a V. Ex.ª que lembrando-me do que aconteceu em Paris, e em toda a França, cinco annos antes do anno de 89, pelas Tavernas e pelos Cafés, pelas praças e pelas Assembleas, a liberdade e indecencia com que se fallava nas Materias mais sagradas da Religião Catholica Romana e na Sagrada Pessoa do Infeliz Rey e da Rainha; e lendo

as *Memorias do Delphim* pae d'este infeliz Rey, do *Memorial* que apresentou a seu pae Luiz 15 já no anno de 1755, que foi estampado em 1777, digo a V. Ex.ª que julgo necessario e indispensavel que S. Magestade haja de mandar tomar algumas medidas para que de uma vez se tire pela raiz este mal que está contaminando a todos insensivelmente.» (1) N'este anno de terror, Manique entrega-se á extincção dos papeis sediciosos, taes como a *Medicina Theologica,* pelo italiano Caetano Bragace, em casa de quem achou tambem um outro intitulado *Dissertação sobre o Estado passado e presente de Portugal*, em que fallava dos Ministros e do caracter do Confessor da Rainha. (2) Punha em pratica outra vez os systemas do Santo Officio para extorquir os libellos revolucionarios:

«Vou dar parte a V. Ex.ª que de novo torna a espalhar-se o papel de que foi auctor Francisco Coelho, sendo-me entregue no dia 9 do corrente por um dos meus espiões, e que agora passo ás mãos de V. Ex.ª copiado por este de outro que al-

(1) 17 de Dezembro de 1794. Liv. IV, fl. 231 *v.*
(2) *Ibid.*, Liv. IV, fl. 232 *v.*

cançou de João Felix, e já com outro titulo, cujo é *Analyse sobre os Errados principios adoptados pela Assemblea Nacional de França, quando passou do seu estado feliz da Monarchia para o estado infeliz da espantosa Anarchia;* e quando o dito espião me fez a referida entrega do mencionado papel me informou que uns lhe diziam ser o auctor d'elle o sobredito João Felix, outros que era copia de um que havia feito um bacharel, que assistia para a rua de S. José.

«V. Ex.ª verá que se necessita de alguma providencia para se pôr termo que outra vez se não disseminem estas copias, que me consta grassam, e talvez saiam da mão do *Abbade Corrêa*, pois n'aquelle tempo que averiguei as que se tinham tirado e espalhado, me constou ter o dito *Abbade Corrêa* uma copia do referido Papel, a qual elle só não entregou, mas asseverou não ter visto semelhante papel...» (1)

«Ponho nas mãos de V. Ex.ª o infame e sedicioso papel, que se intitula o *Catellão Republicano*, que appareceu n'esta cidade, e me informam

(1) 21 de Dezembro de 1794. Liv. IV, fl. 240 *v.*

andam copias em portuguez como esta, de mão em mão, e este que apresento a V. Ex.ª, he um dos que tenho ganhado, que anda entre alguns d'aquelles que tenho dado conta a V. Ex.ª por suspeitosos. Não he no meu parecer indifferente o divulgar-se em portuguez este papel...» Lisboa, 29 de Dezembro de 1794.— Ill.mo Ex.mo Marquez Mordomo-mor. (1)

As ideias revolucionarias tambem lavravam na cidade do Porto; na Conta de Manique para o Ministro Luiz Pinto de Sousa, em 24 de Novembro de 1795 se acha: «Mandando eu ao Corregedor do Porto em officio da data de 4 de Janeiro do anno proximo passado proceder a devaça para por meio d'ella averiguar quem eram as pessoas que me constava que andavam libertinamente fallando nos mysterios mais sagrados da nossa santa Religião, na real pessoa de sua Magestade e na do princepe que nos rege, *e que approvavam o governo dos Francezes;* mandando igualmente averiguar se havia, segundo me informavam, uma loja de pedreiros livres com toda a publicidade, e se

(1) Liv. IV, fl. 238.

nos botequins, cafés, bilhares e assembleas era onde se disseminava o que refiro, na devaça que me remetteu o mesmo Corregedor, achei que o dito Manoel Telles de Negreiros vinha contemplado como um d'elles, ainda que a prova não era legal; porém sabendo eu que este havia já sido penitenciado pelo Santo Officio por estas culpas de libertinagem, *que seguia os mesmos sentimentos dos Francezes, e lia os livros incendiarios,* tudo isto me fez pezo, e muito mais pela fuga que do Porto perpetrou logo que o Corregedor procedeu a devaça, com que ajudou a prova que no meu sentimento o constituiu réo.

«Descobri-o n'esta côrte, e com tão particular amisade *associado com o abbade Corrêa,* que todas as tardes infallivelmente se ajuntavam na Praça do Commercio com outros bota-fogos de eguaes sentimentos.

. . . . . .

«Eu instaria, que fosse para um dos presidios de Angola, se não temesse que lá mesmo revoltasse os Povos...» (1) Foi mandado sair da côrte, assignando termo de responsabilidade.

(1) Livro v, fl. 19 *v.*

No meio d'estas continuas denuncias Bocage não podia estar livre do rancôr d'aquelles a quem chamava os seus zoilos; apezar de gastar o seu estro nas banalidades dos motes insipidos dos Outeiros das eleições de abbadeçados e das luminarias reaes, de longe em longe o seu instincto da liberdade suscitava-lhe algum soneto, que vinha preparar-lhe a ruina. Transcrevemos esse que traz a rubrica: *Aspirações do Liberalismo, excitadas pela Revolução franceza, e consolidação da Republica em 1797,* para se vêr como o espirito jacobino o absorvia juntamente com a sociedade:

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!) porque não raia
Só na esphera de Lysia a tua aurora?

Da sancta redempção é vinda a hora
A esta parte do mundo que desmaia;
Oh! venha... oh! venha, e *tremulo descaia*
Despotismo feroz que nos devora!

Eia! accode ao mortal, que frio e mudo
Occulta o patrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha o estudo.

*

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso numen és tu, e gloria, e tudo,
Mãe do genio e prazer, oh Liberdade! (1)

Quem tiver acompanhado este quadro da propagação da ideia revolucionaria em Portugal, sentirá quanto este Soneto de Bocage exprime; desde 1793 em que celebra a execução de Maria Antonietta até 1797 a sua vida foi um esforço inaudito para abafar os impetos da liberdade que o hallucinavam; bebia, fumava, acudia a todos os *Outeiros* poeticos, aturdia-se, lisongeava os grandes prepotentes para se não perder. Por fim a consolidação da Republica transportou-o, quebrou o jugo das conveniencias, e não temeu mais o espantalho do velho Manique. Esse Soneto fez que o Intendente fixasse sobre elle a attenção; o mesmo com o outro Soneto que tem a rubrica: «*Por occasião dos favoraveis successos obtidos na Italia pelas tropas francezas sob o commando de Bonaparte em 1797.* Estas composições mostram-nos que Bocage andava em dia com os successos que estavam transformando a constituição dos estados da Europa:

(1) Soneto 204. Ed. da *Actualidade.*

A próle de Antenor degenerada,
O debil resto dos heroes troyanos,
Em jugo vil de asperrimos tyrannos,
Tinha a curva cerviz já callejada:

Era triste synonimo do nada
A morta Liberdade envolta em damnos;
Mas eis que irracionaes vão sendo humanos,
Graças, oh Corso excelso, á tua espada!

Tu purpureo reitor; vós, membros graves,
Tremei na curia da sagaz Veneza;
Trocam-se as agras leis em leis suaves:

Restaura-se a razão, cáe a grandeza,
E o feroz Despotismo entrega as chaves
Ao novo redemptor da natureza. (1)

Este fecho eloquente, em Portugal abria as portas do Santo Officio por conter uma impiedade. Infelizmente o tribunal do fanatismo estava mais suave do que a Policia do Cesarismo; foi facil ao Intendente Manique obter dos inimigos litterarios de Bocage qualquer denuncia, e papel qualificado de *sedicioso e incendiario.* Bocage não tinha casa, e se vivera algum tempo com o Padre Macedo, ou com Bersane Leite, agora achava-se em convivencia domestica com um poeta insulano e morgado,

(1) Soneto 206. Ed. da *Actualidade.*

que commungava como elle as mesmas ideias liberaes. O Intendente lançou-lhe a rede dos seus esbirros; vejamos por esse documento inedito o que arrastou: «Consta n'esta Intendencia que *Manoel Maria Barbosa de Bocage* he o auctor de alguns papeis impios, sediciosos e criticos, que n'estes ultimos tempos se tem espalhado por esta côrte e Reino; que he desordenado nos costumes, que não conhece as obrigações da Religião que tem a fortuna de professar, e que ha muitos annos não satisfaz aos Sacramentos a que obriga o preceito de hir todos os annos buscar os sacramentos da Penitencia e Eucharistia á Freguezia onde vive: Vm.ce logo por meio de uma devaça procederá a averiguação d'estes factos para legalisar a verdade d'elles, fazendo-lhe apprehensão em todos os papeis, assim manuscriptos como impressos, e ainda n'aquelles que estiverem em poder de terceiros, seus sequazes, que devem ser igualmente prezos, e averiguada a sua vida e costumes, para vêr se imitam por elles o referido Manoel Maria Barbosa de Bocage, que foi preso a bordo da Corveta denominada—*Aviso*—a qual sahiu para Bahia com o Comboio, que proximamente partiu d'este Porto,

por cuja fuga dá mais claros indicios de ser réo dos delictos de que havia sido denunciado n'esta Intendencia. Recommendo a Vm.ce a brevidade na execução do que ordeno, para poder informar a S. Magestade com o resultado das averiguações a que Vm.ce deve proceder, dando-me parte por escripto com a mesma devaça. Deus guarde etc. Agosto 10 de 1797. Ao Juiz do Crime do Bairro do Andaluz.» (1)

Assim como Bocage tinha os seus inimigos da Arcadia que o *denunciaram* como irreligioso, tambem tinha, por ventura junto da propria auctoridade, amigos que o avisaram a tempo d'elle fugir para bordo da corveta *Aviso;* o caso quasi identico de Filinto suscitar-lhe-ía este recurso. Manique tinha espiões nos escaleres e a bordo dos navios por

(1) *Registo geral da Correspondencia do Intendente,* liv. XI, fl. 37. Este documento apparece aqui pela primeira vez publicado. Rebello da Silva allude a elle, *op. cit.*, p. XLII, dando uma summa rhetorica, e confessando que lhe fôra communicado pelo snr. Innocencio. Como nenhum citou a fonte, e como nem todos os numerosos livros da Intendencia tem indice, póde-se dizer que o documento continuou perdido, e tanto que o snr. José Feliciano de Castilho o não pôde achar, nem soube da sua existencia. A muito custo pudemol-o tornar a descobrir, e aí ficam authenticados novos factos da vida de Bocage.

causa dos emigrados da Revolução franceza; além d'isso o typo de Bocage era conhecido por todos, e não lhe seria facil o disfarçar-se. É certo que foi surprehendido antes de partir o comboio da Bahia, e caíu sem remedio nas garras do Intendente; a ordem de prisão pesava tambem sobre os amigos com quem tratava, e d'aqui resultou o ser preso o cadete André da Ponte do Quental, e o renegarem-no outros que elle tinha na conta de amigos, como diz na Epistola a Antonio José Alvares:

> ... *não recentes, vãos amigos*
> Inuteis corações, voluvel turba,
> (A versos mais attentos que a suspiros)
> No Lethes mergulhou memorias minhas.

Bocage foi preso a 10 de Agosto, e a recrudescencia da intolerancia de Manique aggravara-se em 13 de Junho de 1797, como vemos pelo extracto da seguinte Carta: «e n'este reino, ha um pouco de tempo a esta parte apparecem alguns papeis infames pelas esquinas, e cartas anonymas, que tenho recebido não devo tomar isto em bagatella... nada de devassa, Exmo Sr. por ora, senão uns procedimentos contra aquelles que constam n'esta Intendencia, e que estão inficionados de Doutrinas

erroneas e perigosas; como pratiquei nos annos de 1789 a 1794, principiando pelo infame Cagliostro, Francisco Giles Fontaine, Noel e outros muitos que fiz saír d'este reino, e os effeitos se tem experimentado em se conservar Portugal illeso; o que não succedeu em *Napoles,* Roma, Londres, Genova, Suecia, Vienna, e agora acontece em Irlanda e Veneza...»

Manique allude á revolução de Napoles, em que figurou uma illustre dama portugueza. (1)

Com os homens mais sabios de Portugal, taes como o Bispo Cenaculo, e o padre Antonio Pereira de Figueiredo, correspondia-se a celebre Leonor da Fonseca Pimentel, nascida em Napoles de uma familia portugueza. Esta martyr, que deu a sua vida pela revolução republicana de Napoles, honra o nome portuguez; interessava-se tanto pelo movimento scientifico de Portugal, que interrogava Cenaculo ácerca dos trabalhos da nova Academia: «Que faz entretanto a *Academia de Historia natural,* instituida em Lisboa debaixo dos auspicios do senhor duque de Lafões? E pois me parece que com tão illustre presidente não deve estar ociosa, teria

(1) *Ibid.*, Liv. v, fl. 133 *v.*

pela honra d'esta *minha madre patria* gosto de saber quaes os actos publicos ou memorias particulares que tenham saído d'ella.» (1) Os homens de sciencia e a aristocracia eram os partidarios da Revolução franceza; o Duque de Lafões era incessantemente acusado como *jacobino* pelo Intendente; o padre Antonio Pereira, com quem Leonor da Fonseca Pimentel se correspondia em 1795 sobre assumptos scientificos, era tambem suspeito. Durante o triumpho do partido republicano a formosa Leonor da Fonseca escreveu no *Monitor Napolitano,* incitando á abnegação civica; todas as palavras de patriotismo eram a base para a sentença de morte, e na restauração absolutista Leonor da Fonseca Pimentel foi condemnada á pena ultima. A sua morte foi eloquente e heroica; (2) o sangue portuguez fi-

(1) Apud Filippe Simões, Mss. da Bibl. d'Evora, Codice CXXVII — 2-7.

(2) Na *Viagem á Italia*, de Lady Morgan, acha-se assim descripta: «*Leonor Pimentel* era uma joven, celebre pelos seus talentos, graças e patriotismo. Foi accusada de ter escripto algumas effusões patrioticas no *Monitor napolitano*, e condemnada á morte; supportou a sua sorte com uma coragem heroica. Tomou café poucos minutos antes da execução, e dizia sorrindo-se para aquelles que lastimavam o seu fim prematuro: *Forsan et haec alius meninisse juvabit.*» Op. cit., t. IV, p. 220, not.

cou nobilitado de toda a degradação do seculo XVIII, pelo sacrificio d'esta formosa mulher, que a liberdade italiana sanctificou nos seus annaes.

Em Outubro multiplicaram-se as prisões: «por andarem em Clubs pela praça do Commercio... espalhando vozes impias e sediciosas, aproveitando os procedimentos dos Francezes e o governo republicano, proferindo liberdades temerosas e malquistando com improperios os Ministros e Secretarios de Estado...» (1) Um outro era preso por se lhe achar o papel sedicioso intitulado *Extracto das Maximas de Epitecto!* (2) A este tempo já o Abbade Corrêa da Serra se refugiara no estrangeiro, onde augmentára a sua gloria scientifica. No emtanto vejamos o documento da Intendencia em que se descreve a prisão de Bocage; Manique encommendára ao Juiz do Crime do Bairro de Andaluz a diligencia de ir dar busca á casa em que morava o poeta e apprehender os seus papeis. Assim se procedeu, mas apenas pôde ser logo preso o seu companheiro, o cadete André da Ponte do Quental; Bocage havia já previsto pelas severidades do In-

(1) *Ibid.*, Liv. v, fl. 162.
(2) *Ibid.*, Liv. v, fl. 208.

tendente a sorte que o esperava e refugiara-se a bordo da embarcação *Aviso,* que pertencia ao Comboio que partia por aquelles dias para a Bahia. Tal era o terror branco da Policia, que o desgraçado preferia o desterro voluntario a jazer em uma masmorra entregue á arbitrariedade de um homem que estava isempto de justificar-se. Os papeis do Juizo do Crime do Bairro de Andaluz não existem, mas como o Intendente recapitulava tudo nos seus Officios, n'essa chata prosa pombalina, por aí se vê o estado dos acontecimentos até o poeta ser entregue ao Santo Officio. Bocage bem conhecia que diante da sympathia do publico, que o admirava, ninguem podia conspirar contra a sua liberdade senão os inimigos que contraíra na polemica da Nova Arcadia. Em umas Quintilhas a D. Marianna Joaquina Pereira Coutinho, mulher do ministro José de Seabra da Silva, declara-o em mais de um logar:

Pezado grilhão me opprime,
Duro carcere me fecha,
Tecem-me d'um erro um crime,
E a vil calumnia não deixa
Que a compaixão se lastime.

Sombra, qual o Averno escura
Impios Zoilos derramaram,
Em vida de crimes pura;
As cadêas me forjaram,
Forjaram-me a desventura.

E em outro logar d'esta mesma composição torna-se mais claro na sua queixa:

Meu crime é ser desgraçado,
Ou talvez não ser indigno
De attraír da Fama o brado:
Um bando inerte e maligno
De inveja me fere armado.
Risonhas ternas Camenas
Sobre mim lançavam flores
Viçosas, brandas, amenas,
E com benignos favores
Afagavam minhas penas.
Dom divino, almo e lustroso
(Que a raros o céo dispensa)
Azedou tropel damnoso:
O merito é offensa
Ao coração do invejoso. (1)

Bocage sob o titulo de *Trabalhos da vida humana,* em fórma do *Fado* popular, por ventura para ser cantado, como se pôde suppôr pela epigraphe e assim tornar publica a arbitrariedade de que era victima, compôz uma série de quadras em que re-

(1) Odes, Redondilhas, 12. Ed. da *Actualidade.*

lata todas as circumstancias da sua prisão. Esses versos nos supprirão a falta do Auto do Juiz do Crime do Bairro do Andaluz:

Vou pintar os dissabores
Que soffre meu coração;
Desde que *Lei rigorosa*
Me pôz em dura prisão.
A *dez de Agosto,* esse dia,
Dia fatal para mim,
Teve principio o meu pranto
O meu socego deu fim.
Do funesto *Limoeiro*
Já toca os tristes degráos,
Por onde sobem e descem
Egualmente os bons e os máos.
Correm-se das rijas portas
Os ferrolhos estridentes,
Feroz conductor me encerra
No sepulchro dos viventes.
Para a casa dos Assentos
Caminho com pés forçados,
Ali meu nome se ajunta
A mil nomes desgraçados.
Para o volume odioso
Lançando os olhos a medo,
Vejo pôr — Manoel Maria —
Elogo á margem — *Segredo.* —
Eis que sou examinado
Da cabeça até aos pés,
E vinte dedos me apalpam,
Quando de mais eram dez.
Tiram-me chapéo, gravata,
Fivellas, e d'esta sorte

Por um guarda sou levado
Ao domicilio da morte.
  Estufa de treze palmos,
Com uma fresta que dizia
Para o logar ascoroso
Denominado enxovia.
  Fecham-me, fico assombrado,
Na medonha solidão,
E sem cama a que me encoste
Descanso os membros no chão.
. . . . . .
  Quando mais me levantava
Se abre de improviso a porta,
E ouço um animo benigno,
Que me alenta e me conforta.
  Era *Ignacio*, affavel peito,
Alma cheia de piedade,
Crédor dos meus elogios
Por heroe da humanidade.
  Do amavel Carcereiro
Me patentêa o desgosto,
Diz que piedoso me envia
Pobre, mas util encosto.
  Junto a este beneficio
A necessaria comida,
Com que sustentasse o fio
D'esta lastimosa vida.
  Garnier terno, sensivel,
Tu foste um nuncio divino
Que veiu tornar mais doce
O meu penoso destino.

Quando se era preso por suspeitas de partidario das ideias francezas, todos os amigos se renegavam para se não expôrem a perseguições; Bo-

cage soffreu tambem esta dura prova, porém veiu consolal-o no seu desalento a dedicação do seu amigo *Antonio José Alvares:*

Os amigos inconstantes
Me tinham desamparado;
E nas garras da indigencia
Eu gemia atribulado;
Quando *Aonio,* o caro *Aonio,*
Da natureza thesouro,
Á triste penuria manda
Efficaz auxilio de ouro.

No Soneto *Ao senhor Antonio José Alvares, em agradecimento de beneficios recebidos,* confessa o poeta o grande vigor moral que sentiu com esta prova de dedicação:

N'este horrendo logar, onde commigo
Geme a consternação desanimada,
E parece que volta o sêr ao nada,
Equivocados carcere e jazigo:

Aqui onde o phantasma do Castigo
Assusta a Liberdade agrilhoada,
Tornam minha oppressão menos pezada
Mãos providentes de piedoso amigo.

No tempo infando, na corrupta edade
Em que apoz o egoismo as almas correm,
E em que se crê phenomeno a amisade;

Ouro, fervor, desvellos me socorrem
De um genio raro... Oh, doce humanidade,
Tuas virtudes, tuas leis não morrem. (1)

Quando mais tarde Bocage publicou o segundo volume das suas composições poeticas, em 1799, dedicou-o a Antonio José Alvares, dizendo dos seus versos:

Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram
Tão dadivosas para o vate oppresso,
Que o peso dos grilhões me aligeiraram,
Que sobre espinhos me espargiram flores...

É certo, que Antonio José Alvares seria quem levava as composições de Bocage aos poderosos a quem recorria para o libertarem das garras do Manique. Durante *vinte dois dias* esteve o poeta incommunicavel no Segredo, até que foi conduzido a perguntas para se instaurar processo:

Passados vinte dous dias,
Soffrendo mil maguas juntas,
Emfim por um dos meus guardas
Fui conduzido a perguntas.

(1) Soneto 267. Ed. da *Actualidade.*

O Ministro destinado
Era o respeitavel *Brito,*
Que logo viu no meu rosto
Mais um erro, que um delicto.

No Soneto *Ao senhor Desembargador Ignacio José de Moraes Brito,* Bocage exalta a humanidade d'este magistrado, que com certeza achava, como o Ministro Seabra, disparatados estes rigores do Intendente; é eloquente essa estrophe de Bocage:

De ferreo julgador não vem comtigo
Rugosa catadura, acções austeras;
Antes de ser juiz já homem eras,
E achas mais glorioso o nome antigo. (1)

É de presumir que o Desembargador Brito encaminhasse o processo de modo que a culpa de Bocage fosse de heresia e não de lesa-magestade; assim o dá a entender o verso: «Mais um *erro,* que um *delicto.*» Na *Conta* do Intendente ao Inquisidor geral, acompanhou a declaração que Bocage fez no Limoeiro, de modo que o forçava a entregar o caso ao tribunal religioso. Da boa von-

(1) Soneto 257. Ed. da *Actualidade.*

tade do Desembargador Brito, que servia n'isto o Ministro José de Seabra da Silva, falla o poeta:

Olhou-me com meigo aspecto,
Com branda amigavel fronte,
E fui logo acareado
Com o meu amavel *Ponte*.
Portei-me como quem tinha
Para a verdade tendencia,
Do pezo da opinião,
Aligeirei a innocencia.
Puni pelo caro amigo,
Ferido de intensa dôr;
Singular sou na amisade,
Como singular na dôr.

O nome de André da Ponte do Quental e Camara está intimamente ligado á vida de Bocage por este desastre, e pelo generoso affecto e admiração que lhe consagrava. André da Ponte foi herdeiro de uma illustre casa na Ilha de Sam Miguel, e por ventura se recolheu á cidade de Ponta Delgada quando tomou a administração do seu vinculo. Em 1821 veiu como deputado ás Côrtes Constituintes, vendo momentaneamente vingarem as ideias porque soffrera. Ouvimos pela tradição de pessoas que o frequentaram, que André da Ponte viveu quasi sempre solitario, e que estando para fallecer, mandara trazer para o pé do leito

todos os seus manuscriptos poeticos, e os queimara. Deixou dois filhos, Fernando do Quental, representante da casa vincular, de um grande gosto artistico para os trabalhos de encadernação, que fôra aprender a Paris, industria que desenvolveu na cidade de Ponta Delgada, ensinando-a a rapazes pobres; e o Doutor Filippe do Quental, lente de Medicina na Universidade de Coimbra, antigo poeta, grande propagador das associações de ensino, o homem mais engraçado de todas as gerações academicas, e o modello de uma amisade cuja divisa é *Faire sans dire.* Por estes representantes se póde inferir o que seria André da Ponte para Bocage; o poeta refere as suspeições a que andavam sugeitos desde muito tempo. Na *Conta* do Intendente para o Inquisidor geral, iam tambem «*os papeis e livros* impios e sediciosos que se apprehenderam ao dito André da Ponte». Que livros seriam esses, senão algumas obras dos Encyclopedistas com que se alimentava o jacobinismo portuguez e que tanto amedrontavam a vigilancia do Intendente. Bocage celebra em um sentido Soneto o facto da prisão: *Ao senhor André da Ponte do Quental e Camara, quando preso com o auctor:*

O pesado rigor de dia em dia
Se apure contra nós, oppresso amigo;
Tolere, arraste vis grilhões comtigo
Quem comtigo altos bens gosar devia. (1)

Aqui Bocage allude a ter sido preso mais tarde e a ir acompanhal-o no carcere. A Ode escripta tambem na prisão, e dedicada a André da Ponte, é de uma suavidade encantadora quando deixa o entono erudito e moralista e toma o caracter de um protesto:

Nossos nomes, amigo, alçados vêmos
Acima dos communs; ama-nos Phebo,
As Musas nos enlouram; cultos nossos
Mansa virtude acolhe.
Em tenebrosos carceres jazemos;
Fallaz accusação nos agrilhôa,
De oppressões, de ameaças nos carrega,
O rigor carrancudo.
. . . . . .
Os vindouros mortaes irão piedosos
Lêr-nos na triste campa a historia triste,
Darão flôres, oh Ponte, ás Lyras nossas,
Pranto a nossos desastres. (2)

Entre os manuscriptos de André da Ponte, queimados por elle pouco antes de morrer, deviam

(1) Soneto 266. Ed. da *Actualidade*.
(2) Ode 8. *Ibid.*

existir bastantes elementos para recompôr esta época da vida litteraria de Bocage. Conservamos aqui a tradição, que Bocage promettera a André da Ponte acompanhal-o para a Ilha de Sam Miguel, por ventura em 1798; a unica bagagem com que se apresentou para o embarque era um par de meias debaixo do braço; estavam já a metter pé no escaler quando outro amigo de Bocage lhe appareceu ali casualmente e lhe perguntou se faltava á reunião a que tinha promettido comparecer n'aquella noite? Bocage disse que não faltava, saltou logo para terra, e ficou assim gorada a viagem que com certeza lhe teria augmentado os dias de existencia, e lhe daria uma profunda tranquillidade moral. Mas voltemos aos seus dias no Limoeiro; depois do interrogatorio do Desembargador Brito, foi relaxado o Segredo ao poeta, mas submettido a mais tres inquirições:

D'este centro da tristeza
Morada das afflições,
Fiz ao logar das perguntas
Inda mais tres digressões.
Amo, professo a verdade,
Nas tres digressões que fiz
Sempre achei o amavel Brito
Mais bemfeitor, que Juiz.

A solidão era o que mais custava ao poeta depois que saíu do Segredo; elle chega a ter saudades do bulicio da malta, e retrata esse interior com traços rambrandtescos dignos de se conhecerem:

Lembrava-me a curta fresta,
Por onde á presa matula
Ouvia de quando em quando
Conto vil em phrase chula.
Lembrava-me a gritaria,
Que faz a corja, a quem passa,
Loucamente misturando
O prazer com a desgraça.
Lembrava-me este catando
Piôlho, que de alvo brilha;
Aquelle a chuchar gostoso
Cigarro que ou compra ou pilha.
Um, por baldas que lhe sabe
Ao outro dando matraca;
Estes cantando folias,
Aquelles jogando a faca.
Cousas taes, que n'outro tempo
Me fariam anciedade,
Eram então para mim
Estimulos de saudade. Etc.

N'esta situação desesperada veiu o dia 15 de Septembro, em que o poeta completou no carcere trinta e dous annos. No Soneto *No seu dia natalicio*, pinta o seu estado:

Do tempo sobre as azas volve o dia,
O ponto de meu triste nascimento;
Vedado á luz do sol este momento,
Furias, com vossos fachos se alumia! (1)

No dia 22 de Septembro é que Bocage terminou as coplas dos *Trabalhos da vida humana,* em que relata as miserias do encarceramento:

Ha já *quarenta e tres dias*
Que choro n'este degredo:
Heide ser muito calado,
Costumaram-me ao Segredo.

Desde esta data até 7 de Novembro, em que o poeta foi remettido para os carceres da Inquisição, jazeu no Limoeiro, incerto do seu destino como se vê pelas numerosas poesias, em que pede a todas as pessoas de influencia que intercedam por elle. Descreve o profundo tedio da solidão:

No inferno se me troca o pensamento;
Céos! porque heide existir? porque? se passo
Dias de enjôo, e noites de tormento.

Lembrando-se dos seus zoilos, que o acusaram ao Intendente e lhe entregaram os seus melhores

(1) Soneto 250. Ed. da *Actualidade.*

versos, como peças do delicto, com que altura exclama:

Mas turba vil, que abato, anceio e espanto
Urde em meu damno abominavel pranto.

Réo me delata de horrida maldade,
Projecta aniquilar-me o bando rude,
Envolto na lethêa escuridade.

Que falsa ideia, oh zoilos, vós illude!
Furtaes-me a paz, furtaes-me a liberdade;
Fica-me a gloria, fica-me a virtude. (1)

No Soneto *Deplorando a solidão do carcere,* arranca esse outro protesto não menos eloquente:

Aqui, pela oppressão, pela violencia
Que em todos os sentidos se reparte,
Transitorio Poder quer imitar-te,
Eterna, vingadora Omnipotencia! (2)

Era a condemnação do direito divino. N'outro Soneto *Vendo-se encarcerado e solitario,* eleva-se a um lyrismo, de que tanto o desviaram as Arcadias e os Outeiros:

(1) Soneto 218. Ed. da *Actualidade.*
(2) Soneto 235. *Ibid.*

Tomara costumar-me á desventura:
Esquecer-me do bem gosado e visto,
Pensar que a natureza é sempre escura
Que é geral este horror, que o mundo é isto. (1)

Estava vingado do seu tempo quem vibrava a sua queixa n'esta fórma sublime:

Sou victima de asperrima violencia,
Sem ter quem dos meus males se lastime
N'este horrivel sepulchro da existencia:
Mas pezo dos remorsos não me opprime;
A susurrante, a vil maledicencia
D'erros dispersos me organisa o crime. (2)

Quaes eram esses *erros dispersos?* Um ou outro Soneto liberal, de que lhe faziam carga; Manique, ao entregal-o á Inquisição, criminava-o pela satyra anonyma que começa *Pavorosa illusão da eternidade;* outros não se esqueciam do Soneto á derrota do exercito do Pio VI, que assignou por isso a paz de Tolentino em 1797; e os ataques aos hypocritas e frades. Pertencia á Inquisição o poeta que se atrevia a retratar o papa como:

Purpureo fanfarrão, papal sacrista,

(1) Soneto 245. Ed. da *Actualidade.*
(2) Soneto 249. *Ibid.*

que berra para os seus, fortalecendo-os com a lista de surdos santos:

O progresso estorvae da atroz conquista
Que da Philosophia o mal derrama,

e termina descrevendo a derrota com um inimitavel tom grotesco:

O rapido francez vae-lhe ás canellas;
Dá, fere, mata. Ficam-lhe em despojo
Reliquias, bullas... bagatellas. (3)

Depois de sessenta dias de cadeia, Bocage resolve-se a importunar todos os seus amigos de valimento, que até então nada haviam conseguido; elle escreve uma Epistola a Joaquim Rodrigues Chaves, para que faça com que D. Lourenço de Lima interceda para com o Ministro seu pae, o Marquez de Ponte do Lima:

De Bocage infeliz sê prompto abrigo,
Estorva que se encerre um desgraçado,
N'este mal, n'este horror, n'este jazigo.

(3) Vid. tom. VII da edição-innocenciana.

Do crime corruptor não fui manchado;
Alta religião me attrae, me inflamma;
Amo a virtude, o throno, as leis, o estado.
Acima de meus zoilos me ergue a fama
Eis porque o negro bando, atroz maldito,
Sobre minhas acções seu fel derrama.
.....
Depois que n'estas sombras esmoreço
Duas vezes brilhando, a plena lua
Tem roubado ás estrellas o aureo preço.
Ah, funde-se o teu nome, a gloria tua
No pio intento de romper-me o laço
Que a sorte me lançou raivosa e crúa.
De benigno *Laurenio* invoca o braço,
O braço protector dos desditosos,
Jamais em dons beneficos escasso.
Elle aos ouvidos faceis e piedosos
Do sublime varão, do egregio *Lima*
Conduza meus suspiros lastimosos... (1)

Por este meio fez Bocage chegar ás mãos do Marquez de Ponte do Lima, Ministro da Fazenda, uma outra Epistola, em que se vê o seu profundo desalento por causa da falta da justiça a que está exposto:

Outros querem louvor; eu só piedade;
Piedade! que *a perder o gosto á fama*
Até já me ensinou a adversidade!
.....

(1) Epistola 8. Ed. da *Actualidade*.

Em carcere, a que o sol, medroso, esquivo
Seu lume bemfeitor jamais envia,
E onde sómente a dor me diz que vivo:
. . . . . .
Deixa pousar, senhor, no attento ouvido,
A queixosa, tristissima linguage,
As supplicas e os ais de um perseguido.
Do susto, da oppressão, do horror, do ultraje,
Sólta, restaura com piedade intensa
Os agros dias do infeliz Bocage. (1)

Não se fiando ainda na efficacia do seu pedido, mandou entregar outra Epistola ao genro do Marquez de Ponte do Lima, o Marquez de Abrantes Dom Pedro de Lencastre e Silveira Castello Branco, que na sua qualidade de Mordomo-fidalgo da Misericordia de Lisboa era o promotor da defeza e livramento dos presos desvalidos. Tal era a tenacidade das garras de Manique, e a incerteza e irregularidade dos processos n'essa epoca!

Do numero infeliz que te suspira
Lastimosa porção me fez a sorte;
Lançou-me em feio abysmo, onde parece
Que entre seus cortezãos preside a morte.

Que é morte? Solidão, Silencio, Trevas.
Tudo isto occupa o lugubre aposento;

(1) Epistola 6. Ed. da *Actualidade.*

Silencio, trevas, solidão me abrangem
E horror multiplica o pensamento.

. . . . . .

. . . . . .
Tu, grande, tu benefico, tu forte
Emprehende a gloria de vencer meu fado.

Protege a causa do infeliz que invoca
Teu nome e teu favor, tua piedade;
Guia os suspiros meus e as preces minhas
Ao throno onde reluz a humanidade. (1)

Escreve tambem Bocage a Henrique José de Carvalho e Mello, primogenito e successor do Marquez de Pombal, justificando-se do seu silencio por um «*trait de prudence*» na epigraphe tirada de Boileau. O filho do velho Marquez de Pombal, apezar da queda de seu pae, era então Presidente do Desembargo do Paço e da Mesa da Consciencia e Ordens; por isso o poeta escreve-lhe lisongeando-o com coragem na memoria de seu pae:

Carcere umbroso, do sepulchro imagem
Caladas sombras de perpetua noute
Me ancêam, me suffocam, me horrorisam.
Não rebelde infracção de leis sagradas,
Não crime, que aos direitos attentasse
Do solio, da moral, da natureza,
N'este profundo horror me tem submerso:

(1) Epistola 7.

A calumnia fallaz, de astucias fertil
Urdiu meus males, affeiou meu nome.
.....
Heroe, filho de heroe, protege, ampara
Ente opresso, infeliz que a ti recorre;
Lava-lhe as manchas da calumnia torpe;
Ao throno augusto da immortal Maria
Com lamentosa voz dirige, altêa
Do misero Bocage os ais e as preces... (1)

Sabe-se que tambem recorreu á protecção do Conde de Sam Lourenço Dom João José Ansberto de Noronha, a quem se confessa grato:

..... o triste vate
Que foi por teu favor, por teus auspicios
Ao tumulo dos vivos arrancado,
Onde torva Calumnia o ferrolhara... (2)

Não citámos em primeiro logar o nome de José de Seabra da Silva, porque a sua dedicação conhecida por Bocage enfraquecia-lhe em parte o seu valimento. É á esposa do ministro intelligente, D. Marianna Joaquina Pereira Coutinho que o poeta se dirige n'essas suaves quintilhas:

(1) Epistola 5. Ed. da *Actualidade.*
(2) Epistola 15. *Ibid.*

Exerce efficaz valia
Que me serene a fortuna,
Irosa fortuna impia;
Para guarida opportuna
Meus ais, minhas ancias guia.
Pelo misero intercede
Que a ti recorre em seus males,
Que prompto auxilio te pede;
O que podes, o que vales
Por minhas angustias mede,
Dá-me a luz, que respirei
No seio da humanidade;
Roga que se abrande a lei
A que a doce liberdade
Submisso e mudo curvei... (1)

Na Ode a *José de Seabra da Silva,* Ministro *e secretario de Estado dos Negocios do Reino,* tambem escreve o desgraçado poeta:

A mim, desventurado,
N'um carcere cruel, envolto em sombras
A mim, curvo, abatido
Ao pezo do grilhão, da injuria ao pezo,
Ente vulgar, inutil,
De mil tribulações, que recompensa,
Que futuro me resta?

Bocage conhece que a sua amisade póde pre-

(1) Redondilhas, 12. Ed. da *Actualidade.*

judicar o ministro, e pede-lhe que o não proteja claramente:

Em beneficio meu, de mim te aparta...
.....
Sejam, sejam remidos
Pela dextra efficaz do heroe prestante
Meu prazer, meu repouso,
A mente, a liberdade, a luz e a vida
N'este horror suffocadas. (1)

Foi com effeito a José de Seabra da Silva que Bocage deveu a liberdade, mas por um modo indirecto.

O Ministro fez avultar os erros religiosos do poeta, por que era então Inquisidor geral Dom José Maria de Mello, homem de illustração; o preso foi entregue ao poder inquisitorial pelo tenaz Manique em 7 de Novembro de 1797; na Inquisição o poeta foi reprehendido, ordenando-se que fosse doutrinado em um mosteiro. Era um modo de lhe assegurar alguma tranquillidade, até que se afrouxassem os rigores de Manique. Importa deixar aqui transcripto o Officio do Intendente ao Bispo Inquisidor geral, remettendo-lhe o preso: «Constan-

(1) Ode 17. Ed. da *Actualidade*.

do-me, que n'esta côrte e Reino giravam alguns papeis impios e sediciosos, mandei averiguar quem seriam os auctores d'elles, e encontrei que uma parte d'estas era o seu auctor *Manoel Maria Barbosa de Bocage,* o qual vivia em casa de um Cadete do Regimento da primeira Armada, André da Ponte, que he natural da Ilha Terceira; (1) mandei proceder contra um e outro e á apprehensão dos seus papeis, e não achando ao sobredito Manoel Maria, se encontrou sómente o André da Ponte, que foi prezo, e apprehendidos os papeis, e entre elles se achou um infame e sedicioso que se intitula *Verdades duras,* e principia: *Pavorosa illusão da eternidade,* e acaba *De opprimir seus eguaes com o ferreo jugo,* como consta do Auto da achada que acompanha a Conta que me deu o Juiz do Crime do Bairro de Andaluz, a quem eu havia encarregado esta diligencia; do mesmo Auto verá V. Ex.ª os mais papeis e livros impios e sediciosos que se apprehenderam ao dito André da Ponte, os quaes remetto inclusos com a devassa a que mandei proceder para averiguação da verdade e as per-

(1) Ilha de S. Miguel.

guntas que se fizeram ao dito *Manoel Maria Barbosa de Bocage,* que, passados alguns dias tambem foi prezo a bordo de uma embarcação, que hia fugido no Comboio para a Bahia, e André da Ponte do Quental da Camara. Remetto tambem a delatação que me me fez da cadeia o dito *Manoel Maria Barbosa de Bocage,* para que este Santo Tribunal lhe dê o pezo que merecer. V. Ex.ª me insinuará o mais que quer que eu faça sobre estes dois réos, os quaes conservo na prisão, esperando a restituição d'estes papeis logo que forem examinados por esse Santo Tribunal pela parte que lhe toca. Lisboa, 7 de Novembro de 1797.—Ex.mo Snr. Dom José Maria de Mello.» (1)

Por este documento se vê quanto custava ao Indentente Manique o largar a presa; conservava-os em ferros, até que a Inquisição dispozesse d'elles.

André da Ponte do Quental, talvez em virtude do seu nascimento e relações valiosas foi mandado recolher á terra da sua naturalidade; Bocage foi

(1) *Contas para as Secretarias,* Livro v, fl. 166 *v.* No *Arch. nacional.*

reenviado outra vez para o Intendente da Policia, insinuando-se que o mandasse recolher ao Mosteiro de Sam Bento da Saude para ser doutrinado. Sabe-se hoje por via do *Dietario* do Mosteiro de Sam Bento, que Bocage deu ali entrada em 17 de Fevereiro de 1798; esteve portanto no Santo Officio tres mezes e dez dias. Pelo documento que citamos, se vê que o Mosteiro de Sam Bento era um refugio para onde a auctoridade mandava accolher os perseguidos pelas arbitrariedades da policia, que era então um estado no estado. O *Dietario,* a que nos referimos, era um livro escripto annualmente por um frade da ordem, que tinha o cargo de consignar n'elle todos os successos principaes do tempo, como os desastres publicos, as descobertas, os contagios, os obitos dos principaes personagens, como contribuição para a historia. O pensamento da instituição era luminoso, mas o criterio ficava sempre abaixo do caso anedoctico, por falta de intuito philosophico. Em todo o caso os poucos livros que restam, contêm alguns factos importantes para a historia da sociedade portugueza do seculo XVIII. Transcrevemos a nota ácerca de Bocage, não

só como subsidio authentico para a Biographia do poeta, senão tambem como especimen do livro:

«Anno de 1798 — Mez de Fevereiro — Lisboa: Providencias politicas internas, em qualquer ramo de Administração publica:

«A 17 do presente mez de Fevereiro foi mandado para este Mosteiro pelo Tribunal do Santo Officio o celebre Poeta *Manoel Maria de Boccage,* bem conhecido n'esta Côrte pelas suas Poesias, e não menos que pela sua instrucção. Tinha sido prezo pela Intendencia, e elle reclamára para o Santo Officio, onde esteve athé ser mandado para este Mosteiro, apezar de encerrar já no seu recinto o Regimento de Gomes Freire, seis expatriados, e um prezo de Estado do julgado levantamento de Minas Geraes.» (1)

Por este documento se vê que o proprio Bocage *reclamára,* isto é, recorrera para o Santo Officio, para assim se eximir ao despotismo do Intendente, que não hesitava em conserval-o em carcere

(1) *Dietario do Mosteiro da Saude de S. Bento de Lisboa,* fl. 8 (1798). *Ms. da Bibl. Nac.* Deu-nos conhecimento d'este Livro o sr. Dr. Ribeiro Guimarães.

perpetuo, ou pelo menos, degradal-o para Angola. A brandura com que o tratavam no Mosteiro de S. Bento, fez com que Manique logo em 22 de Março, por Officio ao Corregedor do Crime do Bairro dos Romulares o mandasse transferir para o Mosteiro das Necessidades. N'esta casa, floresciam os Padres Antonio Pereira de Figueiredo e Theodoro de Almeida, eruditos de primeira ordem e suspeitos pelo Intendente de *Philosophos* e de partidarios das *ideias francezas*. Ali foi encontrar Bocage o poeta e philologo Frei Joaquim de Foyos, que o ouviu de confissão geral e contra o qual lançou alguns epigrammas. Eis o Officio supracitado, no seu embrulhado estylo:

«V. M.ce na noite de hoje, quinta feira, vinte e dois do prezente, passará ao Mosteiro de Sam Bento da Saude e procurará o Abbade do mesmo Mosteiro e lhe entregará a carta inclusa, e receberá *Manoel Maria Barbosa de Bocage* e o conduzirá ao Hospicio de N. Snr.a das Necessidades, dos Padres de Sam Filippe Nery, junto de Alcantara e o entregará ao Prelado do mesmo Hospicio que o estiver presidindo n'elle, e lhe intimará

que fica ali o dito Manoel Maria recluso no mesmo Hospicio, e que não possa saír fóra sem nova ordem, nem communicar com pessoa alguma de fóra, á excepção porém dos Religiosos Conventuaes no mesmo Hospicio ou filhos da mesma Congregação de S. Filippe Nery, andando em liberdade no mesmo Hospicio, sem que venha abaixo ás Portarias e á mesma Egreja, e nas horas de recreação poderá hir á Cêrca, na Companhia dos Religiosos e Conventuaes no mesmo Hospicio, e assistir no Côro a todos os officios, se assim o julgar o Prelado, e não encontrar algum inconveniente, e lhe entregará Vm.ce o constante da Relação inclusa, que o Principe nosso Senhor lhe manda dar por esmola, e espera que com estas Correcções, que tem soffrido tornará em si, e aos seus deveres, aproveitando os seus distinctos talentos com os quaes sirva a Deus nosso Senhor, a S. Magestade e ao Estado, e util a si, dando consolação aos seus verdadeiros amigos e parentes, que o vejam entrar em si verdadeiramente, abandonando todos os vicios e prostituições em que vivia escandalosamente.

«Logo que tiver executado esta diligencia me

dará Vm.ce conta por escripto. Lisboa, 22 de Março de 1798. — Ao Juiz do Crime do Bairro de Romulares.» (1)

Nenhum biographo havia ainda fallado da esmola que o Principe regente mandara dar a Bocage; pode-se affirmar que foi acto do proprio Intendente, que costumava applicar os muitos recursos da Casa Pia ao socorro de desvalidos, e que tinha ordem de levantar os dinheiros que bem quizesse do Thesouro sem ser obrigado a justificar as suas despezas. A esmola era descripta em uma relação, o que nos prova, que constaria de roupas e algum dinheiro. O caracter de Bocage estava acima d'estes sentimentos officiaes, e por isso nunca alludiu nos seus versos á esmola dada em nome de Dom João VI; pelo contrario, exaltava nos seus

(1) *Registo geral da Correspondencia do Intendente da Policia com todas as Auctoridades*, Liv. XI (numeração da Intend.) fl. 109. Tambem se acha sob o titulo do Liv. 38 (Governo Civil) e 199 (Torre do Tombo). Rebello da Silva allude a este documento, mas não o cita, (p. XLIV) nem indica a fonte. J. Feliciano tambem o não descobriu, e por isso não cita a melhor parte dos factos n'elle contidos.

versos a dedicação d'esse pobre José Pedro da Silva, dono do Botequim do Rocio, a quem

Pagava em metro o que devia em ouro. (1)

Embora Bocage fôsse conservado incommunicavel para os extranhos ao Mosteiro, sentiu-se ali em uma sociedade escolhida, onde o estimavam, e em uma Ode a José de Seabra da Silva, confessa-lhe que lhe renasce outra vez o gosto pela poesia:

Estro brilhante, creador dos hymnos,
Dissipa imagens turvas,
D'agra tristeza desvanece o rasto
No espirito do vate,
Á sombra dos altares acolhido.
A estridula corrente
O pezo infamador aqui não sôa;
Aqui não sôam magoas
Da vexada innocencia lamentosa... (2)

No Soneto de Bocage com a rubrica *Conselhos a um Preceptor austero,* conhece-se que na clausura tambem se distraía com versos amorosos; foi du-

(1) Soneto 317. Ed. da *Actualidade.*
(2) Ode 19. *Ibid.*

rante este remanso moral que se occupou com a tentativa de versão das *Metamorphoses* de Ovidio, que lhe deram um nome respeitado entre os eruditos. Na epigraphe original que adoptou para a versão, ainda se queixa da falta de liberdade; um grande numero de episodios da *Pharsalia*, da *Jerusalem libertada*, da *Henriada*, da *Colombiada*, foi vertido por Bocage, aproveitando-se das riquezas da bibliotheca do mosteiro e do tempo, que a sua vida vagabunda lhe não deixava. Vivia então recolhido em uma cella da Congregação do Oratorio o Conde de Sam Lourenço, Dom João José Ansberto de Noronha, que, depois de ter soffrido as duas prisões da Junqueira, quando foram executados os seus parentes, os Tavoras, por ordem do Marquez de Pombal, readquirira a liberdade no começo do reinado de D. Maria I. O Conde de Sam Lourenço precisava da tranquillidade moral, e tendo-se acostumado á leitura no carcere, acolheu-se a essa Ordem litteraria e ali acabou os seus dias. Bocage frequentava a sua companhia, e escutava-o attentamente; em uma Epistola que lhe dedica, descreve Bocage esses encantadores entertimentos:

Que horas douradas, que formosos dias
N'ella dos labios teus pendi, qual pende
Da face encantadora acceso amante...
.....
E ouvindo-te um ser novo em mim sentia. (1)

O Conde de Sam Lourenço fôra amigo de Garção, que lhe dedicara a sua mais bella Satyra, e, como elle, tambem victima do Marquez de Pombal; a grande admiração que Bocage consagrava a Garção foi em parte suscitada pelas conversas eruditas d'este asceta, que tinha de commum e de intimo com elle o terem sido ambos victimas da arbitrariedade. N'estes mutuos desabafos, como lhes não resplandeceriam na consciencia os grandes actos da justiça popular!

Em 1798 ao fazer trinta e tres annos já se achava plenamente solto, e já com alguns cabellos brancos por effeito d'estas emoções violentas:

Excedo *lustros seis* por *mais tres annos*,
Mas bem que juvenis meus annos sejam,
Já murcham de agonia, e já me alvejam
Não raros na cabeça os desenganos. (1)

(1) Epistola 15. Ed. da *Actualidade*.
(1) Soneto 221.

Na versão dos trechos das *Metamorphoses,* Bocage evitou tudo o que o podia tornar suspeito outra vez; e talvez por esse motivo teve de abandonar a versão de *Gil Braz de Santillana,* que encetara. O Intendente continuava a perseguir os livros; em uma *Conta* de 27 de Septembro de 1798, repete: «que a maior parte dos livros impios e sediciosos que apparecem no publico de mão em mão sáem da Alfandega... Devo informar a V. Ex.ª que me dizem ser seu auctor *Luiz Caetano,* que acaba de chegar a Lisboa, de Paris, para onde havia fugido d'este reino, contra o qual não procedo immediatamente, por querer primeiro fallar ao Ill.mo Ex.mo Snr. José de Seabra da Silva do qual o sobredito *Luiz Caetano* me deu verbalmente um recado, dizendo que Antonio de Araujo e Azevedo, Ministro da Côrte na Haya, havia escripto áquelle Ministro a favor d'elle...» (1) É logo em 1798 que achamos Bocage em relações com Luiz Caetano, a quem lhe deixou o trabalho de completar a versão de Lessage.

A traducção da *Historia de Gil Braz de San-*

(1) *Contas para as Secretarias,* liv. v, fl. 245.

tilhana por Bocage, começada antes de 1798, não devia deixar de lhe fazer carga nas suspeitas e indiciações de que o cobria a policia de Manique. Em uma conta do Intendente para as Secretarias, dando parte de que mandara saír de Portugal um professor de francez, pelo perigo das ideias revolucionarias, diz que na busca dada aos seus papeis: «se lhe achou outro livro de que elle se servia tambem para dar as lições, intitulado *Historia de Gil Braz de Santillana,* o qual tambem pouco proprio para instruir a mocidade, que não seja arriscada a precipitar-se...» (1) É presumivel que Bocage não acabasse a sua traducção, (até á pag. 116 do t. II) por effeito da sua prisão e transferencia do Mosteiro de S. Bento, e por isso a acabou *Luiz Caetano de Campos,* já desde 1794 notado pela policia como Jacobino, que frequentava os dois homens perigosissimos o sabio Corrêa da Serra, e o illustre Duque de Lafões, e que ia ás conversas dos pasmatorios da Praça do Commercio: «um portuguez, que tambem concorre na Praça do Commercio com estes, filho de Chaves, e conhecido por ter composto

(1) Liv. IV, fl. 187. (9 de Março de 1793.)

as *Viagens de Altina,* que esteve em França e em Inglaterra, e que tambem concorrem em casa dos livreiros francezes, d'aquelles que estão marcados Jacobinos, na minha presença...» (1) A traducção de Luiz Caetano de Campos hombrêa dignamente com a parte de Bocage.

O poeta andava desalentado, e a cabala dos metrificadores havia alcançado pela mão pezada de Manique uma bem amarga vingança. Bocage precisava de um estimulo que o fizesse achar outra vez encanto na poesia. Consta pela tradição conservada por Bingre, que o Ministro José de Seabra da Silva lhe offerecera em 1798 um logar de official da Bibliotheca publica de Lisboa, aberta n'esse anno, e que o poeta recusara, para conservar a sua independencia. A este tempo já havia chegado ás mãos do velho Filinto Elysio, a Paris, impresso em 1791 o volume das suas *Rimas,* e tambem a tradição dos seus soffrimentos nos carceres politicos e inquisitoriaes. Filinto, usando da authoridade do seu nome e dos seus annos, remet-

(1) *Ibid.* fl. 211, *v.* (5 de Novembro de 1794.)

teu a Bocage uma pequena Ode que era a consagração do novo talento:

Lendo teus versos, numeroso Elmano,
E o não vulgar conceito e a feliz phrase,
Disse entre mim: — Depõe, Filinto, a lyra
Já velha, já cansada;
Que este mancebo vem tomar-te os louros,
Ganhados com teu canto na aurea quadra
Em que ao bom Corydon, a Elpino, a Alfeno
Applaudia Ulyssêa...

Esta curta Ode, que se compõe ao todo de quatro strophes, veiu reanimar Bocage e assegurar-lhe o triumpho decisivo sobre os seus emulos, inspirando-lhe o verso audacioso: «Zoilos tremei! posteridade, és minha.» Foi este um dos maiores prazeres que Bocage encontrou na sua vida litteraria, e d'aqui se deve determinar uma nova phase na sua actividade.

. . . . . .

§ IV

. . . . . .

Periodo de desalento e morte (1798 a 1805.) — Relação de Bocage com o Padre Conceição Velloso, naturalista brazileiro. — Rompe a polemica com José Agostinho de Macedo em 1801. — Trabalha para sustentar sua irmã. — Influencia dos Botequins no liberalismo, o Botequim do Nicola, e o *Agulheiro dos Sabios*. — Elmanistas: Pato Moniz, Maldonado, Cardoso, Morgado de Assentis, Dom Gastão. — Seu amor com D. Anna Perpetua Bersane Leite. — Os Outeiros poeticos, e os improvisos nos saráos de familia. — Bocage sente-se doente, e reconcilia-se com os seus inimigos, Macedo, Semedo, e louva todos os seus contemporaneos. — Dedicação do botequineiro José Pedro da Silva. — Ultimas publicações para sustentar-se. — Morre sem vêr o fim da sociedade de que foi victima. — Entrada dos Francezes em Portugal em 1808. — Espirito novo.

Logo que Bocage conseguiu a liberdade, procurou manifestar a sua gratidão pelos amigos desinteressados que procuraram tiral-o do arbitrio de Manique, ou o sustentaram na cadeia. E de 1799 o segundo volume das *Rimas*, dedicado a Antonio José Alvares, que o fôra soccorrer com dinheiro quando ainda se achava no Segredo:

A minha gratidão te dá meus versos
.....
Os lares vão saudar, propicios lares
Que em doce recepção me contiveram
Incertos passos da indigencia errante;
Dos olhos vão ser lidos, que apiedaram
A catastrophe acerba de meus dias
.....
Vão pousar-te nas mãos, nas mãos que foram
Tão dadivosas para o vate oppresso,
Que o peso dos grilhões me aligeiraram... (1)

A propria auctoridade impassivel de Manique reconhecia que havia n'aquella natureza desgraçada o quer que é de superior, que não póde ser submettido á lei geral. No Officio para o Corregedor do Crime do Bairro de Romulares, chega a dirigir ao poeta essas palavras vagamente compassivas, em que diz que o principe regente contava: «que por meio das correcções que tinha soffrido *Manoel Maria Barbosa de Bocage,* tornando a si e aos seus deveres, *aproveitando os seus distinctos talentos* para servir a Deos, a El-Rei e ao Estado, seria util a si, e *daria consolação aos seus verdadeiros amigos e parentes,* abandonados os vicios e a

(1) Epistola 11. Ed. da *Actualidade.*

prostituição em que vivera escandalosamente.» (1) Era impossivel para Bocage, e para todo o homem capaz de pensar, o aproveitar o seu talento em uma sociedade, onde se estabelecia, que: «se não pagasse os quarteis dos seus respectivos ordenados aos mestres de primeiras lettras, e de Latinidade d'esta côrte e de todas as comarcas do Reino sem que apresentassem attestação jurada dos Parochos ou Prelados locaes dos Conventos ou Mosteiros, em que declarassem que os referidos Mestres e Professores tinham ido com os seus alumnos em todos os Domingos assistir ao Cathecismo.» (2) Para acudir a Bocage, o naturalista eminente o Padre Mestre José Marianno da Conceição Velloso propôz-lhe logo em 1799 a traducção de varios poemas didacticos:

> Em ti, constante, desvelado amigo
> Demando contra a sorte asylo e sombra
> Oh das Musas fautor, de *Flora alumno*. (3)

A vinda de D. Maria Francisca, irmã mais

(1) Officio de 22 de Março de 1798.
(2) *Conta*, de 20 de Junho de 1799. Liv. v, fl. 319.
(3) Epistola 25. Ed. da *Actualidade*.

nova de Bocage, para a companhia d'elle, talvez em consequencia da partida da Marqueza de Alorna para Inglaterra, seria tambem para dar algum assento a esta vida vagabunda. Na Satyra contra José Agostinho de Macedo, em 1801, já allude o poeta ao cumprimento de deveres sagrados, porque já então trabalhava para sustentar sua irmã, escrevendo as traducções encomendadas pelo grande naturalista brazileiro o P.e José Marianno da Conceição Velloso:

Os dias eu consummo, eu vélo as noites
Nos desornados, indigentes lares;
Submisso aos fados meus ali compondo
Á pezada existencia honesto arrimo,
Co'a mão que Phebo estende aos seus, a poucos.
Ali deveres, que não tens, nem prezas,
Com *fraternal* piedade acato, exerço,
Cultivo affectos á tua alma estranhos,
Dando á virtude quanto dás ao vicio;
Não me envilece ali de um Frade o soldo:
Ali me esforça ao genio as igneas azas,
Coração bemfazejo, e tanto e tanto
Que a ti, seu depressor, protege, accolhe;
Que em redondo caracter te propaga
A rapsodia servil..... (1)

(1) *Pena de Talião.* Ed. da *Actualidade,* t. II, 463.

Já em 1800 nos apparece Bocage fazendo versões para a *Typographia Caleographica e Litteraria,* da qual era um dos directores o paulista Frei José Marianno da Conceição Velloso, (1) que para accudir a Bocage lhe estabelecera um ordenado de vinte quatro mil reis mensaes; é d'esse anno a publicação do poema didactico do insulso Delille *Os Jardins.* A versão de Bocage mereceu gabos geraes, que indispuzeram Macedo, e foi d'aqui que datou a ruptura das relações amigaveis entre os dois.

Depois que alcançou a soltura, Bocage não tornou a procurar o Conde de Sam Lourenço, que tão amigavelmente o accolhia ás suas conversas na cella das Necessidades que habitava; Bocage escreveu-lhe desculpando-se com seus trabalhos forçados, e allude outra vez á companhia de sua irmã:

Se a beber novo brilho, ideas novas
Nas azas da saudade a ti não vôo,
É que férreo dever, grilhão sagrado
No pobre, tosco alvergue me acantoam.
Lucro mesquinho de vigilias duras,

(1) Decreto de 7 de Dezembro de 1801.

Patrimonio dos vates (e não sempre)
Sustem meus dias, que parecem noites,
E esteio aos dias são de irmã, que terna
Curte commigo tormentosos fados. (1)

Por este trecho se vê que o poeta tomava a serio a obrigação que contrahira com o eminente naturalista Velloso; as traducções dos *Jardins,* de Delille, das *Plantas,* de Castel, do *Consorcio das Flores,* alem de outros trabalhos, foram feitas durante os annos de 1801 e 1802. O applauso que as suas traducções provocavam é que o enthusiasmava para forçar-se ao estudo, e é que lhe suscitava os impetos de vaidade que o levaram a provocar José Agostinho de Macedo.

Bocage estava no apogeu da sua gloria; conhece-se isto pelas relações dos estrangeiros. Link, nas suas *Viagens a Portugal,* deixou consignado este facto: « Perguntei a muitos portuguezes, quaes eram os melhores poetas modernos, e aos livreiros quaes as poesias mais procuradas; respondiam todos, que Manoel Maria Barbosa du Bocage.» (2)

(1) Epistola 15. Ed. da *Actualidade.*
(2) *Travels in Portugal.* 1801.

Esta significação da estima publica pelo talento de Bocage é que nos explica o tom vaidoso que escapa em differentes logares das suas obras, e o acinte de ir provocar a emulação abafada de Macedo. Foi no anno de 1801, que Bocage compoz mais *Elogios dramaticos* para os theatros, e onde o publico mais apreciou a sua versificação harmoniosa; os actores pediam-lhe versos allegoricos para os seus beneficios, e em todos os regosijos officiaes dos natalicios do paço Bocage contribuia sempre com uma composição recitada ou no Salitre, ou na Rua dos Condes, ou em S. Carlos.

Essas composições que são o documento mais vivo da sua popularidade, não tem merito algum; o *Elogio dramatico* era uma invenção do espirito bajulador dos absolutistas do seculo XVIII; consistia em um dialogo entre entidades allegoricas, como a Virtude, a Liberdade, o Despotismo, o Vicio, e outros mil vocabulos. Bocage tentou escrever no genero dramatico, mas os fragmentos que deixou mostram que foi desnorteado no seu caminho pela tragedia pseudo-classica franceza e pelo *Elogio*. Como os versos de Bocage eram retumbantes, como observou Link, *(e só o podem accusar de hyper-*

bole...) no theatro não se notava o vazio do pensamento, e por isso foi aí apreciado. Era isto mais um motivo para acirrar o odio de José Agostinho de Macedo, sempre infeliz com as suas tentativas dramaticas.

A epoca precisa da grande lucta litteraria em Bocage e José Agostinho deve fixar-se em 1801, como se deduz da *Pena de Talião:*

> Que disseras, mordaz, quando a mimosa,
> Quando a celeste *Catalani* exhala
> Milagres de ternura e de harmonia?
> Sim, que disseras, se, ultrajando a scena
> De rouquenha bandurra um biltre armado
> Ante a assemblêa extactica impingisse
> Solfa mazomba, hispanico bolero?

Como se sabe, a *Catalani* começou a cantar em Sam Carlos desde o inverno de 1801 até ao carnaval de 1806 (1). Portanto, Bocage tomou a comparação para a superioridade do seu talento da impressão mais viva de que estava então possuido, e os seus versos já retratam as parcialidades que se formaram entre os amadores dividindo-se na ad-

(1) Vasconcellos, *Os Musicos portuguezes*, t. II, 119.

miração a Catalani e ao sopranista Crescentini. Já em 18 de Fevereiro de 1802, o Intendente da Policia, o implacavel Manique, escrevia em uma Conta para as Secretarias, que era impossivel conciliar os dois artistas, (1) e Crescentini empregava todos os meios para fazer saír de Portugal a cantora que offuscava a sua gloria. Já que para a restituição d'esta época da vida de Bocage tocámos nas luctas do theatro de Sam Carlos, desenvolveremos esta parte, por isso que Bocage tambem andava envolvido no côro dos admiradores da celebre *Gafforini*, escripturada em 1801; Bocage dedicou-lhe uma Ode com a rubrica *A celebre actriz e cantora veneziana Elizabetha Gafforini* (2). Cantavam-se então no theatro de Sam Carlos as Operas do nosso compositor nacional Marcos Portugal, taes como *Morte di Semiramide, Sofonisba, Il Trionfo di Clelia, Argenide, Zaira, Merope, Fernando in Messico, Ginevra di Scozia, Il Duca de Foix,* e *Morte di Mitridate* (3), em que brilhavam a Catalani e a Gaf-

(1) *Papeis da Intendencia*, liv. VI, fl. 266 *v.*
(2) Ode 22. Ed. da *Actualidade.*
(3) Vasconcellos, *op. cit.*, ibidem.

forini (1). Em um documento da Policia, de 1802, achamos descriptas as luctas intestinas da Companhia organisada por Crescentini, interessante para a vida artistica d'essa época, e para a biographia de Marcos Portugal, pelo que o reproduzimos na sua integra:

«Recebo ao fazer d'esta o Aviso de V. Ex.ª com a data de hontem, com o Requerimento incluso de Jeronymo Crescentini, no qual se queixa de eu lhe mandar entregar em deposito e em um dos Gabinetes do Real Theatro de S. Carlos a musica das duas Operas *Semiramis* e *Zaira,* composta a dita Musica pelo compositor do mesmo Theatro *Marcos Antonio Portugal;* por me constar que o supplicante Jeronymo Crescentini por segundas instancias queria pôr a musica das mesmas Operas a bordo do navio que vae para Genova.

«He certo que mandei recolher aos Gabinetes de musica do dito Real Theatro de S. Carlos a dita musica das sobreditas Operas, para se servir o Theatro nas actuaes circumstancias em que está;

(1) Do nome de *Gafforini* ficou na lingua portugueza a palavra de giria *gaforina*, para significar o cabello hirsuto, e espesso.

pagando-se pela avaliação áquelles a quem tocar o seu embolso; pois na Empreza do dito Theatro, do anno passado, foram Emprezarios a Companhia dos Comicos e Dançarinos que trabalham no mesmo Theatro, de que era Director o sobredito Jeronymo Crescentini que tem sómente a sua parte correspondente a meia Companhia de Comicos e Dançarinos interessados no valor em que se avaliar a mesma musica pelos Professores da primeira ordem que ha n'esta côrte, em que tem egual parte o compositor d'ella *Marcos Antonio Portugal,* que, como socio da dita Empreza, tambem requereu n'esta Intendencia se lhe segurasse esta musica das ditas duas Operas por o supplicante ter espalhado e dito que a mandava para Genova em um navio que estava a sahir, em odio á Empreza actual, por vêr o supplicante que não levava ao fim o seu plano de ficar fexado o Theatro na presente Paschoa e poder conseguir desgostar Angelica Catalani, para a obrigar a saír d'este Reino, e este é o grande enthusiasmo do supplicante, a fim de pôr a dita actriz, como digo fóra d'este Reino.

«He certo tambem que o P. R. N. S. quer que o dito Theatro de S. Carlos se abra e se ponha

em trabalho, e V. Ex.ª tambem assim m'o tem communicado de ordem do mesmo Augusto Senhor, e como eu desejo cumprir as reaes ordens, e o tempo é curto para se compôrem novas Musicas para algumas Operas, que se queiram pôr em scena, e ser o costume e pratica que todas as Obras de Musica que se tem feito n'aquelle real Theatro, ficarem no Gabinete de Musica do mesmo Theatro, e se lhe mande fazer uma avaliação, e paga o Emprezario que entra na empreza áquelle que sáe, que é o mais que podia pretender o supplicante, estando auctorisado pela Companhia dos Comicos e Dansarinos, que entraram na Empreza que finalisou pelo Carnaval preterito: isto é o que me informam se pratica não só n'este artigo da Musica, mas tambem da Guarda Roupa e Scenario, e é o que tambem me obrigou a mandar recolher aos ditos Gabinetes a referida Musica, cuja diligencia se não effectuou, e ficou em deposito em poder do supplicante Jeronymo Crescentini, como mostra o documento que elle junta ao seu requerimento.

«He o que posso informar a V. Ex.ª sobre esta materia e fico esperando as reaes ordens, que V. Ex.ª me communicar a este respeito para me ser-

virem de regra para poder deferir não só ao supplicante Jeronymo Crescentini, mas ás partes que me requereram mandar recolher ao Gabinete do Real Theatro de S. Carlos a Musica das duas Operas *Semiramis* e *Zaira*. Lisboa, 1.º de Abril de 1802.—Ill.mo Ex.mo Snr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.» (1)

É preciso que nos não ceguemos por este interesse da Policia pela regularidade dos espectaculos dramaticos, nem o esplendor artistico nos deve deslumbrar considerando-o como um resultado da vida moral e das exigencias de um elevado gosto publico. Faziam-se grandes despezas não pela arte, mas para distraír as attenções dos factos politicos que se passavam na Europa, e em que Portugal por seu turno ia ser envolvido. Foi em todos os tempos este o systema empregado pelo cesarismo: depois da degradação da espionagem introduzida pelo Manique, seguia-se o deslumbramento que não deixa observar o que se passa no meio social. Em uma *Conta para as Secretarias*, de 26 de Maio de 1802, fallando do Theatro de Sam Carlos, Ma-

(1) *Contas*, liv. VI, fl. 287.

nique formúla a lei do cesarismo dirigindo-se com toda a clareza ao Ministro: «V. Ex.ª *conhece a grande utilidade que resulta ao Estado em trabalhar este Theatro, pois que emquanto o Publico está ali entretido, não discorre em materias que lhe não importam...*» (1)

A peste napoleonica ia começar o seu cyclo de invasões, e nós estavamos separados do conhecimento de todos os nossos direitos, e por isso não os soubemos fazer valer, quando a realeza abandonou os seus fieis vassallos ao inimigo que entrava. N'esta época, já Bocage andava doente, mas é quando vemos a sua actividade exercitada nos *Elogios dramaticos* dos festejos reaes, e nos *Prologos* de comedias para os actores seus amigos. Era um talento sympathico ao publico que se forçava para attraír aos beneficios por esse meio a maior concorrencia. Para este fim a Policia concedia que se imitassem os divertimentos da Italia fazendo loterias e jogos chamados *Tombolas,* para accirrar o apetitte dos espectadores. Sobre este costume, hoje

(1) *Contas para as Secretarias*, Liv. VI, fl. 309 *v.*

extincto, é curioso o seguinte documento do Intendente Manique:

«Ponho nas mãos de V. Ex.ª a conta que dá do Inspector do Theatro de S. Carlos, e desejando ao mesmo tempo que na Paschoa proxima continue a trabalhar este Theatro, tenho procurado alguns meios de vêr se posso descobrir algum emprezario que tome a si esta empreza no presente anno, e não me tendo achado, me obrigou a fallar a Francisco Antonio Lodi, o qual havia sido emprezario do mesmo Theatro alguns annos, para vêr se com a protecção de alguns dos seus amigos entrava outra vez n'esta Empreza, o qual me trouxe o plano para o costeamento do dito Theatro, com a memoria do que pretende de auxilio para entrar n'esta empreza. Passo ás mãos de V. Ex.ª o dito plano com a referida memoria de que pretende se lhe faculte, para poder cumprir as minhas insinuações de abrir o Theatro Italiano na proxima Paschoa, e no mesmo pé em que actualmente está.

«He certo que a despeza é consideravel logo que se queira pôr no mesmo pé este Theatro, em que se acha, mas tambem por outra parte é certo que este plano que faz o dito Francisco Antonio

Lodi é feito com alguma exageração, e n'este caso deve haver moderação no que pretende na memoria que junta ao dito Plano; e me parece que se lhe deve conceder o jogo chamado *Tombola* — que é concedido á maior parte dos Theatros da Italia para conservação da sua decencia e decoro; o dito jogo se compõe de noventa numeros, que em cada semana se extraem publicamente sobre a mesma scena, debaixo das vistas do Inspector e seu respectivo Escrivão, de que o Emprezario recebe vinte e cinco por cento, e ninguem é admittido ao dito jogo sem estar presente; e esta condição obriga a comprar bilhetes para entrar na Platêa e por esta fórma ha maior concurso de gente.

«A outra parte que pretende o dito Francisco Antonio Lodi, é que seja elle quem obtenha a graça de lhe serem vendidas as tomadías das fazendas do Contrabando e desencaminhadas aos reaes direitos; debaixo das mesmas condições que as teve Antonio José Ferreira, e as tem presentemente os que o substituiram; parece que com estas suas concessões he bastante para que possa trabalhar o theatro no mesmo pé, em que está actualmente; conservando os Actores principaes ou outros de egual

força; e não encontro inconveniente para que deixe de lhe serem conferidas estas duas concessões; visto a Policia tirar vantagem d'este intertinimento, que emquanto ali estão os expectadores escusam de estar por casas de jogo e prostituição, e metterem-se em discursos que lhe não importam.

«Queira V. Ex.ª representar todo o referido ao Principe real regente nosso senhor, e communicar-me com a possivel brevidade a sua real resolução. Lisboa, 4 de Março de 1802.—Ill.mo Ex.mo Snr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho.» (1)

Pelo documento que fica transcripto se vê como o Intendente se receava dos botequins, onde se conversava sobre a politica europêa, que levava fatalmente a commentos revolucionarios. Embora Bocage, desde a severidade de Manique, ficasse detestando a politica:

Longe, um mundo apertado, um mundo inferno,
Onde ardem furias e triumpha o crime,
Onde a negra Politica enroscada
Determina invasões, desenha horrores...

(1) *Contas,* liv. VI, fl. 269.

nem por isso podia deixar de frequentar os botequins, onde era logo cercado pela roda dos enthusiastas, e applaudido. Os amigos pagavam-lhe os cigarros e a genebra para o excitarem e ouvirem. N'este tempo Bocage sentia-se filho da sympathia publica; a sua honradez inquebrantavel, os deveres fraternaes que antepunha a tudo, os quadros dos seus desastres, que narrava do modo mais pittoresco, o improviso instantaneo para aproveitar uma rima feliz no meio da conversa, tudo o tornava querido. Era um homem para quem se fallava, como se fosse um amigo velho, embora fosse a primeira vez que passassem um pelo outro. O botequim que lhe merecia as suas visitas nocturnas ficava acreditado, tinha uma lenda, era concorrido. Logo depois que saiu da prisão claustral, Bocage frequentava especialmente o *Botequim do Nicola*. Infelizmente, por causa dos successos das guerras napoleonicas, Manique mandou espiar as conversas do botequim:

«Constando n'esta Intendencia, que em uma casa de Café, denominada do *Nicola*, no Rocio de esta capital, se ajuntavam differentes individuos, que levados do ocio ali se demoravam só com o

fim de entreter conversações e suscitarem assumptos menos proprios, essencialmente na presente conjunctura, que uma bem regulada Policia não deve tolerar, ordenei ao meu Commissario e Ministro d'aquelle Bairro vigiasse com particularidade as pessoas que frequentam a referida casa, e n'ella não consentisse se demorassem mais do que o tempo preciso, para tomarem os seus refrescos, aliás procedendo contra os transgressores; e como entre aquelles individuos ha alguns que são soldados dos regimentos Auxiliares, que se acham debaixo do commando de V. Ex.ª, vou a prevenir do referido a V. Ex.ª e lhe rogo queira dar-lhe o pezo que as suas dilatadas luzes conhecem, e dar as providencias que a este fim julgar opportunas, para que ali se não demorem mais que o tempo de se refazerem e tomarem os seus refrescos.» (1) Depois de este documento é que se comprehende a bem conhecida anedocta de Bocage, quando, ao recolher-se para casa, a ronda do bairro o interrogou pondo-lhe pistola ao peito: «Quem é? d'onde vem?

(1) Papeis da Intendencia — *Contas para as Secretarias*, Livro VI, fl. 74 (5 de julho de 1800).

para onde vae?» Ao que elle respondeu serenamente:

É o poeta Bocage;
Vem de casa do *Nicola*,
E vae para o outro mundo
Se lhe dispara a pistola.

Esta phrase *o poeta Bocage*, e o modo de tratar-se em terceira pessoa, mostram-nos como elle já vivia no mytho.

É n'esta ultima phase da vida do poeta que frequenta com predilecção o Botequim do Rocio de que era proprietario um apaixonado dos poetas do seu tempo, o bem conhecido José Pedro, das *Luminarias*, que morreu de noventa e nove annos de edade a 14 de Maio de 1862. Este homem adorava Bocage, e sobrevivendo-lhe cincoenta e sete annos, foi uma fonte de tradições para todos os que procuraram conhecer o viver intimo do ultimo quartel do seculo XVIII. O Botequim de José Pedro da Silva era como elle proprio dizia em 1810, em um requerimento á Intendencia da Policia: «frequentado sómente de pessoas as mais bem reputadas de Lisboa;» (1) e na verdade, nos ultimos

(1) Papeis da Intendencia, vol. XI, fl. 82, *v*.

annos da vida de Bocage existia ali um retiro especial denominado o *Agulheiro dos Sabios,* frequentado por Bingre, Dom Gastão Fausto da Camara Coutinho, o Morgado de Assentis, Pato Moniz, Pedro José Constancio, e outros muitos poetas elmanistas. Quando se deu a scisão com Bocage, frequentava o P.e José Agostinho de Macedo a loja do chapelleiro Daniel e ali dava largas á sua bilis, apodando o botequim de José Pedro da Silva com o titulo que lhe ficou de *Botequim das Parras.* Na replica da *Pena de Talião,* Bocage allude a esta phrase:

Pões-me de inutil, de vadio a tacha,
Tu, que vadio, errante, obeso, inutil
As praças de Ulyssêa á tôa opprimes,
Ou do bom *Daniel* na terrea estancia
Peçonhas de invectiva espremes d'alma,
Que entre negros chapéos tambem negreja,
E ante o caixeiro boquiaberto arrotas
Arrotas ante o vulgo a *Encyclopedia*...

Em um dos diversos prologos do sempre transformado poema dos *Burros,* Macedo escrevia debaixo da impressão de despeito que despertavam as criticas do *Botequim das Parras:* «O espirito da Asneira preparou no centro de Lisboa um domi-

cilio onde quiz levantar o throno e dilatar o imperio dos sandêos. Uma fatal força centripeta para ali puxa os mais asneirões de todas as classes; e d'ali, assim como do Club dos Jacobinos de Paris se prepararam e dirigiram todos os golpes contra todos os governos que não fossem revolucionarios; se dirigiram todos os golpes, todos os tiros, todos os ataques contra o imperio da rasão, do gosto, da critica, da poesia e da prosa, em que relusisse um vislumbre do siso commum. Fallo de um Botequim ou Café de um José Pedro da Silva, no Rocio de Lisboa, sanctuario conhecido não só aos vagabundos de Lisboa, mas aos estupidos e alarves provincianos... Uma necessidade fatal, que nos arrasta n'este seculo para o cahos da ignorancia, desde a desgraçada installação d'este Botequim, fez ali presidir a Asneira, *desde que o orate Bocage, levantando de motu proprio o poder absoluto em Sultão do Parnaso portuguez ali começou a beber e a gritar,* etc.» Em outras redacções do poema, Macedo tinha outros odios, e substituiu este prologo escripto pela aversão aos elmanistas do *Agulheiro dos Sabios.* Foi esta a crise em que rebentou a Satyra de Macedo e a vigorosa replica da *Pena*

de Talião; foi no Botequim das Parras que lhe saiu essa composição em que cada verso é um epigramma. José Agostinho de Macedo ataca-o em todas as suas baldas:

Nem ser pobre se oppõe ao genio, ás artes;
Foram pobres Camões, Homero e Tasso,
Nem ser vadio n'um poeta é crime;
Nunca um poeta bom teve outro officio.
Tu és magro, és vadio, és pobre, és feio...

Exprobra-lhe o séstro, já desculpavel em Bocage, de se louvar, e de se deixar levar pelos que o admiravam, buscando de preferencia os Outeiros, onde era festejado:

Quem tão ferreo será, que se contenha,
Quando as estatuas vir, que tu, soberbo
Enramadas de louro a ti consagras?
Que um Deos te inspira, que fervendo em estro
Improvisos oraculos arrotas!
Fanfarrão glosador, chamas divina,
Celeste inspiração, celeste fogo
Gritando amplificar sediços Motes
E merecer de officio um *bravo*, um *bello*,
De um vão peralta ou dama enfatuada...

Esta Satyra virulenta tem para nós hoje, a importancia de retratar a vida moral d'essa época, e de nos avivar alguns traços ainda que duros da

physionomia de Bocage. A necessidade forçára o poeta a fazer traducções em prosa e verso de mediocres poetas didacticos e de dramas classicos francezes, e n'este trabalho seduziam-no tambem os constantes gabos que lhe davam. Bocage esgotou-se n'esta obra esteril; Macedo, que tambem cultivava o genero didactico, e que notava frouxidões e infidelidades nas traducções de Bocage, provocou o desforço no prologo do poema das *Plantas;* sobre essas phrases veladas é que Macedo prorompe:

Traductor de aluguel, quem são teus zoilos?
Tu que a soldo de um frade ao mundo embutes
Rasteiras copias de originaes soberbos?
Que vulto fazes tu? quaes são teus versos?
Teus improvisos quaes? Glosar tres Motes
Com logares communs de *facho* e *settas*,
Velhos arreios do menino Idalio?
Glosar e traduzir, isto é ser vate?

Macedo, como todos os Neo-Arcades, falla no talento de Bocage muito superior antes da viagem para a India, e no que escreveu em Goa:

Deitaste-te a perder, que a natureza
Não te negou seus dons; é doce, é terno
Delicado é tambem quanto cantaste
Aonde o berço tem nascido o dia.

E por fim dá a conhecer o motivo do resentimento, alludindo ao prologo do poema das *Plantas*, que saíra da Typographia Caleographica em 1801:

. . . . . .

. . . . . levantas
Mais orgulhosa a frente, porque incensam
As traducções que estólido assoalhas?
E chamas douta prefação das *Plantas*
Ao proprio louvor teu, que impune entôas?...

Os vicios do *elmanismo*, as antitheses e tautologias habituaes em Bocage, que já começavam a caracterisar-se em eschola, prestavam-se a essa observação de Macedo:

São em ordem retrograda já lidos
Versos que urdido tens, depois que o estro
Deixaste nas gangéticas ribeiras;
Deslocados fogachos, que não sabem
Colligir-se entre si. Bem disse aquelle
Que imparcial tem lido as obras tuas,
Carregadas de antitheses, de tantas
Enfadonhas metaphoras aos pares,
Que lido um verso teu são lidos todos...
. . . . . .
Dize que *o verso é teu*, que *Este não morre!*...

Era esta a phrase espontanea que Bocage soltava quando ficava satisfeito com os seus improvisos; já na lucta dos Neo-Arcades o haviam satyri-

sado por causa d'ella. Macedo torna a fazer carga a Bocage com os odios açaimados em 1793:

> ..... abocanhas
> A virtude e saber de um genio activo,
> Porque estudou da Europa as cultas linguas
> E a patria vantajoso estuda e serve.

Referia-se ao chistoso Soneto a Thomé Barbosa de Figueiredo d'Almeida Cardoso, official de linguas na secretaria dos Estrangeiros, de quem Bocage se conservou sempre amigo (1). Depois agrupa os nomes dos Neo-Arcades, como se fossem outras tantas victimas da injustiça de Bocage:

> Que te fez *Meliseu*, se a fome e os annos
> Lhe deixam erma e transversal a bocca?
> Chamas por mofa tonsurado a *Elmiro:*
> Propria escolha não foi de Elmiro o estado.
> Dizes que é baixo e côxo o *Transtagano*
> Dulcissimo *Belmiro*, e que não vôa?

A satyra de Macedo produziu uma emoção profunda em Bocage, mas não o fez succumbir; o furor da vaidade transformou-se-lhe no enthusiasmo

(1) Soneto 173. Ed. da *Actualidade*.

do repentista. Transcrevemos os versos que correspondem aos extractos de Macedo que acima ficam:

Que importa descarnado e macilento
Não ter meu rosto o que alicia os olhos,
Em quanto nedio e rechonchudo á custa
De vão festeiro, estupida irmandade
Repimpado nos pulpitos, que aviltas,
Afofas teus sermões, venaes fazendas
(Cujos crédores nos elysios fervem)
Trovejas, enrouqueces, não commoves,
Gelas a contrição no centro d'alma...
Pões-me de inutil, de vadio a tacha,
Tu que vadio, errante, obeso, inutil
As praças de Ulyssea á tôa opprimes, etc.

Quanto aos Neo-Arcades, Bocage accusa-o da perfida amisade:

Pede ao molle *Belmiro*, anão de Phebo,
Ao que ergues uma vez e mil derrubas;
Pede ao vampiro, que a ti mesmo ha pouco
Nas tendas, nos cafés deveu sarcasmos;
Pede ao bom *Meliseu*, da Arcadia fauno,
De avelada existencia e mente exhausta,
Que affectas lamentar e astuto abates,
Que por alfelôa troca os sons de Euterpe
.....
Segue o que tens de côr, mas não praticas,
Serás o que não és, o que não foste,
Quando das *Musas no Almanach* (ai triste!)
Que a par de seus irmãos morrem de traça,
Forjaste de uma freira equorea Nympha,
Jacintha, de um Tritão fingiste accesa;

Chamaste grande, harmonico a *Lereno*,
Ao fusco trovador, que em papagaio
Converteste depois, havendo impado
Com tabernal chanfana, alarve almoço,
A expensas do coitado orango-tango,
Que uma serpe engordou cevando *Elmiro*.

Estas injurias pessoaes têm a importancia de virem explicar como os odios do tempo da Nova Arcadia não estavam apagados, sendo elles o motivo das *denuncias*, que tantos desastres acarretaram sobre Bocage. Na *Pena de Talião* fere Bocage o antagonista no lado vulneravel, a pertenção de compôr uns outros *Lusiadas*, loucura de que já Macedo andava possuido em 1801:

Ousa mais: — a *Lusiada* não sumas,
Que o numero de versos fez poema,
Tal que seu mesmo pae sem dar o enterra.
Expõe no tribunal da Eternidade
Monumentos de audacia e não de engenho;
O prologo alteroso em que abocanhas
Do luso Homero as venerandas cinzas . . .
. . . . . .
As outavas ao *Gama* esconde embora,
N'isso não perdes tu, nem perde o mundo;
Mas venha o mais! Epistolas, Sonetos,
Odes, Canções, Metamorphoses, tudo . . .
Na frente põe teu nome e estou vingado. (1)

(1) Ed. da *Actualidade*, t. II, p. 460.

Só passados seis annos depois da morte de Bocage é que Macedo se atreveu a apresentar o seu espurio poema o *Gama,* reformando-o d'ahi a tres annos no *Oriente,* que está para a concepção de Camões como um reflector de lata para o sol. Bocage sabia comprehender Camões; aprendera o sentimento do Soneto nas suas lyricas, e aconselhava o estudo d'esse genio a todos os que pretendiam comprehender a poesia. A audacia de Macedo, que engenhava o *Gama,* hallucinava-o de desespero. Estas Satyras correram logo em copias manuscriptas, porque a Commissão geral de exame e censura dos livros não dava o—*Póde correr;* a prohibição tornava-as mais appetecidas, e como a severidade da policia não consentia conversas politicas, aquelles cerebros inebriavam-se com versalhada, recitava-se com emphase, criava-se interesse n'esta semsaboria. O Padre José Agostinho de Macedo respingou com outra Satyra, que por certo não chegou ao conhecimento de Bocage, por que ficou sem resposta.

Os amigos de Bocage vendo quanto elle era impressionavel, e talvez já doente da aneurisma de que morreu pouco depois, occultaram-lhe o papel

infamatorio. Macedo interpretou o silencio de Bocage como derrota, ou treguas, e por isso quando Bocage adoeceu apresentou-se a reconciliar-se. A doença de Bocage foi em parte aggravada pelo novo desastre que uma criatura fanatica e obscura lhe preparava em fins de 1802; uma tal Maria Theodora Severiana Lobo Ferreira com os escrupulos do beaterio veiu denuncial-o como *Pedreiro livre* ao Santo Officio. A calligraphia da denuncia pinta o seu estado moral. O que era este crime para o Intendente Manique, póde vêr-se pelo seguinte extracto de uma *Conta* de 8 de Agosto de 1799: «Desde o anno de 1788 tenho combatido o estabelecimento dos *Pedreiros livres* n'este reino, tentado por mais de uma vez e quasi sempre por derivações de França; Francisco Giles, celebre d'esta ordem, a pretendeu aqui instaurar, o que não conseguiu por serem evadidos os seus fins pela Policia de Lisboa. Dorighni, que a fundou na ilha da Madeira com especioso pretexto de protecção a orfãos e viuvas, viu egualmente destroçado o seu plano por cuidado da Policia. O infame e indigno Cagliostro, conhecido pelas suas atrocidades em todo o norte da Europa, foi expulso pela policia de

Lisboa onde se tinha introduzido com disfarçado titulo de *Conde Stephens*, pelo receio que transplantasse n'esta Capital as suas maximas infames...» (1) O Santo Officio já não era o Tribunal tremendo e sanguinario, mas estava reduzido a Policia das consciencias. Imagine-se o effeito d'esta estupida denuncia sobre o espirito de Bocage, que tanto havia soffrido já:

«Eu Maria Theodora Severiana Lobo, filha de Roque Ferreira Lobo morador na rua da Era, freguezia de Santa Catherina, da cidade de Lisboa, attendendo ao preceito e obrigação que impõem o Tribunal do Santo Officio aos que souberem al-

(1) *Contas para as Secretarias*, liv. v, fl. 322, *v.* — Podemos completar a enumeração dos esforços de Manique contra as Sociedades secretas, resumindo aqui a data dos seus actos discricionarios; Officio ao Corregedor do Porto, de 21 de Agosto de 1791 para averiguar se ali existiam Pedreiros livres, e se se reuniam em loja; outro de 10 de Novembro do mesmo anno a Martinho de Mello e Castro para ser embarcado para fóra do reino João José de Origne, francez; outros de 14 de Maio de 1794; 9 de Fevereiro e 6 de Março de 1795; 3 de Junho de 1796; 19 de Março, 12 e 14 de Abril, 26 de Junho, 6 e 8 de Agosto, 3 de Outubro, e 19 de Novembro de 1799. *Contas para as Secretarias*, liv. vii, fl. 41. Este documento encerra a summa da gerencia policial do Intendente Manique.

guma das cousas contheudas nos interrogatorios do Edital do dito Tribunal; declara que ouviu dizer a *Manoel Maria de Barbosa de Bocage*, que elle e José Maria de Oliveira e um fulano, do qual não sei o nome, mas que é filho de Mathias José de Castro, o qual ouso dizer que he christão novo, que todos os tres, Bocage, Oliveira, e Castro, do qual não sei nome proprio, eram *pedreiros livres;* e ainda que o dito sugeito o disse debaixo de segredo, ella o denuncía ao Santo Tribunal, obedecendo a seus preceitos. — Maria Thereza Severiana Lobo.

«P. S. — Declaro que sou filha do Administrador do Correio do Reino, e que os sobreditos moram Manoel Maria n'um becco que está na rua Formosa, José Maria dentro do Correio, do qual é escripturario, não sei bem a freguezia, mas parece-me que he das Mercês, e o dito Capitão Castro na travessa da Condessa do Rio, e tão bem não sei de certo de que freguezia é, mas parece-me que he Santa Catherina; tambem declaro que o dito *Manoel Maria* não sei que tenha occupação, e creio que vive das suas obras em verso e não sei se tambem em prosa.»

Isto faz lembrar a velha que lançou mais uma

acha para a fogueira de João Hus; esta criatura julgava que ainda estava no tempo das fogueiras do Rocio, por isso que aqui faz carga a um d'esses trez denunciados, como *christão-novo*. O Santo Officio mandou proceder pela seguinte forma:

«Tendo Maria Theodora Severiana Lobo Ferreira dirigido á Mesa do Santo Officio d'esta Inquisição a representação inclusa, se faz preciso, para bem da causa que corre n'este Tribunal, e da justiça do mesmo, attendendo ao estado da declarante e o ser filha familia, que por isso deferimos de ser por ora perguntada judicialmente, que Vm.ce vendo que a mesma expõe á sobredita denuncia na primeira occasião que ella se for confessar, lhe peça licença para fóra da confissão tratar com a mesma sobre os objectos da denuncia que deu ao Santo Officio, segurando-a que pode livremente expressar e declarar tudo quanto souber a respeito dos particulares de tal denuncia, e sem o menor receio que perigue levemente o seu credito e reputação, nem offender as leis da Santa Religião e da mais pura christandade, antes que este é meio unico de acabar de sanar sobre este negocio a sua consciencia. E logo no confessionario, ou em outro logar,

com toda a cautella, disfarce o segredo, que muito lhe encarregamos, de nossa ordem e authoridade se informará da dita Maria Theodora sobre as circumstancias seguintes: Quanto tempo ha que ella ouviu dizer o que tem declarado; porque occasião e motivos entraram os trez sugeitos, mencionados na dita denuncia, a tratar na presença d'ella declarante sobre materias tão improprias e incompetentes ao seu sexo, e á profissão dos mesmos sugeitos; se estes lhe persuadiam alguma doutrina que competisse particularmente á sociedade de que elles se diziam socios, ou se disputavam entre si approvando as vantagens da mesma sociedade, abonando as suas doutrinas e sustentando ser ella licita e bôa; se sabe que elles se ajuntem e formem assemblêas particulares para tratarem dos negocios da tal sociedade, onde as façam, se são em dias certos, e quaes sejam estes; se mostraram algumas insignias ou cousas que sejam privativas para se darem a conhecer por membros da mesma sociedade, e mostrar as prerogativas d'ella. E ultimamente a advertirá que pode e deve declarar tudo que souber relativo aos objectos acima referidos. E havendo Vm.ce proseguido n'esta averiguação,

com toda a prudencia e disfarce, nos dará uma individual informação do que alcançar, lançando-a por escripto no reverso d'esta, e a fará entregar n'esta Mesa com a mesma denuncia. Confiamos que tudo execute na forma recommendada, não só pelo zelo que deve ter pelo serviço de Deos Nosso Senhor, mas tambem pelo que interessa a justiça do Santo Officio e o serviço do princepe nosso senhor, avisando-nos de assim o haver cumprido em resposta sua. Deus Nosso Senhor guarde a Vm.ce —Ill.mo Snr. Padre José dos Reis Marques. Lisboa, no Santo Officio em mesa, 23 de Novembro de 1802. Manoel Estanisláo Fragoso — Francisco Xavier de Oliveira Mattos — Antonio Velho da Costa.»

O confessor cumpriu a monita pela seguinte fórma:

«Em observancia d'esta ordem do Santo Tribunal, declaro que tive licença da sobrédita denunciante Maria Theodora para tratar e averiguar fóra da confissão o que pertencia á denuncia, e para dar parte ao Santo Tribunal do que fôsse preciso a este respeito, e sem que eu lhe désse parte do que sabia antes da sua denuncia, declarou em tudo conforme

*

n'ella se contém; demais, disse que não estava certa no tempo que o tal Bocage lhe tinha dito, mas que estava certa que tinha sido depois da quaresma de 1802, em casa de uns visinhos da sua escada d'ella denunciante, e onde elle e o tal José Maria tambem algumas vezes iam de visita; e disse mais que na mesma casa achando-se ella presente, em que estavam o dito Bocage e o dito José Maria, o tal José Maria desenhara em cima de uma banca um triangulo e em um angulo d'elle um olho, e dentro d'elle o sol, a lua e algumas estrellas e duas mãos dadas, e que dissera, se havia céo n'este mundo era aquelle; e chamando o tal Bocage para vêr, elle se escusou, que não gostava de desenhos, mas instado o dito José Maria veiu com effeito vêr, e disse que d'aquelle que gostava, e apagou-o logo porque não viesse alguem que entendesse, o que fez suspeitar á dita denunciante se um sujeito da dita, escrivão do Crime da côrte chamado Joaquim Manoel seria tambem da mesma sociedade, visto que não esconderam isto d'elle, e que se tratavam por manos, que, segundo lhe tinham dito, era costume nos da sociedade; e que não estava certa do dia em que isto succedeu, mas que fôra depois do meado d'este

Março passado; e que o tal Bocage quando lhe declarou as cousas, não lhe declarou o logar nem o tempo das suas assemblêas, mas sim que a tal sociedade tinha muitos socios, tanto n'este reino como em outros, e que tinham varios signaes com que se entendiam, mas que ella os não sabia, e que nunca a persuadiram a cousa alguma pertencente á dita sociedade; e que além d'isto que tem declarado, nunca lhe observou, cousa que conhecesse ser opposta á religião. Esta é a informação que achei, que fielmente sugeito ao Sancto Tribunal. Lisboa, 28 de Abril de 1803.—O Padre José dos Reis Marques.» (1)

Bocage não chegou a ser preso, porque o processo inquisitorial não passou d'aqui. A denuncia era d'essas despeitadas a quem o poeta não fazia versos. É certo que do anno de 1803 não existe signal da actividade de Bocage; a preoccupação moral, o susto de ser a cada instante arremessado ao carcere, a necessidade de procurar a protecção

(1) Torre do Tombo, *Processos da Inquisição de Lisboa*, n.º 16:125. Este processo nunca esteve perdido, como se poderá inferir dos que attribuem o seu achado ao sr. Innocencio.

de amigos poderosos, tudo lhe veiu agitar a existencia, e desenvolver-lhe a lesão organica de que morreu. Parece que o meio social em que Bocage vivia se tornava mais crasso e degradado; o Intendente Manique ía fazer quarenta e seis annos de serviço ao throno, esmagando a vida intellectual d'este pobre povo, (1) e vinte e dois annos de poder illimitado e immediato ao soberano. (2) Ainda em 1804 escrevia o Intendente ácerca da prisão de um rapaz de vinte seis annos: «mandei-o recolher á Torre de Belem, não só para este ser ali corrigido com esta reclusão; se atalhar que o precipite a errada carreira que seguia, e o fazer largar a lição a que principiava a entregar-se de livros impios como *Voltaire, d'Argens,* de *Diderot, d'Alembert, Helvetius, Toussaint, Villet* e *Rousseau;* mas tambem para com este golpe de authoridade vêr se o estado tira o partido de todos aquelles individuos de eguaes sentimentos abandonarem as conversações e sociedades a que se conduziam, etc.» (3)

(1) *Contas,* liv. VII, fl. 275.
(2) *Ibid.,* liv. VII, fl. 17.
(3) *Contas para as Secretarias,* liv. VII, fl. 275 (17 de Abril de 1804).

Estes mesmos livros começavam tambem a penetrar na Universidade de Coimbra, mas já tardiamente; o Intendente accusa á auctoridade este progresso: «porque o prazer e alvoroço dos Membros da Universidade em discursos indiscretos assim claramente o manifestaram, e uma alluvião de escriptos libertinos e escandalosos e egualmente contrarios á religião e aos costumes, como os *Bayles*, os *Frerets*, os *Helvessius*, e os *Rousseaus*, passou ás mãos dos lentes e oppositores, e muitos d'elles ás de uma grande parte dos mesmos estudantes...» (1)

Eram estes justamente os livros de que Bocage precisava, para adquirir noções claras das cousas sobre que se desenvolvesse o seu talento. A época era fecunda de ideias, mas eram esterilisadas em Portugal pelo siroco do Manique. Bocage caíu n'essa atonia, e o seu *elmanismo* e a mechanica da improvisação são a consequencia de quem se achou circumscripto n'uma área de ideias banaes, e sem novidade. Esta asphyxia moral, os constantes abalos da vida fizeram que a sua organisação valetudinaria succumbisse. Em 1804 começou a

(1) *Contas para as Secretarias*, liv. VII, fl. 280 (24 de Abril de 1804).

crise da sua doença. Antes de entrarmos n'esta phase em que Bocage tem a consciencia de que os dias estão contados, porque a aneurisma das carotidas desenvolve-se-lhe progressivamente, tocaremos de um modo rapido o erro das suas composições obscenas, que a predilecção do seculo lhe impoz. Manique ao fallar de uns livros apprehendidos a um mancebo, toca n'essa tendencia do seculo: «cujo livro e papeis não são impios como refere este magistrado, *mas sim obscenos,* e d'aquelles de que ordinariamente os moços pouco instruidos e de máos costumes se servem para se enterterem e levarem ávante os seus fins peccaminosos.» (1) Este documento pertence ao anno de 1804; o seculo XVIII, o seculo da devoção opulenta e do quietismo estava exhausto e queria aphrodisiacos. Bocage lisongeou esta necessidade. (2) A inferioridade era do seculo e não do homem porque, como Bocage, tambem foram arrastados a esta degradação Caetano da Silva Souto Mayor, Antonio Lobo de Car-

(1) *Contas para as Secretarias*, livro VII, fl. 276.

(2) O snr. Innocencio colligiu todas essas composições no tomo VII das *Poesias de Bocage*, segundo se affirma geralmente.

valho, Francisco Manoel do Nascimento, e os amigos de Bocage Frei José Botelho Torrezão, o Padre José Agostinho de Macedo, e outros muitos.

Para subsistir, Bocage foi forçado a publicar em 1804, o terceiro volume das suas *Rimas;* muitas d'essas composições andavam dispersas por mãos de amigos, desde os tempos em que o poeta, no fervor da inspiração, espalhava os seus versos, como a donzella a quem caiam perolas ao fallar, dos contos de fadas. Em uma Epistola do desembargador Vicente José Ferreira Cardoso, alludese ás versões do quadro da Pharsalia, o *Bosque de Marselha,* do episodio da *Jerusalem libertada, Eduardo e Gildipe,* feitas por Bocage e conservadas em poder d'este amigo, que contribuiu com ellas para o terceiro volume das *Rimas:*

Porém, benigno Apollo conhecendo
Os ardentes desejos de minh'alma,
Dos divinos thesouros de seus cofres
Riquezas veiu dar-me de ti dignas,
Que offercer-te pudesse, e sem receio.
Dous manuscriptos são, de letra tua,
Ambos filhos do genio que te inflamma;
Vê-se n'um traslado de Lucano,
O *Bosque de Marselha,* antigo e negro, . . .
N'outro se pinta com mais vivas côres
De que Tasso pintou, a infausta sorte

De *Eduardo e Gildipe* succumbindo
Do barbaro inimigo aos golpes duros...
Estes dois manuscriptos, que eu chorava
Como perdidos já, conforme sabes,
Perdidos!... Como haviam de perder-se...
Eia, pois, um thesouro te remetto
Nos versos, que te mando, e que o teu nome
Eterno hão de fazer..... (1)

O Desembargador Vicente José Ferreira Cardoso estava então no Porto, e d'ai accudiu a Bocage com algum dinheiro na apertada crise de 1804; é altamente digna a maneira como o favorece:

Sempre hade haver quem se honre, quando livre
Da penuria a um vate como Elmano;
E' Vincenio d'esta honra cubiçoso,
Elle é quem agradece, elle é quem ganha.

Esta Epistola fôra escripta em 12 de Junho de 1804; existe uma nota de Bocage, de 12 de Agosto do mesmo anno, em que se desculpa para com um amigo por não tel-o procurado no principio do mez, signal de que recebia regularmente algum pequeno subsidio, e n'esse bilhete accrescenta: «Peço-te me acudas com o que puderes,

(1) Ap. *Obr. de Bocage*, t. III, p. 405. Ed. 1857.

como tantas vezes...» A doença e a indigencia aggravaram-se; Bocage via-se obrigado a trabalhar, mas com o esforço aggravava o seu estado. Diz elle a respeito do seu antigo enthusiasmo: «E' o mais a que sobe o triste Bocage. Se tenta alongar o vôo, logo uma *accelerada palpitação lhe adverte o perigo* d'esta imprudencia...» Na Ode ao seu constante amigo Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, escripta como diz na epigraphe, para se esquecer com os versos da dura realidade das cousas, queixa-se do enfraquecimento do seu cerebro, e do adiantamento da aneurisma:

Já meu estro, Moniz, apenas solta
Desmaiadas faiscas,
Em que as froixas ideas mal se aquecem:
Elmano do que ha sido
Qual no gesto desdiz, desdiz na mente:
Diástole tardia
Já da fonte vital me esparge a custo
O licor circulante... (1)

N'este estado de apathia e desalento é que escreveu os seus mais eloquentes Sonetos; como os

(1) Ode 23. Ed. da *Actualidade*.

sentenciados á morte, elle moralisa sobre o seu passado:

Nestóreos dias que sonhava Elmano
Brilhantes de almos gostos, d'aurea sorte,
Pomposa phantasia, audaz transporte,
As azas cerceae do orgulho insano:

Plano de um numen, contradiz meu plano,
E quer que se esvaeça e quer que aborte;
Eis, eis *palpita, percursor da morte,*
No tumido aneurisma o desengano... (1)

Sempre crente no ultimo periodo da doença, ao lembrar-se do que podia ainda dar, desespera-se, e adopta a vaga noção do *Nirvana* buddhico, por ventura adquirida quando viajou na India e na China:

Mas da humana carreira inda no meio
Se a debil flor vital sentir murchada,
Por lei que envolta na existencia veiu;

Co'a mente pelos céos toda espraiada,
Direi, de eternidade ufano e cheio;
Adeos, oh mundo! oh natureza! oh Nada! (2)

Bocage preoccupava-se com a sua fama, e não

(1) Soneto 349. Ed. da *Actualidade.*
(2) Soneto 306. *Ibid.*

queria que o seu nome ficasse exposto á malevolencia dos inimigos litterarios; n'esta crise moral procurou reconciliar-se com elles. E' curioso o motivo com que se justifica por se contradizer, confessando o talento dos poetas que deprimira: «Quando o homem crê visinhar com o seu nada, (o nada universal) as sombras em que o envolvem e abafam as suas paixões, se rarefazem e esvaecem aos lumes da justiça e do desengano; ou já lhe brote sobrenaturalmente na alma este phenomeno, ou já porque evaporado o amor proprio, attente mais nos outros que em si...» Por aqui se vê o estado das suas concepções; o *nada universal*, é com certeza, uma reminiscencia buddhica; tudo o mais são phrases vans, de quem em poesia versificou sobre a allegoria, e d'onde facilmente fazia entidades metaphysicas. Quando estão n'este estado de nimbo as ideias, a existencia torna-se tambem sem motivo, e por isso é desbaratada; Bocage retrata-se admiravelmente segundo este ponto de vista, e busca o ultimo motivo na contricção catholica:

Meu sêr evaporei na lida insana
Do tropel das paixões que me arrastava;

Ah! cego, eu cria; ah, misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe, natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua orgia dana.

Prazeres, socios meus e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos:

Deus! oh Deus... quando a morte á luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer, o que viver não soube. (1)

José Agostinho de Macedo foi o primeiro a esquecer-se dos seus resentimentos, e a ir procurar Bocage ao andar de um casebre da Travessa de André Valente. Bocage celebra o poeta com os mais rasgados encomios:

Versos de Elmiro os tempos avassallam,

e confessa-lhe com emoção:

Elmano viverá da gloria tua! (2)

(1) Soneto 307. Ed. da *Actualidade*.
(2) Soneto 340. *Ibid.*

A Satyra *Pena de Talião* estava ainda inedita, e por ventura, conhecendo-se bem o caracter de Macedo, explicar-se-ha essa reconciliação pelo calculo de fazer rasgar essa composição. Quando passados annos um curioso a publicou no *Investigador portuguez*, em 1812, todos os velhos odios de Macedo contra Bocage renasceram, e manifestaram-se de um modo indigno.

Na sua reconciliação com Curvo Semedo, ha uma outra intimidade, a que Semedo não faltou:

Agora que a seu lobrego retiro
Como que a baça Morte me encaminha,
E o coração, que as ancias lhe adivinha,
Debil se ensaia no final suspiro:
Musa *d'Elmano* e Musa de *Belmiro*,
Una-se a gloria sua á gloria minha... (1)

Nos seus versos louva com o sentimento de reconciliação o auctor das *Noites Josefinas*, Soyé; e lisongea-se de ter sido celebrado nos versos de Melibeu, de Oleno, de Amphriso, de Belmiro, de Elmiro, Pierio, Almeno, Tomino, (2) e Francelio. (3)

(1) Soneto 334. *Ibid.*
(2) Soneto 350. *Ibid.*
(3) Soneto 351. *Ibid.*

Alguns amigos lembraram-se então de colligir as composições d'esta longa doença, e para accudirem á indigencia de Bocage, publicaram em 1805, os *Improvisos, na sua mui perigosa enfermidade;* o bom resultado levou a organisar uma *Nova collecção de Improvisos de Bocage na sua molestia,* e accrescentada com as composições que alguns amigos lhe dedicaram. Foi aqui que se mostrou sublime o antigo proprietario do *Botequim das Parras,* que lhe tomava os volumes dos *Improvisos* e ia de porta em porta offerecendo-os aos velhos amigos do poeta e pedindo-lhe o auxilio para a sua pobreza. Esta bella alma merecia uma existencia, como de planta salutar; teve uma longevidade digna de um coração tão puro; morreu José Pedro da Silva com noventa e nove annos de edade, em 1862. (1) Bocage cerca-se de todos os seus amigos, precisa da sua presença; a Sebastião Xavier Botelho, e a Pato Moniz diz que morre, mas quer continuar a viver na sua amisade:

(1) Vid. *Jornal do Commercio,* n.º 2:560, de 14 de Maio.

Moniz, oh puro amigo! oh socio, oh parte
Do já ditoso Elmano!
A's musas, como a mim, suave e caro!
De lagrimas e flores
Honra-me a cinza, o tumulo me adorna.
Não só longa amisade
Novo, sacro dever te exige extremos;
Da lyra minha herdeiro...

Bocage indigitava Pato Moniz como o talento mais vigoroso que vinha continual-o na poesia.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, nascido em 18 de Septembro de 1781, é um dos principaes amigos dos ultimos tempos da vida de Bocage; elle tomou em 1801 o partido de Elmano contra José Agostinho de Macedo, e cabe-lhe a gloria de ter luctado sempre contra o auctor do poema o *Gama*, revindicando a gloria de Camões. Esta polemica foi toda dialectica, e sem grande alcance de parte a parte; comtudo é um dos factos mais importantes da nossa historia litteraria do principio d'este seculo. As numerosas composições de Pato Moniz ficaram ineditas, sendo apenas conhecido o poema heroi-comico a *Agostinheida*, onde celebra a biographia tradicional e grutesca de José Agostinho de Macedo. Creado no fervor das ideias revolucionarias, Pato Moniz presentiu a li-

berdade, e nas côrtes de 1822 representou o circulo de Setubal. No anno seguinte começou a restauração absolutista, e Pato Moniz foi preso e degradado para fóra do reino, como se pode vêr nos documentos que seguem abaixo. Em 1814 Pato Moniz pagou á memoria de Bocage o culto que lhe devia publicando as *Verdadeiras Ineditas*, colligidas dos Manuscriptos que ficaram em poder da irmã de Bocage, da qual o poeta celebra no soneto da sua doença:

« Seccos —*Bons dias* da hyperbórea mana... (1)

Pato Moniz não temia a bilis diffamatoria de José Agostinho de Macedo, contra quem sustentava Camões e Bocage. Quando outros procuravam no arbitrio da auctoridade defeza contra o látego sujo do auctor dos *Burros*, (2) Pato

(1) Soneto 372. Ed. da *Actualidade*.

(2) « Foi V. A. R. servida por Aviso expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino em data de 11 de Fevereiro do presente anno (1815) mandar-me remetter o incluso requerimento de Luiz de Sequeira Oliva e Sousa Cabral, ordenando que informasse com o meu parecer, depois de proceder as averiguações necessarias sobre o contheudo no mesmo Requerimento, em que o supplicante se queixa do P.e José Agostinho de Macedo,

Moniz atacava-o no *Observador portuguez,* e por seu turno Macedo tambem invocava a protecção da

pelo haver injuriado atrozmente, assim como a honra de sua mulher em trez composições manuscriptas que se tem divulgado n'esta Capital, e de que se designa o supplicado por seu Auctor, intituladas — *A Elegancia dos Periodicos* que o supplicante não apresenta por ser obscenissima, como diz, — *Resposta dos Amaveis assignantes do Telegrapho ao patarata-Oliva,* de que o supplicante junta uma copia: e o poema dos *Burros*, de que sobe inclusa uma copia, que existiu na Secretaria d'esta Intendencia desde quando começou a divulgar-se, e constando que nos versos do dito Poema se satyrisava calumniosamente grande numero de pessoas, fiz indagações a respeito de quem fosse o seu auctor.

Encarreguei d'estas averiguações o juiz do Crime do Bairro do Mocambo, e este Ministro tendo-as feito com o cuidado que é proprio da sua capacidade, deu a informação de que junto a copia inclusa, acompanhando o Processo em que ellas se contem. D'elle se prova, e está já verificado pelas anteriores indagações feitas n'esta Intendencia, e contheudas nos seis termos de declaração, que ponho na presença de V. A. R. ser o sobredito Padre José Agostinho de Macedo o auctor do mencionado Poema; das outras composições, porém, não pode obter-se com a mesma o conhecimento do seu Auctor, posto que possa sem temeridade ajuizar-se pelo exame dos depoimentos das testemunhas combinadas entre si, que he o mesmo supplicado.

O que o supplicante concluindo este Requerimento no fim d'elle pede a V. A. R. he que o calumniador seja processado, a fim de obter o supplicante publica reparação da sua honra e de sua mulher, e se V. A. R. julgar que isto deve ter logar, tratando-se no dito poema de

policia. (1) Um dos titulos que fazem recommendavel perante a historia o nome de Pato Moniz é

satyrisar não só o supplicante, porem ao mesmo tempo mais ou menos descobertamente muitas outras pessoas, talvez deva ser o juizo proprio para esta discussão o da Ouvidoria do Padroado Real, visto que a accusação se dirige somente contra o supplicado, e que está sendo Pregador Regio, penso gosa em consequencia do privilegio de ser demandado n'aquelle juizo de seu fôro privativo, e ali então com audiencia do supplicado, e observados os termos legaes á vista das disposições da Ord. do liv. 5.º tit. 84, que impõe pena arbitraria aos que fazem e divulgam satyras e libellos infamatorios, em cuja classe certamente se comprehende o referido Poema, se julgará em que gráo de responsabilidade deva ser considerado o supplicado por este facto.

V. A. R. ordenará o que for servido. Lisboa, 18 de Maio de 1815. (*)

(1) «O P.e José Agostinho de Macedo, e o Redactor da *Gazeta*, Joaquim José Pedro Lopes, exposeram a V. M. na Representação inclusa, que elles tinham sido doestados e diffamados por *Nuno Alvares Pereira Pato Moniz* em alguns escriptos do Artigo = Critica = impressos com o nome do supplicado no jornal que se publica periodicamente intitulado o *Observador portuguez* — do que juntaram á sua representação os n.os 7, 8 e 9, e posteriormente apresentaram n'esta Intendencia os que sobem juntos ao Requerimento que me entregaram reforçando os motivos da sua queixa, e pedindo que em satisfação das referidas injurias seja preso o dito Moniz ou o Editor no caso de que este não apparecesse; que sejam prohibidos e mandados recolher os numeros do Periodico em

(*) Livro xv, fl. 194, *Contas para o Governo.*

o ter sido uma das victimas sacrificadas pela liberdade que gosamos. Reproduzimos aqui a prova do seu martyrio:

que as mesmas injurias se contem, e finalmente que na Gazeta veja o publico o castigo do Auctor e a prohibição dos indicados numeros do Periodico, para se evitarem com tal exemplo de justiça semelhantes abusos da imprensa em um paiz onde esta se acha regulada pelas sabias leis.

V. M. mandando remetter-me a dita representação, Foi servido ordenar que eu informe com o meu parecer, ouvindo o supplicado.

Encarreguei em consequencia o Juiz do Crime do Bairro do Limoeiro, de o ouvir o dito supplicado, e a resposta por elle é a que sobe junta á Informação da copia inclusa, que o sobredito Ministro me remetteu, ajuizando n'ella que por não significarem as palavras de que os supplicantes se queixam mais do que ideias pueris, e estando alem d'isso competentemente licenciados os numeros do Periodico em que ellas se acham estampadas, não podiam chamar-se legalmente injurias.

Que o supplicado escrevesse os artigos de que os supplicantes deduzem o fundamento das suas queixas, prova-se plenamente pelos proprios Periodicos, em que escreveu o seu nome e elle o confessa na Resposta que deu; e que taes artigos contenham ultrajes, injurias e dicterios consideravelmente picantes e allusivos de um modo muito ostensivo ás pessoas dos supplicantes é o de que não pode duvidar-se á face dos ditos artigos: O mesmo supplicado o reconhece na sua resposta, e toda a defeza que produz consiste em ter tambem sido atacado pelos supplicantes nas composições litterarias que elles egualmente tem publicado pela imprensa inculcando assim ter

«Illmo Exmo Sr. — Tendo em consequencia da real ordem que V. Ex.ª se dignou communicar-me por Aviso de 17 do corrente, recommendado ao

sido aggredido, e não ter em vista outra cousa mais do que retorquir do mesmo modo as aggressões soffridas.

He uma verdade de que tambem não poderá duvidar quem ler as publicações litterarias dos supplicantes juntas pelo supplicado á sua resposta, ter elle sido não menos vivamente doestado em muitos logares pelo proprio nome, e não poderá igualmente deixar de reconhecer-se com magoa, que a imprensa abra de tal sorte o campo a semelhantes duelos, contrarios ás regras da censura terminantemente dadas por V. Mag.^e na saudavel Lei de 30 de Julho de 1795. Entretanto umas e outras publicações tem sido feitas com licença da Mesa Censoria do Desembargo do Paço, que lhes tem concedido a impressão, precedendo a competente censura, e darem-se as providencias repressivas e de castigo que os Supplicantes pedem sem ser ouvido o Tribunal que facultou as licenças, e ao qual taes materias estão encarregadas pelas Leis de V. Mag.^e, seria em menoscabo do mesmo Tribunal.

Parece-me portanto, ou seja para se defferir aos Supplicantes no que pertendem, ou para se ordenar a suppressão dos taes Periodicos em que estes contendores parecem dispostos a injuriarem-se mutuamente, convirá que o negocio de que se trata seja considerado no referido Tribunal e que a Meza, á vista do que por uma e outra parte se allega e prova com os impressos em que a accusação de uns e a defeza de outros se estabelece, haja de deferir ou consultar como achar conveniente. V. Mag.^e, ordenará o que for servido. Lisboa, 22 de Maio de 1819. (*)

(*) Livro XVIII, fl. 88, *Contas para o Governo.*

carcereiro da cadêa da cidade, que tomasse a seu cuidado as providencias ordenadas quanto ao preso *Nuno Alvares Pereira Pato Moniz* abonando o que preciso fosse, para que não perigasse a vida d'aquelle preso; recebo do mesmo carcereiro o Officio da copia inclusa, em que refere o que está disposto a semelhante respeito. O que julgo conveniente communicar a V.ª Ex.ª para ser presente a S. M. que ordenará o mais que for servido. Deus guarde a V.ª Ex.ª Lisboa, 20 de Novembro de 1823.—Ill.mo Ex.mo Sr. Conde de Suserra.—O Intendente geral da Policia da Corte e Reino, Simão da Silva Ferraz de Lima e Castro.» (1) Na Relação dos suspeitos de Liberaes, em 1823, Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, traz a nota de ter sido deportado para a Villa do Lavradio, assignando perante o juiz da Mouta termo de se conformar com o governo e não frequentar associações. (2) Em 10 de Dezembro de 1823 acha-se a seguinte nota: «Foi novamente removido ao Limoeiro, onde se acha, e sendo conduzido a bordo de um Na-

(1) *Contas para as Secretarias*, Liv. xx fl. 118.
(2) *Ibid.*, fl. 8, *v.*

vio para o levar a Cabo Verde, não foi recebido em rasão de não se poder abordar o dito navio.» (1) Em outra occasião seguiu este destino e pouco sobreviveu, porque se julga que já em 1826 fallecera na Ilha do Fogo.

Um outro amigo de Bocage, e poeta elmanista, João Vicente Pimentel Maldonado, tambem esteve preso pela restauração absolutista de 1823; era amigo intimo de Pato Moniz, e são bastante estimados os seus *Apologos*. Nasceu em 22 de Janeiro de 1773, e frequentou a Universidade de Coimbra quando as ideias francezas eram mais perseguidas em Portugal, e em 1796, terminou a sua formatura em leis. No meio dos enthusiasmos que então despertava a Catalani no Theatro de Sam Carlos, Maldonado mostrou-se poeta e celebrou-a em duas Odes; a liberdade inspirou-lhe a melhor parte dos seus cantos, alguns d'elles publicados no *Portuguez Constitucional*, de que era redactor o seu amigo Pato Moniz, em 1820. Maldonado era citado por Bocage como um dos amigos que o acompanhou nos seus ultimos tempos, celebrando-o com

(1) *Ibid.*, fl. 131.

o nome poetico de *Ismeno*. Como o antigo amigo de Bocage, André da Ponte do Quental, tambem deputado ás côrtes de 1820, veiu encontrar-se no seio da representação nacional, com Maldonado e Pato Moniz, que tanto haviam aspirado pela liberdade. Como se recordariam com saudade d'esse unico amigo, que era o vinculo da sua intimidade, Bocage, que muito antes d'elles soffrera pela liberdade. Bocage era morto desde 21 de Dezembro de 1805. Ainda na sua morte coincide uma circunstancia que o approxima de Camões; o cantor dos *Lusiadas* morre antes da invasão dos exercitos de Filippe II, e Bocage, antes da invasão franceza; era em volta de Camões que se agrupavam os partidarios da independencia nacional, e foram os principaes amigos de Bocage os que soffreram pelo admiravel movimento nacional de 1820.

FIM.

SCHEMA SYNOPTICO DOS PRINCIPAES FACTOS DA VIDA DE BOCAGE

Anno	Factos	Fundamento	Discussão
1765	Nasce Bocage em Setubal, a 15 de Septembro, de José Luiz Soares Barbosa e de D. Marianna Joaquina Xavier Lestof du Bocage.	Livro 8.º dos Baptismos da Freguezia de S. Sebastião de Setubal, fl. 176 v. Assento de 29 do mesmo mez e anno.	V. supra: Pag. 11.
1779	Assenta praça de Cadete, no Regimento 7 de Infanteria de Setubal, e vem para os estudos de Lisboa aos 14 annos.	Soneto 148.	Pag. 15, 17.
1786	Por Decreto de 31 de Janeiro de 1786 é despachado Guarda-Marinha da Armada do Estado da India, partindo no mez seguinte na Náo Nossa Senhora da Vida, Santo Antonio e Magdalena.	Archivo do Ministerio da Marinha, Livro das Mercês de Ultramar, fl. 5.	Pag. 32.
»	Apórta no Rio de Janeiro, onde estava por Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, onde con-	Canção 5.—Ode 9.—Epistola 2.	Pag. 40.

Anno	Factos	Fundamento	Discussão
	trahiu a amizade que continuou depois em Lisboa. — Encontra-se com Lord Belikford, que o retrata em uma das suas Cartas. —Chegou a Gôa em 29 de Outubro de 1786.	Livro das Monções, fl. 294.	Pag. 44, 51.
1789	Por Portaria do Governador e Capitão General de 25 de Fevereiro de 1789 é despachado Tenente de Infanteria da 5.ª Companhia do Regimento de Damão com o fundamento de serviços. Parte a 8 de Março de 1789 na Fragata Sant'Anna, chegando a 6 de Abril.	Archivo Universal, vol. IV, n.º 20: Livro II dos Registos da Secretaria do Governo geral de Gôa, fl. 533.	Pag. 67, 68.
»	Em 8 de Abril deserta de Damão com o Alferes Manoel José Dionysio pela Porta do Campo; parte para a China, talvez por Bombaim ou Surate.	Carta do Governador de Damão, Antonio Leite de Sousa, de 21 de Abril de 1789, e do Livro de Damão de 1786 a 1790.	Pag. 69, 70.
	Divaga no Cantão, e em Macáo re-	Archivo universal, vol. IV,	

Anno	Factos	Fundamento	Discussão
	colhe-se em casa do Negociante de Gôa Joaquim Pereira de Almeida; recebe a protecção de D. Maria Saldanha de Noronha e Menezes; o Governador interino de Macáo o Desembargador Lazaro da Silva Ferreira auxilia-o para regressar a Lisboa.	n.º 20. Elegia á morte do Principe D. José. — Soneto 136. — Ode 9. — Ode 6.	Pag. 71, 74.
1790	Em Agosto chega a Lisboa, partindo logo para Setubal.	Elegia á morte de D. José Thomaz de Menezes, succedida em Septembro.	Pag. 79, 80.
1791	Publica as *Rimas*, 1.º volume; os *Queixumes do Pastor Elmano*, e *Idyllios maritimos;* convive com José Agostinho de Macedo e corrige-lhe a versão da *Thebaida* de Stacio. Entra para a Nova Arcadia.	Satyra Pena de Talião.	Pag. 83, 87, 91.
1793	Rompe com a Nova Arcadia, e ataca os seus membros Amaral	Sonetos 184, 180, 190, 191, 193.	Pag. 94, a 119.

Anno	Factos	Fundamento	Discussão
	França, Quintanilha, Abbade de Almoster, Caldas Barbosa.		
1797	No dia 10 de Agosto é preso por ordem do Intendente geral da Policia, Manique, a bordo da Corveta *Aviso,* que partia no Comboio para a Bahia. Foi mettido no segredo do Limoeiro, e teve por Juiz do processo Ignacio José de Moraes e Brito; foi mudado a 7 de Novembro para a Inquisição.	Registo geral da Correspondencia do Intendente Livro XI, fl. 37. Contas para as Secretarias, Livro V, fl. 166 v. Registo geral da Correspondencia, Livro XI, fl. 109.	Pag. 165, 167, 169, 173 a 196.
1798	Mettido no Mosteiro de S. Bento, em 17 de Fevereiro de 1798. A 22 de Março transferem-no para o Mosteiro das Necessidades.	Dietario do Mosteiro de S. Bento (1798) fl. 8.	Pag. 198, 199 a 204.
1801	O naturalista brazileiro P.e José Marianno da Conceição Veloso estabelece-lhe um ordenado de 24$000 reis, pelas traducções	Epistola 25.—Satyra Pena de Talião.—Epistola 15.	Pag. 211,

Anno	Factos	Fundamento	Discussão
	de varios poemas didacticos. Por causa do prologo do poema das *Plantas* rompe com Macedo. Escreve bastantes *Elogios dramaticos.*		Pag. 216.
1802	É accusado ao Santo Officio, em 23 de Novembro, pelo crime de Pedreiro livre, por Maria Theodora Severiana Lobo Ferreira.	Processo da Inquisição de Lisboa, n.º 16,125. Torre do Tombo.	Pag. 239.
1804	Publica o terceiro tomo das *Rimas.*		
1805	Começa a declarar-se a sua doença, uma aneurisma nas carotidas. Publica os Improvisos «na sua mui perigosa enfermidade;» e os Novos Improvisos. Reconcilia-se com Macedo, e Curvo Semedo. Expira a 21 de Dezembro.	Soneto 394. Ode 23.	Pag. 248 a 256.

SOCIOS DA NOVA ARCADIA

§ I. — Neo-Arcades (1790 a 1805)

1 Joaquim Severino Ferraz de Campos, *Alcino Lisbonense.*
2 Domingos Caldas Barbosa, *Lereno Selinuntino.*
3 Dr. José Thomaz da Silva Quintanilha, *Eurindo Nonacriense.*
4 Antonio Bersane Leite, *Tionio.*
5 Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa, *Corydon Neptunino.*
6 João Baptista de Lara, *Albano Ulyssiponense.*
7 Belchior Curvo Semedo, *Belmiro Transtagano.*
8 Luiz Corrêa do Amaral França, *Melizeu Cylenio.*
9 Ignacio Joaquim da Costa Quintella, *Jacindo Ulyssiponense.*
10 Francisco Joaquim Bingre, *Francelio Vouguense.*
11 João de Sousa Pacheco Leitão, *Leucacio Ulyssiponense.*
12 Jeronymo Martins da Costa, *Cassidro Ulyssiponense.*
13 ? *Marisbeu Ultramarino.*
14 José Agostinho de Macedo, *Elmiro Tagideu.*
15 Manuel Maria Barbosa du Bocage, *Elmano Sadino.*
16 Thomaz Antonio dos Santos Silva, *Thomino Sadino.*
17 Anacleto da Silva Moraes.
18 José Bersane Leite, *Josino.*
19 ? *Menalio Ulyssiponense.*
20 ? *Jonio Scalabitano.*

§ II.—Elmanistas (1805 a 1832)

21 Sebastião Xavier Botelho, *Salicio (Clario?)*
22 Dr. José Vicente Ferreira Cardoso, *Vincenio.*
23 João Vicente Pimentel Maldonado, *Ismeno.*
24 D. Marianna Pimentel Maldonado, *Armania.*
25 Miguel Antonio de Barros, *Melibeu.*
26 João Baptista Gomes, *Jonio.*
27 Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, *Oleno.*
28 D. Gastão Fausto da Camara, *Amphriso Tagitano.*
29 Francisco de Paula Cardoso de Almeida e Vasconcellos, *Olivo.*
30 Pedro José Constancio, *Pierio.*
31 André da Ponte de Quental e Camara.
32 José Maria da Costa e Silva, *Almeno.*
33 Antonio José de Lima Leitão, *Almiro Lacobricense.*
34 Vicente Pedro Nolasco da Cunha..
35 D. Antonio da Visitação Freire, *Ontanio.*
36 Felisberto Ignacio Januario Cordeiro, *Falmeno.*
37 José Nicoláo Massuelos Pinto, *Jonio.*
38 José Rodrigues Pimentel Maia, *Menalca.*
39 José Victorino Barreto Feio.
40 Antonio Feliciano de Castilho, *Mémnide Egymnense.*
41 João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, *Jonio Duriense.*

POESIAS INEDITAS DE BOCAGE

Emquanto preparavamos a presente edição, fomos surprehendidos com o achado de um caderno contendo poesias ineditas de Bocage, sobretudo de um genero de que apenas se conhecia a Epistola da *Pavorosa illusão da eternidade;* era natural que tendo-se o poeta inspirado do deismo dos encyclopedistas, houvesse escripto sob essa dissolução metaphysica que se passava no seu espirito; o motivo de não apparecerem mais composições d'este genero explicavamol-o pela apprehensão dos seus papeis pelo Intendente da Policia em 1797. De facto o caderno que temos presente foi compilado por curioso que alcançou algumas d'essas peças prohibidas e que as agrupou com outras de varios auctores tambem satyricas. Reproduzindo aqui as quatro composições ineditas de Bocage, não só enriquecemos a nossa edição, como tornamos mais accentuado o

perfil d'esse genio indisciplinado, que tanto representa em Portugal a corrente das *ideias francezas*. Para que fique authenticada a proveniencia d'essas poesias, aqui reproduzimos as cartas que as acompanharam:

Ill.mos Snrs.

Indo hontem a casa d'um meu parente negociante, na occasião em que elle mandava revolver um montão de papel, vi, por acaso, entre este um manuscripto antigo, no qual peguei por curiosidade: eram poesias todas assignadas por Bocage.

Folheei o dito manuscripto e encontrei n'elle muitas poesias que ainda não foram publicadas, tal como 124 quadras de Bocage — «Ao seu amigo Anelio» — e outras que já foram publicadas, mas que fazem mais ou menos differença. O manuscripto, infelizmente, faltam-lhe folhas, e em algumas partes os caracteres das letras estão quasi apagados, em razão das folhas estarem todas muito sujas.

Se V. S.as quizerem o manuscripto para publicarem as «Glosas», «Dialogos», etc., que ainda não foram publicados, avisem-me que eu mando-lh'o promptamente.

Ponte do Lima, 22 de
maio de 1876.

De V. S.a
att.o v.dor e obrig.mo

D. J. da Silva Machado Junior.

Ill.mos Snrs.

Recebi a carta de V. S.as e hoje lhes remetto o manuscripto de que lhes fallei. Tem elle poesias que ainda não foram publicadas, creio eu, e outras onde ha differenças, algumas pouco notaveis. Por exemplo: A glosa que tem por mote: «Defender os patrios lares», etc., é inteiramente diversa da publicada por essa redacção, e n'alguns sonetos, etc., tambem ha mais ou menos dissemelhança. Segundo pude saber houve uma época em que, não sei por que motivos, uns parentes de D. Francisco de S. Luiz que residiam n'esta villa, venderam a peso muitos livros pertencentes a este escriptor, que já n'esse tempo era fallecido. Como V. S.as talvez saibam o Cardeal Saraiva era d'esta villa; seria o manuscripto d'elle? Apesar de ser cousa já hoje impossivel de averiguar, tenho algumas razões que me levam a crêr que era.

O livro devia ser muito maior; mas o completo desprezo em que tem andado, levaram-no ao grau lastimoso em que está.

Sem mais.

Ponte do Lima, 30 de junho de 1876.

De V. S.a

att.o v.dor e obrig.me

Domingos José da Silva Machado Junior.

Carta a Urania

Queres, formosa Urania, que ostentando
Nos meus discursos de Lucrecio novo,
Com temerarias razões ante os teus olhos
Toque a Religião, lhe arranque a venda?
Queres que exponha em quadro perigoso
Sacras mentiras de que abunda a terra?
Que munido de audaz Philosophia
Te ensine a desprezar o horror da morte
E os sonhados phantasmas da outra vida?
Não prezumas já mais, que embriagado
Da illusão dos sentidos, e profano
Blasfemador da fé que me ensinaram,
Com libertina voz, e por despeito
De meus erros, idolatra eu aspire
A destruir a Lei que m'os condemna.
Fazendo escrupuloso e denso exame
Do mais denso e terrivel dos Mysterios,
Vou demandar em passo respeitoso
Ao centro do sacrario do Deos-homem,
Que morto no patibulo recebe
Incenso, adoração da illustre Europa.
Horrida sombra de perpetua noute
Sim faz com que pareça inaccessivel
A meus olhos afoitos o adorado,

O tremendo logar; mas tu, sizuda,
Tu próvida razão que lá me guias
Co'a tocha rutilante me precedes,
Minha mente confusa esclarecendo.
Os Ministros do Templo, que procuro
De austeras cataduras me apresentam
Primeiramente um Deos tão rigoroso,
Um Deos tal, que devera aborrecel-o;
Um Deos que nos criou para a desgraça,
Que nos deu coração propenso ao crime,
Só para ter o jus de castigar-nos:
Que nos fez similhantes a si proprio,
Para mais cabalmente envilecer-nos,
E para sermos victimas infaustas
De tormentos sem fim por ordem sua.
Mal que o homem formou á sua imagem
Eis Deos arrependido e desgostoso,
Como se d'ante-mão perito obreiro
Não devesse notar, e vêr na ideia
Quaesquer imperfeições do seu composto,
E sabio prevenil-as e emendal-as!
Depois com furia atroz, assolladora
O Numen vingativo estraga, arranca
Do aterrado universo os alicerces.
Rompendo o bôjo as nuvens carregadas
Desfecha de uma vez geral diluvio
Sobre os impios, sacrilegos humanos,
Que o mundo com seus crimes enchovalham;

Mas quererá talvez criar debaixo
De um céo risonho e puro entes amaveis,
Corações virtuosos, dignas provas
Da sua alta, immortal sabedoria:
Não; lá vaga na terra um novo enxame
De rebeldes, de iniquos, de perversos,
Escravos das paixões, soltos nos vicios,
Raça ainda pior do que a primeira.
Que furias, que flagellos, que vinganças,
Que raios vibrará contra estes monstros
A pavorosa mão do Omnipotente?
Sepultará no cáos os elementos?
Oh ternura! oh mysterio! oh maravilha!
Afoga os paes, e pelos filhos morre!
Ha um povo inconstante, ignobil, nescio,
Das vãs superstições cultor insano,
Por visinhas nações forçado ao jugo,
De vergonhosos ferros opprimido,
E ludibrio infeliz dos outros povos.
Eis que o Filho de Deos, eis que Deos mesmo
Se faz concidadão d'este vil povo,
De uma hebrêa encarnando nas entranhas.
Subordinado á Mãe, soffre a seus olhos
Os damnos, os incommodos da infancia:
Por longo tempo obreiro desprezivel
Co'o cepilho na mão, seus bellos dias
Perde em baixo exercicio; emfim tres annos
Prega á gente Iduméa, até que morre,

Em affrontoso e barbaro supplicio.
Ao menos o seu sangue, o puro sangue
De um Deos que s'offereceu por nós á morte
Não merecia assás, não tinha um preço
Raro, summo e capaz de reparar-nos
Dos golpes que os Infernos invejosos
Dirigem contra nós!.. Que! Deos por todos,
Por todos quiz morrer, veiu a remir-nos
E é, sua morte, oh céos! infructuosa?
Que! louva-se, engrandece-se a bondade,
A clemencia de um Deos tão vão, tão futil?
Quando subindo ao céo de novo accende
A colera apagada e nos submerge
Outra vez n'esses lugubres abysmos
De eterna duração, de eternos males!
Quando pelo rigor com que nos trata
Perdem todo o valor seus beneficios!
Quando havendo por nós vertido sangue,
Expiado com elles nossos crimes
Castiga em nós os de que Réos não somos!
Cego no seu furor inexoravel
Sobre os ultimos netos pune e vinga
O delirio fatal do pae primeiro!
Julga por este crime os infinitos,
Os miseraveis Povos que elle mesmo
Collocou entre as sombras da mentira!
Elle vindo dos céos, segundo a crença
Para o mundo salvar e illuminal-o!

America infeliz, sertões immensos,
Gente ás portas do sol por Deos creada,
Hyperboreas nações a quem o engano
Em somno profundissimo conserva,
Condemnadas sereis por ignorardes,
Que lá n'outro hemispherio, e n'outro tempo,
Sobre um dos montes d'Iduméa o Filho
De um pobre carpinteiro em cruz foi morto.
Não reconheço n'esta indigna imagem
O Deos, a quem meus cultos são devidos;
E se tal, qual m'o fingem, o adorasse
Teria para mim que o deshonrava.
Ouve do alto dos céos, oh Deos que imploro,
Ouve uma voz sincera e lastimosa:
Minha incredulidade ah, não te offenda;
Tu vês meu coração; pintam-te os homens
Um tyranno; eu te chamo o Pae de todos;
Não sou, não sou christão porque te adoro
Mais dignamente. Oh Céos, que objecto é este,
Que assombra os olhos meus! Eu vejo, eu vejo
O Christo glorioso: eis a par d'elle
A portentosa cruz sobre uma nuvem,
Tu jazes a seus pés soffrega Morte;
Das portas infernaes sáe em triumpho;
Seu reinado os oraculos predizem;
Sobre o sangue dos martyres assenta
Seu throno, são os passos dos seus santos,
Outros tantos milagres, bens maiores

Do que os mesmos desejos lhes promette.
Os exemplos que dá são adoraveis,
É divina a moral; elle consóla
Occultamente os corações que illustra.
Na mór tribulação lhe offerece abrigo,
E se funda o seu dogma na impostura
É feliz quem por elle é enganado.

Entre os dois quadros, indecisa Urania,
Que aos olhos te apresento, a ti compete
Deslindar a verdade occulta em sombras;
A ti, cujo talento agudo e claro
Só pela tua belleza é excedido.
Não te esqueças porém, que a mão do eterno
Gravou dentro em teu peito a lei primeira,
Digo a lei natural: crê que a brandura,
A graça, a perfeição de que és ornada
Não podem ser objecto do seu odio;
Crê que lá na presença do seu throno,
Em todo o tempo, em todos os logares
O coração do justo é precioso;
Crê, que um Bonzo, um Derviz modesto e pio
Encontram mais agrado nos seus olhos
Que um Jansenista acerrimo, implacavel,
Que um Pontifice injusto, ambicioso.
Usarmos pois com Deos nas nossas preces
D'este ou d'aquelle titulo que importa?
Recebe imparcial todos os cultos,

Nenhum honra lhe dá: não, não carece
De obsequios de mortaes; só injustiças
O offendem, se é possivel offendel-o;
Por acções de virtude elle nos julga,
Não pelos sacrificios que fazemos.

(Bocage. Ms. inedito, p. 29 a 35.)

EPISTOLA I

—

De Bocage ao seu amigo Anelio

1 Se tu na pomposa lyra
Te lembras meu tosco abrigo,
Eu tambem no meu retiro
Não me esqueço d'um amigo.

2 Ouve, Anelio, a minha lyra
Despida de auctoridades,
Cantar da razão singela
Talvez extranhas verdades.

3 Frio susto não adeje
Em-torno de ti, Camena,
Que se alguns te criminarem
A razão não te condemna.

4 Este dom que só distingue
O homem n'este desterro
Porque é dom que Deus lhe deu
Não pode abonar o erro.

5 Se a razão, que do céo veiu
Enganasse o triste humano,
Não era a razão auctora,
Era um Deos auctor do damno.

6 Logo pois quando vos dita
Despida de prejuizos
Verdades tão innegaveis,
Tão evidentes juizos;
7 Se n'um ente limitado
Não cabe uma acção immensa,
Como póde a culpa humana
Tornar-se infinita offensa?
8 Se o goso que um Deos disfructa
Não póde ser perturbado,
Quaes serão as consequencias
Que traz comsigo o peccado?
9 Se as leis sociaes offende,
Evite-as a sociedade;
Não tenham ligeiras culpas
Castigos de eternidade.
10 Se o mal que produz a culpa
Ao homem só prejudica,
Quando commette o peccado
Punida a culpa não fica?
11 Quando mesmo um Deos devesse
Com dura mão castigar-nos,
Na intensidade da pena
Não poderia expiar-nos?
12 Pois que o homem n'um momento
Commette infinita offensa,
N'um momento um Deos não póde
Ao homem dar pena immensa?

13 Mas se acaso a sua gloria
O mortal póde murchar
Este Deos foi imprudente,
Infeliz em nos criar.

14 Os dias em que os mortaes
Commetterem mais peccados,
Para o mesmo Auctor dos dias
Serão dias desgraçados.

15 Da fortuna as inconstancias
Por este modo sugeito,
É escravo da fortuna
Quem a fortuna tem feito.

16 Por constante alternativa
Terá os bens, os pezares
D'aquellas mãos, que o incenso
Lhe queimam sobre os altares.

17 Deos grande, por que motivo
A creação emprehendeste?
Que os homens te offenderiam,
A caso não conheceste?

18 Porque razão a virtude
Borrifaste de amargura?
E pelo contrario ao vicio
Uniste tanta doçura?

19 Os attractivos que déste
Á tocante formosura,
Não fôra melhor ligal-os
A essa virtude pura?

20 Em vez de tantas reformas
Que tens dado ao grande plano,
Não vos seria mais facil
Tirar a mascara ao engano?
21 Esses espinhos que juncam
A vereda da virtude,
Não era melhor plantal-os
No trilho do vicio rude?
22 Permitti em desafogo
Se diga do meu desgosto
Que ao mais formidavel risco
Um Deos bom nos tem exposto.
23 Qual pescador caviloso,
Disfarçando anzol farpado,
Colhe ás mãos peixe imprevisto
Que á isca vae descuidado.
24 Tal um Deos embelezando
Esse vicio desastroso...
Mas que digo! Anelio, um Deos
Que he bom, que he santo e piedoso...
25 Mas quem póde, Anelio caro,
Meditar sem extranheza
No poder das paixões fortes,
Do coração na fraqueza?
26 Theologia inconsequente
Que me respondes agora?...
Quanto mais combino ideias
Mais teu systema peóra.

27 Tu só tens subtilisado
Mil cousas extravagantes,
Que um só golpe d'attenção
As conhece vacilantes.

28 Se eu não devo decidir-me
Avaliando as razões,
É melhor ser insensato
Que fazer combinações.

29 S'a Providencia prevía
Dos homens o precipicio
Como lhe não deu, podendo,
Mais forças que ao torpe vicio?

30 E se acaso as suas forças
São ás do vicio eguaes,
Creados em puro estado
Porque pecam os mortaes?

31 Foi-lhes dada a liberdade
Para poder merecer,
Mas elles d'ella abusando
Lhes vem tão funesta ser.

32 É isto porque o mortal
Ao seu alvedrio entregue
Arbitro das suas acções
A virtude ou vicio segue?

33 Pois um presente escolhido
Que por um Deos nos foi dado,
Para fazer-nos felizes
Torna o homem desgraçado.

34 Cercado de mil enigmas
Dar-nos-hia este presente,
Seu util uso occultando
Ao miserrimo vivente?

35 De que me serve o segredo
De arranjar um firmamento
Se ainda tendo a materia
Não sei dar-lhe o movimento?

36 Que me aproveita ser livre
Se occulto motivo forte
Sempre, oh Céos! me determina
A obrar d'esta ou outra sorte?

37 Oh tyranna faculdade
Inimiga dos humanos
Se és mãe d'algumas virtudes
És fonte de immensos damnos!

38 Apezar que apologias
De genios mil tem aos centos
Sendo a culpa triumfante
São outros meus sentimentos.

39 Não prevía acaso um Deos
Que de ti abusariam
Os homens que formar ia
E que o mal seguir haviam?

40 Como pois amando o homem,
Sendo em poder infinito,
Um dom lhe deu tão funesto
Que faria o seu delicto?

41 Se mais que todos os entes
Um Deos nos creou perfeitos
Porque a geração humana
É tão cheia de defeitos?

42 Muitas verdades inuteis
Sabemos com evidencia;
Sendo-nos tão duvidosas
As de maior consequencia.

43 Se um mal é de um mal origem
Se é espirito o que pensa,
Se acaso tem a virtude
N'outra vida recompensa;

44 Se um só culto a Deos agrada,
Se a minha alma é immortal,
Se é justo que abranja o filho
Do pae a culpa fatal;

45 Se um todo de partes frageis
Sujeito a fortes paixões
É infallivel, é justo
Sempre em suas decisões;

46 Todas estas e mil outras
Ao bem nosso essenciaes
Inda são, Deos providente
Problemas para os mortaes.

47 Porque nascemos despidos
Das verdades interessantes,
Porque seguimos o vicio
Somos fracos, inconstantes?

*

48 Como de um Deos de bondade
De virtude preciosa,
Emmanou a criatura
Desgraçada e criminosa?
49 Seria a Deos menos possivel
Fazer do nada a materia,
E que enormes globos vôem
Pela região etherea?
50 Tantas mechanicas leis
Prescrever a cada peça,
E que sendo rude o barro
As leis fiel obedeça!
51 D'esse espirito e materia
Colligar as faculdades,
Fazendo que mutuas s'influam
Tão oppostas entidades?
52 Porém, a criar o homem
Não lhe seria possivel
Menos sujeito á desgraça,
Á virtude mais sensivel?
53 Dar á verdade mais força,
Ao homem maior razão,
E nutrir-lhe para o vicio
Incorrupto o coração?
54 Como, oh Céos! um Deos que é bom
E tão immenso em poder,
Não póde, amando este homem,
A sua ventura fazer?

55 Ou tu, verdade, ou tu, vicio
Não sois mais que vãs ficções
De atroz politica inventos
Para enfrear as paixões;
56 Ou este Deos que eu conheço
Por humana auctoridade
Rindo ao som dos nossos males
Gemer deixa a humanidade;
57 Ou talvez, que sendo eterna
Dos homens a geração
Não possa inverter a ordem
Mudar nossa condição.
58 Mas se tudo, Anelio, fosse
Obra só da natureza...
Porém não falte a razão
Nos espaços da incerteza.
59 Concluo só, que a substancia
Que é infinito em poder
Se ama os entes que gerara
Todo o bem lhe hade fazer.
60 Mas já sereno silencio
Vae a noite luctuosa
Brandamente gotejando
Sobre a Lyra priguiçosa.
61 De sonhos travessos prenhe
O surdo Morfêo m'espreita
E com seu halito morno
Os meus sentidos sugeita.

62 Fica em paz, Anelio caro,
Que os meus olhos carregados
Se dão ao languido somno
De abrir e fechar cançados.

(Ms. inedito, p. 37 a 48.)

EPISTOLA II

—

De Bocage a seu amigo Anelio

1 Emquanto nas cavas rochas
Chovem os niveos orvalhos,
E os zephyros contentes
Folheiam n'estes carvalhos;
2 E a azul-ferrete andorinha
Traz do rio no biquinho
Humido, viscoso barro
Com que formalisa o ninho;
3 Agora que Phebo sólta
As redeas auricomadas,
Aos seus soberbos Ethontes
Pelas ethereas moradas,
4 E dos olhos dos viventes
Voam subtis dormideiras
Deixando acordar as vidas
Que suspendiam ligeiras;
5 Emquanto humidos pelicos
Vestem sinceros pastores,
E vão abrindo os apriscos
Aos rebanhos mugidores;

6 E dos espessos esgalhos
Do verde-negro cipreste
Pia o triste solitario
Que da côr da noute veste;
7 Outra vez, meu caro Anelio,
Eu tomo esta pobre lyra
E oscillando-lhe as cordas
Te digo o que a musa inspira.
8 D'esse aligero Cupido
Os vis, boidos farpões
Não te canta a minha musa,
Nem as terriveis paixões.
9 Embora da triste Dido
A miserrima desgraça
O fogoso enthusiasmo
De um Virgilio satisfaça.
10 Cante as formosas Helenas
Guerreiros, Achilles fortes
E de Troia bloqueada
Os fogos, o sangue, as mortes;
11 Que a minha pobre Camena
Posto que rude, mas pura
Só do poço de Democrito
Colher verdades procura.
12 Ouve-as pois, meu caro Anelio
Que já a rasão me inflamma,
E por aridos caminhos
A novas questões me chama.

13 De um Deos que é auctor de tudo
Tudo perfeito creou;
Quem trouxe o peccado ao mundo?
Quem a criatura manchou?

14 Se foi Lucifer soberbo,
Além de um Deos o criar,
Como podia este vicio
No seio da gloria entrar?

15 Como permittiu um Deos
Grassasse a culpa no céo?
Como na gloria engolfado
O Anjo a tenção lhe deu?

16 Ha tão fracos attractivos
Acaso no summo bem,
Que os Anjos na sua posse
A nutrir a culpa vem?

17 Com que poder, com que forças
Um maligno ser podia
Corromper a melhor obra
Que das mãos de Deos saía?

18 Ou as forças que empregára
Nasciam do seu poder,
E então deve independente
D'um Deos esta causa ser.

19 Ou para manchar o homem
Um Deos bom lh'o concedera,
Querendo ver imperfeita
A creação que fizera.

20 Uma só desconfiança
Murcha do prazer metade,
De não peccarmos na gloria
Quem assegurar-nos hade?
21 Se dos Anjos a pureza
Pôde o vicio bafejar,
Hade o barro, que é mais fraco
A seu halito escapar?
22 Esta devorante harpia
Que do seio verminoso
Cuspiu a fatal serpente
Creou-a o todo Poderoso?
23 Se em consequencia da culpa
D'esse primeiro mortal
A geração dos humanos
Ficou tão sugeita ao mal;
24 Como em seculos successivos
Um Deos bom nos tem deixado
Gemer no seio da culpa
Sem nos curar do peccado?
25 Que Filho da Medicina
Conhecendo a enfermidade,
Sendo bom, tendo o remedio
A cura retardar hade?
26 Se tanto bem nos traziam
Os segredos revelados,
Como em espaços tão longos
Um Deos os teve occultados?

27 Se a revelação continha
Mysterios tão interessantes
Porque d'ella as nações todas
Não foram participantes?

28 Sendo pae da raça humana
Que veiu remir os peccados,
Porque uns foram predilectos,
Outros, porém, reprovados?

29 Porque emfim, reproduzido,
Em todo o mundo o Messias
Não vem obrando milagres,
Convencer as herezias?

30 Porque d'outra linguagem
Com os homens não usara,
Que em todos os tempos fosse
Tocante, distincta e clara?

31 Se nos effeitos e causas
Tanto reina a proporção,
Como de uma cousa santa
É corrupta a creação?

32 N'essa fabrica divina
E na massa dos possiveis,
Só jazia o triste barro
E as almas tão corruptiveis?

33 Peza sempre para o centro
A pedra, por lei prescripta,
E tão cega obediencia
Nem premio, nem pena excita?

34 Mas o homem, que por força
Segue a lei que o clima abraça,
Apezar que a lei respeite
Só lucra a sua desgraça!

35 Ao Alcorão obedecem
Os turcos mui piamente,
Tambem da razão se apartam,
Tem fé, como nós, ardente;

36 Tem jejuns mui rigorosos,
Mui vivas macerações,
Nas mesquitas mais respeito,
Mais fervor nas devoções.

37 Por um que chamam Deos grande
D'alguns prazeres se esquecem,
Por defender sua lei
Ao martyrio se offerecem.

38 Dizem-lhe só ser divino
O livro que reverenceiam,
Com milagres lh'o confirmam,
Para que só n'elle creiam.

39 Se da razão usar querem
Para analysar-lhe a essencia
A tantos absurdos chamam
Mysterios d'Alta Excellencia.

40 Seus interpretes lhe affirmam
Serem seus dogmas sagrados,
Que por Deos ao seu Propheta
Fôram todos revelados.

41 Hade n'elles ser um crime
Julgar que a razão illude;
Mas em nós pelo contrario
Será brilhante virtude?

42 Nos christãos a fé mais pura
Hade ao summo bem leval-os,
E nos tristes mussulmanos
Hade a mesma condemnal-os?

43 Se é n'elles feio delicto
A razão não abraçarem,
E ridiculos inventos
Por dogmas acreditarem;

44 Não será em nós absurdo
Antes conforme a razão
Crêr que é Deos, real, immenso
Certas especies de pão?

45 As quaes sem differença vejo
Serem as mesmas na côr,
Na fórma, figura e tacto,
Egualmente no sabor.

46 E quando d'estas especies
Ao mesmo tempo mil comem,
Direi, que um só Deos e que todos
Um só Deos real consommem?

47 Direi que do homem vindo
Ao coração fraco unir-se
O deixe triste e corrupto
Egualmente ao despedir-se?

48 Direi mais... mas aonde, Anelio,
Quer levar-me esta rasão?
Parece que em tudo opposta
Á nossa religião.

49 Um dom que das mãos me veiu
De um Sêr que meu bem deseja,
Eu não sei porque motivo
Repugna ás provas da egreja;

50 Provas que só tem por fonte
Fraca, humana tradição,
O natural amor proprio,
Principios de educação.

51 Mas se em eguaes circunstancias
Estão estes mussulmanos,
Porque devem rejeitar
Suas provas como enganos?

52 Se n'ellas crê um bom Turco
Com uma santa intenção,
Se ama um Deos, se estima os homens,
Dentro do seu coração;

53 Se das alheias desgraças
Está sempre a consternar-se,
Se os miseraveis soccorre,
Sem d'isto vangloriar-se;

54 Se a soberba desconhece
Tendo a vaidade por mal,
Se quando a fortuna o ajuda
Julga o pobre seu egual;

55 Um Deos que arguia o povo
Que com os beiços o honrava,
Porquanto seu coração
Muito longe d'elle estava;
56 Condemnar ha de este Turco
Que um Deos sincero adorava
Por não ouvir uma egreja
Que elle falsa repulsava?
57 Só porque um extremo culto
Elle seguira differente,
Ha de um Deos piedoso e justo
Condemnal-o eternamente?
58 Nasce o homem sem escolha,
Dão-lhe a beber o veneno;
Se abraça o mal por virtude
Em que offende o céo sereno?
59 Seus livros, povo e paiz,
Seus mestres e a educação,
Tudo por força lhe apaga
A fraca lei da rasão.
60 A quem devo perguntal-o,
Justo céo, tu me responde!
É a virtude que sigo?
Quem a verdade me esconde?
61 Se por fraqueza a não vejo
Porque fraco me creaste?
Se a verdade me era util,
Porque m'a difficultaste?

62 Mas o céo fica em silencio
E minha alma afflicta gira,
Por entre mornas ideias
Onde a confusão respira.

63 Porém já meigo descanço
Bafejando a minha lyra
Lhe persuade a callar,
A seria mudez lhe inspira.

64 Já sinto a picante fome
Quem em torno de mim adeja,
Já na parda porcelana
O leite gostoso alveja.

65 Permitte que eu saboreie
Esta innocente bebida,
Onde a sôpa abeberada
Mudamente me convida.

66 Os céos queiram mil prazeres
Goze a tua alma innocente,
E que Anelio não se esqueça
De um Lidio que vive ausente.

(Ms. inedito, p. 49 a 62)

VARIANTE DA GLOSA, DO TOMO III, P. 110, DAS OBRAS DE BOCAGE. (ED. DA «ACTUALIDADE»)

Defender os patrios lares,
Dar a vida pelo rei,
É dos lusos valorosos
Caracter, costume e lei.

(VISCONDESSA DE BALSEMÃO.)

Novas scenas d'alta gloria
Já na mente, de heroes pinto;
A virtude é vosso instincto,
É vosso fado a victoria.
Mandando aos annaes da Historia
Gentilezas a milhares,
Rompestes por virgens mares,
Domastes barbara terra,
Soubestes em santa guerra
Defender os patrios lares.

Antigo, immenso clarão
Vos cinge de edade a edade,
Tendes n'alma a heroicidade,
Tendes o raio na mão.
Da justiça e da rasão
Os direitos protegei;

Imitae ou excedei
O que vendo a patria oppressa
Ia, escravo da promessa,
Dar a vida pelo rei. (1)

Cruentos leões hispanos
Contra nós em vão rugistes,
A nossos golpes cahistes
Quaes os leões africanos.
Onde vindes, onde insanos?
Esperaes ser mais ditosos
Que os avós ambiciosos?
Que o fementido agareno?
Este sagrado terreno
É dos lusos valorosos.

Se, trahindo-nos o fado,
Aos feros impulsos vossos
Fôr algum dos muros nossos
Co'a baixa terra igualado,
Do triumpho imaginado
A chimera esvaecei;
Mais altos muros temei,
Mais possantes, mais seguros;
Sabeis quaes são esses muros?
Caracter, costume e lei. (2)

(1) Egas Moniz.
(2) Esta variante foi pela primeira vez publicada no jornal litterario a *Harpa*, n.º 6, da 2.ª serie.

INDEX

PAG.

Bocage, sua vida e epoca litteraria..... 5
§ I. Periodo de infancia, e vida militar..... 9
§ II. Periodo de expatriação, no Brazil, India e China..... 34
§ III. Periodo de luctas litterarias, e prisão..... 78
§ IV. Periodo de desalento e morte..... 209
Schema synoptico dos principaes factos da vida de Bocage..... 267
Socios da nova Arcadia..... 273
Poesias ineditas de Bocage..... 275

INDEX